

**MONS
KALLENTOFT**
& MARKUS LUTTEMAN

LEÃO

Belo e irreverente, **ZACK** é um jovem detetive da Polícia de Estocolmo à procura de si próprio.



D. QUIXOTE



Ficha Técnica

Título: Leão

Título original: Leon

Autor: Markus Luttermann, Mons Kallentoft

Tradução: Ricardo Gonçalves

Traduzido da versão francesa: © Helène Hervieu

Revisão: Catarina Sacramento

Edição: Maria da Piedade Ferreira

Capa: Rui Garrido

ISBN: 9789722067249

Publicações Dom Quixote
uma editora do grupo Leya
Rua Cidade de Córdoba, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2015, Mons Kallentoft & Markus Luttemann

Publicado originalmente por Bookmark / Stockholm Text, Suécia
Publicado em Portugal com o acordo de Nordin Agency AB, Suécia
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

[www.dquixote.leya](http://www.dquixote.leya.com)
[com www.leya.pt](http://www.leya.pt)

Tradução segundo o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

Mons Kallentoft & Markus Lutteman

LEÃO

Hércules II

Tradução do francês
Ricardo Gonçalves

*Quem dilacerará o monstro dourado com as suas próprias garras?
Quem ousará aventurar-se na caverna mais sombria?
Quem salvará os filhos de Nemeia?
O nosso herói, o nosso herói, o nosso herói.*

PRÓLOGO

ESTOCOLMO, 22 DE DEZEMBRO

Enquanto as calças de ganga lhe deslizam pelas pernas abaixo, a humanidade escapa-se lentamente dele para ser substituída por algo maior. Mais puro.

Deixa as calças no chão, livra-se da camisola com decote em V e da camisa cor de vinho.

O ar está húmido e irrespirável. Opressivo. Cheira a velhos.

A escuridão.

Como nas entranhas do inferno.

Ou no covil de um leão.

De um saco de lixo preto faz surgir uma pele enorme. A forma da pele evoca um manto real, mas com mangas.

Acaricia-a com as pontas dos dedos. Saboreia aquela suavidade. Aquela força.

Lentamente enfia uma manga. Depois a outra. Apesar de o couro especialmente tratado ainda ser áspero, tem o efeito de uma segunda pele.

Prende o colchete em volta do pescoço, mas não abotoa o resto.

Curva-se novamente para o saco de lixo e retira a cabeça de leão. A caixa craniana foi removida, assim como a mandíbula inferior. Mas ainda resta a juba. Longa, espessa, com reflexos dourados, pousa-lhe nos ombros quando cobre a cabeça com ela. Nesse momento vislumbra pelo canto do olho os caninos afiados na mandíbula superior.

Imobiliza-se por um momento e deixa-se impregnar pela força daquele traje. Da força do animal que lhe é transmitida.

Relaxa os ombros e a respiração torna-se profunda e regular. Então enfia as mãos nas patas. Ergue uma e contempla as garras. Teve o cuidado de as afiar para que fiquem tão aguçadas quanto possível.

Deixa que as garras lhe arranhem a pele nua do peito. Sente uma dor ardente.

Perscruta a penumbra. Adivinha as plantas e os grandes blocos rochosos mais ao fundo.

O universo do leão.

Depois vira-se e dirige-se a uma porta estreita de metal. Espreita pela pequena janela suja.

As barras de metal da jaula brilham à suave claridade das estrelas, filtrada por uma claraboia no telhado. O rapazinho está encolhido a um canto, as pernas magras recolhidas, o rosto enterrado entre os joelhos. O corpo estremece. A cabeça é percorrida por espasmos.

Tal como faria a presa de um predador.

A presa de um leão.

Um leão que sabe como vingar-se do mal que lhe fizeram, um leão que sabe mostrar quem é o mais forte.

Um ruído surdo sobe-lhe à garganta. A boca abre-se, escancarada, esbraceja no ar.

Em seguida fecha os olhos. Imagina-se a dilacerar o pescoço do rapaz com as garras. A rasgá-lo. A despedaçar-lhe a tenra pele humana e a salpicar o mundo inteiro de sangue.

As garras vão restaurar a ordem das coisas.

Em breve.

Mas não agora.

Olha para o relógio digital por cima da porta. A contagem decrescente. Mais catorze dias, três horas e quatro segundos. Três. Dois. Um.

Arranha a porta com as garras. Observa o rapaz que treme ainda mais.

Em breve.

Afasta-se e funde-se silenciosamente com a escuridão.

*

O jovem na jaula ergue a cabeça. Perscruta a porta, os olhos muito abertos.

Que barulho foi aquele?

Será que é agora?

Não quero estar aqui.

Quero ir-me embora.

Mas não consegue mover-se. Apenas os tremores fazem com que o corpo se agite.

Apura o ouvido para tentar captar outros sons atrás da porta.

Mas o barulho afasta-se.

Ergue o olhar para a claraboia lá em cima. Vislumbra as estrelas que brilham muito longe no céu. Silenciosas na escuridão. Olham-no lá de cima, mas não querem saber dele.

Ninguém quer saber dele.

Tenta distinguir constelações, sem sucesso. Não estão no sítio certo, como se alguém tivesse abanado o céu. Isso não o impede de fixar os pontos luminosos.

Anda, vem, dizem. Vem se puderes.

O rapaz gostava de poder. Gostaria de flutuar, escapar pela abertura poeirenta, elevar-se no ar frio do inverno. Mais para cima, cada vez mais para cima. Atravessar a fina camada de nuvens, afastar-se daquela gruta. Desaparecer na escuridão infinita e olhar para baixo. Como as estrelas. Ver Estocolmo presa no torno do inverno.

Observar. Sem intervir.

Deixar passar o tempo.

*

E o tempo passa.

Dias, semanas.

Um frio cada vez mais penetrante agarra a cidade pela garganta. O invólucro de gelo conquista quase todo o arquipélago, envolvendo os ilhéus. Deixa Estocolmo completamente congelada.

Dois sem-abrigo morrem na Götgatan debaixo dos seus cobertores esfarrapados. Estão encolhidos um contra o outro quando a morte os reclama e, quando tentam erguê-los, as roupas congeladas agarram-se ao asfalto.

Está tudo gelado. O ar, a terra.

E o cano de um revólver contra a têmpora.

Apesar do calor e do ar viciado daquela cave em Tegnérilunden, a mão trémula que empunha a coronha está a suar frio. Alguns maços de notas húmidas mudam de mão e o burburinho cessa. Os homens param de gritar-lhe aos ouvidos. As cerca de trinta pessoas na sala prendem a respiração.

Nada mais do que silêncio. Olhos brilhantes fixam Zack Herry. O seu nariz perfeitamente reto, o cabelo louro pela nuca.

Olhares impacientes, famintos.

O fumo dos cigarros faz arder os olhos, gotas de suor escorrem do lábio superior do homem mais velho. Está demasiado perto, com o seu cheiro a suor e os seus olhos húmidos. Estão todos demasiado perto.

O dedo crisa-se no gatilho. O metal frio, talvez haja uma bala na câmara do revólver. Talvez não.

Não quero, pensa Zack. Não sou eu quem está aqui. Não devia estar sentado a esta mesa, rodeado por esta gente.

Não quero fazer isto. Não quero, não vou disparar.

Mas não tenho alternativa.

Zack está consciente de que está a olhar nos olhos um homem mais velho, com um rosto inchado e um chapéu de feltro cinzento na cabeça. O colarinho da camisa do homem amareleceu e nada naquele corpo parece esperar mais do que a morte.

Que lugar é este? E quem é toda esta gente?

Sai daqui, Zack. Afasta o revólver da têmpora. Levanta-te, porra!

Não, deixa-te estar sentado.

Tenho de fazer isto.

Em nome da criança.

Aproxima mais o dedo do gatilho, prime-o mais uma fração de milímetro, mas todo o corpo se revolta. Imagens e vozes surgem-lhe na cabeça e desaparecem. O pai ergue-o nos braços fortes. A voz de Abdula, ainda criança, num vão de escada em Bredäng. O olhar exausto da mãe. O ferimento no pescoço com o sangue a jorrar. O corpo sem vida na galeria sombria. O pai a soluçar no corredor com o telefone na mão.

Pelo menos, o meu pai não vai receber este obituário.

Quem irá chorar-me? A Mera? A Deniz?

A Ester. Ela, que me espera nos degraus das escadas. Ela, cujo rosto se ilumina quando me vê. Ela, que regressa a casa, desapontada, quando não lhe abro a porta.

Tanto pior.

Que se lixe isto tudo.

Agora vou disparar.

A pele está húmida contra o cano do revólver que Zack encosta cada vez mais ao osso temporal.

Todos os olhos cravados nele, pupilas retraídas que se projetam como balas na sua direção, mas não podem matar. Apenas encorajá-lo.

Vá, força!

Faz lá isso.

OK.

OK, porra!

Prime o gatilho e o buraco que se abre nele é maior do que tudo o resto. Uma explosão de nada que o engole, onde cada célula do corpo se retorce num prazer doloroso, onde todos os conflitos cessaram, por isso gostaria de se limitar a gritar e...

Clique.

Um silêncio mais curto do que um suspiro.

Depois, o inferno.

Os homens enfurecem-se. Os punhos erguem-se, maços de notas amarrotadas são trocados. Um braço bate na lâmpada nua pendurada no teto por um cabo. A luz varre a mesa para a frente e para trás, alguém tropeça tão violentamente na cadeira de Zack que quase a derruba.

Pousa o revólver. Um *FN Barracuda* muito gasto, uma velha arma de serviço da Polícia belga. O cano é curto, o metal preto e fosco.

Levanta-se, estica os dedos e sente distintamente todas as articulações como nunca sentira.

Um homem de meia-idade, com pescoço de abutre, senta-se do outro lado da pequena mesa redonda de madeira. Zack não sabe

como o homem se chama. Mas é ele, obviamente, quem controla o que está a acontecer ali.

O Pescoço de Abutre estende-lhe um cesto de plástico azul com cinco envelopes de papel *kraft*.

Zack pega no penúltimo e abre-o com dedos trémulos.

Vazio.

Mas que porra?

Tem vontade de pegar no cesto com os outros envelopes e pôr-se a andar dali para fora. Mas sabe que é inútil. Há pelo menos vinte pessoas entre ele e a porta, para não falar dos dois guarda-costas armados à entrada.

Que se lixem os envelopes. Põe-te a andar, idiota. Sai daqui.

Levanta-se.

O homem à frente dele afasta o cesto com os envelopes e faz aparecer a bala de uma *Magnum* .357, cujo metal brilha, e brande-a diante dos olhos de Zack.

– *One more? Okay?*¹

Zack olha fixamente para ele. Sussurra:

– Vou matar-te.

O homem sorri com os dentes acastanhados.

– *One more. Yes? No?*²

Os homens que se comprimem em redor da mesa incitam-no:

– *Do it, do it.*³

Alguém lhe passa uma garrafa de um horrível *whisky* alemão.

Quantos estão ali? No meio do fumo e do suor? O ar recusa-se a penetrar-lhe nos pulmões, parece que há um predador a comprimir--lhe a caixa torácica.

Zack olha para o revólver.

– *Yes. One more.*⁴

A sala entra de novo em ebulição. As pessoas farejam o cheiro a morte.

A morte *dele*.

O homem abriu o revólver e segura a bala no ar para que todos possam vê-la bem.

Com um gesto lento e quase religioso introduz a segunda bala no tambor, diametralmente oposta à primeira. Então ergue a arma no ar e gira o cano a toda a velocidade com a palma da mão.

Depois pousa o revólver na mesa à frente de Zack.

Faz-se silêncio outra vez.

Zack ergue a arma. Angústia e dúvida. Mas também outra sensação. Um calor nas profundezas do seu ser.

Encosta o revólver à cabeça. A arma pesa mais de um quilo e a mão treme-lhe como se estivesse em crise de abstinência depois de uma noite a snifar coca.

O cano contra a têmpora.

O metal frio contra a pele húmida.

Vê um rapazinho num prado e reconhece o cheiro a erva e a sangue.

Prime o gatilho.

Sessenta e sete por cento de probabilidade de se safar.

Clique.

O buraco voltou a engoli-lo. Arrasta-o para cima, para baixo, para dentro, para fora. Engole-o, cospe-o e Zack dá por si de novo na cadeira. Aqui e agora, de uma maneira que nunca sentira antes.

Entregam-lhe, ao nível do rosto, o cesto com os envelopes. Mais quatro. Pega no que está por cima. O som de papel a rasgar-se faz-lhe um barulho infernal nos ouvidos.

Vazio.

Mais uma vez.

O Pescoço de Abutre não recuou, mas Zack gostava que o homem soltasse uma gargalhada, dando-lhe um pretexto para lhe partir os dentes.

Zack mostra o revólver com um aceno de cabeça.

– *One more.*

O homem retira uma terceira bala.

Nova rotação. Mais um clique...

Tenho de obter uma resposta.

Tenho de salvar o miúdo.

A mão treme-lhe menos desta vez, quando ergue o revólver. A dúvida e a angústia perderam a intensidade.

Prime o gatilho. Já não ouve as vozes excitadas em seu redor. Mal repara nas notas que trocam de dono por cima da sua cabeça, na cinza ardente de um cigarro que lhe pousa na mão ou nos encontrões e nas palmadas que lhe dão nas costas.

Encontra-se num túnel de luz onde sons, movimentos e homens encarnam essa luz.

Quarta bala.

Lentamente – com infinita lentidão – é introduzida no tambor.

O momento é solene. Zack está ansioso por disparar, é só o que quer fazer.

Pega no revólver e cola o cano à têmpora. Só conta o aqui e o agora. Nada mais.

Zack mergulha o olhar no Pescoço de Abutre e dispara.

A sala explode. Os homens desaparecem como nuvens de fumo sobre um campo de batalha.

Sou o único sobrevivente no mundo inteiro, pensa Zack. O único. Pego num envelope, abro-o, está vazio e isso não tem qualquer importância, porque a resposta não está lá, mas noutro sítio qualquer: na mesa à minha frente, num revólver muito gasto no qual uma mão aproveita para introduzir uma quinta bala. Ergo o revólver e questiono-me se alguma vez existiu algo para além deste momento em particular. Se alguma vez existiu alguma coisa além de mim e do meu dedo no gatilho.

Pressiono o cano da arma contra a têmpora. Adoro senti-lo ali. Preciso de tê-lo ali.

Nada mais importa.

Lentamente, o meu dedo prime o gatilho.

Enrola-se cada vez mais em torno dele.

¹ Em inglês no original: «Mais uma? Okay?» (N. do T.)

² Em inglês no original: «Mais uma. Sim? Não?» (N. do T.)

³ Em inglês no original: «Aceita, aceita.» (N. do T.)

⁴ Em inglês no original: «Sim. Mais uma.» (N. do T.)

CAPÍTULO 1

SEGUNDA-FEIRA, 19 DE JANEIRO
(SEIS DIAS ANTES)

ESTOCOLMO, SETE E MEIA DA MANHÃ. Catorze graus negativos e um vento nordeste glacial. Ruas geladas. Restos de neve manchada com urina de cão misturam-se com a areia lançada na calçada, que vai tresandar quando a temperatura subir.

E depois a escuridão. Densa e envolvente. Aquela com gosto a vingança que quer punir os homens pelos seus pecados.

Quais fantasmas insones, os habitantes vão trabalhar sem forças para sorrir e menos ainda para conversar, nem sequer ao telemóvel.

Pelo décimo quinto dia consecutivo, o termómetro manteve-se abaixo dos dez graus negativos e, na Sveavägen, alguém partiu as montras de duas agências de viagens, sem roubar nada. Apenas pela satisfação de rasgar os cartazes de praias ensolaradas com famílias sorridentes e bronzeadas. Na rádio *P4* de Estocolmo estão a falar sobre este acontecimento irrelevante. Riem-se, simpatizam com quem partiu as montras.

Zack Herry está sentado com Ester Nilsson num 7-Eleven na praça Fridhemsplan, e, ouvindo a rádio na loja, interroga-se se o autor do crime depois se terá sentido melhor. Será que o frio e a escuridão lhe pareceram mais fáceis de suportar depois de já não ser obrigado a ver como poderia ser a sua vida nos países mais quentes?

Ou, pelo contrário, aquele delito fez com que sentisse que o frio era ainda mais intolerável?

Zack bebe um gole de café e lança uma olhadela pela janela. Para atrair os leitores, as manchetes dos jornais preveem uma melhoria do tempo e revelam os nomes dos administradores de empresas com os bónus salariais mais altos, apesar de nenhum dos transeuntes se dignar a virar a cabeça. Dos lábios roxos liberta-se

um vapor branco como se toda a cidade, de comum acordo, tivesse decidido voltar a fumar.

Ester mergulha o *croissant* no chocolate quente e dá-lhe uma enorme dentada.

Apanhou o cabelo ruivo num rabo de cavalo e enrolou, com várias voltas, um lenço cor de laranja em torno do frágil pescoço de adolescente de doze anos.

– Ah! Se um dia fosse a Paris – exclama –, comia assim todos os dias, podes ter a certeza.

Quando chegara a casa, ao início da manhã, Zack dera com Ester à sua porta, à espera dele, e ficaram ambos igualmente surpreendidos.

«Olá – dissera Ester.», «Já tinhas saído?»

«Não, passei a noite em casa da Mera, mas tive de vir buscar umas coisas antes de ir trabalhar.»

«Esqueceste-te outra vez da pistola em casa?»

Zack levava o indicador à boca.

«Chiu, não fales tão alto.»

Ester dera uma risada.

«Mas então e tu», replicara Zack «que estás aqui a fazer? Não costumas vir visitar-me tão cedo.»

«Queria saber se tinhas leite. Acabou-se lá em casa.»

Tinha dito aquilo baixando a cabeça para evitar o olhar de Zack, mas este tinha visto a vergonha estampada nos olhos dela. Aquela vergonha que sempre aparecia quando Ester revelava algo da sua vida quotidiana. Vergonha por a mãe, Veronica, estar mergulhada numa depressão, a ponto de preferir os medicamentos psicotrópicos à companhia da filha.

«Vamos entrar», respondera Zack. «Só vim buscar duas ou três coisas e a seguir convido-te para tomar o pequeno-almoço no 7-Eleven. Okay?»

Ester assentira sem tentar esconder o sorriso.

A fila à frente da máquina de café do *7-Eleven* é longa, e cada pessoa que entra deixa um rasto de ar gelado ao passar diante de Zack e de Ester.

Esta engole o último pedaço de *croissant* e sacode as migalhas das mãos.

– Queres comer mais alguma coisa? – pergunta Zack.

– Não, obrigada, mas estava excelente.

Ester sorri e Zack acha que não foi franco com ela: deixou-a acreditar que tinham ido ali apenas por causa dela. Que não havia outra motivação.

Não merece a confiança dela.

Realmente não merece.

Naqueles últimos meses, Zack negara-lhe a entrada várias vezes quando Ester lhe fora bater à porta.

Às vezes nem sequer lhe tinha aberto.

No entanto, Zack está convencido de que Ester sabe que ele estava em casa nesses dias.

Algumas semanas antes, estava ele deitado no sofá, cheio de anfetaminas, completamente pedrado, quando Ester desceu até ao seu andar. Três batidas discretas, como sempre. Ester esperara um momento e, em seguida, Zack ouvira-a sentar-se e encostar-se à porta. Zack tentara ficar o mais imóvel e silencioso possível, mas os minutos transformaram-se em meia hora e acabara por se convencer de que Ester andava atrás dele. Sim, que Ester era uma espia que fora a casa dele com um único propósito: mandá-lo para a prisão por consumo de estupefacientes.

Claro que era por isso. Senão, porque apareceria tantas vezes em sua casa e o espiaria por detrás da porta?

Sacara a pistola. Com as têmporas a latejar, as pupilas dilatadas, dirigira a pistola para a porta durante um tempo que parecera uma eternidade.

Até Ester se ter ido embora.

Zack repara que está a aquecer as mãos pálidas na chávena do chocolate quente.

Apontaste-lhe a pistola.

Como é que foste capaz?

Na altura estava completamente exausto. Em dezembro, um caso complexo relacionado com o envenenamento de um magnata nascido em Tåtby deixara-o exangue.

Nesse mês fora muitas vezes a casa de Mera, e depois também. O apartamento dela tornara-se um sítio onde Zack conseguia esvaziar a mente. Pôr tudo o resto de lado.

As drogas.

As memórias. A escuridão.

Mas não era um bom sítio. No ano anterior não tinham feito nenhum programa juntos, fora só trabalho, trabalho e ainda mais trabalho. Sobretudo Mera. Recuperara a Ikea como cliente na sua carteira de relações públicas e tem-los sempre à perna. Na verdade, a Ikea esmaga-a com trabalho da mesma forma que esmaga a concorrência por todo o mundo.

Zack não tivera tempo para ela, e ela também não tivera tempo para ele. O relacionamento entre ambos é puramente mecânico. Mera não parece ter consciência da quantidade de droga que Zack consome.

Fazem sexo, mas não trocam um único gesto de ternura.

Exceto naquela noite, em que a ternura esteve presente e foi bem real.

Por uma vez, tinham dedicado todo o tempo disponível para fazer amor. Quando Zack chegara, às onze da noite, Mera preparara um jantar. Peixe caro comprado no mercado de Östermalm, com puré de batata verdadeiro, como o que o pai fazia nas raras ocasiões em que não estava doente.

Depois de comer, tinham ido para o quarto. Despiram-se um ao outro em silêncio e deixaram os corpos falarem, sem precipitação, sem demasiada excitação. E, quando Zack olhou para ela, Mera Leosson, com o seu nariz bem desenhado, a cabeleira escura, as pálpebras sob as quais se escondia tanta inteligência, o olhar exigente... acreditou por um momento que poderia viver com ela. A

sério. Com casamento e filhos. Sentira o corpo suave e quente dela, e pensara que essa vida, afinal, era concebível.

Quando há uma hora a deixara a dormir, ainda acreditava.

Depois deu por si na rua ao pé de casa dela, enfrentando o vento gelado da baía de Nybroviken, e essa sensação desaparecera.

Mera era muito mais velha do que ele, levava uma outra vida e queria um futuro diferente. Zack ignorava qual fosse, mas sabia que não era o homem de que ela precisava.

Tentou não pensar mais em Mera.

Se não conseguisse, tinha de enviar um SMS a Abdula.

– Tens um blusão novo? – pergunta Ester, afastando Zack dos seus pensamentos.

Zack olha para si próprio como se precisasse de verificar a roupa que tinha vestido.

– Sim, podemos dizer que sim.

– Foi a Mera quem to deu?

– Não, não foi assim tão caro.

A última vez que Mera lhe comprara um blusão, na Rick Owens, soubera por acaso que custara vinte e duas mil coroas⁵. Aquele custara duas mil e quinhentas⁶ nos saldos, o que Zack já achara caro. Mas pelo menos protegia-o do frio.

– É bonito – disse Ester, passando a mão pelo tecido preto *Gore-Tex*.

Então, Ester lança uma olhadela receosa por cima do ombro de Zack e estremece.

Zack sente a presença dele antes mesmo de se virar e de o ver.

– Porra, não sabia que tinhas namorada. Também escondes outras coisas? – troveja o homem imponente, estendendo a mão em jeito de cumprimento.

Zack faz o mesmo e levanta-se para lhe dar um grande abraço.

– Como vai isso?

– Podia ter corrido bem, se um idiota qualquer não me tivesse arrancado da cama a meio da noite para me dizer que tinha de sair de casa com este gelo do caraças.

– A meio da noite? Que exagero, eram quase sete da manhã. E tens de aprender a ter bons hábitos. Lembra-te do que o médico disse.

– Sim, fazer longas caminhadas, comer legumes cozidos e salada. Se era para ouvir isso, mais valia não ter acordado quando estava no hospital.

Zack vira-se para Ester.

– Apresento-te o meu amigo Abdula. De certeza que já te falei dele, conhecemo-nos quando éramos putos e passávamos o tempo a vadiar por Bredäng.

Ester estende timidamente a mão.

– Olá, sou a Ester Nilsson.

Abdula pega na mão e curva-se respeitosamente.

– Abdula Kahn, um seu criado, bela menina.

Ester retira a mão e abafa uma risada.

– Ele é assim – diz Zack. – Acabamos por nos habituar... ou não.

Abdula puxa uma cadeira e faz uma careta de dor quando se senta.

– É a barriga? – preocupa-se Zack.

– Pensava que isto ia resolver-se, mas com o frio só está a piorar.

– E continuas a recusar-te a tomar analgésicos?

– Sim, essas coisas dão cabo de um tipo.

Abdula inclina-se para Ester.

– Ouça o meu conselho: não seja como essas raparigas que começam o dia com um comprimido para a dor de cabeça.

Zack não consegue conter o riso. Aquele tipo que já snifou quilos de coca e fumou todo o tipo de cenas maradas para ali a fazer-lhe um discurso sobre os perigos do paracetamol...

Mas Ester não se ri e, quando Zack vê a cara dela, o comentário de Abdula já não lhe parece assim tão engraçado.

Ester sabe muito mais do que ele sobre a influência de certos comprimidinhos na vida quotidiana...

Mas é bom que Abdula tenha mantido o sentido de humor, que não o tenha perdido depois do que aconteceu em Skärholmen em junho do ano anterior, quando levou um tiro na barriga e

permaneceu em coma durante trinta e nove dias com prognóstico reservado.

Zack passara muito tempo a velá-lo no verão passado. Evocara antigas memórias ao amigo inconsciente, conversando com ele durante horas sobre as brincadeiras suicidas que faziam no metro, nas tardes de domingo que passavam na barraca de Ernesto Santos, nos jogos de futebol no quintal que acabavam sempre por degenerar. Zack e Abdula tinham de dar à sola, mas tempos depois eram eles quem dava uma corrida nos outros.

Zack chegou a pensar várias vezes, junto da cama de Abdula, que o amigo não iria safar-se, que o tinha perdido para sempre.

Mas Abdula acabara por despertar. E recuperara mais depressa do que os médicos se teriam atrevido a esperar.

Parecia não haver nada que o derrotasse. Além disso, se o corpo de Abdula protestasse um pouco depois de um episódio como aquele, *so what*⁷?

Ester bate suavemente no ombro de Zack.

– Tenho de ir – diz. – As aulas estão quase a começar.

– Queres que vá contigo?

Ester revira os olhos e desliza para fora da cadeira.

Depois veste o blusão de penas, calça as luvas, põe o gorro e atira a mochila para cima do ombro. Dá um beijo rápido na face de Zack, acena a Abdula com a mão e apressa-se para a saída.

– É a que mora no mesmo prédio que tu, aquela que tem a mãe louca?

– Sim.

Abdula faz uma careta.

– Era bom que não tivesse más companhias. Ou seja, pessoas como eu – afirma, fazendo com que Zack se ria.

Abdula entrega-lhe um livro de bolso muito usado, um Michael Connelly⁸.

– Acho que vais gostar do conteúdo – diz.

Zack enfia o livro no bolso de dentro do blusão. Sabe que as partes recortadas do livro contêm um pacote com 0,6 gramas de

cocaína boliviana. Uma variante de luxo, segundo Abdula, com uma taxa de pureza de setenta por cento.

Zack tem apenas um desejo: atravessar aquele dia a toda a velocidade para por fim conseguir parar o tempo à noite, numa cave com uma pista de dança cheia de gente e uma data de decibéis a agitaremlhe o peito.

Uma corrente de ar glacial atinge-o na nuca. Vira-se e vê que uma mãe prendeu na porta a roda de um carrinho onde está deitado um bebé de seis meses, bem quentinho por baixo de pelo de carneiro. A mulher consegue soltar a roda e põe-se na fila para a máquina de café.

Pelo canto do olho, Zack vê dois homens na casa dos vinte anos a entrarem na loja. Um tem o rosto cheio de acne, pele pálida e cabelo comprido, o outro é mais baixo, tem a barba a crescer à toa e uma tez mais baça. Ambos têm as cabeças enfiadas nos ombros e as mãos nos bolsos dos blusões demasiado leves.

Percorrem a divisão com os olhos e Zack percebe que algo não bate certo alguns segundos antes de o borbulhento sacar uma pistola e gritar:

– Ninguém se mexe! O primeiro que falar...

A voz atinge um tom esganiçado e a mãe puxa rapidamente o carrinho para trás dela. Perto da máquina de café, um homem de meia-idade com um boné entorna um pouco de café e grita quando o líquido a escaldar lhe cai na mão.

– Calados, já disse!

O cúmplice do borbulhento precipita-se para a jovem que está na caixa, mas esta é mais rápida e corre a refugiar-se na divisão atrás do balcão e fecha a porta.

– Sai daí, *bitch*! – berra o cúmplice antes de saltar para dentro do balcão e de começar a bater com os punhos na porta. Sem resultado.

O borbulhento aponta a pistola em todas as direções, gritando:

– Pega no dinheiro, Youssouf. Caga nessa puta!

Youssouf vira-se e tenta erguer a caixa.

O homem que entornou café está a puxar por uma toalha de papel num dispensador, mas com tanta força que a caixa de metal cai no

chão.

O borbulhento sobressalta-se e aponta para ele:

– Que merda é essa, velho? Deita-te no chão!

Zack olha para Youssouf. Este está debruçado sobre a caixa registadora, a perguntar-se como a irá abrir.

Perfeito.

Zack dá dois passos rápidos na direção do balcão enquanto saca o bastão telescópico do coldre sob o blusão. Com um gesto seco do pulso, os segmentos de aço leve brotam do cabo com um som metálico. Quando ergue a cabeça, Youssouf é atingido na face com um golpe que o atira em voo para cima de um expositor com cartões comemorativos.

Em seguida, Zack saca a *Sig Sauer* e aponta-a ao tipo da pistola.

– Polícia! – grita Zack. – Larga a pistola.

A mulher do carrinho de bebé desata a gritar. O homem mais velho está de gatas no chão e os outros três clientes na fila tentam passar despercebidos.

– Larga a pistola. Já! – diz Zack, mas o borbulhento continua a apontar a arma, o olhar hesitante, depois faz um rápido movimento para o lado e agarra a mãe do bebé. Em pânico, a mulher grita quando o assaltante lhe aperta o pescoço com o braço, encostando-lhe o cano da pistola à têmpora.

O ladrão treme por todos os lados, o olhar desvairado. *Um novato, pensa Zack. Apesar da violência. Desesperadamente em busca de dinheiro. É preciso ser parvo para assaltar um 7-Eleven tão cheio de gente numa manhã de segunda-feira!*

Bem, chega. Já esperou demasiado.

Zack aponta com cuidado e atinge o tipo no ombro direito. O assaltante contorce-se e deixa cair a pistola no carrinho, leva a mão ao ombro, vê o sangue e solta um grito de dor.

Zack passa-lhe uma rasteira, deita-o de barriga para baixo e bloqueia-lhe os braços atrás das costas para o algemar.

O tipo grita ainda mais.

– Ainda estás para aí a latir como um cão? – sussurra-lhe Zack ao ouvido, e o outro cala-se.

A mãe continua a soluçar nervosamente, mas o filho voltou a adormecer.

– Precisa de ajuda? – pergunta uma mulher em que Zack não tinha reparado até ao momento.

Uma trintona com um comprido casaco branco de pele artificial.

– Obrigado. Sente-se em cima dele e carregue-lhe no ombro, se ele resistir.

– *Okay.*

A mulher senta-se nas costas do tipo alto e magro com uma perna para cada lado. Zack tira a pistola do carrinho e precipita-se para o outro assaltante.

Que continua no chão.

Zack vira a cabeça para Abdula.

Permaneceu sentado na cadeira, os olhos perdidos no vazio.

Todo o corpo de Abdula treme.

Conseguiram mudar-te, meu amigo, constata Zack.

Ao longe, ouvem-se vagamente as sirenes da Polícia, a poucos quarteirões de distância, vindas de Kungsholmen.

– Abdula – diz Zack.

Nenhuma reação.

– Abdula!

Mais alto desta vez. Funciona. Abdula pestaneja e sai do seu estado de estupor.

Zack gostava de lhe dizer que se pusesse a andar antes de a Polícia chegar, mas há clientes por perto, por isso contenta-se em acenar com a cabeça para a saída.

Abdula levanta-se devagar e dirige-se à porta sem olhar para trás.

5 Aproximadamente 2100 euros. (*N. do T.*)

6 Cerca de 240 euros. (*N. do T.*)

7 Em inglês no original: «Grande coisa». (*N. do T.*)

8 Autor norte-americano de romances policiais. (*N. do T.*)

CAPÍTULO 2

O *DRONE* SOBREVOA LENTAMENTE OS TELHADOS de Stocksund. Parece uma ave de rapina mecânica contra o céu ainda escuro da manhã, um mutante de um branco cintilante, com quatro braços, cada um equipado com um rotor.

Lars Albinsson, de sessenta e quatro anos, dirige o *drone* com o controlo remoto enquanto observa no monitor as imagens captadas pela câmara.

Quer manobrar a máquina sobre o terreno de Johansson para ver se acabaram de plantar o laranjal. Ou melhor, o «laranjali», como diz a dona da casa.

Mas desiste. Não quer dar muito nas vistas com o *drone*. Para lho apreenderem basta alguém queixar-se, invocando uma invasão de privacidade ou o que quer que seja. São uns retrógrados que se recusam a admitir as vantagens da tecnologia, pessoas que ainda vivem na Idade da Pedra.

Foi a mulher quem insistiu em mudar-se para aquela zona residencial conservadora. Lars teria preferido o centro da cidade, Vasastan. Mas há males que vêm por bem e ali, pelo menos, pode utilizar o *drone*.

Lars Albinsson já vendeu os seus serviços a duas grandes empresas de construção, assim como a um fornecedor de eletricidade que precisa de fazer prospeção nos terrenos vizinhos.

Ele congratula-se por as oportunidades para ter lucro serem ilimitadas, sobretudo com aquele modelo mais recente, com uma câmara e um *zoom* com a capacidade de gravar em HD.

Com uma mão firme, afasta o *drone* da área residencial, leva-o a sobrevoar o restaurante tailandês e o clube de vídeo, e depois as copas dos abetos, em direção aos escombros da antiga fábrica de cimento.

Alguns raros projetores ainda a funcionar lançam uma luz pálida sobre o local. Quase tudo foi demolido e arrasado. Restam apenas montes de betão, vergalhões de aço e outros escombros parcialmente enterrados sob a neve acumulada, aquela que não teve tempo de derreter antes da chegada do frio ártico.

E sobretudo a velha chaminé. Quarenta metros de altura.

Lars Albinsson carrega num botão do controlo remoto para ligar os faróis do *drone*. É fantástico ver aparecer no ecrã a chaminé iluminada no escuro.

Manobra o aparelho mais alto, ainda mais alto. As imagens no ecrã são perfeitamente nítidas, apesar da escuridão e do movimento constante.

O *drone* aproxima-se do cimo da chaminé, pondo as gralhas em debandada, assustadas. Lars Albinsson reduz a velocidade. Vê algo que desponta do topo.

Algo que parece horrível.

Não, não é possível, porra!

É um... Não, não pode ser isso.

Os dedos atrapalham-se no controlo remoto e o *drone* embate no rebordo da chaminé.

Merda!

Um medo indistinto deixa-lhe um nó no estômago.

Afasta o *drone* alguns metros e mal consegue respirar.

Terá realmente visto aquilo?

Recobra o fôlego, espera que a curiosidade prevaleça sobre o medo e dirige suavemente a máquina de volta à chaminé. Desta vez um pouco mais alto, por cima do topo.

Direciona os faróis para baixo. Dois feixes de luz a fender a escuridão.

O *zoom* automático da câmara ajusta-se imediatamente e a imagem fica nítida.

Demasiado nítida.

Lars sente náuseas e consegue engolir o primeiro vómito.

Mas não o seguinte.

O *drone* balança no ar e, bem alto no céu negro, as gralhas famintas regressam.

CAPÍTULO 3

OS FARÓIS DO VOLVO V50 ILUMINAM a estrada de cascalho quando a inspetora da Polícia Criminal, Deniz Akin, se dirige para a fábrica abandonada. Parece que, nesse dia, a escuridão invernal apenas se digna filtrar uma claridade acinzentada, uma caricatura condescendente da luz.

Vê-se ao retrovisor.

O longo cabelo preto que lhe emoldura o rosto e as sobrancelhas espessas e retas dão-lhe aos olhos castanhos uma expressão ainda mais determinada.

As origens curdas de Deniz são claramente visíveis, mas não a sua história.

Porquê voltar a pensar nisso agora? Faria melhor em concentrar-se no que os espera.

Ainda julga sentir a presença de Cornelia. O sabor dela, a voz sempre tão quente, à mesa do pequeno-almoço, a sinceridade dela.

Será que a mereço?, pensa Deniz, lançando uma olhadela a Zack, que segue no lugar do morto. Apesar de tudo, Zack parece estar bem naquele dia. Deve ter passado a noite em casa de Mera. Não toca em nada quando está lá.

Deniz tenta fechar os olhos às fraquezas do colega. Mas até quando? Estará a agir bem ao fingir que não as vê?

Como saber? Como determinar o que é bom ou mau para outra pessoa?

O agente jovem, bonito e brilhante.

E o homem quebrado.

Só quero o bem dele. Mas será que posso ajudá-lo?, suspira Deniz, os lábios comprimidos enquanto reduz a velocidade.

Como vês, Deniz tem os lábios mesmo secos, repara Zack. Como ele próprio quando snifa coca.

Vê as horas. 8h33. É incrível pensar que já teve tempo de balear um tipo e de partir o nariz a outro...

Àquela hora já devia ter ido falar com os Assuntos Internos. É o procedimento normal quando um agente dispara a sua arma.

Mas Deniz ligou-lhe por causa de um alerta que tinham acabado de receber.

Uma coisa de loucos.

«Apanha-me no caminho», dissera Zack.

Que a polícia dos polícias se lixe...

No banco de trás vai o colega da Polícia Científica, Samuel «Sam» Koltberg. Ainda bem que Koltberg não está ao corrente da tentativa de assalto ao 7-Eleven. Caso contrário, teria tido o sádico prazer de assegurar que os regulamentos eram aplicados e Zack convocado de imediato.

Zack sente o olhar desagradável de Koltberg na nuca. Sabe que este último pensa que é um ganancioso que passou à frente de toda a gente graças à mãe, que também era polícia. Como se a sua promoção a inspetor da Polícia Criminal compensasse de algum modo o facto de a mãe ter morrido em serviço. Zack bem pode esforçar-se por provar o contrário, mas Koltberg encontra sempre novos argumentos para reforçar a sua tese.

Deniz contorna uma colina coberta de abetos e Zack vislumbra a chaminé cinzenta que se assemelha a uma gigantesca lápide contra o céu baço.

Um carro-patrolha com rádio e um *Passat* vermelho estão estacionados às três pancadas à frente de uma barreira entreaberta. Um agente fardado, que delimita o perímetro de segurança, abre caminho por entre os espinheiros para prender a extremidade da fita, que vai desenrolando, a um tronco de árvore congelado.

Deniz estaciona atrás dos outros dois veículos. Do banco traseiro ouve-se um longo suspiro pontuado pela voz ácida de Koltberg.

– Só resta fazer figas para que eles não tenham pisado isto tudo e apagado todas as pistas. Embora não tenha grandes ilusões.

Abrindo a porta, Zack é recebido por uma rajada gelada no rosto. Puxa o gorro forrado para tapar as orelhas. Há ali um pouco mais de neve do que em qualquer outro sítio, apenas alguns centímetros, mas o suficiente para o cascalho ranger sob as solas de borracha das botas quando se aproxima da barreira alta.

Na cerca, um cartaz enorme anuncia:

A JM VAI CONSTRUIR AQUI 450 NOVAS HABITAÇÕES

Sob o texto, uma imagem virtual representa uma idílica zona residencial em pleno verão. Árvores verdes, relvados verdes. Pessoas cheias de alegria de viver, em calções de banho e *T-shirt*.

Zack pensa nas montras partidas da agência de viagens. Na raiva que aquelas fotos de verão provocaram.

Ergue o cordão de segurança para deixar passar Deniz e Koltberg e segue-os terreno adentro. Tem a impressão de estar a atravessar a terra do mal, tal como aparece ilustrada num livro de histórias infantis. Cinzenta e fria. Com uma torre alta que parece lançar a sua sombra sobre toda a bondade humana.

Estará lá em cima?

Adivinha que há gralhas a rodopiar em torno do topo da chaminé.

Será que lhe dão bicadas?

Koltberg deve ter tido o mesmo pensamento, porque de repente acelera o passo. A chaminé parece ir aumentando de tamanho e os três homens parados junto à base, em perspetiva parecem anões.

Zack cumprimenta-os. Per Karlsson, agente da Polícia, Pelle Sörensson, mestre de obras da JM, e Lars Albinsson, de blusão laranja e empunhando um controlo remoto como os das consolas de jogos.

– Bem, calculo que tenham calcorreado todo o local do crime? – pergunta-lhes Koltberg.

Os três homens olham uns para os outros, aborrecidos, mas antes que um deles responda, Deniz pergunta:

– Para que serve esta chaminé?

– Pertencia a um antigo forno de cimento que foi demolido há muito – declara Pelle Sörensson. – É a única coisa que resta. Mas está previsto implodi-la na primavera.

Zack vira-se para Lars Albinsson.

– Porque é que pilotou o seu *drone* tão cedo esta manhã?

– É novo e queria experimentá-lo no escuro. Achei que este local se prestava a isso: um lugar deserto, onde não perturbaria ninguém. Sabe, as pessoas destas bandas são conservadoras e os *drones*, mesmo que sejam uma coisa do futuro, para elas...

– Tem o vídeo aí dentro? – interrompe Zack.

– Sim, quer ver?

Será que quero?, interroga-se Zack.

Lars Albinsson reproduz o vídeo até ao momento em que o *drone* se aproxima do topo da chaminé. Deniz e Koltberg rodeiam Zack e, juntos, veem os faróis do *drone* a iluminar a chaminé enquanto o aparelho gira lentamente em redor.

Betão, mais betão e nada mais do que betão.

Em seguida, o topo da chaminé, com um rebordo largo e arredondado.

Eis as imagens tiradas mesmo lá em cima.

Mas o que é isto?

Eu sei o que isto é.

Uma mão pequena e hirta. Como uma garra. Azulada pelo frio. Atada por uma corda.

Em seguida, um rosto congelado.

Um olho que fixa a objetiva. Uma pupila enorme da qual a vida se retirou.

E um grande buraco irregular no lugar do outro olho.

– Oh, merda! – diz Deniz.

Então a imagem começa a tremer e ouve-se o *drone* a raspar ruidosamente na parede.

É preciso esperar alguns segundos até a imagem estabilizar e recuperar a nitidez. O *drone* ganhou altura e vemos o rapaz por inteiro, preso por cima da abertura.

Os braços afastados como Jesus na cruz, mãos e pés amarrados com uma corda.

A *T-shirt* fina flutua ao vento, os braços e o rosto estão picotados com buracos vermelhos – os vestígios deixados pelos ataques dos pássaros.

É de uma solidão absoluta. De um frio absoluto.

Tenho de ir lá acima, pensa Zack. *Agora. Rapidamente.*

Estuga o passo.

– Na sua opinião, o que aconteceu? – pergunta Lars Albinsson.

– Não faço ideia – responde Zack. – Mas ele não pode ficar lá em cima.

Lars Albinsson concorda.

Zack vira-se para Pelle Sörensson.

– Como podemos aceder ao cimo da chaminé?

– Há uma escada do outro lado. Venha, eu mostro-lhe.

– Espere! – exclama Koltberg. – Vão destruir as pegadas.

– Ah, lamento imenso, mas já subimos várias vezes.

O rosto de Koltberg muda de cor. Abre a boca para gritar, mas Zack adianta-se ao colega:

– Não é grave – diz a Pelle Sörensson. – Mas agora tentem caminhar apenas sobre as vossas pegadas anteriores.

Contornam a construção e Pelle Sörensson indica-lhes onde está a escada.

– Aqui está. Pode subir, mas com duas condições: tem de pôr um capacete e de deixar que o acompanhe por uma questão de segurança.

Os olhos de Zack seguem a escada de ferro negra até ao topo.

E lá em cima, mesmo lá em cima...

O rapaz.

Os pés projetam-se da borda.

Zack abana o suporte da escada e vira-se para Koltberg.

– Posso ir primeiro – diz Zack. – Terei o cuidado de não perturbar nada. A menos que queiras ir antes tu?

Koltberg fica lívido.

– Eu... Força, vai tu, mas tira fotos antes de tocar em qualquer coisa. E deixa-me primeiro recolher amostras dos degraus inferiores antes de os sujares.

CAPÍTULO 4

COM A CÂMARA *NIKON A OSCILAR-LHE* nas costas, Zack inclina-se para fixar o mosquetão num degrau ainda congelado.

Chegaram a cerca de meio da chaminé. O vento fustiga-lhes a roupa, mas Zack está adequadamente vestido para a ocasião. Uma camisola grossa de lã sob o blusão e um gorro corta-vento.

Normalmente, Zack gosta deste género de situações. O esforço físico, a sensação de perigo iminente e ao mesmo tempo de liberdade total. Mas naquele dia é como se cada passo o aproximasse de um lugar que preferia evitar.

Mas Zack quer subir até onde está o rapaz.

Tem de ir lá.

– Está tudo bem? – grita Pelle Sörensson alguns metros mais abaixo. – Se precisar de descansar é só dizer.

– Não, está tudo bem – responde Zack, continuando a progredir na escada.

Avista agora os telhados de Estocolmo. É como contemplar um mundo de onde as cores foram banidas, tirando o cinzento, o castanho e o preto. Até mesmo os flocos de neve parecem cinzentos sob a camada sombria de nuvens.

Olha para cima. Uma rajada de vento agita um pé do rapaz e Zack pensa por uma fração de segundo que a criança está viva.

Reflete.

É impossível.

Escala mais depressa.

Algumas gralhas empoleiradas no topo da chaminé olham para ele. Hesitam um pouco, mas ao vê-lo aproximar-se, batem as asas e voam para longe.

Zack sobe os últimos degraus até poder tocar nos pés descalços do rapaz.

Completamente congelados. A pele está branca com o gelo.

Zack iça-se para o rebordo da chaminé.

Agora estou contigo, pensa.

Já não estás sozinho.

O rapaz está amarrado a uma grelha metálica enferrujada que cobre a abertura da chaminé.

Zack preferiria fechar os olhos, mas obriga-se a olhar. Mas não para o rosto. Ainda não.

O rapaz veste uma *T-shirt* branca manchada de vermelho e umas calças de fato de treino pretas com buracos em ambos os joelhos. Nada mais.

Será que te deixaram aqui para morreres de frio?, pensa Zack.

Então apercebe-se do corte fundo no pescoço da criança e repara nos fios de sangue que lhe escorreram para o peito.

Foste morto antes de chegar aqui.

E, de certa forma, isso é quase um alívio.

Nenhuma morte pode ser pior do que aquela.

A não ser que...

Agarra-se à grelha, ergue-se cuidadosamente e pega na máquina fotográfica.

A pele da criança apresenta um número impressionante de ferimentos. Nos braços, faces, pulsos. A *T-shirt* com uma série de incisões deixa vislumbrar uma ferida profunda no peito. Como se lhe tivessem querido arrancar o coração.

Monstros.

Zack faz um *zoom* do rosto do rapaz, e percebe que nesse dia nenhuma roupa poderia protegê-lo do frio porque o que sente vem de dentro.

O olho intacto encara-o através de uma fina camada de gelo.

O brilho desapareceu, mas não o susto.

A boca da criança está entreaberta. Queria dizer alguma coisa ou terá desesperadamente tentado inspirar uma última vez antes de dar o último suspiro?

Que te fizeram?

Zack move-se cautelosamente por cima da grelha para o fotografar de outros ângulos. Sente-se como um profanador. Um *paparazzo* ao serviço da morte.

Em seguida, volta a pôr a máquina a tiracolo e tenta desfazer os nós em torno dos pulsos azuis do rapaz. Em vão. A corda está rígida e Zack tem os dedos entorpecidos pelo frio.

– Tem uma navalha consigo? – grita para Pelle Sörensson.

– Sim. Quer que lhe empreste?

– É melhor você subir.

Ouve Pelle Sörensson a tossir e percebe que o homem está a tentar conter as náuseas.

– Está tudo bem?

– Sim, enfim, acho que sim...

– Temos de levá-lo para baixo – diz Zack. – Se conseguisse cortar a corda que lhe mantém os braços afastados, a seguir soltávamos o corpo.

– E depois?

– Levo-o às costas. Vai ter de o atar a mim, de uma forma ou de outra.

*

Dez minutos mais tarde, dão início à descida. O corpo do rapaz está preso às costas e aos ombros de Zack com a mesma corda que o prendia no topo da chaminé.

Zack desce devagar, passo a passo. Tem as costas dormentes, como se o frio da morte se transferisse do corpo da criança para o seu.

Uma parte dele quer gritar e livrar-se do cadáver, enquanto outra quer simplesmente carregar aquele fardo.

Olha de relance para baixo. Já se juntaram mais pessoas: Douglas Juste, chefe de operações da Unidade Especial, e Niklas Svensson, colega de Zack.

A meio do caminho começa a suar. Como se o rapaz tivesse acabado por aceitá-lo como transportador e deixasse de o contaminar com a sua morte.

Ergue os olhos para o topo da chaminé e pergunta-se quem poderia ter sido suficientemente determinado a ponto de subir quarenta metros com uma criança morta às costas.

Para depois a amarrar lá em cima.

E a abandonar.

Porquê?

Faltam cerca de vinte metros. Zack respira a custo. Deniz também o espera lá em baixo.

Tinha apenas doze anos quando também ela levou o irmãozinho às cavalitas e fugiu atravessando as montanhas áridas do Curdistão.

Onde terá ido buscar essa força?

Talvez por saber o que o destino lhe reservava.

Tinha visto o irmão mais velho e outros jovens a imolarem a melhor amiga pelo fogo, uma adolescente como ela. O crime: recusara-se a casar com o primo de vinte anos.

Zack resvala e agarra-se o melhor que pode a um degrau mais acima.

– Não se preocupe – tranquiliza-o Pelle Sörensson. – A corda de rapel está bem esticada, estou a segurá-la. Mesmo que caia, não corre perigo.

– *Okay.*

Zack olha para baixo. Já só faltam dez metros.

Sente o queixo do rapaz a afundar-se-lhe no ombro.

Como se a criança morta exigisse a sua atenção.

E tu, qual foi o teu crime?, pensa Zack.

Porque é que alguém decidiu que já não tinhas o direito de viver?

A pressão nas costas diminui. Assim que pôs os pés em terra, Niklas e Deniz agarraram no cadáver e retiraram-no das costas de Zack.

– Tenham cuidado – diz Koltberg. – Isso, pousem-no aqui neste pedaço de neve que ainda ninguém pisou.

Niklas tem dificuldade em respirar:

– Ninguém devia morrer desta maneira!

CAPÍTULO 5

ZACK RECOBRA O FÔLEGO, as mãos nos joelhos. Isso também lhe alivia as costas.

Deniz pede a Lars Albinsson e a Pelle Sörensson que se afastem um pouco enquanto o rapaz é examinado. Então, Zack ouve passos a aproximar-se e vê um par de *Berluti*, absolutamente elegantes, à sua frente.

Douglas Juste.

Zack olha para cima.

O sobretudo feito por medida está desabotoado. O pelo preto da gola parece umas asas a emoldurar o rosto esculpido de Douglas. Está bem conservado para um homem na casa dos cinquenta.

– Não esperava ver-te por aqui – diz Douglas.

É só isso que tens para me dizer?, pensa Zack.

Há um ano, Douglas ter-lhe-ia pelo menos perguntado como estava, antes de brandir o regulamento. Talvez até tivesse dito: «Fizeste um bom trabalho», depois de ter visto Zack transportar o rapaz às costas desde o topo da chaminé.

Mas depois do que aconteceu em Skärholmen, no ano anterior, quando Zack surpreendeu Douglas a tentar fazer desaparecer provas, o chefe mudou. Está mais contido e cinge-se ao protocolo, ponto final. Não resta qualquer vestígio da figura paternal que foi noutros tempos, ou que pelo menos tentou ser para Zack.

O vestuário de Douglas está ainda mais formal, se é que tal é possível. Antes, às vezes dispensava a gravata no verão e era bem capaz de usar umas calças claras com um casaco preto, ao passo que agora está confinado ao preto e às roupas sóbrias. Casaco cruzado e gravata monocromática. E no inverno: sobretudo de caxemira com gola de pele.

– O rapaz estava amarrado com os braços em cruz, como Jesus. É claro que o assassino fez isso de propósito – diz Zack,

aguentando o olhar de Douglas.

Encaram-se em silêncio. Então, Douglas dirige-se a Koltberg, ajoelhado junto do cadáver da criança a calçar com grande dificuldade luvas de plástico sobre as luvas de pele que está a usar. Zack segue o chefe, mas posiciona-se do outro lado, junto de Niklas e de Deniz.

– Fizeste um bom trabalho lá em cima – diz a colega, pondo a mão no ombro de Zack.

Deniz não retira a mão, quente, o que sabe bem a Zack.

– Obrigado.

O rapaz repousa sobre a neve dura, os braços ainda em cruz. Como um pequeno fantasma que se preparava para agitar os braços na neve para fazer um anjo.

Não deve ter mais de nove anos. O cabelo espesso parece ainda mais escuro sob a camada de gelo, as sobrancelhas claramente marcadas.

Zack calcula que a criança ou os pais sejam originários do Médio Oriente. Da Síria talvez.

– Tem a mesma idade do Lukas – diz Niklas.

Koltberg remove o gelo com um pequeno pincel e expõe as feridas escuras do cadáver.

– Como é que foram capazes de fazer isto a uma criança? – pergunta Niklas, limpando os olhos com uma luva.

Zack olha furtivamente para o colega. Niklas Svensson, o superpai. Quase sempre de bom humor, um sorriso nos lábios. Aquele que é subestimado no trabalho por ser tão simpático. Um homem que parece ser capaz de deixar lá fora todas as torpezas e loucuras deste mundo assim que transpõe a ombreira da porta de casa. Que ama a família acima de tudo e que, ultimamente, acalenta a ideia de acolher uma criança no seio da família, já que cada vez há mais crianças institucionalizadas.

Uma criança desfavorecida não poderia encontrar melhor família de acolhimento, pensa Zack.

Koltberg vira suavemente o corpo congelado. Examina as costas. Apresentam várias lacerações. Pequenos cortes estreitos nas omoplatas e ao fundo das costas.

Zack não quer que a criança fique ali mais tempo. Gostava de a envolver num cobertor. De aquecê-la.

Koltberg levanta-se e faz alguns gestos desajeitados com os braços para se aquecer.

– Tratas do transporte para a sala de autópsias? – pergunta Douglas.

– Sim – responde Koltberg, massajando as mãos entorpecidas. – Se ainda tiver sensibilidade suficiente nos dedos para marcar o número.

Douglas chama Niklas, Deniz e Zack à parte.

– Vamos ter de bater a todas as portas e vasculhar a zona com cães. Vou organizar as buscas. E temos de fazer mais perguntas a esse tipo do *drone*, para o caso de ter reparado no que quer que seja quando utilizou o aparelho das outras vezes.

– Eu trato disso – diz imediatamente Niklas. – E vou fazer com que o filme seja confiscado antes que vá parar à Net ou aos jornais.

Zack olha para o colega. As feições mudaram, endureceram.

Douglas assente e depois olha para Zack e para Deniz.

– Zack, se não me engano, tens de ser interrogado pelos Assuntos Internos. Deniz, verifica primeiro se alguém denunciou o desaparecimento da criança. E vê com a administração do condado se não haverá câmaras de vigilância na zona. Pede à Sirpa para te ajudar, se for preciso. Também é preciso perguntar ao dono do terreno se apareceram por cá pessoas não autorizadas. Podem começar por perguntar ao tipo da JM.

Pelle Sörensson tem um telemóvel colado ao ouvido, mas Zack não se deixa enganar. Aquilo é apenas para disfarçar, pois Sörensson escuta sorrrateiramente o interrogatório de Niklas a Lars Albinsson.

Vendo Zack e Deniz a avançar na sua direção, Sörensson devolve rapidamente o telemóvel ao bolso e pergunta:

– Descobriram alguma coisa?

– Vai desculpar-me, mas o senhor já sabe demasiado. Há quanto tempo tem acesso a este local?

– Desde outubro – responde Pelle Sörensson.

– Quando veio cá pela última vez?

– Ah, já foi há algumas semanas, quando o tempo estava um pouco melhor. Foi antes da nova vaga de frio.

Dois agentes fardados dirigem-se à chaminé. Transportam uma maca com um saco para cadáveres amarelo, vazio, e Pelle Sörensson observa-os a afastarem-se.

– O senhor ou algum dos seus colegas viram alguma coisa fora do vulgar quando aqui vieram? – pergunta Zack.

– Não, nada de nada. Não há muito a fazer por aqui, mesmo que se queira vandalizar alguma coisa. Que interesse tem subir a uma chaminé que ninguém vê? Tanto mais, que vamos demoli-la.

Precisamente, pensa Zack.

Que ninguém vê.

Então, porquê deixar lá o rapaz?

– Pensava que a chaminé se via bem por estas bandas – insiste Zack.

– Só de muito longe. Mais de perto, a vista é bloqueada pela floresta de abetos.

*

Quando Zack e Deniz voltam para o carro, veem os polícias a atravessar o terreno da antiga fábrica de cimento com a maca e o saco para cadáveres. Os passos dos agentes tornaram-se mais pesados.

Os olhos de Zack seguem o saco para cadáveres.

Vamos esclarecer o que te aconteceu, promete.

Prender o teu assassino.

Quatro homens em fila indiana atrás da maca: Koltberg, Douglas, Pelle Sörensson e Lars Albinsson. Como uma procissão fúnebre.

Zack sente o corpo agitar-se. Sabe como acalmá-lo, mas não é o momento apropriado para ceder à tentação.

*

Deniz sente a agitação de Zack, de tão palpável que é.

Gostava de dizer alguma coisa.

De encontrar as palavras que dariam força a Zack para permanecer limpo, para dar espaço apenas ao que é bom nele.

Mas que palavras são essas?

Deniz, que é incapaz de encontrar as palavras para os que lhe são mais próximos...

Gostava de elogiar Cornelia, fazer com que percebesse quão importante é na sua vida, mas as malditas palavras não querem sair.

Por isso mantém-se em silêncio.

Em casa, tal como agora.

Roda a chave na ignição.

Perto da chaminé, ficou um único homem a olhar fixamente para o terreno deserto.

Niklas.

Fechado em si próprio, como que destroçado pela morte do rapaz.

CAPÍTULO 6

ERAM DEZ E MEIA quando Zack entrou na sala de conferências do Comando da Polícia, um espaço que lhe lembrava um sarcófago, com as suas paredes verde-claras e o teto abobadado em freixo.

Já lá estão cerca de vinte polícias. Pálidos, com ar cansado e pálpebras pesadas. Em piloto automático enquanto aguardam o regresso do sol.

Zack procura Deniz, avista-a na sétima fila e junta-se a ela.

A colega mantém-se em silêncio. Tal como Zack, Deniz preferia ir trabalhar para a rua, claro, em vez de ter de suportar ouvir o que já sabem.

Só que aquilo permite a Zack adiar o momento de prestar contas aos Assuntos Internos. Faltam poucas horas para o interrogatório.

Ah, Zack bem que precisava agora da clarividência de Rudolf Gräns; infelizmente, Gräns está no hospital. A fazer um exame de rotina por causa da cegueira.

Douglas Juste sobe ao pequeno púlpito, aclara a voz e começa por expor o que encontraram no topo da chaminé.

– Por enquanto não sabemos grande coisa sobre as circunstâncias, mas os ferimentos do rapaz e o local onde foi encontrado levam-nos a tratar este caso como um homicídio.

Carrega no rato e mostra no ecrã uma das fotos que Zack tirou ao cadáver congelado e torturado. Alguns agentes viram a cabeça.

– Eu sei. Não é um espetáculo bonito. Enviámos técnicos ao local e os colegas vão trabalhar o dia todo para tentar recolher impressões digitais. A ronda pela vizinhança está em curso e também já temos equipas com cães a esquadrihar o terreno. Quanto ao exame ao cadáver, passo agora a palavra ao Koltberg.

Este substitui-o no púlpito. De costas direitas, nariz empinado.

– O rapaz tinha um metro e quarenta e cinco e pesava trinta e um quilos. Magro, ligeiramente desnutrido. Calculo que tenha entre

nove e doze anos, mas a estomatologista forense dar-nos-á uma resposta mais precisa. Tem um tom de pele um pouco mais escuro do que o estereótipo nórdico. Diria que parece árabe, se ainda pudermos usar esse termo.

Deniz sussurra a Zack:

– Tenho a certeza de que também reivindica o direito de dizer «bola preta»⁹ quando pede um para acompanhar o café.

– Algumas das feridas intrigam-me – diz Koltberg. – Sobretudo estas.

Clica noutra foto para ilustrar a ideia.

Zack ouve Deniz suspirar.

A imagem mostra três cortes paralelos no flanco da criança, a poucos centímetros de distância.

Zack já tinha visto aquele género de lesão numa investigação no verão anterior.

Lesões causadas por lobos raivosos.

Haveria mais nos arredores de Estocolmo?

Será que aconteceu a mesma coisa ao rapaz?

As mãos começam a tremer-lhe. Zack tem vontade de sair da sala para ir à casa de banho, tomar alguma coisa, qualquer coisa.

Não, agora não.

– A julgar pela forma, trata-se de lacerações, mais exatamente de arranhões causados por um animal – prossegue Koltberg, desviando Zack dos seus pensamentos –, mas o corte é demasiado direito, pelo que diria que não foi o caso. Parece mais que alguém utilizou um objeto contundente a imitar garras. Ou o assassino quer induzir-nos em erro, ou utilizou uma arma ou um instrumento de tortura que não consigo identificar.

A imagem desaparece para dar lugar a um grande plano do ferimento no pescoço do rapaz.

– Eis o que causou a morte do rapaz. As bordas da ferida são tão limpas que se pode legitimamente pensar que o assassino recorreu a um bisturi.

Na foto seguinte, o rapaz aparece novamente de corpo inteiro.

– Podemos observar múltiplos cortes pequenos e marcas na pele, mas estes ocorreram após a morte e foram, sem qualquer dúvida, provocados pelas gralhas. Devem ter passado fome por causa do frio e a determinação permitiu-lhes chegar ao fígado – diz Koltberg, apontando com o *laser* para o ferimento mais profundo no abdómen.

Parece quase impressionado com o trabalho obstinado dos pássaros, pensa Zack.

– Portanto, a minha primeira hipótese é que esta criança sofreu agressões graves e repetidas com um instrumento que parece uma garra, tendo o assassino posteriormente mudado de arma para tirar a vida ao rapaz.

Koltberg passa a uma foto das vísceras.

– O corpo arrefeceu pouco tempo depois da morte. Vemos bem isso nesta imagem – diz, descrevendo um círculo com o ponteiro *laser*. – Se o cadáver tivesse ficado à temperatura ambiente durante alguns dias, as bactérias do intestino grosso teriam dado à pele um tom mais escuro. Mas, como podem observar, não há aqui qualquer mudança de cor. Concluo, portanto, que o rapaz foi amarrado à chaminé muito pouco tempo depois de ter morrido, quando o corpo ainda era flexível e mais fácil de manusear. Depois ficou lá em cima até ser descoberto esta manhã. Ainda é demasiado cedo para dizer há quanto tempo. O arrefecimento do corpo parou o processo de decomposição. Segundo testemunhas, não havia nada na chaminé durante os poucos dias em que as temperaturas voltaram a subir. Isso significa que a morte da criança ocorreu, no máximo, há três semanas, provavelmente há muito menos tempo.

Zack revê o rosto do rapaz. O olho intacto, repleto de terror.

Será que morreste sozinho?

Sabias o que te esperava?

Douglas volta a subir ao púlpito.

– Ainda não conhecemos a identidade do rapaz. Deniz, encontre algum relatório sobre alguma criança desaparecida que possa corresponder? – pergunta o chefe.

– Consegui procurar antes de chegarem – intervém Sirpa Hemäläinen.

Sempre tão eficaz, pensa Zack.

Tem o cabelo penteado às três pancadas e, como sempre, papos sob os olhos. Poderia reivindicar cinco anos de licença remunerada se fosse contabilizado o número de horas extraordinárias que já fez.

Pega num papel e lê em voz alta:

– Hoje, três crianças ou adolescentes foram dados como desaparecidos no país, com dez, quinze e dezoito anos, respetivamente. O rapaz de dez anos desapareceu em Umeå há três semanas, mas há suspeitas de o pai o ter levado para o Iraque, o que, claro, requer verificação. As outras crianças desaparecidas são raparigas.

– Deniz, tratas tu disso? – prossegue Douglas. – Também é preciso verificar se foram libertados recentemente assassinos de crianças e pedófilos e, em caso afirmativo, interrogá-los. Sirpa, encarregas-te tu desta tarefa?

– Okay, vou já tratar disso.

– Muito bem. Niklas, onde estás? Ah, estás aí. Como correu o interrogatório da testemunha? O dono do *drone*?

– Não deu em nada. O homem queria sobretudo falar sobre o novo brinquedo. Mas vou ver com atenção o vídeo que fez, pode ser que repare em algum pormenor que nos tenha escapado.

Zack fica impressionado pelo tom cortante da voz do colega, nem parece ele. Mas compreende-o. Niklas tem filhos da idade do rapaz assassinado.

Quanto a mim, só o descí da chaminé às costas...

Onde está a criança agora?

Sozinha, num saco refrigerado no fundo de uma cave.

Apercebe-se de que as mãos recomeçaram a tremer e põe-nas debaixo das coxas para as manter quietas.

Será que Deniz reparou em alguma coisa?

Não, toda a sua atenção se concentra no *profiler* Tommy Östman, que naquele momento sobe, algo rigidamente, ao pequeno púlpito.

As rugas na testa são tão profundas e os cabelos tão desgrenhados que Zack se pergunta a si próprio se ele não terá recomeçado a beber.

– Tommy, o que dirias sobre o agressor depois de ouvires as poucas informações de que dispomos? – pergunta Douglas.

– Em quase todos os casos deste género, o agressor já conhece a vítima – responde Östman. – O assassino observou o rapaz, talvez morem no mesmo bairro. Parece-me bastante óbvio que também conhece o local onde a vítima foi encontrada. Sem dúvida que teve oportunidade de percorrer a zona da chaminé, descobrindo que é possível subir mesmo até lá acima. Disse «ele» porque, neste género de casos, no limite do macabro e do grotesco, a maior parte das vezes o criminoso é um homem. A minha hipótese também é baseada na força física necessária para transportar o rapaz até ao topo da chaminé. O estado em que deixou o cadáver, e a posição em que o deixou, deixam adivinhar uma espécie de ritual. O assassino não tem vergonha do ato que cometeu, pelo contrário, quer mostrar o resultado ao mundo.

Zack tinha pensado o mesmo ao chegar ao cimo da chaminé. Mas, se o assassino queria expor a vítima, havia mil outros lugares mais apropriados para o fazer.

– O bisturi, aparentemente utilizado, prova que o homicídio foi cuidadosamente planeado. Não é uma arma que se escolha ao acaso. Vendo as coisas deste ângulo, o agressor também teve prazer em torturar a vítima. Mas, como eu disse, procurem nas proximidades, é o conselho que vos dou.

Uma agente fardada na primeira fila ergue a mão.

– Acha que ele vai voltar a atacar? – pergunta.

Östman hesita.

– Sim, creio que sim. Tal ato tem uma carga emocional muito forte e isso é viciante.

Douglas torna a levantar-se.

Ouve-se o sussurrar da seda do fato que veste.

– Os *media* já estão a par do caso, por isso não podemos perder um minuto que seja. É importante evitar, a todo o custo, que os jornalistas nos passem a perna entrevistando a testemunha e outras pessoas chave antes de nós.

Douglas bate palmas.

– *Okay*, os outros sabem o que têm a fazer. Não vos empato mais.

As mãos de Zack ainda estão a tremer quando se levanta. Ele, pelo menos sabe exatamente o que vai fazer.

– Almoçamos juntos? – pergunta Deniz.

– Hoje não – responde Zack.

Vê que a colega está à espera de uma boa justificação.

– É que tenho de resolver dois ou três assuntos pessoais. Encontramo-nos no escritório daqui a uma hora, *okay*? Depois tenho de ir aos Assuntos Internos.

Deniz tenta interpretar o olhar de Zack.

– Claro, não há problema – acaba por dizer, e vai dar uma palmadinha nas costas de Niklas.

Zack espera que os dois desapareçam no elevador para se dirigir à casa de banho das pessoas com deficiência ao fundo do corredor.

Tira do bolso das calças de ganga um pequeno saco transparente. Aquele que estava escondido no livro de Abdula.

Sabe que seria melhor abster-se. Têm um assassino de crianças para caçar. E vai ter de levar com um interrogatório da polícia dos polícias.

Tanto pior.

Preciso disto.

Ajoelha-se no chão e despeja um pouco do pó na tampa da sanita.

O rapaz olha para ele, confuso, com o olho que lhe resta.

Por favor, não faças isso. Ajuda-me antes.

Eu vou ajudar-te.

Só preciso de pôr o cérebro a trabalhar.

Zack não tem ânimo para fazer uma linha como deve ser e forma dois montículos irregulares com os dedos trémulos. Saca então uma nota enrugada de vinte coroas e enrola-a para fazer um canudo deformado.

Snifa o primeiro montículo.

O olhar do rapaz já não é implorante, mas reprovador.

Amedrontado.

Snifa a segunda. Humedece um dedo que passa sobre a tampa da sanita para não deixar nada, lambe-o, senta-se com as costas contra o autoclismo e fecha os olhos.

A pedrada não é tão forte como esperava, mas não se atreve a snifar mais.

É suficiente.

O caso vai resolver-se.

Estás a ouvir? Vou ajudar-te.

Levanta-se e vê-se ao espelho. Saca do bolso de dentro do casaco uns óculos escuros.

Já tinha dito aos colegas que suporta menos a luz forte. Que lhe faz mal aos olhos lá fora por causa do reflexo da neve.

Naquele dia não há propriamente muita luz, mas neve não faltava ao lado da fábrica de cimento. Bastar-lhe-á dizer que naquele momento os olhos estão particularmente sensíveis.

Inclina-se para o espelho. Examina os olhos.

Não se conseguem distinguir as pupilas por detrás das lentes fumadas, a menos que se esteja muito perto. E Zack não deixa que ninguém se aproxime assim tanto.

⁹ Bolinho rebatizado como «bola de chocolate» (*chokladboll*) para evitar qualquer interpretação de discriminação racial. (*N. do T.*)

CAPÍTULO 7

AS CALÇAS DE LÃ ARRANHAM-LHE A PELE e a camisola vermelha pica-lhe o pescoço. Ainda assim, Niklas Svensson não pode deixar de sorrir.

Está sentado à secretária no *open space* e percorre lentamente as fotos que a mulher, Helena, acabou de lhe enviar por *e-mail*. Fotos das férias que passaram em Maiorca no final do verão.

Detém-se na terceira imagem, amplia-a para ecrã completo.

A luz de fim de tarde faz o mundo vibrar na foto. O mar raiado de laranja ao pôr do sol, sombras alongadas perfilam-se na praia onde os guarda-sóis foram fechados. À beira-mar, os três filhos divertem-se com uma grande bola amarela.

Niklas olha ternamente para eles.

Lukas, de nove anos, o sensato, aquele que manda no jogo e dita as regras. Emma, de seis, a maria-rapaz, de cabelos revoltos que se recusa a pentear. E Tim, o mais novo, com quatro anos. Veste uma *T-shirt* para o proteger dos escaldões e está extasiado por poder brincar com os mais velhos.

A vida ao sol, onde sabe bem viver.

Onde nos encontramos longe, muito longe, do frio e da morte.

Volta a pensar no rapaz assassinado. Esquartejado para servir de pasto às aves, no cimo da chaminé de uma fábrica imunda.

Uma criança da mesma idade de Lukas.

Fecha o *e-mail*, com medo de envenenar as memórias das férias com as horríveis imagens do rapaz.

A máquina de café resfolega no nicho reservado à cozinha e Niklas vê Sirpa Hemäläinen a vasculhar uma gaveta enquanto a caneca enche lentamente.

Estão sozinhos no escritório, Sirpa e Niklas. Douglas Juste está numa reunião das chefias e os outros encontram-se no terreno em busca de um indício que possa pô-los na pista do agressor.

Um som metálico fê-lo virar a cabeça: Sirpa deixou cair uma faca e Niklas ouviu-a praguejar em finlandês enquanto a apanha com dificuldade. O frio do inverno parece fazer estalar ainda mais os joelhos arruinados da colega.

Niklas gostava que Sirpa encontrasse alguém com quem partilhar a vida, alguém que lhe permitisse ter uma vida para além do trabalho.

Sirpa só tem o cão, *Zeus*, que não se deve divertir muito. Sirpa já não tem forças para dar longos passeios com o animal. Isto quando está em casa...

Niklas volta a pensar no rapaz.

Alguém foi capaz de lhe cortar a garganta.

Como é possível fazer tal coisa a uma criança?

Mas Niklas sabe a resposta. E teve a confirmação muitas vezes. Quando alimentamos alguém com atrocidades e ódio suficientes, esse alguém, ao crescer, é capaz de se transformar num carrasco.

Têm lá em casa, na biblioteca, um livro infantil que Niklas leu a todos os filhos, a história de um monstro que destrói tudo no seu caminho até ao dia em que encontra uma menina que lhe dá um buquê de flores silvestres. A surpresa do monstro é ilustrada por um desenho em tons pastel com uma legenda que Niklas sabe de cor há muito tempo:

«Assim se prova que o bem pode afugentar o mal.»

Guarda esta máxima na mente como uma espécie de farol na educação dos filhos.

Alguns colegas lembram-no de vez em quando que trabalha «apenas» a oitenta por cento por todos os dias ter de ir buscar os filhos. Sobretudo Deniz.

Deniz faz com que às vezes sinta que está a abandonar os colegas.

Seria melhor regressar a casa quando os filhos já estivessem a dormir?

Isso sim, seria abandono.

Niklas torna a clicar na foto da praia e só tem um desejo: sair do escritório e ir buscar os filhos à escola e ao infantário, só para os abraçar. Longamente.

Apesar disso, permanece sentado.

Primeiro o trabalho. A família vem depois.

Precisam de mim em muitos sítios, pensa, e eu devia estar contente por causa disso.

CAPÍTULO 8

SÃO CINCO E MEIA, e a relativa euforia de Zack transformou-se rapidamente em nervosismo extremo. Não consegue estar quieto. Ah! se ao menos o inverno já tivesse acabado, podia ir dar uma volta na sua *Suzuki Hayabusa* para aclarar as ideias, mas a moto preta com reflexos vermelhos está na garagem, à espera do bom tempo.

Incapaz de se concentrar no caso, Zack está demasiado irritado depois do interrogatório a que foi submetido pelo Departamento de Assuntos Internos, conduzido duas horas antes por Åke Blixt e por Gunilla Sundin, da Inspeção da Polícia Nacional. Dois chefes de escoteiros que não tinham mais nada para fazer além de tentar tramá-lo.

Porque não disparou para a perna do ladrão, como determina o regulamento?

Porque ele tinha a pistola na mão, não no pé.

Mas podia tê-lo atingido na cabeça provocando-lhe a morte.

Só que isso não aconteceu.

Mas podia ter acontecido.

Não falho o alvo àquela distância.

Foi uma atitude muito irrefletida da sua parte. Lembremos-lhe que havia várias pessoas por perto, incluindo um recém-nascido.

Evitei um roubo.

Devia ter seguido o regulamento.

Nesse caso, o tipo poderia ter disparado contra mim e contra os outros.

Vamos pedir-lhe que nos entregue a sua arma de serviço até ao final da investigação.

Zack passa as mãos pelo cabelo louro encaracolado e olha para os colegas. Sirpa Hemäläinen e Niklas Svensson não saíram dos computadores, ambos embrenhados no trabalho.

Vira-se para o ecrã. Consulta as páginas de notícias dos jornais *online* e começa a ler sobre o homicídio da criança, mas não consegue ficar quieto, rodando na cadeira de escritório.

Vamos lá, pensa. Concentra-te.

Levaram a cabo todas as verificações de rotina sem encontrar a mais pequena pista. Bateram às portas, esquadrinharam o terreno com cães, passaram em revista todo o género de bases de dados, mas continuam a não ter qualquer ideia da identidade do rapaz. O desaparecimento dele não foi assinalado em lado nenhum.

Como pode uma criança desaparecer durante dias, até semanas, sem que ninguém avise as autoridades?

Deniz foi falar com um membro da família do rapaz de dez anos que terá sido levado para o Iraque. Esperemos que isso dê alguns frutos. Será que a viagem do rapaz acabou em Stocksund?

Zack roda cada vez mais rápido na cadeira. Fecha os olhos. Não ouve nada a não ser o barulho da ventoinha do computador e Sirpa a teclar: sons que se lhe espalham pelo corpo como irritantes picadas de formigas.

Tem de sair. Tem de parar de andar às voltas, literal e figurativamente. Tem de fazer alguma coisa, um único passo que seja que o aproxime mais da verdade.

Olha para o cabide e para o blusão.

O livro ainda está no bolso interior.

Com o saco.

Não.

O telemóvel toca.

– O rapaz está vivo e no Iraque – anuncia Deniz. – A mulher com quem tenho falado está desesperada. Falou ontem durante uma hora no Facebook com o pai da criança. Parece que levou o filho para se juntar ao Estado Islâmico. O rapaz só tem dez anos.

– Mais um louco – diz Zack. – Mas penso que não estamos a falar do mesmo rapaz, pois não?

– Não. Vou agora mesmo fazer um relatório à Säpo¹⁰ e volto mais tarde.

Zack pega na caneca e vai tomar o nono café do dia.

Depois abre o *e-mail* com a nova foto do rapaz, a que foi retocada para mostrar como era quando estava vivo.

Danne Simonsson, o técnico informático, fez um bom trabalho. A ferida e a congelação foram apagadas e o rapaz tem novamente cores nas faces magras e vida nos grandes olhos castanhos.

O rosto tem as feições infantis de alguém que tem toda uma vida pela frente. O cabelo é espesso e os lábios estão entreabertos, como se o rapaz fosse dizer alguma coisa.

Quem és tu?, pensa Zack. Nascestes cá? Tens pai e mãe na Suécia? Se tens, porque é que não comunicaram o teu desaparecimento?

Talvez porque não confiam na Polícia. É um sentimento comumente partilhado por aqueles que fugiram da brutalidade dos regimes totalitários.

Ou vieste para cá sozinho, para um país onde pensaste que estarias a salvo?

Que terás passado ao certo?

A porta abre-se e Zack vê Koltberg entrar com fotos ampliadas na mão.

– O Douglas está cá? – pergunta, evitando propositadamente olhar na direção de Zack.

– Estou aqui – responde Douglas, saindo do seu gabinete.

– Bem, vem dar uma vista de olhos a estas fotos – diz Koltberg.

Espalha três fotografias a cores numa mesa e Douglas pede a Zack, a Sirpa e a Niklas que se aproximem.

Zack vê Sirpa a fazer um esgar de dor quando se levanta.

– Como vai isso? – pergunta.

– Vai-se andando – responde Sirpa, fazendo um gesto com a mão a desvalorizar o seu estado enquanto se junta a coxear a Douglas e a Koltberg.

As imagens representam diferentes partes do rosto e do peito do rapaz. Ensanguentadas, sem retoque.

Koltberg aponta para o grande plano do pescoço da criança.

– Veem as marcas azuis em semicírculo no pescoço e os pequenos buracos na pele? São marcas de dentes humanos.

Os outros inclinam-se para ver melhor.

– Estás a dizer que um ser humano lhe mordeu? – pergunta Niklas com incredulidade.

– Sim, e a julgar pelo tamanho dos dentes e pela largura do maxilar, foi um adulto.

– Basicamente, temos um psicopata à solta que acha ser um vampiro – resume Zack.

– Hipótese interessante – responde Koltberg. – Acho que devias trabalhar nisso.

Depois vira-lhe as costas e indica outra foto.

– O rapaz apresenta as mesmas marcas na nuca e na parte de trás de um dos ombros, e essa mordidela é bastante interessante. Como sabem, as impressões dentárias são únicas. Se prendermos um suspeito, será fácil saber se foi ele ou não. Mas mesmo assim é necessário que a mordidela seja suficientemente clara. Vou examinar isto mais pormenorizadamente ainda hoje.

Niklas não consegue tirar os olhos daquelas imagens.

– Sabemos ao certo a dor que o rapaz teve de suportar? – pergunta. – Estava vivo quando essa pessoa lhe mordeu?

– Sim – responde Koltberg.

– O que faz dele o quê? – intervém Deniz. – Uma espécie de Freddy Krueger com garras em vez de facas nas luvas. E que, além disso, morde. Parece demasiado rebuscado.

– Não te esqueças do bisturi – diz secamente Koltberg. – Que foi o que *de facto* matou o rapaz.

É preciso que alguma coisa aconteça, pensa Zack. *Continuamos num impasse.*

– Esta noite, se não me engano, há «Crimes da semana» em direto – diz, olhando para o relógio. – E se mostrássemos uma foto do rapaz: não uma daquelas, mas a que foi retocada? Não precisamos de dizer que está morto, apenas que estamos à procura de informações sobre ele.

Douglas fica em silêncio por um momento. Parece procurar outra solução, mas depois acena brevemente com a cabeça.

– Vou contactar os *media*.

Zack permanece junto da mesa com as fotografias enquanto os outros voltam para os seus postos de trabalho.

Olha para o pescoço cortado, mas já não vê o rapaz.

Vê a própria mãe.

Ela também estava deitada num banco de metal com o pescoço cortado. Depois de ser abandonada ao frio para morrer afogada no próprio sangue.

Pensa na pasta que escondeu em casa com os documentos sobre a investigação do homicídio da mãe, que nunca deu em nada.

E agora aquelas imagens.

Todo o seu ser clama por uma resposta.

¹⁰ Abreviatura de *Säkerhetspolisen*. Serviço de Segurança Sueco. (*N. do T.*)

CAPÍTULO 9

A PIZA *CAPRICCIOSA* PESA-LHE NO ESTÔMAGO, embora só tenha comido metade, o resto ficou na caixa de cartão na mesa de café, ao lado das duas latas vazias de *Coca-Cola* e de uma tigela de muesli ressequido que data da semana anterior.

Vivo como um drogado, pensa Zack.

Agita-se constantemente no sofá do estúdio sem encontrar uma posição confortável. Correr dez quilómetros ou fazer uma sessão de treino intensivo far-lhe-ia bastante bem, mas nem sequer tem forças para se levantar.

Devia ir buscar a pasta com os documentos sobre o homicídio da mãe. Fazer isso por ela. Mas nem isso consegue, não tem forças. Ou não tem vontade. Será que não se atreve?

Volta a virar-se no sofá.

Sabes o que precisas de saber.

Não, isso é mentira.

O olhar está como que magnetizado pelo canto ao lado da escrivaninha onde a carpete amarela de linóleo está um pouco levantada.

É aí que fica o seu esconderijo. Com a sua pequena farmácia pessoal.

E, naquele dia, o médico prescreve uma boa dose de benzodiazepinas.

– Não! – protesta enquanto se levanta do sofá.

Tenho de resolver esta cena do rapaz.

Não posso tocar nesta merda.

Abre o guarda-fatos, pega na velha caixa de ferramentas de ferro do pai e procura a pistola agraphadora. Em seguida ajoelha-se e agrapha a carpete.

Clique, clique, clique.

Dez agraphos. Vinte.

Pronto, agora já não consegues mexer-te, maldita carpete.

Levanta-se e contempla o que acabou de fazer. É horrível. Agrafos por todo o lado. Parecia que um miúdo de três anos tinha andado a brincar com o agraphador.

Apesar disso, o esconderijo está selado.

Volta a recostar-se. Pega no telemóvel, envia um SMS a Mera para lhe dizer que vai trabalhar até tarde e que não vão ver-se nessa noite. Depois liga a televisão e percorre os canais. Só há imbecilidades. Programas de culinária ou sobre tesouros que as pessoas desencantam nas próprias casas, assim como repetições de *reality shows*, cada um mais lamentável do que o outro.

E se arrancasse os agrafos?

Contém-se.

No chão há algumas revistas mensais e dois livros que trouxe da biblioteca da última vez que foi lá com Ester. Pega no primeiro. Um livro norte-americano que descreve o caminho para a sabedoria interior. Ester escolheu-o especialmente para ele.

«Acho que este livro é para ti» – declarara.

Zack folheia-o, lê uma página ao acaso, a meio de um capítulo; a acumulação de clichês é insuportável e, cinco linhas depois, atira-o ao chão.

Ester.

É simpático da parte dela querer ajudá-lo.

Devia ser ao contrário.

Zack gostava que Ester lhe batesse à porta naquele preciso momento a pedir-lhe ajuda para fazer os trabalhos de casa. Pelo menos teria algo a que se agarrar.

Vai buscar outra lata de *Coca-Cola* ao frigorífico e senta-se no sofá quando se ouve o genérico de «Crimes da semana».

Um quarto de hora mais tarde, é mostrada a foto do rapaz e o apresentador pede aos telespectadores que liguem se o tiverem visto ou se souberem alguma coisa acerca dele.

A central telefónica está pronta para receber as chamadas.

Vamos lá, pensa Zack, que isto nos dê uma pista...

O apresentador passa a outra história e o telemóvel de Zack começa a vibrar no bolso.

É Douglas Juste.

– Uma mulher acabou de ligar a dizer que pode identificar o rapaz. Trabalha no centro de acolhimento de refugiados Solskenet, em Upplands Väsby. Podes ir lá agora mesmo com a Deniz?

CAPÍTULO 10

AS BAIXAS NUVENS NOTURNAS desfilam como fantasmas pelo céu sombrio e o termómetro cai para vinte graus negativos quando Zack e Deniz saem do carro na Bergstigsvägen, em Upplands Väsby.

Aproximam-se do edifício de tijolo e Deniz bate à porta.

Já são dez e meia, mas Douglas disse-lhes que a mulher não se incomodava com uma visita tardia.

Uma sombra passa do outro lado da porta de entrada em vidro azul fosco e uma mulher magra, com cerca de sessenta anos, abre-lhes a porta. Usa óculos com armação grossa e cabelo castanho pelos ombros.

– Margareta Svensson? – pergunta Zack.

– Boa noite, entrem depressa e aqueçam-se – diz a mulher com voz rouca antes que pudessem apresentar-se.

Cheira a tabaco cediço e o mobiliário é funcional: candeeiros *Louis Poulsen*, uma poltrona *Lamino*, cartazes do Museu de Arte Moderna nas paredes.

Instalam-se na sala de estar e Margareta Svensson pega imediatamente num maço de *Blend Smooth* de mentol e bate-lhe por baixo para tirar um cigarro.

– Não se incomodam que fume, espero?

Margareta acende o cigarro antes de terem tempo de responder, dá uma grande passa e tosse para o braço dobrado.

– O meu marido morreu de cancro do pulmão há três anos. Ambos fumávamos sem parar e um dia acabamos por pagar por isso. Mas agora que ele se foi, não tenho forças para deixar. O que tiver de acontecer, acontece – diz em tom fatalista.

Zack observa-a. O rosto tem a tez cinzenta de uma fumadora inveterada, mas os olhos são vivos.

Deniz presenteia-a com uma foto que imprimiram e pousa-a na mesa.

– O nosso chefe, Douglas Juste, disse-nos que reconheceu este rapaz.

– Claro. Chama-se Ismail Dakhil e é do norte do Iraque. Bom rapaz, tímido, inteligente. Aprendeu depressa a falar sueco e ainda melhor os números. Tem uma memória realmente impressionante para números. E tem cá um feitio! Era o bom e o bonito se algum dos outros miúdos lhe tentava tirar um brinquedo. Ai, ai!

Lança uma risada rouca que rapidamente se transforma num ataque de tosse.

– Posso saber o que fez o Ismail – pergunta, sem fôlego –, para que queiram deitar-lhe a mão?

– Já lá vamos – responde Zack. – Quando chegou à Suécia?

– Deve ter sido na primavera do ano passado. Seja como for, estava no Solskenet no início de junho. No dia em que chegou, por sorte, tínhamos lá um intérprete. Embora «sorte» não seja o termo certo. Às vezes era preferível não ouvir todos os horrores que aquelas crianças tiveram de suportar.

Margareta dá uma passa no cigarro antes de prosseguir:

– O Ismail é yazidi. Faz parte de uma minoria religiosa que os assassinos do EI decidiram erradicar. O que está a acontecer, lá nas montanhas, é tão horrível como o que aconteceu no Ruanda. Mataram o pai do Ismail com um facalhão à frente dos olhos dele. E a mãe...

Dá um toque no cigarro para cima do cinzeiro verde-garrafa e observa os dois.

– Conhecem a expressão *jihad al-nikah*?

Ambos abanam a cabeça.

– *Nikah* significa «casamento». Um imã celebra uma união de faz de conta, enquanto o diabo esfrega um olho, e então sai da tenda enquanto o homem viola a mulher. Depois, o imã decreta o divórcio e a mulher está pronta para a próxima união e para o próximo divórcio. Estas mulheres são, todos os dias, casadas à força com homens diferentes.

– É repugnante – afirma Deniz.

– Isso é o mínimo que podemos dizer. Mas foi esse o destino da mãe do Ismail. O rapaz conseguiu ir de avião para Itália com quatro

outras crianças. Queriam alcançar o norte da Europa, mas o Ismail foi o único a conseguir chegar à Suécia.

– Como assim?

– Diz que foi ajudado por pessoas «simpáticas».

Assinala aspas com os dedos, para mostrar que não se deixou enganar.

– Não acreditou por um segundo na versão dele? – pergunta Zack.

Margareta Svensson dá uma nova passa e expira o fumo por um canto da boca.

– Há quinze anos que trabalho com refugiados e, se há uma coisa que aprendi, é que não existem passadores «simpáticos».

Esmaga a beata no cinzeiro e retira imediatamente outro cigarro do maço.

– Se calhar pensam que o Ismail viu atrocidades que cheguem para o resto da vida, certo? Mas parece que a Suécia vê as coisas de maneira diferente. Porque os nossos magníficos Serviços de Imigração acham que basta devolver as crianças à sua proveniência, no norte do Iraque. Consequentemente, este outono, o Ismail viu ser-lhe recusado o pedido de asilo.

– Que foi que o rapaz fez? Fugiu? – arrisca Zack.

– Não. Um dia demos com ele na casa de banho com os pulsos cortados. Depois disso foi várias vezes ao pedopsiquiatra e, de repente, recuperou a alegria. Foi uma coisa completamente inesperada para nós.

– O que aconteceu?

– Não sabemos. O Ismail desapareceu três dias depois e, a seguir, passaram quase duas semanas até eu voltar a ter notícias dele. Ligou de um número anónimo no final de novembro, a dizer que estava tudo bem. Que estava outra vez com uma pessoa «simpática». Quis saber alguns pormenores, mas fiquei com a impressão de que o Ismail fingiu não perceber as minhas perguntas para evitar ter de responder. Desde então que não tenho notícias dele.

– Ficou com a impressão de o rapaz ter falado sob ameaça?

– Não.

- Em que data desapareceu?
- Diria que foi em meados de novembro. Podem consultar a data exata no registo.
- O desaparecimento dele devia ter sido comunicado – frisa Deniz. – A Polícia não conseguiu localizar o número de telefone do qual o Ismail ligou?

Margareta Svensson olha para Deniz e desata a rir.

- Que é que acha? Eles estão-se nas tintas para as crianças. Sobretudo as que desaparecem voluntariamente e que, como o Ismail, telefonam a dizer que está tudo bem. A Polícia lança um vago alerta durante dois meses, sem mexer um dedo, e então o caso é arquivado.

Zack e Deniz trocam um olhar.

Foi por isso que Sirpa não encontrou Ismail nas listas das crianças desaparecidas, pensa Zack. O nome dele já tinha sido retirado.

- Há apenas algumas crianças refugiadas que a Polícia se dá ao trabalho de procurar – diz Margareta Svensson. – Sabem quais são?

– Não.

- Aquelas que receberam ordem de expulsão por parte dos Serviços de Imigração. E neste caso, acreditem, as crianças põem-se logo a milhas, por isso o alerta é alargado para dezoito meses.

Deniz olha para baixo e segue-se um longo silêncio. Pela primeira vez, Zack ouve o tique-taque de um velho relógio de parede com pêndulo.

- Dito isto – conclui Margareta Svensson –, o Ismail não recebeu ordem de expulsão, por isso acho que algo lhe deve ter acontecido, uma vez que estão aqui.

Deniz olha para Zack, que assente.

- O Ismail foi encontrado ontem, morto, numa zona industrial – anuncia.

Margareta Svensson, que estava prestes a dar mais uma passa no cigarro, estaca em pleno movimento.

Tenta ler uma explicação nos rostos dos agentes antes de esmagar o cigarro no cinzeiro e se recostar no sofá. Tira os óculos, esfrega os olhos. Parece ainda mais magra, a pele mais baça.

– Tem alguma ideia de quem poderia querer fazer mal ao Ismail? – pergunta Deniz.

Margareta Svensson vira os olhos para a janela, para a noite.

– O mundo está cheio de pessoas que fazem coisas horrorosas às crianças – responde. – Mas querem saber se eu conhecia alguém em particular que gostaria de fazer mal ao Ismail?

– Sim.

Continua a olhar para fora e abana a cabeça em silêncio.

*

Houve tempo para uma fina camada de gelo se fixar no para-brisas. Zack encontra uma velha raspadeira entre as embalagens de guloseimas, no compartimento da porta do lugar do morto, e começa a raspar o vidro.

Deniz permanece por um momento na penumbra, como se a ausência de luz e de calor a ajudassem a esclarecer as ideias. Inspira o ar frio para os pulmões, sente o frio penetrá-la toda por dentro, mesmo até à medula.

Aquilo lembra-lhe os invernos no Curdistão. A neve caía em grandes flocos e bloqueava as estradas durante meses. Açoitava-lhe o rosto quando, dia após dia, Deniz montava guarda no telhado de barro e palha para verificar se a água não se infiltrava na casa.

Pensa no irmão mais novo, Sarkawt, e interroga-se se estará lá agora.

Em casa.

Será que as suas mãos ainda têm frieiras dolorosas por causa do frio, como quando era pequeno? Será que os homens do Estado Islâmico também alcançaram a aldeia? Será que jaz assassinado algures? Sozinho, hirtido pelo frio. Ou fez-se adulto, como ela?

Não quer pensar no irmão, não quer saber o que aconteceu à aldeia.

Talvez Sarkawt esteja morto. Brutalmente assassinado.

Como Ismail.

*

Chegam à cidade. Deniz quer falar com Zack, mas este responde com monossílabos, parecendo ausente. Fez deslizar as mãos para debaixo das coxas, o olhar vazio.

Deniz deixa-o sair na praça Fridhemsplan.

A neve recomeçou a cair, grandes flocos que o vento faz rodopiar.

– Passo aqui a buscar-te às oito. Vai para casa e dorme – aconselha Deniz.

Zack sai do carro, olha para a colega e diz:

– Só vou comer um hambúrguer antes.

Deniz vê o brilho da destruição a cintilar-lhe nos olhos.

Sabe que Zack não irá para casa. E não sabe como impedi-lo.

CAPÍTULO 11

ZACK PEDE A TERCEIRA CERVEJA e inclina-se sobre o balcão, sentindo a *T-shirt* colar-se-lhe à pele.

Dovas, o ponto de encontro dos bêbedos de Kungsholmen. Cadeiras baratas e mesas em laminado de cerejeira. Espelhos rachados por detrás de um balcão a imitar madeira. Uma caneca de meio litro de cerveja forte por vinte e oito coroas¹¹ e a clientela a condizer. Estudantes, jovens desempregados e frequentadores de bares de meia-idade, para sermos simpáticos.

Zack bebe alguns goles. Observa as marcas no copo mal lavado.

Que importa? Gosta daquilo, mergulhar no anonimato num bar que tem ambiente. O álcool, o calor e a algazarra dos outros clientes ajudam-no a relaxar. A vida torna-se mais suave.

– Ai!

Alguém lhe belisca as nádegas e Zack vira-se. Uma mulher de alguma idade, com olhos tão pintados que é de perguntar o que ainda poderá estar a tentar ocultar, pisca-lhe o olho. Usa um corpete preto brilhante demasiado apertado e parece ter tomado banho num perfume de baunilha dos anos oitenta.

– À tua saúde, meu tesouro! – lança-lhe, com um copo de vinho branco na mão.

Quer dizer que ainda havia pessoas que usavam aquele termo arcaico? Isso fá-lo sorrir e Zack brinda com a mulher.

– Eu e a Nettan vamos fazer uma pequena pausa para um cigarro. Depois já te damos atenção.

Nettan estica a cabeça atrás da amiga e lança a Zack um beijo com os lábios esticados. Já tem um cigarro apagado na mão, bebe uma grande golada de vinho, e as duas amigas precipitam-se para a saída.

Zack observa-as a afastarem-se. Lá fora estão vinte graus negativos e neva. Apesar disso, não deixam de sair para inalar a

sua dose de veneno.

Pensa no que Margareta Svensson disse, sobre o marido que morreu de cancro do pulmão.

Agora que ele se foi, não tenho forças para deixar. O que tiver de acontecer, acontece.

O cheiro do perfume doce ainda flutua no ar.

Aquilo fá-lo pensar em alguém.

Mãe?

E Zack fecha os olhos, revê o rosto sorridente da mãe. Está sentado nos joelhos dela, vê o peito subir e descer a cada respiração, sente a mão quente contra a sua bochecha, como uma carícia, depois como uma dor ardente.

Ouve-a gritar, a boca escancarada como a goela de um predador, e agora a mãe bate-lhe.

Outra vez.

A pasta escondida lá em casa, no apartamento. As fotos do cadáver ensanguentado dela. O pescoço cortado. E, desde então, a busca de Zack pela verdade.

A dor na face. Bateste-me, mãe. Muitas vezes.

Porquê?

Que será que não consigo ver?

Zack abre os olhos. *Não quero saber, pensa. Ainda assim, tenho de saber.*

Mas não agora.

Tenho de me concentrar no Ismail. Encontrar o assassino dele.

Em seguida aparece a figura do pai. No fim da vida tinha uma tez tão cinzenta como a de Margareta Svensson, exceto no nariz e nas faces, onde o eritema tomara a forma de uma grande borboleta.

Tinha lúpus, uma doença que no final lhe atingira quase todos os órgãos do corpo. Até acabar por lhe causar a morte.

O pai não foi responsável por aquela doença. Levou uma vida saudável, nunca fumou um único cigarro. A doença estava nele e bastou uma simples constipação para a desencadear.

Zack acaba a cerveja, abre caminho por entre tipos da sua idade a falar sobre um jogo de futebol da *Premier League* e vai à casa de banho.

Sai de lá um jovem com um bigodinho e uma camisa de flanela e Zack entra. A tampa está levantada e o tipo nem se deu ao trabalho de puxar o autoclismo.

Zack baixa a tampa, puxa o autoclismo e tira o saco do bolso de dentro do blusão. Começa com duas linhas, só que, mais uma vez, a droga não produz o efeito desejado, então snifa uma terceira. Depois uma quarta.

Cinco minutos depois, está sentado num táxi em direção aos subúrbios a noroeste, tentando aproveitar o bem-estar que deveria sentir depois de tantas linhas.

Mas nada acontece.

Não chega verdadeiramente a descolar. Tem a impressão de ver a cúpula iluminada muito lá no alto e de ficar preso a meio do caminho.

Coca de merda.

Cortada vezes sem conta.

Mas não devia ter sido. Devia ser coca da boa.

Será que o meu corpo criou habituação a isto? Ou terá o Abdula perdido o controlo sobre o que vende?

O táxi para à frente de um antigo armazém. Pequenas janelas sob um telhado de chapa ondulada, paredes de betão sem qualquer pintura.

Zack paga ao motorista em dinheiro, sai do veículo e começa a caminhar ao longo do cais de carga de um dos lados do edifício.

Um ruído surdo de baixos chega até Zack, que vê um feixe de luz iluminar o asfalto sempre que uma porta se abre.

Tira o gorro do bolso e afunda-o até às orelhas antes de se aproximar. Não há necessidade de os seguranças se lembrarem da sua cara.

No interior da discoteca há muita gente, mas Zack descobre quase imediatamente as costas largas de Abdula. Está em grande conversa com uma rapariga excessivamente maquilhada que usa um *top* tão minúsculo que parece a parte de cima de um biquíni.

A rapariga vê Zack e olha-o com tanta insistência que Abdula se vira.

– Zack, porra! – grita Abdula, abrindo os braços para o abraçar. – Mal entraste e já me estás a roubar as miúdas.

Algo não bate certo.

Algo nos olhos do amigo, pensa Zack quando Abdula o abraça com os braços enormes.

– Está tudo bem? – pergunta-lhe Zack ao ouvido.

Não vai queixar-se da qualidade da coca. Não naquela noite.

Abdula afrouxa o abraço.

– Claro que sim, porra, está tudo bem.

Vira-se para a rapariga.

– Emelie, apresento-te o meu melhor amigo, Zack. Eu sei, é bem giro, mas esquece, *okay*?

Emelie baixa os olhos. Não encara Zack quando se cumprimentam.

Abdula inclina-se para a rapariga.

– Tenho uma coisa a dizer ao meu amigo. Daqui a pouco já te ofereço uma bebida no bar, *okay*?

– *Okay* – responde a rapariga, ficando um pouco perdida enquanto Abdula arrasta Zack para o frio.

Caminham praticamente até à cerca congelada antes de Abdula parar. Está tão escuro que Zack tem dificuldade em ler-lhe os olhos.

– O que aconteceu? – quer saber Zack.

– Nada. Ou antes, não aconteceu nada agora. Mas esta manhã, no 7-Eleven...

– Sim?

Abdula fica em silêncio por um momento. Parece esforçar-se ao máximo para ganhar coragem para desembuchar.

– Ora bem. Quando aqueles dois idiotas entraram e um deles se pôs a exhibir a pistola, fiquei com medo. Um medo do caracas. Fiquei praticamente paralisado.

Eu sei, pensa Zack. Eu vi.

Depois diz em voz alta:

– Isso não tem nada de surpreendente. Os tipos agitaram a arma em todas as direções. Podia ter sido disparado um tiro a qualquer momento.

– Para com isso, Zack. Não passavam de amadores que precisavam de dinheiro. Mas nunca tinha tido um cagaço assim.

Zack permanece em silêncio. Espera que Abdula prossiga.

– Aconteceu alguma coisa quando me deram um tiro no verão que passou. Pareço atrasado. De vez em quando, quando menos espero, zás, fico assim. Aconteceu-me há uma hora, a caminho daqui. De repente fiquei petrificado, tinha a certeza de que a Polícia estava aqui à minha espera para me engavetar.

– E não te parece que isso vai passar? Só passaram seis meses desde que saíste do hospital.

– Isto está é cada vez pior. No princípio eu estava normal, mas agora pareço uma gaja tontinha que tem medo de tudo. E nem te conto os sonhos que tenho tido! Uma coisa doentia. Torturam-me como fizeram ao meu pai em Marrocos. Acordo com os lençóis encharcados.

Abdula crava fixamente o olhar na noite.

– Não sei o que hei de fazer.

– Sai daqui. Vai até ao estrangeiro. Apanhar sol.

– Não podemos volatilizar-nos do dia para a noite quando estamos neste ramo. Há muita arraia-miúda que só está à espera disso. E alguns desses tipos que querem o meu lugar são capazes de tudo. Não tenho alternativa a não ser controlar o meu território e cagar nisso. Sim, não é uma vida fácil, porra.

– Estás a pensar retirar-te?

– Para ficar como tu? Ou ir para uma caixa de supermercado ouvir os reformados a gemerem porque os iogurtes aumentaram?

– Já estou a ver a cena...

– Olha, mudando de assunto, tenho *marching powder* boliviana, qualidade superior, meu! Vamos, vamos testá-la juntos antes de congelarmos.

*

Duas grandes linhas mais tarde, na pista de dança, Zack tem finalmente a pedrada que esperava, aquela euforia onde tudo flutua, onde tudo parece límpido, onde o tempo parou de girar em torno do

seu eixo. A sensação de ser a pessoa certa no lugar certo. Um homem invejável.

Um gigante.

Quase um deus.

Amanhã desvendará o caso do rapaz. Zack sabe-o. E então tudo o resto vai resolver-se de uma assentada. Com Mera, com Ester, com Abdula, com a mãe, com toda a gente.

Vê os ombros de Abdula a estremecerem com uma gargalhada, mas não ouve a voz do amigo por causa da música. Zack imita-o. Está contente por Abdula estar outra vez bem. Sim, vai correr tudo bem.

Emelie aproxima-se novamente deles, acompanhada por uma amiga com olhos de gato e lábios inchados de *botox*. Dançam e fornecem logo copos e depois coca às raparigas, e continuam a dançar e as raparigas aglomeraram-se em torno deles, e na face de Abdula, a dor deu lugar à paz, e Zack plana, está calor, está-se bem, volta a ouvir Abdula rir-se e alguém lhe sorri e tudo o resto desaparece.

É ela.

A rapariga que já tinha visto numa discoteca, algures. No verão. Em Sundbyberg? Ou noutro lado qualquer? Não importa. Porque agora ela está ali.

Aquela beleza sobrenatural.

A herdeira.

Move-se como se dançasse na água. Tudo nela é suavidade, fluidez.

Encosta-se a Zack, que respira o perfume dela, um cheiro tão especial que julga reconhecê-lo. A rapariga aflora-lhe os ombros enquanto lhe lança um olhar insistente e Zack fica surpreendido ao descobrir que os olhos têm a mesma cor que os dele, um azul glacial.

Anca contra anca, Zack fecha os olhos, deixando-se levar pelo campo magnético que parece envolvê-lo. Ergue a cabeça, quer mergulhar o olhar no dela, mas a rapariga desapareceu da pista de dança.

Onde estás?

Já não está lá. Há apenas gente bêbeda a dançar por entre os cacos de vidro e as bebidas entornadas, e Zack grita ao ouvido de Abdula que vai para casa.

Abdula limita-se a assentir, as mãos nas ancas de Emelie. Zack não tem a certeza de o amigo ter compreendido, mas que importa? Pega no casaco e sai para o frio.

11 Aproximadamente 2,7 euros. (*N. do T.*)

CAPÍTULO 12

SENTADO À BEIRA DA CAMA DE LUKAS, Niklas Svensson acaricia-lhe suavemente a cabeça, depois faz deslizar a mão para a face quente do filho. Deitado de costas, Lukas dorme de boca aberta, o corpo relaxado, a respiração calma e profunda, depois de um dia muito preenchido entre a escola e o treino de *bandy*¹².

Niklas tem a pulsação acelerada depois do pesadelo que teve.

E sabe que aquele sonho vai persegui-lo até ao fim dos seus dias.

Estava com Douglas Juste no topo de uma torre sombria e procurava algo num saco. E quando Niklas abria o saco e olhara lá para dentro, não tinha visto um rapaz desconhecido, mas Lukas, que o fitava com um esgar.

O filho tinha o rosto coberto por uma fina camada de gelo de um azul transparente e, quando Niklas o observara mais de perto, os olhos de Lukas haviam-se mexido!

Niklas tinha tentado desesperadamente tirar o filho do saco, mas de repente estavam no mar e o gelo começara a rachar. A água escura subira à superfície, à medida que o gelo ia cedendo cada vez mais, e o saco começava a afundar-se. Niklas tentara com todas as forças agarrá-lo sob o olhar implorante de Lukas, prestes a naufragar nas profundezas.

Salva-me, papá!

Mas não tinha conseguido resistir à força que arrastou o filho para o fundo. Não foi capaz.

Acordou a gritar. Pelo menos foi o que lhe pareceu. Contudo, Helena continuava a dormir pacificamente. Teria gritado apenas no sonho?

Endireitou-se na cama, incapaz de permanecer deitado nos lençóis encharcados. Era preciso ir ver se nada tinha realmente acontecido a Lukas.

Depois de se ter certificado de que estava tudo bem, Niklas diz a si próprio que aquilo é que é a realidade. Um mundo que cheira a algodão fresco e ao calor das crianças. Onde os gritos apenas existem nos pesadelos.

Tu, Emma e Tim.

Que faria eu se alguém tentasse raptar-vos ou maltratar-vos?

Até onde seria capaz de ir?

*

São quatro e um quarto da manhã quando Zack roda a chave na fechadura do apartamento na Kungsholms strand.

Doi-lhe cada músculo, mas Zack está lúcido e dirige-se ao canto ao lado da escrivaninha para retirar a pasta com os documentos sobre o homicídio da mãe.

Mas que merda é esta?

A carpete que antes conseguia erguer é agora inamovível. Fixada por pelo menos vinte agramos.

Ah, as tentativas desesperadas de se manter limpo.

Mas porque é que não tirou a pasta antes? Não tinha olhos na cara ou quê?

Pega numa chave de fendas da caixa de ferramentas e retira laboriosamente os agramos. Quando consegue finalmente extrair a pasta do esconderijo, está encharcado em suor e vai buscar uma lata de *Coca-Cola* antes de se sentar no chão, encostado à cama.

Aquela pasta: o seu caso não solucionado.

O mais importante de todos.

Anna Herry, esfaqueada até à morte a 4 de setembro de 1992.

Zack tinha apenas cinco anos quando tudo aconteceu.

Era demasiado pequeno, mas suficientemente crescido para prometer que um dia encontraria o assassino da mãe.

Desde a primeira semana como aspirante a oficial de Polícia que tinha começado a desbravar os documentos da pasta e conseguira juntar algumas peças do *puzzle*.

Mas, desde então, a investigação progredia lentamente, apesar das centenas de horas gastas em pesquisas e entrevistas. Nos

últimos dois anos não tinha conseguido avançar um único centímetro.

No entanto, Zack sabe que a resposta está algures naquela pasta. Naquela cidade.

Inevitavelmente.

Mãe. Sempre foi capaz de evocar a voz dela.

Só que agora também a ouve a gritar.

Quando ela se zangava. Quando atirava coisas ao chão e berrava.

E lhe batia.

Com a palma da mão.

Na face, com extrema violência.

Tantas tareias.

Manchas de sangue no pijama.

Mas porquê? Que foi que eu fiz?

Zack não se lembra.

No entanto, lembra-se de estar deitado na cama.

O rosto virado para a parede, para que a mãe não o visse a chorar.

Mãe.

Porque me batias?

Terá sido uma coisa excecional? Por causa de uma estupidez qualquer que eu tenha feito?

Não, acontecia frequentemente.

Revê-se muito pequeno na sua cama, não, no chão da cozinha, a soluçar alto. Dói-lhe alguma coisa. Mesmo muito. Mas o quê?

Fecha os olhos, deita-se no chão, enrosca-se, tenta invocar as memórias.

Está deitado no tapete remendado da cozinha, cheira a queimado e Zack tem a sensação de ter o braço esquerdo a arder. O braço faz um ângulo bizarro.

Será que a mãe lhe bateu assim com tanta força?

Zack volta a sentar-se.

Se me batia a este ponto, deve haver registo algures. E decerto, por vezes devo ter tido de receber assistência médica.

Torna a fechar os olhos. Tenta lembrar-se de um hospital, de batas brancas, de braços engessados, de luzes fortes, do cheiro a desinfetante, mas não se recorda de nada.

De certeza que há uma maneira de saber.

E, de repente, Zack sabe como fazê-lo e fica surpreendido por não ter pensado nisso antes.

Vou pedir para consultar o meu registo clínico de quando era criança.

E vou obter as respostas... que talvez não queira ter.

*

A Kocksgatan, em Södermalm, está deserta, encravada entre fachadas altas que se erguem qual parede intransponível na noite de inverno.

Um *Saab* preto desliza lentamente sobre o asfalto gelado, deixando rastros na fina camada de neve fresca.

O carro trava e estaciona junto a um contentor de obras azul. Dois homens saem, deixam as portas entreabertas para não fazer barulho desnecessário e abrem a bagageira.

Custa-lhes erguer o enorme saco de lixo preto e carregá-lo mesmo até ao contentor. Depois de lhe darem algum balanço, atiram-no para o meio de cartão canelado, placas de gesso cartonado e canos de água velhos.

Alguns flocos de neve pousam suavemente no plástico do saco. E derretem por causa do calor.

12 Desporto de inverno, um antepassado do hóquei no gelo. (*N. do T.*)

CAPÍTULO 13

TERÇA-FEIRA, 20 DE JANEIRO

MAIS UMA MANHÃ em que Zack está quase a transformar-se num bloco de gelo e em que a sede do Comando da Polícia, de um cinzento sinistro, é tão acolhedora como um punhado de neve a atingir-nos a nuca.

Zack tinha apenas vinte e um anos quando ali começou a trabalhar. Queria aquele emprego e era inteligente. Um tipo dos subúrbios do sul promovido a inspetor da Polícia Criminal mais depressa do que qualquer outro.

No entanto, não pode deixar de pensar que não tivera grandes alternativas. Que não podia apresentar a demissão antes de ter demonstrado ser digno daquela patente.

Olha para as luvas. As mãos estão outra vez a tremer e Zack tem dificuldade em manter os olhos abertos.

Embora haja mais probabilidade de serem eles a despedir-me, pensa. Estou nas últimas.

No vestiário põe gotas de *Clear Eyes* para diminuir a sensação de ardor e a vermelhidão dos olhos.

Depois olha-se ao espelho. Inclina-se tanto que a ponta do nariz toca no vidro. Tenta ler quem é nas íris azul-aço dos olhos.

Mas já não se vê.

Vê-a a ela. A mulher da noite passada.

A criatura mais bela que alguma vez conheceu.

Depois de tê-la encontrado pela primeira vez, Zack vira a foto dela numa revista há alguns meses.

A herdeira do grupo Heraldus.

Como é que se chamava?

Esqueceu-se. Mais tarde, irá procurar na Net.

Zack afasta-se do espelho. Vê-se tal como está. Um agente nas últimas, que devia parar de pensar em mulheres inacessíveis e fazer

tudo para deter o assassino de Ismail.

E o da própria mãe.

Ah, é verdade! Tem de recuperar o registo clínico.

Procura o número do Conselho Regional de Estocolmo. Uma mulher amável põe-no em contacto com a pessoa certa.

Expõe o pedido. Sim, o registo clínico desde o nascimento.

– Ser-lhe-á enviado para a sua morada para a semana que vem.

Zack desliga, apanha o elevador até ao sexto andar e passa o cartão magnético no leitor para aceder à sala da Unidade Especial.

Deniz está à frente do computador, com o blusão de penas vestido. Por detrás da colega, Zack vê Sirpa Hemäläinen de camisola de malha e um grande lenço.

Oh, não, aqui vamos nós outra vez, pensa Zack.

Várias vezes, durante o mês anterior, o sofisticado sistema de ventilação do escritório avariou e expeliu ar frio como se estivessem em pleno verão.

– Pareces gelado, Zack – comenta Niklas Svensson ao vê-lo. – Não te preocupes, aqui dentro descongelas num instante: hoje conseguimos chegar aos catorze graus.

Niklas veste um polo preto por baixo de um casaco preto, ou seja, parece um agente funerário.

– Não era para ter sido consertado a semana passada? – pergunta Zack, sentando-se à frente do computador.

Junto da máquina de café, Rudolf Gräns sufoca uma risadinha ao ouvir a pergunta. Regressou do exame de rotina no hospital e parece em forma.

– Como é jovem e ingénuo, senhor Herry – diz com uma voz grave que induz respeito, com toda a experiência acumulada em sessenta e quatro anos de vida. – Um dia saberá que, para os eletricitas suecos, para a semana que vem significa para o mês que vem.

Rudolf carrega num botão do relógio. Uma doce voz de mulher anuncia:

«Sete horas e cinquenta e oito minutos.»

Meneia a cabeça por trás dos óculos de sol com lentes muito escuras e compõe o casaco bege.

– Senhoras e senhores, está na hora da reunião.

Os outros levantam-se e seguem-no. Ocupam os lugares habituais. Acompanhado por Sam Koltberg e Tommy Östman, Douglas Juste é o último a chegar. Zack tem dificuldade em decidir qual dos três tem o ar mais sombrio.

Douglas aclara a voz e abre a pasta preta em pele.

– Ótimo, ainda bem que estão todos aqui.

O olhar de Juste percorre os membros da unidade e aterra em Zack.

– E vejo que tu estás bem alerta.

É o género de frase que tem o dom de irritar Zack. Mas daquela vez fá-lo sorrir por dentro. É a primeira vez desde há meses que tem direito a um comentário irónico por parte do chefe. Será que o gelo entre ele e Douglas começa finalmente a derreter?

– Como todos sabem, ontem à noite tivemos a ajuda dos meios da comunicação. Zack e Deniz, a conversa com Margareta Svensson produziu algum resultado?

Ambos fazem o seu relatório e anunciam que têm um encontro com a proprietária do Centro de Acolhimento de Refugiados, Eva Strandberg, às dez horas, para recuperar os documentos sobre Ismail Dakhil e falar com outras pessoas que o conheceram.

– O Ismail telefonou para o centro no final de novembro a dizer que estava com uma pessoa «simpática» – acrescenta Deniz. – É a nossa única pista até agora.

– Muito bem – diz Douglas. – Vamos ver se conseguimos localizar a chamada. Sirpa, podes recolher todas as informações que os Serviços de Imigração possam ter a nível central sobre esse rapaz? Temos de saber o mais depressa possível se tem família na Suécia ou noutras partes do mundo.

– Já consegui apanhar um funcionário na sede, em Norrköping – responde Sirpa. – Vou ligar-lhe no fim da reunião.

Douglas vira-se para Koltberg.

– Em que dia é que o rapaz morreu? Avançámos mais alguma coisa em relação a esse assunto?

– Infelizmente, não. É como tentar descobrir quando foi posto um pedaço de carne no congelador. E as marcas dos dentes não são tão nítidas como eu pensava. Mesmo assim, enviei-as a um colega

do FBI para ver se me consegue reconstruir uma imagem que nos permita fazer uma comparação, se prendermos um suspeito.

– O FBI? – repete Douglas. – Porque não perguntar apenas aos estomatologistas forenses de Solna?

Koltberg respira fundo.

– Digamos que não estão propriamente ao mesmo nível, sobretudo num caso como este, onde precisamos de respostas rápidas. Julgo que não é por mais algumas coroas que...

Zack sabe o verdadeiro motivo. O novo chefe do serviço de estomatologia forense é uma mulher. Koltberg não suporta isso. É obcecado pelo FBI. As repetidas tentativas de contacto com os patologistas forenses do FBI, em Washington já custaram à Polícia sueca centenas de milhares de coroas.

– Não deve ser muito habitual um adulto morder uma criança – diz Niklas, olhando para Tommy Östman.

– Infelizmente, não é assim tão raro como isso – contrapõe Östman. – Quando um adulto morde outro adulto, pode ser um sinal de agressão ou então de excitação sexual. Mesmo que o corpo da criança não apresente sinais de violência sexual, não podemos descartar a possibilidade de estar diante de um homem com tendências pedófilas.

Zack volta a pensar nos ferimentos no corpo de Ismail. Nos lados, nas costas. Lacerações, arranhões. Alguém se divertiu a levar a cabo um jogo de morte sádico com o rapaz, como fazem os gatos com os ratos que caçam. Batem-lhes com as patas, empurrando-os. Deixam-nos correr um pouco antes de se atirarem novamente a eles. Com as garras.

Mas não era um rato.

Era uma criança.

Como Ester.

Vê-a no lugar de Ismail. Imagina-a a tentar voar, mas a rapariga cai no chão antes de ser dilacerada por uma arma de madeira que parece uma garra.

– Zack. Zack!

– Hã?

Zack levanta os olhos. Douglas olha-o insistentemente.

Será que as mãos lhe voltaram a tremer?

Lança-lhes uma olhadela. Não, estão imóveis.

– Não queres partilhar connosco os resultados da tua investigação, as listas das crianças desaparecidas, por exemplo?

– Não, isso não deu em nada.

Douglas olha para Zack por alguns segundos antes de prosseguir:

– A prioridade é reconstituir os últimos dias do Ismail em liberdade. Vamos começar pelo Centro de Acolhimento e esperar que os documentos e as conversas com o pessoal deem algum fruto. Em relação ao assassino, teremos de fazer uma busca alargada. Seria bom entrar em contacto com quem quer que seja que tenha lidado com o Ismail desde que pôs os pés na Suécia. E há urgência, não é, Tommy?

Tommy Östman assente.

– A satisfação sentida pelo assassino depois de cometer tal ato é, infelizmente, de curta duração. O que o leva a recomeçar.

Douglas reúne cuidadosamente os seus documentos e está prestes a encerrar a reunião.

– Alguém quer acrescentar alguma coisa? Rudolf?

Rudolf tirou os óculos escuros e esfregou os olhos.

Por enquanto, não conseguimos ver mais claramente do que tu, pensa Zack. Todos nos vemos forçados a forjar uma imagem pessoal daquele que procuramos.

– Não, não tenho nada a acrescentar, mas tenho muito em que pensar – responde Rudolf.

CAPÍTULO 14

A E4 ESTENDE-SE PARA NORTE, uma estrada coberta de sal que atravessa zonas sem vida e edifícios de escritórios, *stands* de automóveis e restaurantes de *fast food* desertos.

Zack olha para os montes de neve, já com várias semanas, manchados por estrias negras deixadas pelos escapes. Os leves flocos que caem não são suficientes para esconder a sujidade.

Sente câibras no estômago, que protesta sempre que Zack engole e lhe envia refluxo ácido para a garganta.

Devia comer, mas não é isso que deseja.

É outra coisa.

Zack tem necessidade daquilo.

Deixam a E4 e seguem na direção de Upplands Väsby. Depois da zona industrial continuam para leste, apanham a Vallentunavägen até um motel abandonado com um estacionamento para camiões.

Toda a zona está vedada por uma cerca alta. Há placas de fibrocimento soltas e várias janelas entaipadas com fita adesiva preta larga.

– Então é aqui que os vêm enfiar? – pergunta Deniz, abrandando.
– Parece uma prisão.

Zack indica uma placa um pouco mais longe.

– Também há aqui uma escola de condução. Foi por isso que puseram uma vedação à volta.

– Talvez, mas ao menos podiam ter-se esforçado um bocadinho. Do género «Bem-vindos à Suécia», ou assim.

– Não faltava sentido de humor a quem chamou Solskenet¹³ a este sítio – diz Zack.

Entram pelo portão aberto e estacionam em frente à entrada principal. Há beatas e embalagens de bombons e de tabletes de chocolate encravadas no gelo mesmo diante da porta.

No interior, na receção, há uma lâmpada fluorescente intermitente por cima de um balcão onde não se vê viva- alma. Na parede oposta, um quadro de avisos exibe informações sobre a festa de São João... do ano anterior.

Longos corredores sombrios partem de ambos os lados da receção, emanando um cheiro a mofo.

O esófago de Zack experimenta novo refluxo ácido.

Então era aqui que tu vivias, Ismail, pensa.

– Está tanto frio aqui como na nossa sala da Unidade – afirma Deniz.

Cruzam-se com um homem baixo e de cabelo castanho que os cumprimenta timidamente.

– Olá – diz Zack. – Sabe onde...

Mas o homem baixa a cabeça e continua o seu caminho.

Zack e Deniz escolhem aleatoriamente um corredor, na esperança de ir dar à sala do pessoal.

– É aqui – afiança Deniz à frente de uma porta acastanhada com uma pega de plástico.

Fechada.

– Vou dar um toque à dona disto. Pode ser que esteja com algum dos refugiados que aqui vivem.

Deniz pensa que Zack parece ter passado a noite num monte de neve. Tem o rosto lívido, os olhos vermelhos. A cabeça encolhida entre os ombros.

Quanto tempo vai aguentar neste ritmo?

Parecia ter encarreirado no final do verão e no início do outono, mas agora parece estar em queda livre.

Porquê? Deniz não faz ideia.

Devia ajudá-lo. Mas como?

– Vou dar uma volta – afirma ela.

Segue o ruído fraco de uma televisão e avança pelo corredor até chegar a uma sala de estar equipada com dois sofás de tecido verde, poltronas desemparelhadas, uma mesa de café e uma televisão gigantesca. Espalhados pelos sofás, quatro jovens e dois adultos assistem a um programa sobre carros e motores.

– Olá – cumprimenta Deniz, sorrindo. – Alguém fala sueco?

– Um pouco – responde um rapaz de pele escura, com cerca de quinze anos.

– Como te chamas?

– Muhammed.

– Eu chamo-me Deniz, estou aqui porque andamos à procura de um rapaz que vivia neste centro.

Dito isto, Deniz saca uma foto que pousa na mesa de café.

– É este o rapaz. Conhece-lo?

Muhammed examina a foto.

– Não, não conheço.

– Podes fazer o favor de traduzir a minha pergunta para os outros?

– Só dois é que falam a minha língua – responde Muhammed, apontando para um rapaz mais novo e para um dos adultos, um homem com a cabeça rapada e bochechas de buldogue.

Muhammed traduz a pergunta. O adolescente olha imediatamente para a foto, mas o mais velho olha para Deniz e diz alguma coisa a Muhammed em voz baixa.

– Quer saber quem tu és – diz o rapaz.

– Sou da Polícia – responde Deniz, mostrando-lhe a identificação.

Muhammed traduz. O tipo levanta-se e sai da sala sem dizer uma palavra.

Deniz olha para os outros. Estão preocupados. Sentem-se encurralados. Desconfiam das forças da ordem.

E isso é normal. Deniz ainda se lembra dos primeiros encontros com as autoridades suecas. A linguagem incompreensível, os formulários intimidantes, a preocupação constante de nunca saber o que vai acontecer. E como escolher o que dizer ou o que é preferível calar?

Na sua cidade natal, representantes das autoridades com documentos oficiais debaixo do braço eram sempre sinónimo de más notícias. Porque haveria de ser diferente ali?

Tenta falar em sueco, em inglês, até em curdo, mas isso não ajuda. No final, o outro adulto levanta-se por sua vez e sai da sala, não sem dizer uma frase que faz com que um dos adolescentes lhe siga imediatamente o exemplo.

Deniz segue-os com os olhos e, em seguida, repara num homem muito magro a flutuar em roupas demasiado grandes e que caminha colado às paredes do corredor. Parece ser da Somália ou talvez da Eritreia.

Está com medo, obviamente, como os outros, mas o olhar é diferente. Como se quisesse dizer alguma coisa.

– Olá – sorri Deniz, mas o homem vira-se e desaparece.

Zack entra na sala.

– A Eva Strandberg está a chegar. Diz que se enganou nas horas. Está a correr bem por aqui?

– Não descobri grande coisa – responde Deniz, sacando um cartão de visita que pousa na mesa.

Mostram de novo a foto de Ismail às outras três pessoas, mas continuam sem obter resultados. Em seguida, os saltos altos de Eva Strandberg martelam o corredor e Zack e Deniz vão ao seu encontro.

Eva tem cerca de cinquenta e cinco anos, está bronzada e veste umas calças de ganga muito apertadas e uma camisola de malha branca que lhe destaca o peito.

– São da Polícia? – pergunta, sorrindo-lhes com os lábios pintados.

Eva abre a porta da sala do pessoal com paredes azul-claras pintadas de fresco e sentam-se a uma mesa de jantar oval da Ikea.

Deniz mostra a Eva Strandberg a foto de Ismail e pergunta-lhe se o reconhece.

– Claro que sim. Oh, o pequeno Emanuel – responde. – Viveu cá durante vários meses. Um bom rapaz. Não era nada desordeiro como os outros.

Deniz olha para Eva Strandberg.

– Chamava-se Ismail. E está morto.

Eva Strandberg leva as mãos à boca e respira fundo.

– Meu Deus, que horror! Como é que isso aconteceu?

– Não podemos dizer-lhe. Mas precisamos da sua ajuda e da ajuda dos seus funcionários para conseguir algumas respostas. O Ismail confiava em alguém em particular?

– Não sei, mas as que tratam mais das crianças são a Jeanette Vrejne e a Margareta Svensson.

– Já conversámos com a Margareta – diz Zack.

Eva Strandberg recua, como se tivesse receio do que Margareta possa ter dito.

– Ah, muito bem. Ótimo.

– Mas também gostaríamos de conversar com a Jeanette.

Eva Strandberg procura o número no telemóvel e anota-o num *Post-it*. As unhas compridas bem cuidadas arranham a superfície da mesa quando escreve.

– Não está cá ninguém do pessoal hoje? – espanta-se Deniz.

Eva Strandberg demora a responder.

– Bem, uma funcionária despediu-se há pouco tempo e ainda não encontrei uma substituta. Foi por isso que me atrasei. Estava a fazer telefonemas que nem uma maluca para tentar encontrar alguém. Normalmente, temos pessoal dia e noite.

– «Normalmente»? Quer dizer que às vezes deixa as crianças que chegam sozinhas sem qualquer supervisão? – pergunta Deniz.

Eva Strandberg não responde.

Zack quebra o silêncio que se instalou:

– Precisamos de saber em que dia o Ismail desapareceu e quem estava a trabalhar nessa altura.

Eva Strandberg levanta-se e dirige-se a uma secretária perto da janela. Pega numa chave e abre uma gaveta.

– Disse que o rapaz desapareceu em que mês?

– Não se lembra? – pergunta Deniz.

– Meados de novembro – ajuda-a Zack.

Eva Strandberg folheia um dossiê.

– Ah, cá está – diz. – Na manhã de 17 de novembro, descobriu-se que Ismail Dakhil não estava no quarto dele. O desaparecimento foi comunicado nessa mesma tarde.

– Quem estava de serviço nesse dia?

– A Jeanette Vrejne.

Eva Strandberg devolve o dossiê à gaveta e volta a fechá-la à chave, mas quando se senta, o telemóvel toca.

Olha para o ecrã, depois para Zack e para Deniz.

– Há mais alguma coisa que possa fazer para os ajudar? Senão, se me derem licença...

– Não, já acabámos – afirma Zack, levantando-se.

Lá fora, o vento aumentou e a neve rodopia, elevando-se do chão.

Ao lado do carro de serviço de Zack e de Deniz está estacionado um *Range Rover* preto, último modelo.

13 *Solskenet* significa «raio de sol» em sueco. (N. do T.)

CAPÍTULO 15

DENIZ NÃO CONSEGUE CONTER A RAIVA durante todo o trajeto até à Folkungagatan, em Södermalm.

– Tens de comer alguma coisa. E eu também – diz Zack, estacionando à frente do Jerusalém Kebab, na Götgatan.

O ligeiro bruaá que reina naquele restaurante estreito tem algo de reconfortante. Tapetes orientais e canos de água adornam as paredes. Zack ouve falar sueco, árabe, inglês e pelo menos duas outras línguas que não consegue identificar.

– Há qualquer coisa que não bate certo – afirma Deniz depois de terem encontrado uma mesa. – Se o assassino entrou naquele centro e raptou uma criança que sabia que ninguém se daria ao trabalho de procurar, porque não enterrou o cadáver ou o escondeu num buraco debaixo do gelo? Porque correria o risco de virmos a encontrar o corpo?

– E porque terá escolhido logo aquela chaminé? – acrescenta Zack entre duas dentadas. – Também não foi por querer ser apanhado. Se o *drone* não tivesse sobrevoado o local, o cadáver podia lá ter ficado durante meses antes de ser descoberto.

– Temos de desvendar isto rapidamente – conclui Deniz –, se não queremos encontrar outras crianças naquelas condições.

Zack devora o *kebab* em menos de um minuto. Quando se levanta para ir à casa de banho, Deniz pergunta-lhe o que vai lá fazer.

A pergunta é feita em tom de brincadeira, mas Zack não se deixa enganar.

– Vou drogar-me, o que é que achavas? – diz antes de se afastar.

À frente do urinol, Zack desejou que aquilo fosse a verdade. Que lhe restasse um pouco de coca. As pálpebras pesam-lhe toneladas.

Mas não tem um grama de coca com ele. Além disso, deixou os óculos de sol no escritório. Deniz detetaria imediatamente a alteração nas pupilas.

Deniz está à espera do colega junto à porta. O corpo em ebulição.

– Vamos sair agora mesmo. Acabei de receber um telefonema de um homem que vive no centro de acolhimento de refugiados. Quer encontrar-se connosco o mais depressa possível.

*

As escadas rolantes que dão acesso à estação de metro de Kungsträdgården parecem intermináveis. A humidade escorre pela rocha vermelha e as pessoas que sobem das entranhas da Terra preparam-se uma vez mais para enfrentar o vento glacial de Estocolmo.

O homem está à espera deles num banco de madeira sob um grande mapa do metro. Deniz reconhece-o. Era ele quem caminhava apressadamente colado às paredes do corredor do centro de acolhimento, ao mesmo tempo assustado e tentando chamar-lhe a atenção.

Naquele momento parece apenas assustado. E arrependido por ter tido aquela iniciativa.

Zack e Deniz cumprimentam-no e o homem apresenta-se simplesmente como Said. Afasta-se para deixar que se sentem ao lado dele. Deniz junto dele e Zack mais afastado, para que o homem não se sinta encurralado entre ambos e não sinta o desejo de fugir.

Said olha furtivamente para Deniz e começa a falar num inglês áspero mas perfeitamente compreensível:

– Ouvi-a falar do Ismail.

– Exatamente.

– Vão prendê-lo?

– Não, o Ismail não é suspeito de nada. Só queremos saber o que lhe aconteceu.

Said assente.

– Algumas semanas antes do desaparecimento do Ismail, um homem chegou ao local onde moramos e começou a conversar comigo. Já o tinha visto, é fácil de reconhecer: tem cabelo louro comprido, mas não é uma cor natural como a sua – diz, olhando para Zack. – A princípio foi simpático, deu-me cigarros, perguntou-

me de onde eu tinha vindo. Passeámos por ali e ele disse-me que queria ajudar-me. Que podia arranjar-me um trabalho que me faria ganhar muito dinheiro. E sacou um grande maço de notas enroladas para me mostrar. Eram notas de quinhentas coroas. Nunca tinha visto tanto dinheiro na minha vida.

Said cala-se quando dois jovens se aproximam para consultar o mapa do metro. Espera que se afastem para prosseguir:

– O tipo disse-me que quase todas as crianças que chegam sozinhas à Suécia são reenviadas para o seu país natal. Depois disse-me que podia tomar conta delas. Certificar-se de que iam à escola. Mas que para isso tinha de infringir a lei. Então pediu-me para falar com as crianças sem dizer nada a ninguém e ajudá-lo a evitar que fossem mandadas de volta para casa.

Novo silêncio. Said abana a cabeça.

– Eu disse que ia pensar, mas não gostei da cara dele. Não tinha olhos simpáticos. Então ouvi coisas estranhas de pessoas que viviam há mais tempo no motel. Disseram-me que se autointitulava Leão e que quando as crianças brincavam lá fora ficava muito tempo sentado no seu *Skoda* vermelho a observá-las.

Seria a pista de que estavam à espera?

– As funcionárias não viram esse homem? – pergunta Zack.

– Isso é que é estranho. O tipo parecia saber quando não estava lá ninguém a trabalhar. Era assustador, como se tivesse poderes sobrenaturais e fosse um bruxo.

Ou porque tem um cúmplice lá dentro, pensa Zack.

– Pensava que havia lá pessoal vinte e quatro horas por dia – afirma Deniz.

Said ri-se.

– Oh, não. Estamos sozinhos a maior parte do tempo. Tento cuidar das crianças o melhor que posso. Jogo futebol com elas ou conto-lhes histórias, para passar o tempo. Acho que foi por isso que o Leão me contactou, a mim em particular.

Said aclara a voz antes de prosseguir:

– Alguns dias depois, voltei a vê-lo. Tinha ido a uma bomba de gasolina comprar um novo cartão *Amigos Afrika* para o meu

telemóvel. O tipo estava num pequeno bosque em frente ao estacionamento a conversar com o Ismail.

Uma composição de metro chega à estação. Volta a partir.

– À tarde procurei o Ismail. Queria avisá-lo. Bati à porta do quarto dele, mas não ma abriu. À noite dei a volta ao motel para ver se a janela estava aberta. Então ouvi um carro a chegar. Um *Skoda* vermelho.

Said fica em silêncio, como se tivesse medo de dizer mais. Olha para os sapatos.

– Que aconteceu a seguir? – quer saber Deniz.

– Fiquei com medo. Pensei que o homem do cabelo louro comprido pudesse ter poderes malignos. Não me atrevi a aparecer.

Finalmente, depois de um momento de silêncio, Said abana a cabeça, como que envergonhado da própria cobardia.

– Viu em que direção partiu o carro? – pergunta Deniz.

– Parou à frente do edifício. Depois ouvi a porta da frente a abrir-se e a porta de um carro a fechar-se. O *Skoda* arrancou e, no dia seguinte, o Ismail foi dado como desaparecido.

Zack e Deniz trocam um olhar.

O Ismail não fugiu.

Foram lá buscá-lo.

– Não viu a matrícula? – pergunta Zack.

– Não. Quando alguém cresce a ler tigrínia¹⁴, tem dificuldade em reconhecer os vossos caracteres latinos.

Zack inclina-se no banco de madeira e passa as mãos pelo cabelo.

Um *Skoda* vermelho.

Como se só houvesse um na Suécia!

Said pega num velho *iPhone* 3G todo riscado e passa o dedo no ecrã.

– Mas consegui tirar-lhe uma foto – acrescenta.

¹⁴ Idioma semita falado no norte da Etiópia e na Eritreia, onde é língua oficial. (N. do T.)

CAPÍTULO 16

OS POSTES DE ELETRICIDADE ILUMINAM A E20 com a intensidade das lâmpadas dos fotógrafos. O crepúsculo cai, ainda que sejam apenas 16h15, e Deniz pragueja quando um caminhão se põe mesmo à sua frente para ultrapassar um velho *Saab* com reboque carregado até acima.

Zack olha pela janela. Quem diria que Said, que receava os poderes malignos do tipo com longos cabelos descoloridos, tenha tido coragem de fotografar a matrícula do carro!

Era preciso haver mais gente como o Said, pensa.

A imagem está um pouco desfocada por causa da escuridão, mas a matrícula é perfeitamente legível.

YSR 130.

Zack consultou de imediato o registo de matrículas e deu com um *Skoda Octavia* de 2007, registado em nome da Nemaesus AB, uma empresa sediada em casa de um tal Emilian Petrescu, em Södertälje.

Nascido na Roménia em 1971, reside na Suécia desde 1989 e ganhou a cidadania sueca em 1995. Condenado repetidamente por roubo e furto, fraude, tráfico de droga, condução sob efeito de álcool e infrações ao código da estrada. Património declarado em 2014: oitenta e três mil e setecentas coroas. Dívida ao fisco por liquidar: duzentas e vinte e quatro mil coroas...¹⁵

Zack clica na foto tipo passe que Sirpa Hemäläinen lhe enviou. Um homem de cabelo curto, com queixo retraído que se funde com um pescoço estreito.

– Tenta ligar outra vez ao Douglas – pede Deniz quando passam pelo centro comercial Kungens Kurva.

Zack carrega no botão de chamada, mas vai parar ao *voicemail*.

– Continua a não atender – diz.

– É uma loucura não estar contactável numa altura destas! – exclama Deniz. – Quando estamos em plena investigação.

– Vamos avançar – afirma Zack. – Não vamos ficar para aqui de braços cruzados à espera de que o Douglas nos dê luz verde. Segundo o Östman, há outras crianças em perigo.

– Achas que o Petrescu é o assassino de que andamos à procura?

– Não, este tipo não tem realmente ar de leão. E também não tem currículo suficiente. Aposto que o Emilian Petrescu é o tipo que empresta o carro para raptos, sem participar neles. Por outro lado, talvez possa dizer-nos onde está o tal Leão, se lhe perguntarmos com jeitinho.

– Ainda bem. Porque se estivéssemos prestes a encontrar-nos com um psicopata que anda a assassinar crianças, preferia estar acompanhada por um colega armado – diz Deniz.

– Se aquecer demasiado, tenho outras armas.

– Ah, tens?

– O bastão e, se não resultar, estes dois – acrescenta, apontando para os punhos.

Deniz suspira, abanando a cabeça.

Porque, no fundo, confia em Zack, com ou sem pistola, e o colega sabe-o. Já em duas ocasiões lhe salvou a vida em serviço.

É quase noite quando viram para Södertälje. O GPS do *Volvo* dirige-os a uma pequena marina deserta e depois a uma zona residencial bem protegida a norte da cidade.

– É aqui – afirma Deniz, apontando para uma colina.

Meio escondida entre arbustos e árvores nuas, uma grande casa modernista que mais parece um caixão branco emerge da escuridão.

Passam devagar pela casa e, apesar dos ramos de árvores, veem luz para lá das grandes janelas.

A moradia tem vista para um lago e está um pouco isolada, com um bosque como vizinho mais próximo. Estacionam o carro um pouco mais à frente e regressam à casa a pé.

Duas mulheres de bengala aproximam-se pelo passeio oposto e um cão ladra ao longe.

Zack abre o portão de ferro forjado e os dois agentes sobem até à casa. Erguem os olhos para a janela, tentando captar o mais pequeno movimento.

Uma escadaria de pedra conduz a uma porta principal sem qualquer placa a indicar o nome do proprietário. Não há nada a decorar os peitoris das janelas. Nenhum trenó de criança encostado à parede. Não há pegadas no jardim coberto de gelo. Nada a não ser o acesso a uma garagem recentemente ensaibrado.

– Vamos tocar à campainha – afirma Deniz.

Um toque estridente soa numa divisão nas traseiras da casa.

Não ouvem ninguém a aproximar-se da porta.

Deniz volta a tocar.

Nada. Apenas silêncio.

– Tens a tua chave-mestra? – pergunta Deniz.

Zack pede à colega que vigie a rua enquanto se põe de joelhos e começa a mexer na fechadura.

Um minuto mais tarde, estão no vestíbulo e tentam descobrir se a casa tem um sistema de alarme. Parece que não. Não há cabos nem ecrã, nem luzes LED a piscar nas paredes.

Há um blusão de penas azul-marinho solitário pendurado num cabide. A sapateira está vazia.

Arriscam dar uma vista de olhos à sala de estar.

Vazia. Três cadeiras dobráveis em torno de uma pequena mesa sob um enorme lustre de cristal. Na parede há apenas um espelho grande e estreito e marcas deixadas por quadros e prateleiras.

Zack está prestes a entrar na divisão quando ouve um rangido.

Como pés a pisar um chão de madeira.

Um movimento no espelho.

Uma pistola a ser erguida.

Deniz e Zack procuram precipitadamente a segurança da parede que separa a sala de estar do vestíbulo. Zack ainda não teve tempo de se esconder e a primeira bala já está a assobiar. O seu pé direito é atingido antes de conseguir abrigar-se.

– Estás bem? – sussurra Deniz, puxando-o na sua direção.

– Acho que sim – responde Zack, olhando para a bota.

Pedaços da sola de borracha foram arrancados, mas a bala falhou os dedos do pé de Zack por milímetros.

Zack dá uma cotovelada na parede. O som é abafado. Uma parede mestra, provavelmente. Que vai aguentar mais um tiro de pistola.

Deniz conseguiu ligar o rádio e pede reforços em voz baixa.

Zack olha em redor. À esquerda do vestíbulo, junto ao bengaleiro, há duas portas. Uma é a da casa de banho. A outra tem uma fechadura de latão. Deve conduzir a uma cave.

À direita, o vestíbulo prolonga-se para uma divisão mais pequena, com um sofá e uma grande televisão montada na parede.

Zack fecha os olhos. Reflete.

Podem ter-nos visto pela janela ou através de câmaras de vigilância.

Nesse caso, já nos podiam ter aniquilado.

Será que só conseguiram ver um de nós?

Os segundos passam. Nem um ruído.

Zack inclina-se para Deniz.

– Julgo que só me viram a mim – sussurra. – Vamos aproveitar isso. Quando passar a soleira da porta para entrar na outra divisão, tu vais esconder-te atrás da porta da cave, no vestíbulo. Daí vais conseguir surpreender o atirador pelas costas.

Deniz tenta conceber um plano melhor, em vão.

– *Okay.*

Quinze segundos mais tarde, Zack lança-se. Dois tiros são disparados e lascas de madeira saltam do lambri da porta atrás dele quando Zack mergulha e rebola sobre os ombros.

Três novos tiros muito perto. Uma nuvem de pó liberta-se do sofá atrás dele quando uma bala trespassa o estofo.

Zack precipita-se para debaixo da televisão. Ouve passos rápidos algures nas suas costas.

Os tipos são dois. Pelo menos.

Meu Deus, não deixes que descubram a Deniz.

Ergue os olhos. Uma porta entreaberta ao fundo conduz a outra divisão. Zack lança-lhe uma olhadela. Um papel de parede florido,

três camas de campanha desfeitas, instaladas às três pancadas, uma janela com o estore corrido.

É disparado um tiro atrás de Zack.

Uma *Sig Sauer*.

A *Deniz*.

Zack ouve um homem a gritar de dor e a cair no chão.

Introduz-se na divisão com as camas de campanha. Vê à sua esquerda uma porta espelhada fechada.

Aonde conduzirá?

Desloca-se descrevendo um U. Pela lógica, aquela porta deveria conduzi-lo de novo à sala de estar.

O homem ferido continua a gritar.

Uma sucessão de novos disparos. Várias armas, diferentes calibres. Algo se desmorona no chão do outro lado da porta fechada. O lustre de cristal?

Uma cavalgada de passos.

Zack desdobra o bastão telescópico e descreve o caminho inverso, curvado, entrando na divisão da televisão. Quase esbarra com um homem gordo de calças de ganga e camisa de flanela que aparece a coxear.

Por um instante, trocam um olhar. Logo em seguida, com um golpe de bastão, Zack faz com que o homem solte a pistola, atingindo-o violentamente no nariz.

O tipo cambaleia, gritando, e vai de encontro à parede.

Ao fundo de uma das pernas consegue ver sob a ganga um buraco rodeado por uma mancha vermelho-escura e Zack percebe que se trata do homem atingido por Deniz.

Completa o trabalho pontapeando a perna ferida. O homem desmaia e, quando cai, bate violentamente com a nuca no chão.

Não volta a mexer-se.

Zack enfia-lhe na mão uma algema e prende a outra a um radiador de ferro fundido.

Novos tiros no corredor. Algo cai pesadamente no chão. Desta vez não se ouviram gritos.

Alguém foi abatido.

A *Deniz*?

Zack pega na pistola do homem, uma CZ checa, livra-se das botas e regressa à porta espelhada fechada, na divisão onde estão as camas de campanha. Baixa lentamente a pega e descobre, para seu alívio, que a porta não range.

Será que mataram ou não mataram a Deniz?

Só de pensar naquilo, Zack sente o chão a oscilar.

Concentra-te.

Empurra a porta alguns centímetros e arrisca uma olhadela.

A princípio, a divisão parece vazia. Zack abre um pouco mais a porta e então vê umas costas largas e uma comprida cabeleira loura.

O homem a quem Said chamou Leão.

Vestindo calças de algodão e um polar preto, o homem está atrás da porta que conduz à entrada, segurando a pistola à altura da cabeça.

Está à espera da Deniz, pensa Zack.

A Deniz está viva.

Ergue a CZ e aponta-a à mão do Leão que segura a pistola.

O braço treme-lhe.

Tenta segurar a arma com as duas mãos, mas estão demasiado agitadas. A alça de mira da CZ parece-lhe um pouco estranha, como se tivesse levado um golpe.

Se disparar agora, Zack tanto pode atingir o pescoço como a mão do Leão.

Da sala de televisão, uma voz grita numa língua estrangeira.

O homem que prendeu ao radiador com as algemas.

Devia ter-lhe dado com mais força, pensa Zack.

O Leão vira-se.

Zack aponta-lhe à perna, e o tiro atinge o chão ao pé de um dos sapatos do homem. O Leão responde ao disparo. Zack recua para a divisão onde estão as camas de campanha.

Outro tiro. O espelho da sala voa em estilhaços.

Zack lança nova olhadela à sala no preciso momento em que Leão e Deniz caem no chão. A colega conseguiu pôr um braço em torno do pescoço do homem e tenta, com o outro, afastar a mão com que ele segura a pistola.

Leão acotovela Deniz em cheio na cara, mas Zack já os alcançou. Pega na arma e torce a mão do homem com tanta força que as articulações estalam. Leão tenta gritar, mas Deniz está a apertar-lhe o pescoço e apenas se ouve um gorgolejo.

De joelhos, Zack bloqueia-lhe o braço atrás das costas. O homem é musculoso, mas falta-lhe preparação.

– Já podes soltá-lo – diz Zack a Deniz. – Está seguro.

Deniz hesita. Tem o nariz a sangrar e lança uma série de palavras.

– Agora solta-o, vá – repete Zack.

A colega afrouxa lentamente a pressão em torno do pescoço de Leão e rebola para o lado.

Na sala da televisão, o homem de camisa de flanela continua a gritar frases incompreensíveis. Zack obriga Leão a ficar deitado de bruços.

– Onde está o terceiro homem? – pergunta a Deniz.

– Está morto – responde a colega. – E o que está aos gritos? – pergunta por sua vez.

– Algemado. Sem arma.

Deniz limpa o nariz com a manga, pega nas algemas que tem à cintura e prende as mãos de Leão atrás das costas.

– Tens fita adesiva? – pergunta.

– No bolso esquerdo do blusão.

Deniz apalpa os bolsos, encontra o que procura e prende as pernas de Leão. Este não oferece qualquer resistência. Está deitado de bruços, em silêncio.

Tem o rosto enrugado e o cabelo descolorido apresenta raízes castanho-escuras.

– Zack – diz Deniz –, há qualquer coisa na cave.

– Outros homens?

– Não sei. Mas ouvi um barulho lá em baixo quando me escondi atrás da porta. Parecia uma criança a tossir.

Que disse o Said sobre o Leão? Ah, pois, que costumava ficar no carro a observar as crianças.

Não foi apenas o Ismail.

O Leão atraiu outras crianças.

Zack finca-lhe um joelho nas costas.

– Que há na cave? Responde!

Mas o Leão murmura palavras que Zack e Deniz não compreendem. Decidem arrastá-lo até à entrada. Zack caminha às arrecuas e por pouco não tropeça no homem morto, deitado de costas, que levou com uma bala por baixo de um olho.

Zack reconhece o queixo característico da foto tipo passe.

Fim do caminho para Emilian Petrescu.

Zack vira Leão para o forçar a olhar para o amigo morto e pressiona-lhe a pistola contra a cabeça enquanto Deniz o algema e o prende ao radiador de ferro fundido.

– Há cá outras pessoas? – pergunta Zack em inglês.

Mas o homem a quem chamam Leão não consegue tirar os olhos do morto.

Vão buscar o terceiro homem e prendem-no também ao radiador. Zack olha preocupado para a porta aberta da cave.

Que haverá lá em baixo?

Verifica o carregador da CZ. Mais três balas.

– Vigia-os – pede a Deniz –, vou ver o que há na cave.

CAPÍTULO 17

UMA LÂMPADA ECONOMIZADORA nua ilumina a escadaria íngreme. Zack desce devagar. Com a pistola apontada à sua frente.

A que cheira? A mofo, mas também a medo.

O medo na sua forma mais pura.

O que tu não deves ter sentido, Ismail.

Vários degraus rangem e Zack descobre uma porta trancada com uma barra de ferro logo depois do último degrau.

Um vago odor a excrementos filtra-se por baixo da porta.

Que será que me espera do outro lado?

Ergue a barra de ferro e empurra a porta. Maciça, pelo menos duas vezes mais pesada do que a porta de uma cave normal. A pega da parte de dentro da porta foi retirada.

Na penumbra, Zack capta um leve odor a suor e a sujidade. Um ar viciado, abafado, como se a cave fosse utilizada todos os dias como ginásio sem nunca ser ventilada.

E aquele outro cheiro.

O cheiro a latrinas.

Zack encontra um interruptor e liga-o.

Está no fim de um longo corredor coberto de tapetes e com manchas de humidade no teto. Várias portas fechadas pontuam as paredes de betão pintadas de cinzento e, mesmo ao fundo, há um lavatório sujo e uma torneira a pingar.

Zack abre a primeira porta. Uma lavandaria. No chão há latas de conserva, grandes bacias de plástico cheias de água e um saco repleto de pratos de papel e de talheres descartáveis.

Porta seguinte. Zack detém-se quando, de repente, ouve um barulho. Duas tossidelas próximas que parecem vir da última entrada.

Aproxima-se e encosta a orelha à porta. Vários ruídos, continuamente. Como os sons provenientes de uma televisão

ligada.

Roda o puxador. A porta está trancada, mas a chave está na fechadura. Zack roda-a e abre a porta.

Sente-lhes a presença antes de os ver.

Há oito pares de olhos cravados nele.

Olhos de crianças.

Crianças sujas, assustadas. Algumas vestidas, outras quase nuas. Todas de cabelo castanho. Todas sentadas num tapete sujo de urina.

Uma rapariguinha põe-se a choramingar quando o vê aparecer à porta. Duas outras refugiam-se contra a parede e encolhem-se em posição fetal.

Nenhuma delas para de olhar para Zack.

Fica atordoado. Sente a raiva a crescer dentro dele e só lhe apetece eliminar o Leão. Mas de que adiantaria?

Aquelas crianças precisam dele.

Agora.

Precisam do melhor que há nele, da sua calma, da sua amabilidade.

Há uma grande televisão de quinze polegadas numa cadeira a um canto da divisão quadrada. Reconhece as personagens Timão e Pumba, de Walt Disney. Debaixo da cadeira há um leitor de VHS antigo e pilhas de outros filmes para criança. *O Livro da Selva 2, Hannah Montana, Pokémon.*

O quarto cheira a urina e a sujidade. À direita da porta, uma cadeira de madeira com um buraco e uma bacia de plástico por baixo serve de sanita. Está meio cheia de urina de criança, de papel encharcado e de algo que parece areia para gatos. Ao lado da cadeira há uma mesa com uma pilha de guardanapos de papel molhados e um rolo de papel higiénico a meio.

Zack caminha em direção à criança mais nova, um rapaz de rosto encovado que deve ter seis ou sete anos; usa apenas umas cuecas vermelhas. Os braços estão tão magros que podem contar-se as costelas a olho nu.

Zack agacha-se e sorri-lhe.

– Olá – diz.

A criança afasta-se e agarra-se a uma menina mais velha. Outro rapazinho começa a chorar.

Zack recua e ergue as mãos para lhes mostrar que não lhes quer fazer mal. É preciso manter a cabeça fria, acima de tudo, mesmo que a fúria ameace apoderar-se dele a qualquer momento.

– Pronto – sussurra. – Eu não sou como eles. Vim aqui para vos soltar.

De repente, Zack dá-se conta de que ainda tem a pistola na mão. Enfia-a no coldre. Porque é que não pensou nisso antes?

Volta a agachar-se, fala em inglês num tom suave, explica que está ali para as ajudar, mas as crianças não parecem compreender uma palavra do que Zack diz.

Senta-se ao lado de uma menina lavada em lágrimas, da idade de Ester, e acaricia-lhe suavemente o cabelo. A menina deixa-o fazê-lo e acaba por lhe pousar a cabeça no braço.

Zack percorre a divisão com o olhar, continuando a acalmar a criança.

Três das crianças têm peluches nos braços, mas Zack não vê quaisquer outros brinquedos na cave.

Tem de tirá-las dali.

Tem de fazer com que voltem a ver a luz do dia.

Levanta-se, mas a menina aferra-se-lhe ao braço. Zack tenta retirar-lhe suavemente as mãos, explicando que vai buscar ajuda, mas a rapariguinha afunda-lhe o rosto no casaco e dá-lhe pontapés.

– Vai ficar tudo bem, vai ficar tudo bem. Acabou.

Vira a cara para a porta e grita com quanta força tem:

– DENIZ! DENIZ!

Não há resposta.

Zack volta a chamá-la, mas a colega não o ouve.

Não tem alternativa. Vai ter de ir lá acima.

Pega na menina ao colo.

Deixa as outras crianças para trás.

Com vontade de matar o responsável por tudo aquilo.

CAPÍTULO 18

AMBULÂNCIAS E VEÍCULOS POLICIAIS chegam em força, a luz azul rotativa varre lentamente as árvores cobertas de gelo.

Na cave, Zack e Deniz, juntamente com outros dois agentes, distribuem chocolate quente, sanduíches e guloseimas às crianças.

A menina que Zack tinha levado ao colo para cima voltou a descer com ele. Cantarola em voz baixa, mas sem tirar os olhos de Zack.

As outras crianças estão caladas, de olhos muito abertos. Algumas continuam assustadas.

Uma agente chega com uma pilha de cobertores. Zack puxa um para envolver a menina que cantarola. Depois, Zack volta a abraçá-la e regressa à cave uma segunda vez.

A menina tem os ossos tão salientes que uma pessoa poderia magoar-se se lhes tocasse, mas tem a mão muito quente em redor da nuca de Zack, que aperta com força, com muita força.

Vários *flashes* disparam no escuro quando Zack sai da casa com a criança nos braços e a leva até à ambulância.

Zack sobe para a viatura e fecha a porta traseira. Um jovem paramédico – de rabo de cavalo e olhar benevolente – estende a mão para a criança, que enterra o rosto no pescoço de Zack e se agarra a ele.

Zack senta-se com a menina nos joelhos. O paramédico senta-se ao lado de ambos e fala suavemente com a menina.

A porta traseira abre-se e Douglas Juste espreita para o interior da ambulância. Vê com alívio Zack e a rapariguinha, mas não diz nada e desaparece tão depressa como apareceu.

– Eu agora tomo conta dela – diz o paramédico a Zack, e desta vez consegue fazer com que a criança se solte e aceite ir para os braços de outra pessoa sem protestar.

Zack regressa à casa. A entrada está apinhada. Agentes, vários paramédicos, crianças que acabam de subir da cave, levadas ao

colo por adultos. No meio de todo este caos, Koltberg está ajoelhado junto ao morto e recolhe impressões digitais.

Deniz está sentada sozinha numa cadeira dobrável na sala de estar. Olha o vazio e roda o telemóvel nos dedos.

Zack puxa uma cadeira e senta-se ao lado da colega.

– Eras tu ou ele – diz, rodeando-lhe os ombros com o braço.

Deniz assente, mas continua com o olhar fixo em frente.

– Se o tipo te tivesse matado, seriam três contra mim. Não tenho a certeza se ia conseguir safar-me. O que significa que as crianças continuariam na cave.

Deniz vira os olhos para Zack, que lê no olhar da colega que esta se rende ao seu ponto de vista.

Comer ou ser comido.

Deniz sabe demasiado bem o que isso significa.

Levanta-se e aproxima-se da janela. Zack junta-se à colega.

Douglas encontra-se no caminho de acesso à garagem e impede a passagem a duas pessoas. Quando tentam forçar a passagem, Zack descobre quem são: Åke Blixt e Gunilla Sundin.

Que estarão ali a fazer? Não são o género de pessoas que faz horas extraordinárias.

Terão aparecido por iniciativa própria ou para se certificarem de que Zack está novamente envolvido em tudo aquilo? Será o sinal de que vai ser posto a andar sem cerimónias?

Ou será que desta vez vão atirar-se a Deniz?

Tentam passar uma vez mais, mas Douglas barra-lhes o caminho, fazendo-lhes sinal para voltarem para trás. Palavras acaloradas são trocadas de parte a parte, mas os dois elementos dos Assuntos Internos acabam por desistir e por regressar ao carro, desapontados.

Um técnico afogueado regressa da cave com um pacote de folhas A4 na mão e dirige-se a Zack e a Deniz.

– Vejam o que eu encontrei. Parecem fotocópias de documentos de várias crianças refugiadas, dos Serviços de Imigração.

Zack estende a mão para dar uma vista de olhos, mas o técnico afasta os documentos.

– *Sorry* – diz. – Sem luvas, não.

– Desculpa – refere Zack. – Podes só ver se aparece aí este nome: Ismail Dakhil?

O técnico passa rapidamente os nomes em revista.

– Não, infelizmente não há ninguém com esse nome.

Douglas entra na divisão e dá uma palmadinha rápida no ombro de Zack e de Deniz.

– Bom trabalho – diz. – Muito bom trabalho. Encontraram alguma coisa sobre o Ismail?

– Não – responde Zack. – Ainda não.

Pela janela vê as ambulâncias partir com as crianças mais desnutridas. As restantes acabaram de deixar a casa num miniautocarro, acompanhadas por agentes e pelo pessoal dos Serviços Sociais de Södertälje.

O telemóvel de Zack vibra. Uma mensagem. Que se lixe. Volta a descer até à cave com Deniz e procura nas outras divisões. As imagens do filme continuam a desfilarem no ecrã da televisão.

Quanto tempo estiveram ali as crianças?

Porque é que ninguém deu o alerta?

Oito crianças desaparecidas. Como é possível?

E o telemóvel que não para de vibrar.

Zack saca-o. Sete novas mensagens.

Afasta-se um pouco e começa a lê-las.

A primeira é de Abdula.

[Vi por acaso no Expressen. Tenho orgulho em ti. A sério.]

Zack clica no *link* e o artigo do *Expressen* aparece, uma foto dele com uma menina em farrapos nos braços ocupa quase todo o ecrã. Com a legenda:

«Um herói da Polícia salva mais crianças.»

Um herói da Polícia. Foi o nome que os *media* lhe deram no verão anterior, quando participou do desmantelamento de um bando que se dedicava ao tráfico de seres humanos.

O artigo é sucinto, cheio de suposições, já que os jornalistas apenas sabem que a Polícia encontrou crianças presas numa casa.

Zack recua para tornar a ver a foto. No fundo, não está assim tão mal.

Serão heróis, Deniz e ele próprio? Sim, nesse dia, talvez.

Em seguida volta a ver o olho congelado de Ismail. Compreende que foi graças a ele que encontraram as outras crianças.

A morte de Ismail permitiu que os outros continuassem vivos.

Uma criança morta contra oito vivas. Será este o preço a pagar? Pode-se medir o valor de uma vida face a outra?

Fazemo-lo diariamente.

Quantas crianças desconhecidas estaria um pai disposto a sacrificar para salvar o próprio filho? Quantas crianças estrangeiras estaria ele próprio disposto a sacrificar para manter Ester viva?

A resposta devia ser: nenhuma.

Mas Zack sabe que a sua resposta é bem diferente.

CAPÍTULO 19

QUARTA-FEIRA, 21 DE JANEIRO

A LÂMPADA FLUORESCENTE na sala de interrogatórios faz com que pareçam todos anémicos. Cadeiras de metal desconfortáveis e uma temperatura ambiente de dezassete graus. Uma divisão planeada para querermos sair de lá o mais depressa possível.

Mas Zack e Deniz esperam muito daquela sessão. Pouco importa já passar da meia-noite ou que Douglas Juste tenha pedido a Deniz para ir para casa dormir ou, mais importante ainda, falar com o psicólogo da Polícia sobre o tiro letal que disparou. Não, o tipo a quem chamam Leão tem de confessar.

Zack observa o homem do outro lado da mesa, que não se coíbe de olhar descaradamente para o peito de Deniz. Escória do pior, com bochechas gordas, narinas achatadas, uma verruga ao canto do olho e um olhar que diz: «O mundo é meu e tiro o que quero para mim, todas as crianças são minhas e vendo-as a quem oferecer mais por elas.»

Àquela hora, não há ninguém no serviço de identificação e o homem não trazia quaisquer documentos que permitissem identificá-lo. Mas no arquivo de impressões digitais, Zack depara-se com um nome:

Danut Grigorescu.

Não fica espantado por ver o nome aparecer várias vezes nos registos policiais. Surpreende-se, no entanto, por Grigorescu ter sido dado como morto... afogado na tragédia do *ferry Estónia*, a 28 de setembro de 1994!

Quando as «Torres Gémeas» ruíram em Nova Iorque, em 2001, Zack lembra-se de ter lido um artigo que referia que muitas pessoas tinham aproveitado a oportunidade para apagar a própria identidade. Era a oportunidade perfeita para começar do zero e aproveitaram-na sem hesitar.

Zack nunca ouvira uma história semelhante após o naufrágio do *Estónia*. Mas... porque não? Sobretudo quando se viveu uma vida tão marginal como Danut Grigorescu.

Durante vinte anos conseguiu escapar por entre as malhas da rede, vivendo sob a identidade de outra pessoa.

Bem jogado, pensou Zack. É pena não teres sabido aproveitar a nova oportunidade que te foi dada para encarrilar.

Vender crianças.

Será que se pode descer mais baixo? Haverá algo mais nojento?

– Como te chamas? – pergunta Zack.

Como resposta, Zack tem apenas direito ao tinir das algemas quando Danut Grigorescu coça distraidamente o grande bíceps direito.

– Como te chamas? – repete Zack. – Sabemos que falas sueco.

– Emil de Lönneberga¹⁶.

Quase não tem sotaque. Zack calcula que tenha vivido na Suécia durante todos aqueles anos em que esteve dado como morto.

– Ai é? – exclama Zack. – Porque não? Têm a mesma cor de cabelo, o Emil e tu.

– Sabemos uma série de coisas sobre ti, Danut Grigorescu – afirma Deniz logo em seguida. – Autodenominas-te Leão. Não é um nome banal.

Os olhos do homem largam o peito de Deniz e olham para o rosto da agente. Sorri, revelando uma fila perfeita de dentes brancos.

Facetas. Tem facetas dentárias.

– Na verdade, chamam-me Cordeiro, porque sou muito simpático.

– Sim, uma criança na cave teve oportunidade de ver como és simpático. Um rapazinho chamado Ismail Dakhil. Que lhe fizeste?

O homem suspira exageradamente e brinca com as algemas.

Deniz prossegue:

– Uma testemunha viu-te a levar o Ismail do centro de acolhimento de Upplands Väsby. Vais dentro por homicídio.

– A sério, ele foi assassinado?

Faz a pergunta no mesmo tom desinteressado com que perguntaria se tinha começado a chover.

– Como se não soubesses.

Danut Grigorescu parece entediado.

– Não tenho nada que ver com esse puto – diz em voz baixa. – Fui procurá-lo, tudo bem, mas não faço ideia do que lhe aconteceu depois. Não mato crianças. Só ganho dinheiro se estiverem vivas.

Exibe novamente os dentes brilhantes.

– Que aconteceu ao Ismail? – insiste Zack.

– Fugiu.

– Quando?

– Quando parámos para reabastecer na bomba de gasolina de Järva.

– Tens mentiras para dar e vender, não é?

– O puto fugiu. É verdade.

– Que fazem com as crianças que têm presas? – quer saber Deniz.

– Alugamo-las. Ou vendemo-las.

Zack vê os olhos de Deniz a ficarem negros. Compreende-a. Danut Grigorescu refere-se às crianças como se fossem carros de aluguer.

– Porquê crianças? – pergunta Zack, voltando à carga. – Porque não te ficaste pelo tráfico de droga ou pelo contrabando?

– Já fiz isso antes, mas, sabem, as drogas só se vendem uma vez, ao passo que podemos vender as crianças quantas vezes quisermos.

Sorri de forma desagradável e Zack tem vontade de lhe rebentar todos aqueles dentes brancos.

– Vendê-las a quem? Para que finalidade? – pergunta Deniz, lutando para esconder a perturbação.

Danut Grigorescu ergue as sobrancelhas e responde:

– Para que é que achas?

Zack mantém-se calmo, mesmo sabendo muito bem o destino daquelas crianças: prostituição, filmes pornográficos, escravos sexuais para pedófilos.

Numa conferência no outono, com um especialista sobre luta contra o tráfico de seres humanos, aprendeu que as crianças são

uma mercadoria cada vez mais cobiçada. A procura está a crescer e a tendência é quererem crianças cada vez mais novas.

Deniz afunda as unhas dos indicadores nos polegares. Bem fundo.

Calma, pensa. O Douglas está do outro lado e vê tudo.

Mas Deniz matou alguém pela primeira vez. É como um tubo de ensaio com nitroglicerina que pode explodir a qualquer momento.

– Quantas crianças raptaste? – pergunta Zack, para dar a Deniz oportunidade de se acalmar.

– Não sabes contar?

– Ao todo. Incluindo as crianças que raptaste antes.

Danut Grigorescu estica-se e boceja. Depois recosta-se na cadeira e olha para a mesa.

Zack e Deniz encadeiam as perguntas. Qual é exatamente o papel dele no tráfico de crianças? Quem são as outras pessoas envolvidas? Quem são os compradores? De que quantias estamos a falar? Tiveram clientes que mataram as crianças que compraram?

Mas o homem permanece em silêncio. Exibe o seu belo sorriso e abana a cabeça.

E quando Deniz se inclina, dando um murro na mesa, Danut consola-se com o decote da agente.

– Tens umas belas tetas, sabes? – diz Danut. – Talvez um pouco pesadas, mas muito boas para alguém da tua idade. Na minha opinião, ainda se iam sair muito bem numa espanholada¹⁷.

Deniz levanta-se e grita:

– Vais responder às nossas perguntas, seu monte de estrume!

Sempre aquele desdenhoso sorriso imaculadamente branco.

– Aliás, mudei de ideias. Prefiro enfiar-to no cu – diz, inclinando-se para ter melhor visão das nádegas de Deniz. – Sim, vou-te antes ao cu.

Deniz dá-lhe um soco na bochecha.

– Mas que porra é esta, puta nojenta? – grita o romeno.

Bem, já chega.

Zack levanta-se.

Juntos, forçam Danut a deitar-se no chão e Zack segura-lhe as mãos algemadas enquanto Deniz o esmurra no rosto e no corpo.

Os dentes, pensa Zack, *parte-lhe os dentes*, mas a colega parece evitar qualquer contacto com a boca.

Por detrás da janela espelhada, Douglas Juste assiste de braços cruzados à cena. Estende a mão para um botão, desliga a câmara e o microfone e observa em silêncio os subordinados a descarregar a frustração e a raiva no homem que admitiu, sem remorsos, dedicar-se ao tráfico de crianças.

– Que fizeste ao Ismail? – grita Deniz, batendo com a cabeça de Danut Grigorescu no chão. – Mataste-o. Confessa!

Danut tenta defender-se, mas Zack continua a impedi-lo de se servir das mãos.

– O puto fugiu.

– E que aconteceu depois? Confessa que o mataste!

– Não, o puto fugiu, juro – repete Danut Grigorescu, cuspiendo sangue e pedaços de facetas dentárias. – Vocês têm montes de câmaras nas bombas de gasolina, basta verificar.

– Quando foi isso?

Zack dá-lhe uma joelhada entre as pernas. O homem geme e contrai-se como se tivesse tido uma câibra.

– Não me lembro – choraminga.

Nova joelhada.

– Agora já te recordas melhor? – pergunta Deniz.

– *Okay* – geme Danut Grigorescu. – Foi há mais ou menos um mês, antes de começar a ficar assim tanto frio. Em novembro, acho.

– Isso aconteceu no caminho de regresso do motel?

– Sim.

– Então foi a 16 de novembro – afirma Deniz. – A que horas?

– Algures ao final da tarde. Deviam ser umas seis ou sete. Pelo menos estava escuro.

Deniz levanta-se, respira fundo e limpa o sangue das mãos à camisola do homem.

Zack solta as mãos algemadas de Danut Grigorescu e levanta-se.

– Última pergunta – diz. – Quem vos ajudava no motel?

O homem com o lábio rachado ri-se. Agora tem os dentes manchados, como o lombo de um texugo.

16 Emil de Lönneberga é uma personagem de uma série de livros para crianças da autoria de [Astrid Lindgren](#) (autora da célebre Pipi das Meias Altas), escritos entre [1963](#) e [1997](#). Emil, a personagem principal, é um rapazinho endiabrado que vive numa quinta no distrito de [Lönneberga](#), em [Småland](#), na [Suécia](#). (*N. do T.*)

17 Nome dado a prática sexual. (*N. da E.*)

CAPÍTULO 20

DENIZ OLHA PELA JANELA DA COZINHA do seu apartamento de duas assoalhadas em Fruängen. A rua está deserta. Cornelia trabalha à noite. Deniz precisava da presença dela. Pela primeira vez teria tido coragem de lhe dizer estas palavras simples:

«Amo-te.»

Mas Cornelia não está ali e Deniz bebe um gole do rum branco de que tanto gosta.

Abati-o.

Tirei a vida a outro ser humano.

Quem tem o direito de fazer uma coisa destas?

Ninguém.

Então, de onde vem esta sensação de ter agido bem?

De ter feito o que a situação exigia?

A resposta materializa-se contra a sua vontade:

Porque o tipo merecia.

Porque estava a ganhar dinheiro com o tráfico de crianças. Porque as tratava como se fossem simples mercadoria.

Como outros homens, em tempos, tinham feito com ela.

Há vinte e quatro anos. Deniz só tinha doze, na altura.

Atira a cabeça para trás e esvazia o copo.

Não para esquecer, mas para se atrever a recordar.

Revê a camisa de flanela manchada à frente dela, assim como a mão que lhe saca as últimas notas amarrotadas. A luz a esbater-se até aquela pequena abertura tornar a fechar-se.

Deniz fecha os olhos com muita força.

Está no escuro, fechada, com os solavancos monótonos da estrada.

Sente o calor, o espaço confinado. O corpo a arder de febre do irmão mais novo, Sarkawt, que está de joelhos. As grandes mãos

errantes que lhe deslizam sob a camisola e lhe apalparam o peito nascente.

A esperança que surge a cada paragem do camião e que se extingue sempre que volta a arrancar.

O pânico quando falta a água. O fedor quando as pessoas começam a fazer as suas necessidades.

Uma eternidade na escuridão.

A respiração rouca de Sarkawt. O medo que Deniz tem de que o irmão morra no camião apenas com cinco anos de idade.

Ajudem-me, murmura. *Ajudem-me...*

Mas ninguém responde. Quem se daria a esse trabalho?

Deniz volta a abrir os olhos. Pela janela aberta deixa o vento frio bater-lhe no rosto. Respira fundo várias vezes para deixar o ar fresco encher-lhe os pulmões e vai encher novamente o copo.

Abre a tampa da garrafa de rum de Arehucas, mas imediatamente se arrepende. Muda de ideias e coloca-a atrás do pacote de cereais no armário.

O Zack é que anestesia a dor dele desta maneira, pensa.

Não eu.

Treme de frio e fecha a janela. Vê um homem solitário a dirigir-se ao metro. Será que Zack ainda anda na rua àquela hora?

Gostava muito de o ajudar, mas como? Zack rejeita qualquer tentativa da sua parte.

É incrível pensar que quer afundar-se na areia movediça.

Mas porquê?

Deniz pensa nos ridículos óculos de sol que ele usa. Será que é a única pessoa que compreende o que Zack está a tentar esconder? Claro que não.

No entanto, confia nele mais do que em qualquer outra pessoa. Zack é extremamente eficiente quando as coisas dão para o torto. Também é o único de todos os colegas que Deniz considera ser verdadeiramente seu amigo.

No entanto, Deniz sabe que se ele continuar a fazer o que faz, chegará o dia em que irá pôr a vida dela em risco.

Chegará o dia em que não estará ao seu lado quando ela mais precisar dele.

CAPÍTULO 21

ZACK ESTÁ ATRASADO e corre para apanhar o elevador. Passa a mão pela juba loura.

Tem a cabeça prestes a rebentar. No entanto, ficou em casa a noite passada, e não tomou nada.

Mas isso não ajudou.

Durante horas deu voltas e mais voltas na cama. A pensar nas crianças. Em Ismail.

Se Danut Grigorescu disse a verdade, continuam sem saber quem o assassinou. Nem se, naquele momento, não haverá outras crianças a correr perigo de morte.

Mas porque haveria Danut de ter dito a verdade?

Pensa outra vez no interrogatório.

A imobilizar Danut Grigorescu para que Deniz pudesse esmurralo.

Dois contra um.

Um que estava algemado.

Não é muito glorioso.

Mas Danut Grigorescu trafica crianças. Será que não merece o pior castigo? Até Douglas parece pensar assim. Deu-lhes a entender que não precisavam de se preocupar. Não haverá vestígios do interrogatório.

Mas as memórias de Zack não desaparecem tão facilmente.

Quando o despertador tocou, Zack teve a impressão de que acabara de adormecer.

Estava em posição fetal e havia algo afiado a espetar-se-lhe no peito. Quando se destapou, viu que era a pasta com a investigação do homicídio da mãe.

Tinha-se agarrado à pasta como as crianças na cave se aferravam aos peluches.

As portas do elevador abrem-se.

Zack pensa no registo clínico que pediu que fosse recuperado e está ansioso por descobrir o seu conteúdo. Mas terá de esperar uma semana até o receber.

Encará a mãe de forma diferente depois de o ler?

Tenta lembrar-se de um hospital, de um médico a tratar-lhe um braço partido, mas não lhe vem nada à memória. Que pode um rapaz de cinco anos recordar?

Talvez não queira lembrar-me? Talvez prefira não saber?

O elevador detém-se no segundo andar e um jovem entra. Um substituto para a receção, muito mais alegre e afável do que o velho que tresanda a suor e costuma passear pelo escritório para distribuir correspondência e encomendas.

– Trabalha na Polícia Criminal? – pergunta.

– Sim.

– Nesse caso, posso entregar-lhe isto? Um mensageiro trouxe-o agora mesmo.

O jovem entrega-lhe um grande envelope bem fechado com fita adesiva.

– Claro que sim – diz Zack.

Entra na sala e tem dificuldade em remover a fita.

– Muito bem, aquilo de ontem – diz Niklas. – Viste os jornais? Estás nas nuvens e é bem merecido. Já três jornalistas pediram para falar contigo, por isso dei-lhes o teu número.

Zack dá um passo atrás, incrédulo.

– Não, estou a gozar. Reencaminhei-os para o Departamento de Imprensa.

Zack ri-se.

– Que é essa coisa? – pergunta Niklas, indicando o grosso envelope.

– Não sei – responde Zack, arrancando o último pedaço de fita adesiva e extraíndo uma cassete de vídeo com um *Post-it* colado.

– O tipo que interrogámos ontem à noite diz que o Ismail fugiu quando estava a reabastecer o carro na bomba de gasolina de Järva. Aqui está o vídeo da câmara de vigilância da bomba.

– Vamos já ver isso – sugere Niklas. – O Douglas avisou que ia chegar atrasado, por isso temos tempo antes de a reunião começar.

– Prepara o leitor. Chama também o Rudolf. Primeiro vou dizer uma coisa à Deniz.

Deniz está sentada à secretária, olheiras profundas. O cabelo espesso está apanhado de qualquer maneira num rabo de cavalo. É óbvio que não dormiu muito na noite anterior.

– Como vai isso? – pergunta Zack.

Deniz encolhe os ombros.

– Vai-se andando.

– Já foste aos Assuntos Internos?

– Não, vou lá daqui a uma hora. Depois da reunião, corremos o risco de ficar os dois sem arma de serviço.

– Esta manhã, dei uma vista de olhos aos jornais. É uma loucura, nem uma palavra sobre ti!

Deniz ergue os olhos, espantada.

– Eu até lhes agradeço. Podes ficar com essas hienas, não quero mesmo nada ser reconhecida no autocarro.

Zack ri-se.

– Anda, vamos à sala de reuniões. Vamos poder verificar se o Ismail fugiu como o Danut Grigorescu afirma.

Quando entram na sala de reuniões, Niklas acabara de dar início ao vídeo. Imagens desfocadas a preto-e-branco, sem som, da bomba de gasolina. Carros que param e voltam a partir, clientes que entram e saem.

Niklas avança em movimento acelerado quando nada acontece e faz pausa sempre que aparece um carro. Por enquanto, nada de especial.

Está frio na sala, o ar gelado entra pelas janelas mal isoladas.

Zack puxa a camisola para o pescoço e olha pela janela, de onde se vê a fachada da Câmara Municipal que se destaca contra um céu ainda escuro.

Será que um dia vou acabar do lado errado?

No banco dos réus?

Olha para as articulações doridas.

Está a pedi-las.

– Passa-se qualquer coisa ali – diz Niklas.

Zack vira a cabeça. Um *Skoda Octavia* parou na bomba. Parece cinzento no filme a preto-e-branco, e a matrícula não é visível daquele ângulo.

Um homem sai do carro para reabastecer.

– É ele – afirma Deniz. – Foi o tipo que atingi na perna. Está no Hospital Karolinska, em Huddinge, não está?

– Parece-me que sim – diz Zack.

– Temos de interrogá-lo o mais depressa possível.

O homem começa a reabastecer. Outro homem sai do lugar do morto. O cabelo louro flutua ao vento enquanto se dirige à loja da bomba de gasolina.

Danut Grigorescu.

O homem da bomba saca um telemóvel e lê algo no ecrã.

Então, uma das portas traseiras do carro abre-se lentamente e um rapazinho esgueira-se para fora.

– É o Ismail – dizem Zack e Deniz em uníssono.

O rapaz lança uma olhadela rápida ao homem da bomba de gasolina, mas este vira-lhe as costas, embrenhado no telemóvel.

Ismail afasta-se um pouco do veículo e depois desata a correr. Contorna a bomba de gasolina e desaparece da imagem.

Então era verdade, pensa Zack.

Deste à sola, rapazinho, tiveste coragem...

Vinte segundos mais tarde, o homem acaba de abastecer e, vendo que o rapaz já não está no carro, começa a procurá-lo por toda a parte.

Danut Grigorescu sai da loja da bomba de gasolina e os dois homens têm uma discussão acalorada. Depois regressam ao carro e afastam-se.

Niklas põe o vídeo em pausa.

– Resta saber em que direção fugiu o Ismail – diz.

– Devem ter conseguido apanhá-lo – declara Deniz. – Talvez tenha sido por isso que o torturaram e mataram. Para o castigarem por ter tentado fugir.

– E para dissuadir os outros de fazer o mesmo – acrescenta Zack.

Mas porquê amarrá-lo a uma chaminé?, cisma logo em seguida. *E porquê em Stocksund e não em Södertälje? Para enviar uma*

mensagem a alguém? Mas a quem? Não faz sentido.

– Bem, agora cabe ao Koltberg – afirma Deniz – tentar encontrar o rasto do Ismail, seja na vivenda, seja nas roupas dos romenos. Caso contrário, este vídeo absolve-o do homicídio do Ismail.

– Não podemos desesperar – diz Rudolf.

Zack tem pena de não lhe ter descrito o que viram no vídeo. Mas, diga-se de passagem, Rudolf não lhes perguntou nada.

Rudolf é realmente incrível. Acompanhou tudo graças aos comentários deles e traçou uma imagem precisa dos acontecimentos.

– Agora sabemos um pouco mais – afirma Rudolf –, o que significa que estamos a fazer progressos, mesmo que tenhamos a impressão de estar parados.

Niklas rebobina um pouco o filme e olham novamente para a sequência em que Ismail abre a porta.

O rapaz usa roupas demasiado finas para o inverno sueco. *Mas os dias muito frios ainda não tinham chegado*, pensa Zack. *Bastava-lhe correr para se aquecer. Pelo menos por instantes.*

No vídeo, Ismail afasta-se outra vez discretamente do carro.

Que descobriste que te fez querer fugir?, interroga-se Zack.

Viste alguma coisa no carro que te fez desconfiar? Algo que fez com que percebesses que os adultos deste país são tão abomináveis como os que te obrigaram a optar pelo exílio?

Os olhos de Deniz estão virados para o ecrã, mas não parecem estar a ver o vídeo.

Será que ainda está em Södertälje em pensamento?, questiona-se Zack. *Ou está a pensar no irmão mais novo, quando vê o Ismail a abandonar a imagem?*

A abandonar o mundo dos vivos.

CAPÍTULO 22

SIRPA SENTA-SE À SECRETÁRIA COM DIFICULDADE para estudar as imagens das outras câmaras de vigilância nas proximidades da bomba de gasolina.

Na parte inferior do ecrã aparece uma mensagem, indicando que tem três *e-mails* não lidos. Abre a caixa de entrada. Dois são *e-mails* sem qualquer interesse que Sirpa apaga imediatamente. O terceiro não refere o assunto e foi-lhe enviado de um endereço desconhecido.

Le0n1@gmail.com

Não o abre, mas vê que tem um *link*.

Será um cavalo de Troia?

Ou algo completamente diferente?

Os joelhos estão a latejar, o que é mau sinal.

Retira um computador portátil prateado de uma gaveta, liga-se à rede do café ao lado e introduz o URL do *link*.

Clica nele.

Uma moldura com fundo negro.

Um vídeo.

Que se inicia sem que Sirpa tenha feito nada.

Que é isto?

As imagens são bastante escuras e Sirpa aumenta ao máximo a luminosidade do ecrã.

É uma jaula. Uma jaula com barras de metal, numa espécie de gruta.

Mas o que há na jaula?

Como se o realizador do vídeo lhe tivesse lido os pensamentos, faz um grande plano da jaula.

Oh, meu Deus!

Há um rapazinho lá dentro.

Ele.

Ismail.

Sirpa põe o vídeo em pausa e chama os outros.

Zack, Deniz e Niklas juntam-se em frente do ecrã do portátil de Sirpa. Niklas puxa uma cadeira para Rudolf, que se senta pesadamente.

Sirpa volta a reproduzir o vídeo.

– Cá estás tu – sussurra Deniz.

Enroscada a um canto da jaula, a criança aperta as pernas contra o peito como se quisesse aquecer-se. Veste uma *T-shirt* e calças de fato de treino com buracos em ambos os joelhos. Tem o olhar perdido.

Depois ouvem-se as arranhadelas e Ismail encolhe-se e vira o rosto para a câmara.

Os olhos movem-se da esquerda para a direita, mas o rapaz nada vê. As lágrimas escorrem-lhe pelas faces sujas e formam padrões.

Salvem-me!, grita o olhar do rapaz.

Salvem-me! Alguém me pode salvar?

O joelho lateja-lhe mais e Sirpa tenta esticar a perna sob a mesa para fazer circular melhor o sangue.

Nas suas costas, ouve Niklas a explicar a Rudolf o que o vídeo mostra.

A câmara reduz um pouco o *zoom* e vê-se quase toda a jaula. Está completamente vazia, à exceção de um balde com uma tampa a um canto. Ismail está no outro extremo da jaula. Quase não se mexe. Olha para algo e Sirpa interroga-se se o rapaz consegue ver através de uma janela.

Uma claraboia no teto, talvez.

Ou uma espécie de respiradouro, lá em cima.

Outra toca de ratos para prender crianças.

Então a câmara afasta-se e Sirpa vê um grande relógio digital na parede.

Em contagem decrescente.

29: 23: 59: 15.

Os números mais à direita indicam os segundos.

– Tantos números – diz Niklas. – Para quê?

– Os dias, as horas, os minutos, os segundos – responde Sirpa. – Utilizam-se este género de relógios para os jogos olímpicos, por exemplo, ou outros eventos importantes.

Rebobina o vídeo o máximo possível. Quando começa, o relógio indica exatamente trinta dias.

– Mas porquê esta contagem decrescente? – pergunta antes de perceber que sabe a resposta.

Move relutantemente o cursor para a direita. O relógio indica, num ritmo acelerado, o número decrescente de dias.

– Espera – diz Zack. – Passa-se qualquer coisa aqui.

Sirpa para o vídeo e rebobina um pouco a fita.

Ismail come de uma tigela com as mãos. Então, o rapaz ergue de novo os olhos e o rosto expressa pavor, como se tivesse visto algo terrível.

Mas a imagem escurece e, quando a jaula reaparece, Ismail está deitado a dormir.

– Rebobina – diz Zack. – E repara nas horas.

Sirpa volta agora a atenção para o relógio. Quando a imagem escurece, a contagem decrescente dá um grande salto e duas horas e meia desfilam num segundo.

– Houve ali uma pausa na gravação – observa Zack. – Porquê?

– Para trocar a bateria da câmara? – sugere Niklas.

– Ou porque não queria que se visse o que estava a acontecer na jaula, ou seja, o que fez ao Ismail – retifica Sirpa.

Faz desfilas as imagens em movimento rápido. Encontra em cada dia várias sequências em que o relógio dá grandes saltos no tempo. Isso parece acontecer frequentemente quando Ismail recebe comida ou, como aconteceu numa ocasião, roupa nova.

Ou quando é alvo de agressões sexuais?, pensa Sirpa. Mas o corpo não apresentava nenhuma marca de maus-tratos desse género.

As condições de luz na divisão mudam durante o dia e todos passam a ter a certeza: a luz para a qual Ismail ergue os olhos de tempos a tempos vem de uma janela.

O relógio indica agora quatro dias e duas horas.

Zack, Deniz, Niklas e Rudolf mantêm o silêncio por detrás de Sirpa.

Todos pressentem o que vai acontecer.

Não querem de maneira nenhuma ver nem ouvir.

Mas não têm alternativa.

Sirpa passa o vídeo em movimento acelerado.

Faltam dois dias. Um dia.

Catorze horas... sete... duas.

Quarenta e cinco minutos.

Treze.

Sirpa teria preferido estar no lugar de Rudolf. Para evitar ter de ver aquilo.

Dez minutos.

Algo está a acontecer.

A câmara volta a afastar-se e vê-se uma porta. Uma porta com uma pequena janela deslizante.

Uma pessoa muito alta passa rapidamente à frente da imagem e Ismail grita instantaneamente.

– Põe em pausa – pede Zack. – E rebobina o mais devagar possível.

Sirpa rebobina, um fotograma de cada vez, e veem o homem a andar às arrecuas na imagem.

– Para aí.

– Que é isto?

O homem está vestido com pelo castanho-claro com uma espécie de patas com garras por cima das mãos.

As estranhas lacerações no corpo de Ismail, pensa Sirpa, então foi assim que foram feitas...

Mas a parte mais bizarra é o rosto. Está escondido sob a cabeça inteira de um leão, com dentes e tudo.

– Este tipo é completamente tarado! – exclama Niklas. – O que é que ele vai fazer?

O homem-leão avança em direção à porta da jaula. Abre-a.

Ismail levanta-se, grita, trepa às barras para tentar escapar-lhe.

Mas não tem hipótese.

O leão volta depois calmamente a cruzar a porta e desaparece da imagem.

Ismail observa o homem a ir-se embora e parece já não o ver. Então para de gritar e enrosca-se a um canto, ofegante.

Olha para a porta da jaula.

Aberta.

Porquê?

Lentamente, o rapaz vai-se tornando mais atrevido. Olha para todo o lado. Tenta ver onde o homem-leão está escondido.

Arrisca-se a enfiar a cabeça na fresta. Atónito. Como um pássaro engaiolado que percebe pela primeira vez que pode voar dali para fora.

Segura-se às barras, a ganhar coragem.

Antes de se precipitar para fora da jaula.

E então ouve-se um rugido, e no vídeo vê-se o homem a lançar-se em perseguição de Ismail.

A câmara continua a filmar a jaula vazia.

Ismail grita, algures não muito longe dali.

Ouvem-se movimentos. Pés a correr. Seguidos por passos pesados.

Uma pausa.

Novos gritos. Passos rápidos de criança e, atrás deles, passos igualmente rápidos.

E de repente um rugido ainda mais terrível, e um estrondo.

Urros.

Longos urros de dor.

E grunhidos abafados.

Então cai o silêncio.

Sirpa vira-se e vê os rostos contraídos de Zack e de Deniz. Niklas não tirou os olhos do ecrã e Rudolf mantém as mãos entrelaçadas e a cabeça baixa.

Sirpa olha novamente para o ecrã.

A câmara continua a filmar a jaula vazia.

Ruído de passos a aproximar-se.

O homem olha para a câmara, a cabeça ligeiramente inclinada para a frente, e todos veem um leão. Um leão com olhos fixos,

focinho preto e incisivos pontiagudos.

O homem enche o peito de ar.

E exhibe as garras ensanguentadas.

CAPÍTULO 23

– PARECE QUE VIRAM A MORTE em figura de gente – diz Douglas ao entrar no escritório.

O nó da gravata azul que usa é impecável e o fato de grossa flanela cinzenta é perfeito para o frio.

Ninguém se digna a comentar. Sirpa fala-lhe brevemente sobre o vídeo.

– Mostra-mo – pede Douglas.

– Bem, vou trabalhar – afirma Deniz. – Não tenho capacidade para ver isso outra vez.

Zack e Niklas são da mesma opinião e também regressam às suas secretárias.

Zack liga o computador, mas não consegue concentrar-se. Os gritos de Ismail e os grunhidos do homem continuam a ressoar-lhe na cabeça e não é preciso ter muita imaginação para perceber a ligação entre esses sons e as imagens do corpo torturado que encontrou no topo da chaminé.

O rapazinho foi verdadeiramente retalhado pelas garras.

Garras de animal numa mão de homem.

Consegue imaginar perfeitamente o homem a dilacerar a pele da criança.

A mordê-la.

A cortar-lhe a garganta.

Mas com quê?

De acordo com Koltberg, o criminoso terá utilizado um bisturi.

Talvez o tivesse com ele, escondido no disfarce.

Mas como é que uma pessoa arranja uma pele de leão?

Zack introduz «*lion skin for sale*»¹⁸ e dá-se conta de que é incrivelmente fácil.

Um milhão e quatrocentos mil resultados. E uma multidão de imagens de peles de leão verdadeiras, a boca escancarada, no

chão, como decoração.

Mas este homem não queria a pele para servir de tapete.

Queria tornar-se ele próprio um leão.

Ao longe, vindos do computador de Sirpa, voltam a ouvir-se os gritos de Ismail.

Zack gostava de tapar os ouvidos ou de enfiar os auriculares do *iPhone* e de ouvir *tribal house*¹⁹ com o volume no máximo.

Por fim, marca o número de telemóvel de Jeanette Vrejne, a funcionária que estava de serviço no Solskenet na noite em que Ismail desapareceu.

Tem o telemóvel ligado, mas ninguém atende, como da vez anterior em que tentou falar com a mulher. Vão ter de ir a casa dela.

Os gritos de Ismail são apenas gemidos. Com as mãos atrás das costas, Douglas assiste ao vídeo sem que o seu rosto revele qualquer emoção. Mas, quando cruza os braços, Zack vê que tem os punhos cerrados.

Ao lado de Douglas, Rudolf deixou-se ficar sentado na cadeira. *Talvez esteja a tentar encontrar uma pista através do som do vídeo*, pensa Zack.

O telemóvel de Douglas toca.

O chefe não responde.

Mas, como não para de tocar, Douglas acaba por atender e pede a Sirpa para pôr o vídeo em pausa.

Douglas ouve a voz durante muito tempo antes de dizer:

– A resposta da Polícia é não. Não podem divulgar. Não, eu sei que não podemos obrigá-los, mas pelo menos podemos apelar ao bom senso deles. Como? Lamento, nem capturas de ecrã. Ainda não sabemos se os familiares da vítima estão vivos.

Douglas desliga e chama Zack, Deniz e Niklas.

– Era o Petersen, do Departamento de Imprensa. O *link* também foi enviado aos meios de comunicação. O *Expressen*, o *Aftonbladet* e o *Svenska Dagbladet* já telefonaram para saber se era um vídeo sueco e se podiam divulgá-lo.

– Não podem ser assim tão estúpidos a ponto de o divulgar? – irrita-se Niklas. – O filme mostra um rapazinho a morrer, aquilo é

real, e ainda por cima foi assassinado!

– Os *media* ainda não sabem disso, mesmo que provavelmente já o tenham depreendido por causa dos ruídos que se ouvem no fim – afirma Douglas.

– Se o assassino enviou o *link* aos jornais, é porque quer que o vídeo seja visto – argumenta Deniz. – Se o transmitirem, o tipo obtém o reconhecimento que procura, o que só pode encorajá-lo a voltar a atacar. Não podes ligar aos chefes das redações a explicarlhes, apelando ao sentido de responsabilidade deles?

Douglas assente.

– Vou descer para falar com o Petersen. Vamos fazer alguns telefonemas.

*

Zack começa a percorrer as páginas dos principais jornais. A informação não demora mais de dez minutos a ser divulgada.

O *Expressen* é o primeiro.

«Criança presa em jaula de tortura», anuncia o artigo em letras garrafais.

Acompanhado, como mero pró-forma, pelo comum aviso: *Atenção! Pode conter imagens chocantes.*

Zack tem de se controlar para não sair disparado e ir partir a boca do chefe de redação do *Expressen*.

– O *Expressen* já o pôs *online* – grita para os outros.

– Não é possível. – Ouve Niklas a suspirar.

O artigo é seguido por um grande plano de Ismail enroscado a um canto da jaula.

Desfocaram-lhe o rosto. É sempre assim.

Zack clica no *link* do vídeo. Dura apenas três minutos. A redação escolheu as sequências onde algo acontece: Ismail come, anda pela jaula ou soluça.

Zack vê tudo cuidadosamente. Não incluíram os gritos de morte e a montagem do vídeo termina com a chegada do homem disfarçado de leão.

Zack fica, de certa forma, aliviado.

Lê todo o artigo que alude habilmente ao que o leitor não vê, apenas para lhe excitar a imaginação.

Então ouve Sirpa a gritar:

– Pronto, o vídeo está *online* inteiro. Sem qualquer corte.

– O quê? Nos jornais *online*? – pergunta Deniz.

– Não, estou no LiveLeak, uma variante não censurada do YouTube – diz Sirpa. – A *Flashback* redireciona-nos para um *link* nesse *site*. E o vídeo também está numa página em árabe de que nunca ouvi falar.

Zack imagina as pessoas em Tóquio, Nairobi e Miami a assistir em diferido ao assassinio de um rapazinho algures nos arredores de Estocolmo.

Resta apenas esperar que os organismos de vigilância da Net descubram e ponham o vídeo *offline*, ou que pelo menos façam com que seja mais difícil de encontrar. Isso já aconteceu, por exemplo, após as decapitações do Estado Islâmico.

Mas Zack sabe que há outros espectadores.

Pessoas que vão guardar o filme no disco rígido.

Para tornar a vê-lo.

Uma e outra vez.

18 Em inglês no original: «Vende-se pele de leão». (N. do T.)

19 Subgénero de música *house* que combina *house* tradicional com *world music*. (N. do T.)

CAPÍTULO 24

NA SALA DE REUNIÕES DA UNIDADE ESPECIAL, o vídeo é revisto com muitas pausas e rebobinagens, na esperança de encontrarem pistas sobre o local onde foi gravado.

Tommy Östman juntou-se ao grupo. Tosse regularmente enquanto toma notas no seu bloco para traçar um perfil do agressor.

Quando se inclina sobre a mesa, Zack vê um bilhete do Euromilhões a despontar-lhe do bolso interior do casaco.

Conseguiu obviamente deixar o álcool, mas não o jogo. Se a renda da casa e a conta da eletricidade não lhe fossem descontadas antes de receber o ordenado, Östman já dormiria na rua.

No entanto, o trabalho de Östman é irrepreensível. Os seus perfis revelam-se normalmente acertados.

A pedido de Douglas, Niklas faz uma pausa no vídeo no preciso momento em que o homem exhibe as garras ensanguentadas para a câmara. As mesmas garras que acabaram de dilacerar o corpo de Ismail.

Acaba de matar uma criança e gaba-se disso!

Quem é que é capaz de uma coisa daquelas?

Um homem sem humanidade. Alguém que acredita ser Deus?

Ou que, no fundo, não está assim tão longe do animal predatório que quer ser?

Todos concordam que o homem disfarçado de leão não é nenhum dos três romenos. Nem a forma do queixo nem o corpo correspondem. Parece mais ágil, o corpo mais musculoso.

Mas quem é ele? E o que quer mostrar-lhes?

O ritual do assassínio de uma criança. Porquê?

E o que significa o relógio? Porque é que o tipo não se limitou a atacar o rapazinho quando lhe apeteceu? Qual é a finalidade desta encenação que quer mostrar ao mundo?

– Devemos ser capazes de descobrir em que dia ocorreu o homicídio – diz Niklas.

– A gravação do vídeo começou no mínimo, no mesmo dia em que o Ismail fugiu da bomba de gasolina, a 16 de novembro – afirma Deniz. – Mas acho que aconteceu um pouco mais tarde, depois do telefonema que o Ismail fez à Margareta Svensson, no final de novembro, princípio de dezembro. Por outras palavras, o Ismail terá morrido durante ou imediatamente antes do fim de semana de Ano Novo...

– ...enquanto todos nós festejávamos em nossas casas – completa Niklas, que já se sentia culpado por estar em família quando outros colegas estavam de serviço.

– O Ismail pode ter telefonado sob ameaça, quando já estava enjaulado – sugere Douglas. – Vimos que a câmara foi desligada várias vezes.

– Só que a Margareta Svensson teve a impressão de que o Ismail estava a falar à vontade – refere Deniz. – E conhecia-o melhor do que ninguém.

– Seja como for, o que terá feito com o Ismail durante as duas semanas antes das gravações do vídeo? – interroga-se Niklas.

– Construiu a jaula. Ou então andou à procura de uma gruta adequada para a esconder – sugere Deniz.

– Pode ter acontecido alguma coisa no dia em que a gravação do vídeo começou, ou quando terminou, algo importante para o assassino, no plano simbólico – adianta Zack. – Não há mesmo nada no vídeo que nos dê uma pista?

– Os tipos lá de cima, do Departamento de Informática, estão a trabalhar nisso – responde Douglas. – E a Sirpa está lá com eles. Devemos obter resultados relativamente depressa.

– Os romenos não têm uma lista de clientes? – pergunta Niklas. – Este homem não poderá constar dela?

– As pessoas cujo negócio é alugar ou vender crianças têm o cuidado de preservar o anonimato dos clientes – salienta Deniz. – E o Ismail escapou antes de o conseguirem vender. O autor do vídeo pode ter encontrado o Ismail em qualquer lugar e não ter nenhuma ligação com os romenos.

– É possível, ou então sabia que os romenos iam buscar o Ismail e tinha combinado um plano com eles – sugere Niklas. – Esta é provavelmente a razão da sua fuga: o Ismail queria ir ter com o homem que mais tarde o assassinou. Se calhar já se conheciam.

– A unidade que lida com o tráfico de seres humanos vai tentar ver se há uma lista desses clientes. Hoje de manhã confiei-lhes a investigação das crianças presas na cave.

Niklas dá um salto da cadeira.

– O quê? Mas porquê? – diz quase a gritar.

– Não temos meios para lidar com uma investigação desta magnitude ao mesmo tempo que procuramos o assassino do Ismail.

– Então esquecemos pura e simplesmente o caso? Estamos a falar de oito crianças que foram vendidas a pervertidos!

– As crianças, por enquanto, não correm perigo – declara Douglas –, e já prendemos os presumíveis autores dos crimes. Exceto o que está no hospital, mas bem vigiado.

– E os clientes? Os que exploravam as crianças? Deixamo-los em paz, é isso? Talvez o tipo que faz troça de nós no seu disfarce doentio seja um deles – diz Niklas, enfurecido.

É raro vê-lo empolgar-se àquele ponto e atrever-se a questionar as escolhas de Douglas.

– Essa é naturalmente uma hipótese que merece ser estudada – afirma Douglas. – Deixei claro ao chefe daquela unidade que a principal prioridade era estabelecer uma lista de clientes romenos e interrogá-los. Estão a fazer isso a partir das conversas telefónicas dos dois telemóveis que confiscámos.

– Mas um de nós devia ajudá-los nesse trabalho!

– Absolutamente, e pensei que devias ser tu.

Niklas cala-se. O cérebro corre a cem à hora.

– Ah!... Bem, sim, tudo bem. Quem vai ser o meu contacto?

– Vais ter todas as informações necessárias depois da reunião. Deniz, como vai a tentativa de localizar o número do qual o Ismail ligou pela última vez?

– O Ismail utilizou um cartão pré-pago. A antena que captou a chamada fica perto da E4, curiosamente não muito longe da bomba de gasolina. Mas não conseguiremos determinar nada mais preciso

do que isso. Pode indicar que o assassino está nos subúrbios a norte ou simplesmente que o Ismail estava num carro que seguia pela E4 quando telefonou. Um carro que se dirigia sabe-se lá para onde.

– Temos de saber quem é que no centro de acolhimento foi cúmplice dos romenos – diz Zack. – Tentei várias vezes falar ao telemóvel com Jeanette Vrejne, a funcionária que estava de serviço quando o Ismail fugiu, mas nunca atende. Estou a pensar passar por casa dela ao final do dia, mas primeiro gostava de mostrar o filme ao Danut Grigorescu para ver a reação dele.

– Boa ideia – diz Douglas. – Vai lá com a Deniz.

No ecrã, a porta da jaula volta a abrir-se e Ismail olha cuidadosamente para fora, em busca do mais pequeno ruído na escuridão.

– Repararam nas paredes ásperas por detrás da jaula? – observa Niklas. – Parece uma espécie de gruta.

– Estocolmo está repleta de grutas e de túneis artificiais – refere Douglas. – Muitos desativados.

– Mas uma jaula deste género? Onde é que se pode encontrar uma coisa destas? – interroga-se Niklas.

– O tipo pode tê-la construído – sugere Zack.

– E fez um disfarce de leão. É óbvio que sabe usar as mãos, esse nojento – afirma Deniz.

No ecrã, Ismail sai da jaula. Niklas faz uma pausa no vídeo para evitar ouvir novamente os gritos da criança.

– E se houver um contexto político? – reflete. – O leão louro que mata a criança negra?

– Se fosse esse o caso, teríamos um comunicado no início ou no final do vídeo, uma espécie de declaração de intenções – intervém Tommy Östman, que tosse várias vezes antes de prosseguir. – Não me parece que se trate disso. Acho que estamos a lidar com um homem que não gosta de si próprio e que, portanto, se refugia por detrás de outra personagem, neste caso, de outra criatura. Ter escolhido um leão, o rei dos animais, significa que tem necessidade de liderar. Não me surpreenderia que tivesse sido ignorado e que estivesse agora a vingar-se. Pode ter sido enxovalhado pela

companheira ou pelo patrão, ou por alguma outra pessoa importante das suas relações. Foi magoado e agora quer magoar. No corpo do leão sente-se por momentos invulnerável. Viram bem como se põe em frente à câmara. Arriscou muito, no entanto não deixou de o fazer. E também optou por divulgar o seu ato: isso mostra que tem a certeza de que não podemos alcançá-lo e que sente orgulho no que fez. Na minha opinião, o tipo jubila ao imaginar-nos a assistir ao seu vídeo e já está a planear a próxima ação.

Segue-se um silêncio.

A jaula está agora vazia, mas todos sentem que, se não travarem muito rapidamente o assassino, em breve haverá outra criança lá dentro.

– Será que o tipo quer ser diferente? – questiona Deniz. – Será por isso que usa a pele de leão?

Zack não pode deixar de pensar nos colegas: também mudam quando vestem a farda.

Eu também gostava de me transformar. Mas de forma inversa. De me tornar melhor pessoa.

Olha para as articulações doridas. Pelo menos as mãos não estão a tremer.

Já é uma melhoria.

Rudolf aclara a voz e levanta-se na cadeira. Estava tão quieto que Zack quase esquecera a presença do colega.

– O Homem sempre acalentou a ideia de se disfarçar de leão. Na Alemanha foi encontrada uma estátua com quarenta mil anos que representa um homem-leão e em França há pinturas rupestres que atestam o mesmo fenómeno. Só que, neste caso, acho que o nosso assassino se refere a um leão específico. Algum de vocês já ouviu falar do leão de Nemeia?

– Não é da mitologia grega? – pergunta Östman.

– Sim. E há muitas semelhanças entre esse mito e o que vemos no vídeo. Os trinta dias, por exemplo. É exatamente o tempo que o herói do mito demora a derrotar o leão e a impedir que uma criança seja sacrificada a Zeus.

– Queres dizer que este psicopata assume o papel de um leão mitológico? – pergunta Niklas.

– Significa que está a brincar connosco – diz Zack, mais terra a terra. – Quer provar-nos que a culpa de não o conseguirmos apanhar é nossa.

– Essa ideia também me passou pela cabeça – intervém Rudolf. – Logo com a opção de expor o cadáver no topo de uma chaminé. Numa das versões do mito, o leão de Nemeia seria originário da lua ou das estrelas. Isso explicaria porque é que o assassino prendeu o rapaz no sítio mais alto possível, como uma espécie de vítima sacrificada à abóbada celeste que deu vida ao leão. Ou como uma alusão a outro mito grego, o do Titã Prometeu.

Rudolf fica em silêncio para ver se o nome provoca alguma reação. Mas limitam-se todos a olhar para ele, à espera do resto da apresentação.

– Prometeu julgava os homens superiores aos animais, por isso roubou o fogo aos deuses para o dar aos homens. Os deuses castigaram-no, amarrando-o a um penhasco e deixando uma águia devorar-lhe o fígado com bicadas.

Pela primeira vez, Zack ouve algo semelhante a uma explicação plausível. Desde que desceu da chaminé com o rapazinho às costas que o seu cérebro deu voltas e mais voltas na tentativa de compreender as intenções do assassino: porquê pôr a vítima num sítio onde ninguém podia vê-la por causa da floresta circundante?

Talvez porque não fossem os homens o público visado.

Mas sim a Lua. As estrelas.

E os pássaros que tinham atacado e bicado o fígado de Ismail.

Patológico, mas não ilógico.

No entanto, porquê querer mostrar o vídeo ao mundo?

Ou porque não? Tanto é assim que hoje em dia toda a gente se dá ao trabalho de publicar imagens ou vídeos na Net para existir aos olhos dos outros...

– Como acaba essa história? – quer saber Niklas.

– O leão é morto. Mas não antes de conseguir massacrar muitos homens. Como se já tivesse conseguido a sua vingança.

CAPÍTULO 25

O GUARDA ABRE A PORTA DA CELA. Lentamente, como se houvesse um animal perigoso lá dentro.

Zack entra com Deniz. A colega saiu-se bem no interrogatório dos Assuntos Internos e conseguiu manter a arma de serviço. Åke Blixt e Gunilla Sundin foram surpreendentemente indulgentes com ela. Como se Douglas lhes tivesse recomendado a linha de conduta a seguir.

Danut Grigorescu senta-se na cama quando a porta se abre. Tem o lábio superior inchado e um olho negro. Quando descobre quem são as visitas, um tique nervoso faz-lhe tremer um dos cantos da boca e o romeno esforça-se para mostrar o mesmo ar entediado que tinha da última vez que esteve com os dois agentes.

– Então, como vai isso? – pergunta alegremente Deniz como se a brutalidade do interrogatório da noite anterior não tivesse acontecido.

Danut limita-se a grunhir.

Em cima da mesa de cabeceira permanece uma porção de puré de cenoura com uma salsicha de porco em que não tocou. Zack afasta a comida para ali pousar um *iPad*.

– Vais ver um filme – diz. – Infelizmente não é o Emil de Lönneberg, mas um vídeo sobre uma das crianças que pretendias vender.

Zack vira o *iPad* para o romeno e mostra-lhe alguns minutos do vídeo.

A princípio, Danut Grigorescu não reage. É normal, já viu muito pior do que uma criança numa jaula...

– Reconhece-lo? – pergunta Zack.

O romeno não responde.

– É o Ismail, o rapaz que fugiu. Vimos as imagens das câmaras de vigilância da bomba de gasolina.

– Estão a ver. Eu tinha dito a verdade, porra! – diz em voz alta, abrindo as mãos.

– Sim, tu és uma pessoa fantástica. Vê agora.

Danut Grigorescu tenta manter a mesma expressão entediada quando a porta da jaula é aberta e Ismail desaparece da imagem.

Então os gritos sobem de tom e o homem fica petrificado.

Vira-se para Zack e para Deniz:

– Foi assim que ele morreu?

– Sim – responde Deniz. – Cortaram-lhe o pescoço e depois todo o corpo dele foi retalhado.

O romeno volta novamente os olhos para o ecrã. Olha para a jaula aberta, ouve os gritos cada vez mais fracos e depois o homem no seu disfarce de leão a mostrar orgulhosamente as garras ensanguentadas para a câmara.

– Juro que nunca pensei que fizessem coisas tão taradas – diz Danut Grigorescu.

– Que esperas quando vendes crianças a assassinos e a pedófilos? – pergunta Zack. – Que joguem Xbox juntos?

– Espero que aches que o dinheiro valeu a pena – acrescenta Deniz.

– Mas eu já vos disse que não vendemos o puto. Ele deu de frosques. Vocês viram.

– E não conseguiram voltar a apanhá-lo?

– Não, juro-vos. E não foi por não termos tentado. Revistámos aquela zona toda a pente fino, mas ele tinha desaparecido. Não sei como esse homem o encontrou.

– Mas tinham um comprador para o Ismail, não era? Alguém que estava à espera que lho entregassem para poder fazer tudo o que quisesse com ele?

– Não. Primeiro deixamo-los ver as crianças.

Zack tenta detetar algum vestígio de vergonha nos olhos do romeno. Ou de remorsos.

Mas não, nada.

– Esse homem vai matar outras crianças – afirma Deniz. – Se não te tivéssemos detido, poderias muito bem ter-lhe vendido a próxima vítima.

O romeno crava os olhos nos dele.

– Ah, já estou a perceber. Às vezes chamam-me Leão. Por causa do meu cabelo. Mas isso não tem nada que ver com o que me mostraram no vídeo. Nunca teria sido capaz de fazer uma coisa daquelas.

– Mas é o que tu fazes – corrige Deniz. – Vendes crianças.

– Mas não lhes faço nada.

– O problema é que sabes o que vão passar...

– Sim, mas como se costuma dizer... negócios são negócios.

Danut faz um sorriso rasgado e, por detrás das facetas partidas, despontam os dentes negros.

Zack segura o braço de Deniz, que está prestes a atirar-se ao romeno.

– Precisamos de um nome – diz. – O nome da pessoa que vos ajudou no centro de acolhimento.

O romeno dá uma gargalhada seca e abana a cabeça.

– Recusas-te? – pergunta Zack. – *Okay*, então tenho outra ideia.

Inclina-se para ficar a apenas alguns centímetros do rosto de Danut Grigorescu.

– Tu já estás oficialmente morto, não é? Quer dizer, de acordo com todos os registos, morreste no naufrágio do *Estónia*.

Danut Grigorescu desvia o olhar.

– O que significa – explica calmamente Zack – que se te matarmos agora, ninguém vai lamentar a tua morte. Basicamente, vamos apenas corrigir um pequeno erro de registo. Para que os mortos possam juntar-se aos mortos e não continuar entre os vivos.

O romeno olha para Zack. Será que está a fazer *bluff*?

– Nunca se atreveriam... – diz em tom hesitante.

– Mas olha que seria lógico. Ouve, põe-te durante um segundo no nosso lugar. Temos diante de nós um romeno sem identidade, que durante anos só exerceu atividades ilegais na Suécia e que, atualmente, ganha a vida a vender crianças. E, por fim, temos a oportunidade de nos livrarmos dele de uma vez por todas. Sem dar nas vistas. E sem nos custar nada. Admite que é tentador.

Danut Grigorescu começa a duvidar, os olhos deslocam-se de Zack para Deniz.

– Então? – insiste Zack.

O romeno continua de boca fechada.

Zack levanta-se e bate várias vezes na porta da cela.

– Já estamos prontos para tratar dele.

– *Okay* – ouve-se dizer do outro lado da porta –, vou primeiro apagar os ficheiros do computador.

– Espera um minuto – diz Danut Grigorescu. – Aonde vamos?

Por detrás da porta, o guarda faz barulho com as chaves.

Danut Grigorescu procura ganhar tempo.

– Pronto – diz. – Vou dar-vos um nome.

CAPÍTULO 26

A MULHER NA CASA DOS QUARENTA debate-se e insulta-os vigorosamente quando Zack e Deniz a obrigam a sair da vivenda de tijolo em Vallentuna. No caminho de cascalho até ao carro, a neve que lhe açoita a face consegue pô-la fora de si.

No veículo, a mulher pergunta as horas e, quando Deniz responde «três e meia», diz «ah!» e depois guarda um silêncio obstinado durante o resto da viagem. O cabelo pintado de ruivo cai-lhe sobre os ombros e a mulher mordisca constantemente o fino lábio inferior.

Os soluços só chegam quando já estão os três na sala de interrogatórios.

Jeanette Vrejne, mãe solteira com três filhos. Estava grávida de sete meses do último quando o companheiro resolveu estabelecer-se na República Dominicana. Desde então que não tem notícias dele e que não recebe um cêntimo de pensão de alimentos.

Recompõe-se, sabendo que a autocomiseração não a levará a lado nenhum. Limpa o nariz com as costas da mão e pega na folha que Zack pôs na mesa à sua frente: a transcrição de uma conversa entre ela e Danut Grigorescu.

– Sim, fui eu, o contacto dos romenos no centro de acolhimento – admite. – E já o tinha feito. Com duas outras crianças.

Pergunta se pode tomar mais café. Esfrega os olhos verdes. Lágrimas, cansaço.

– Disseram-me que lhes encontrariam famílias adotivas nos EUA. Parece que há lá uma forte procura e que as leis são mais flexíveis do que na Suécia.

– Acreditou realmente que as crianças iam ser adotadas no estrangeiro? – pergunta Deniz.

Jeanette Vrejne contorce-se na cadeira, desconfortável.

– Sim, bem... não sei. Não, no fundo, mas pensei nos meus filhos e em mim. Já não conseguia continuar a lidar com as faturas e com

os juros. Tinham-me cortado o telefone fixo. A seguir ia ser a eletricidade.

Olha para os dois agentes, na esperança de um sinal de compaixão. Ao ver que se mantêm calados, Jeanette prossegue:

– Queria ser como as outras mães. Ir de férias no verão, comprar coisas para os meus filhos e para mim. Não ter de me mudar para uma casa a cair aos bocados. Eles pagaram bem: cem mil coroas²⁰ em dinheiro por cada criança.

Bebe um gole de café e pousa suavemente a chávena.

– Não estávamos a conseguir sobreviver com o meu ordenado. Alguns dos refugiados tinham mais dinheiro do que eu, não é normal...

– Que aconteceu ao rapazinho?

– Não faço ideia.

– Nunca se interrogou?

Jeanette Vrejne morde o lábio novamente antes de suspirar:

– Já tenho preocupações suficientes assim como estou.

²⁰ Aproximadamente 9600 euros. (*N. do T.*)

CAPÍTULO 27

A NOITE JÁ SE INSTALOU QUANDO ZACK sai do ginásio na Agnegatan e apanha o metro para Östermalmstorg.

A escada rolante está avariada, por isso ainda precisa de fazer mais algum exercício para chegar à superfície.

O serão no ginásio correu bem. Zack ainda deu mais socos no saco de boxe do que o habitual, porque tinha de descarregar toda a raiva acumulada durante o interrogatório de Jeanette Vrejne. Subindo os degraus quatro a quatro, pensa no papel de Jeanette como intermediária no tráfico de crianças. Basicamente, a mulher agiu como grossista. Como se estivesse a vender bananas.

Zack ultrapassa um homem de meia-idade que sobe as escadas a custo. Sente-se em grande forma, a cabeça já não está envolta em névoa.

Jeanette Vrejne confessou que esteve envolvida no desaparecimento de três crianças. Como é que os romenos conseguiram as outras cinco? Onde? Noutros centros de acolhimento de refugiados?

Agora caberá à brigada contra o tráfico de seres humanos esclarecer isso. Parecem estar empenhadíssimos. De acordo com Niklas, já prenderam dois clientes de serviços sexuais e reuniram provas suficientes para exigir a prisão efetiva dos romenos.

Na Nybrogatan, os grandes flocos brilham como diamantes sob os postes de iluminação. Cruza-se com um sem-abrigo com dois sacos de latas vazias. O tipo parece transido de frio.

Zack já não sente o frio, está ansioso por regressar ao apartamento de Mera. E também por se encontrar com ela.

Caminha apressadamente pela Kommendörsgatan, passando pelas fachadas altivas de Östermalm. Repara num *Range Rover* preto e pensa imediatamente em Eva Strandberg, a proprietária do Solskenet e de outros cinco centros de acolhimento de refugiados.

Mora naquele bairro, soube quando tentou contactá-la. Acaba de comprar um apartamento na Artillerigatan por doze milhões de coroas²¹.

Zack está disposto a apostar que pagou a entrada em dinheiro, uma vez que no ano anterior lucrou cinco milhões com o negócio.

*

Ao ouvir a campainha, Mera Leosson sabe que é Zack quem está à sua porta.

Está à espera dele.

Um arrepio percorre-lhe o corpo. Uma onda de desejo ou de amor, que diferença faz? Zack está ali e Mera está ansiosa pela sua presença.

Levanta-se da cadeira, pousa na mesinha *Saarinen* o documento de estratégia empresarial que esteve a ler e a anotar, entra no corredor do apartamento nas águas-furtadas, passa pelos grandes quadros americanos e abre a porta.

Ali está ele.

Com o seu cabelo louro, o nariz aquilino e o olhar de aço.

O seu jovem Alexandre, o seu Hércules, o seu belo homem atormentado que parece vir de outro mundo.

– Entra – diz Mera. – Tens fome? Posso aquecer-te alguma coisa no micro-ondas.

Zack nega com a cabeça e olha para Mera, que vê que ele quer outra coisa.

– Tenho de tomar um duche – diz. – Não tomei no ginásio.

– Anda.

Mera leva-o até ao quarto e depois para a enorme casa de banho: a sauna tem uma janela com vista para o Palácio Real em Estocolmo, e o *jacuzzi* tem um postigo através do qual, numa noite clara, se conseguem ver as estrelas.

Mera estica o braço para a torneira do duche.

Põe a água a correr.

Admira-lhe os músculos quando Zack se despe, adora cada parte do corpo dele. Despe-se por sua vez, o sutiã, as cuecas, e entra no

duche. Espera por Zack. Até que lhe ponha as mãos nos seios.

Finalmente, Zack está ali.

Nada mais importa.

Encosta-a à parede de vidro, ergue-a e pressiona com ternura o corpo contra o dela, lambe-lhe o pescoço molhado, a pele de Mera tão próxima.

Zack sabe como levar o seu tempo.

Tem meios para se conter.

Um autocontrolo perfeito.

Lambe-lhe os seios, desliza a língua até ao umbigo dela e desce ainda mais, e Mera sussurra «oh sim, a língua», ouve-se o murmurar do chuveiro e Mera fecha os olhos, os braços estendidos para os azulejos azuis do teto.

Zack puxa-a novamente para si.

Penetra-a.

E Mera contém-se, quer atrasar aquele momento, e Zack também.

Por muito tempo.

Por mais tempo ainda.

No que parece uma eternidade.

E Mera explode silenciosamente, segundo após segundo, e Zack chega lá logo a seguir. Deixam-se cair um ao lado do outro no chão do duche. A água do chuveiro cai sobre eles em cascata e abraçam-se.

Zack encosta-lhe a cabeça aos seios.

Fecha os olhos.

Por alguns segundos, não quer estar em mais nenhum lugar.

*

Comem metade de uma lagosta cada um. Mera preparou uma maionese caseira e gosta de o ver a comer na ilha da sua cozinha, adora o apetite voraz dele, o lado insaciável de Zack.

Estou a brincar contigo, Zack, pensa Mera. Mereces uma pessoa melhor.

Não podemos continuar assim. Tenho de avançar na vida, devemos seguir em frente. Mera gostava de lho dizer, mas muda de

ideias quando o vê a mergulhar um pedaço de lagosta na maionese.

Como se todos perdessem a língua diante dele.

Zack tem algo de um deus quando a luz das lâmpadas de halogénio do teto lhe ilumina o rosto.

E não se implora a um deus para se retirar para sempre.

Depois de acabar de comer, deitam-se na cama sem descerem o estore. Para admirar o céu noturno, ligeiramente iluminado.

Zack fica acordado, sente a pele de Mera contra a dele, tão suave e quente como a de uma criança.

Anteontem vi uma criança assassinada, pensa.

Uma criança sozinha.

Mas nós não estamos sozinhos, Mera. Estamos juntos, aqui e agora.

Isto pode tornar-se uma coisa séria entre nós...

Mas Zack tem dificuldade em convencer-se a si próprio disso.

Aquela sensação de intimidade é passageira.

Como tudo o resto neste mundo.

21 Cerca de um milhão cento e sessenta mil euros. (N. do T.)

CAPÍTULO 28

QUINTA-FEIRA, 22 DE JANEIRO

A LUZ DAS ESTRELAS NO CÉU DE ESTOCOLMO. Pegadas na neve fresca.

Há horas que Patrik Andersson caminha sem rumo.

Tudo começou em Östermalm na noite anterior. Conseguiu encher dois sacos. Os ricos não se incomodam a recuperar o depósito. Devem achar-se acima disso.

Com o dinheiro recuperado, Patrik conseguiu comprar dois *cheeseburgers* no McDonald's perto da estação. Aquilo encheu-o, aqueceu-o e até o fez sentir-se um pouco excitado.

Mas foi passageiro.

Agora está novamente gelado. E cansado. Arrastou-se pelas ruas durante toda a noite. Não gosta da confusão do albergue de emergência.

O relógio da igreja Katarina não tarda a indicar uma e meia da manhã.

A camada de neve diáfana confere uma calma apaziguante às lápides do cemitério.

Patrik Andersson pergunta-se onde irá repousar quando morrer.

Onde aterram aqueles que ninguém quer?

Aqueles de que ninguém se lembrará?

Desce a colina da igreja Katarina. Caminha devagar por entre as casas baixas de madeira com cercas vermelhas. Sente as lajes que parecem inúmeras pequenas cúpulas sob a neve.

Sente-se uma atmosfera de outros tempos naquele bairro. Do tempo em que as pessoas o cumprimentavam com respeito. Em que Patrik ainda tinha uma família e um emprego.

Esfrega as mãos congeladas. Muda de direção, segue pela Nytorrgsgatan, que desce a colina para sul.

Está prestes a atravessar a Kocksgatan quando vê um grande contentor aberto contra uma fachada amarelo-clara.

Aproxima-se.

Descobre um pedaço de metal saliente que serve de ponto de apoio ao sapato e iça-se para ver o que foi atirado lá para dentro. Cartão canelado, placas de gesso cartonado, material de isolamento e tubos velhos de plástico.

Cá está um sítio onde podia deitar-se. Além disso, quem se importaria se não acordasse no dia seguinte?

Desce para o contentor. Tapa-se com um pouco da velha fibra de vidro isolante.

Ergue os olhos para o céu.

Não se está mal de todo aqui. Se ao menos não fizesse este frio de rachar...

Tantas estrelas lá em cima.

Sabia muito sobre as estrelas quando era pequeno. Assinalava as constelações que os outros não viam.

O Unicórnio, o Dragão, o Leão.

Patrik Andersson acaba por adormecer.

Quando acorda, não sabe se já passou uma hora ou se passaram cinco.

Lá fora continua a mesma escuridão e o ar gélido infiltra-se sob o casaco velho. Está gelado, mas gostava de dormir um pouco mais. Que sorte não ter morrido de frio.

Ouve o pacote com os jornais passar diante do contentor e tenta conseguir um melhor isolamento puxando por um grande saco de lixo preto. Puxa-o com todas as suas forças. O plástico rasga-se e Patrik fica cara a cara com um rosto, congelado.

CAPÍTULO 29

AO ABRIR A PORTA DO CARRO NA BONDEGATAN e, ao enfiar as luvas e o gorro, Niklas Svensson tem a impressão de que o tempo está como que suspenso e de que se encontra num filme antigo da época soviética.

Aquele frio siberiano, as pessoas envoltas em roupas demasiado grossas, os rostos fechados e a pequena nuvem de vapor a escapar-se-lhes da boca. Esta ausência de luz e de alegria. Ainda só são sete horas da manhã desta quinta-feira, mas parece que já é final do dia.

Que tempo é este? Quase não se consegue ir dar um passeio com as crianças.

Rudolf Gräns sai do lugar do morto e desdobra a bengala branca. Usa um sobretudo e um velho gorro de pele com tapa-orelhas, o que faz dele um figurante perfeito para um filme de arquivo soviético. Também pôs os óculos escuros.

– É melhor dares-me o braço – diz Niklas. – Os carros estão estacionados de qualquer maneira, além disso há uma data de jornalistas a andar de um lado para o outro.

– Eu ouço-os – confirma Rudolf, dando o braço a Niklas.

Niklas ergue a fita do perímetro de segurança para poderem aproximar-se do contentor azul.

Um agente fardado com uma caneca de café fumegante na mão observa Rudolf com uma ponta de desprezo.

Niklas viu aquilo muitas vezes. A atitude condescendente face ao inspetor cego da sua unidade.

Mas já começa a ficar farto. *Vou pôr este tipo no lugar.*

Niklas pede a Rudolf para esperar um momento. Então dirige-se ao agente e sussurra-lhe ao ouvido:

– Vale por cinco como tu. Ou mais.

O homem não sabe o que dizer.

Niklas volta para junto de Rudolf, sorrindo, surpreendido pela própria audácia.

Não tem o hábito de fazer coisas daquele género. De todo.

À frente do contentor, Sam Koltberg salta sem sair do lugar para se aquecer. Os sapatos que usa têm uma sola demasiado fina. Niklas sabe que muitos dos colegas têm dificuldade em conviver com Koltberg, mas ele gosta de Sam.

– Olá, Sam, como vai isso?

Koltberg tem a cabeça descoberta, as orelhas avermelhadas pelo frio.

– Nada de especial – responde. – Resíduos de pólvora nos dedos. A mesma coisa em redor do buraco na têmpora. Foi suicídio.

– Ah, foi? A central falou em homicídio.

– Alguém quis fazer com que desse essa impressão – diz Koltberg.

– Sabemos a identidade dele? – intervém Rudolf.

– Johan Krusegård, trinta e cinco anos. Pelo menos de acordo com a carta de condução. Tinha algumas notas de mil na carteira, o que reforça a minha tese de suicídio. Caso contrário, o agressor teria levado o dinheiro.

– Posso dar uma vista de olhos? – pergunta Niklas.

Koltberg sobe e desce os braços para se aquecer.

– Se quiseres, mas não mexas em nada.

Niklas trepa para a borda e olha para o interior do contentor. Ao ver o saco de lixo, vem-lhe à memória o pesadelo da noite anterior.

No entanto, não é o filho que jaz ali, mas um homem na casa dos trinta, de ombros largos, com um buraco negro por cima da orelha direita e uma mão aferrada ao saco meio aberto.

A manga do morto está em farrapos e Niklas repara na tatuagem, que é a razão de terem sido chamados.

Um grande leão estende-se do braço ao antebraço. O predador salta, a boca escancarada com caninos desmesurados. Os contornos ainda são nítidos e as cores vivas.

Foi feita recentemente.

Niklas examina novamente o rosto.

Poderá ser o assassino disfarçado de leão?

Terá sido ele quem aprisionou Ismail durante um mês antes de o torturar e de lhe cortar a garganta?

Os ombros largos correspondem. Os maxilares também.

A culpa custou-lhe demasiado a suportar? Ou teve medo de também ser enjaulado?

Como foi ali parar? Quem o terá enfiado num saco?

Talvez não tenha nada que ver com a nossa investigação.

Niklas tira fotos de Johan Krusegård com o telemóvel antes de voltar a descer do contentor.

Aproximam-se dois técnicos. Koltberg faz questão de lhes dizer que estão atrasados e que não tem o dia todo. Dá-lhes instruções para retirarem o corpo do contentor e descompõe-nos ao reparar que se esqueceram do saco para cadáveres no carro.

Rudolf fala com a equipa no local. Decidem fazer uma ronda pela vizinhança e confiam a dois agentes auxiliares²² a ingrata tarefa de vasculhar o resto do contentor assim que os técnicos terminarem o trabalho.

Um pouco afastado está um agente fardado na companhia de um homem que claramente vive na rua. Deve ser Patrik Andersson, o tipo que ligou para dar conta da descoberta do cadáver.

Niklas questiona brevemente o homem constrangido e gelado. Diz que dormiu no contentor e que, quando acordou, deu de caras com um cadáver. Ele dá-lhes o número de telefone de um pastor da Citykyrkan, «podem ligar-lhe se precisarem de me contactar». Niklas não o empata mais.

Durante a viagem de regresso, Niklas e Rudolf partilham impressões.

Terão realmente encontrado o assassino de Ismail?

Ter-se-á suicidado no lugar errado?

Ou forçaram-no a fazê-lo?

Se sim, quem o obrigou? E porquê?

Uma rapariguinha passa por eles com a mochila da escola bem carregada. Niklas vê que deixa cair algo do bolso, um pequeno elfo de plástico cor-de-rosa, e corre atrás dela para lho devolver.

A menina agradece gentilmente e abana a mão para lhe dizer adeus enquanto continua o seu caminho.

Niklas retribui-lhe com um breve aceno.

22 A Polícia Auxiliar Sueca, *Beredskapspolisen*, foi criada em 1986 com o objetivo de ajudar a Polícia regular, sobretudo como um grupo de mão de obra treinada em situações especiais, como distúrbios em larga escala e desastres naturais. A Polícia regular cresceu em 2006, levando à dissolução da Polícia Auxiliar em 2012. (N. do T.)

CAPÍTULO 30

ZACK PEGA NUMA FOLHA do rolo de papel de cozinha e limpa a testa.

O zelador conseguiu reparar o ar condicionado. Mas agora o ar está tão quente que a pequena sala de reuniões se transformou numa sauna.

– Acham que vamos aguentar estar aqui? Era melhor fazermos outra coisa até o Niklas e o Rudolf voltarem. Parece que solucionaram o caso – diz Zack, olhando para as fotos de Johan Krusegård em cima da mesa. O rosto congelado, a tatuagem.

– Só temos de ver o outro vídeo – afirma Deniz. – Em movimento acelerado, não deve demorar muito tempo.

Zack assente, satisfeito por ter dormido sete horas de sono na noite anterior.

Se tivesse de estar naquela sala depois de passar a noite na companhia de Abdula teria um ataque de ansiedade, mas naquele dia tem o cérebro a funcionar normalmente.

Sente dores musculares depois do treino da véspera e há muito que não tinha uma noite como aquela com Mera, por isso não sente a crise de abstinência.

Treinar é o melhor remédio contra a droga, Zack sabe-o. O ideal seria uma sessão com o ex-mestre de karaté, o *sensei* Hiro. E se lhe ligasse a tentar marcar um treino com ele?

– *Shit*, a qualidade da imagem é mesmo péssima – pragueja Deniz. – Nem sequer sei se vamos conseguir ver se é ele.

Começam a ver o segundo dos vídeos de vigilância que Sirpa conseguiu recuperar.

O primeiro vídeo era de um hotel nas proximidades da bomba de gasolina. O estacionamento sob videovigilância está localizado ao longo daquele que poderia ter sido o caminho percorrido por Ismail durante a fuga. Mas, depois de ver duas horas de vídeo em

movimento acelerado, tiveram de render-se às evidências: Ismail não passara por lá.

O vídeo que estão a ver nesse momento vem de uma mercearia em Bagartorpsringen, do outro lado de uma área arborizada, a cerca de um quilómetro da bomba.

Se Ismail tivesse querido esconder-se, poderia ter corrido entre os abetos e dirigir-se para oeste. Os perseguidores teriam tido muita dificuldade em seguir-lhe o rasto.

Bem, era uma hipótese que merecia ser mais bem estudada.

Zack avança o vídeo até o relógio digital indicar 06h12, um quarto de hora depois da fuga de Ismail da bomba de gasolina. Mesmo em excelente condição física, o rapaz não poderia ter atravessado o bosque mais depressa.

A imagem é granulada e a câmara não parece muito sensível à luz. Zack passa rapidamente as imagens, o que lhes dá a impressão de estarem a ver um filme caseiro em *stop motion*²³.

Por causa da falta de clareza são obrigados a fazer pausas frequentes para examinar as pessoas e os carros que passam.

– Ali – grita Deniz. – Para. Estás a ver?

– O quê?

– Retrocede trinta segundos.

Zack obedece.

Deniz levanta-se e dirige-se ao ecrã. Aponta o dedo para o canto esquerdo.

– Agora olha com atenção.

Passam oito segundos. Então, Zack também o vê.

Um homem entra na imagem. Veste um blusão de penas preto e calças de ganga, e traz um rapazinho pela mão.

Zack faz pausa.

A distância entre a câmara e as duas pessoas deve ser de cerca de vinte metros, mas sem dúvida que é possível.

O blusão demasiado fino. As calças de fato de treino pretas, rasgadas.

É Ismail.

– Mas quem é o tipo? – pergunta Zack. – Não é um dos romenos.

– Não, é outra pessoa – responde Deniz. – Este tipo é mais alto e veste-se de modo menos descuidado.

Zack estica o braço para pegar numa foto de Johan Krusegård.

Será o homem que estão a ver no ecrã?

Impossível dizer. Não conseguem distinguir-lhe o rosto.

Mas a altura pode corresponder. Krusegård media um metro e oitenta e oito. Por isso, pode muito bem ser o homem nas imagens de vigilância.

Serás tu o predador que procuramos?, pensa Zack.

O homem atravessa o local e parece falar com Ismail. O rapaz ergue os olhos de vez em quando e parece responder às perguntas.

Margareta Svensson dissera-lhes que Ismail tinha aprendido sueco rapidamente.

Passados trinta segundos, o homem e o rapaz desaparecem da imagem. Zack e Deniz continuam à espreita, esperando vê-los regressar, entrar num carro, porque não, mas não, não acontece mais nada.

Deniz saca o telemóvel, abre o Google Maps e insere «Bagartorpsringen», depois diminui o *zoom* para ver uma área maior.

– A estação suburbana de Ulriksdal situa-se nas proximidades. Podem ter partido de lá – diz. – Vai ser preciso pedir diretamente as imagens de vigilância à estação.

– O tipo pode muito bem ter ido para o carro dele. Ou para o *Skoda* vermelho dos romenos – observa Zack.

– Achas que trabalha com eles?

– É o mais provável, mas vamos verificar. Os romenos podem tê-lo chamado quando o Ismail desapareceu a pedir-lhe para vigiar o outro lado do bosque. Ou então é alguém que não tem nada que ver com eles.

– Tu acreditas nisso, na teoria do tipo que passa ali por acaso, que se depara com o Ismail e o leva para casa?

Deniz tem razão, admite Zack. As probabilidades são mínimas. Alguém que se deparou *por acaso* com um rapaz que sai a correr de um bosque. Que esse alguém *por acaso* fosse um assassino de

crianças e que o rapaz que captura fosse *por acaso* uma criança da qual ninguém anda à procura.

É improvável.

Altamente improvável.

Como tantas outras coisas nesta vida.

Como aquela noite, no prado.

Porque é que Zack pensa nisso naquele momento? Será por causa do calor na sala? Do suor que lhe escorre pelas têmporas?

Estava calor naquela noite.

Cheirava a flores.

A flores e a morte.

E tinha sangue nas mãos. Não dele, mas do outro rapaz. Daquele que estava ao lado dele.

Daquele para o qual Zack, então com doze anos, não se atrevia a olhar. Porque o que lhe aconteceu fora culpa dele, de Zack.

Pestaneja para afastar a recordação.

Não é o momento certo para te distraíres.

Salva antes este rapaz.

Rebobina o vídeo e detém a imagem onde o homem e o rapazinho aparecem. Amplia a imagem o máximo possível até ficar completamente pixelizada.

Não, é impossível ver o rosto do homem.

– Esperemos que haja outras câmaras de vigilância por aquelas bandas – diz.

Saem da sala de reuniões. Os vinte e quatro graus do *open space* comparativamente parecem-lhes frescos.

Sirpa é a única colega na sala.

– Como vai isso, Sirpa? – pergunta Zack. – Conseguiu encontrar quem enviou o *link*?

Sirpa abana a cabeça.

– Foi enviado pela rede *Tor*, o que torna quase impossível qualquer localização geográfica. Pelo menos com os meios que temos. – Sirpa vira-se para o teclado. – Mas eu lancei um isco. Espero que o tipo morda o anzol.

23 Técnica de animação através de composições em que se utilizam modelos reais em diversos materiais, como madeira ou barro. As composições vão depois sofrendo pequenos movimentos e cada um é fotografado. Os fotogramas com os sucessivos movimentos são posteriormente montados numa película cinematográfica, criando a impressão de movimento. (*N. do T.*)

CAPÍTULO 31

A SALA DE AUTÓPSIAS tem uma temperatura constante de doze graus.

Não há mortalha nem pequenos círios sobre a mesa, nem flores nem cortinas nas janelas. Nada além de mosaicos brancos nas paredes, tapetes para pisos húmidos, num padrão cor de ardósia, e móveis de aço inoxidável tão limpos e polidos que podiam servir de espelho.

Exatamente como Samuel Koltberg exige.

Usando um avental de plástico e luvas amarelo-claras, examina o corpo meio descongelado de Johan Krusegård.

Não gosta muito de cadáveres congelados. Vai ter de indicar de novo um amplo intervalo temporal para a hora provável da morte. Detesta fazer isso. Adora a precisão.

Ao ver o estado em que se encontra o cadáver, Krusegård apenas sabe que o corpo não perdeu a vida há mais de quarenta e oito horas. Niklas soube que o contentor é esvaziado todas as segundas-feiras e que havia uma fina camada de gelo sob a neve que cobria o saco de lixo, o que significa que o cadáver ainda devia estar quente. Ou seja, Krusegård foi atirado para dentro do contentor logo depois de ter morrido.

Koltberg mede o buraco na têmpora. Examina cuidadosamente a pele e repara na marca de um objeto circular a alguns milímetros do buraco.

Conclusão: Johan Krusegård teve um revólver pressionado contra a têmpora durante algum tempo. O cano da arma foi então deslocado ou deslizou um pouco para o lado antes de disparar.

Johan Krusegård disparou uma bala contra o próprio crânio, de certeza, mas hesitou durante muito tempo. Ou alguém o obrigou a fazê-lo. Alguém que talvez o estivesse a ameaçar.

Porquê?

Deixa aos colegas a preocupação de responder àquela pergunta.

Koltberg recolhe novas amostras dos resíduos de pólvora em redor da têmpora e nas pontas dos dedos para garantir que são da mesma natureza. Mais tarde também vai extrair a bala.

Adora a solidão daquele local.

O silêncio.

A fragrância do desinfetante.

Numa conferência na Escola Superior de Polícia Sueca, uma jovem perguntou-lhe:

«Não acha horrível mexer num cadáver?»

«Não, porque estão mortos», respondeu Koltberg. «Isso muda tudo, eles não sentem nada.»

Abre suavemente os maxilares de Johan Krusegård e introduz-lhe um *scanner* digital na boca para recolher uma impressão dentária. A foto aparece imediatamente no ecrã do computador. Ah, apesar de tudo é mais prático do que quando tínhamos de utilizar silicone e moldes de gesso!

Pousa a foto na secretária e envia-a como anexo a Bob Jackson, o seu contacto no FBI.

Nem pensar em deixar aquela estomatologista forense histórica meter o nariz na sua investigação. Os defensores da igualdade de género podem barafustar à vontade: em investigações como aquela, nada alguma vez substituirá o cérebro de um homem.

As coisas são como são.

Com alguma sorte, o FBI poderá verificar se a impressão dentária de Krusegård corresponde ou não à mordidela no corpo do jovem refugiado, mesmo que Koltberg saiba que as probabilidades são baixas, dada a imprecisão da impressão.

Foste tu que mordeste o rapaz, Johan Krusegård?

Koltberg examina o que resta do corpo daquele homem, procurando hematomas ou outros ferimentos. Tenta detetar sujidade, poeira, depósitos, qualquer coisa que possa fornecer informações sobre o local da morte.

O saco de lixo em que o corpo foi encontrado já foi enviado para o NLF, o Centro Nacional Forense, localizado em Linköping. Caberá aos técnicos e aos químicos encontrar cabelos ou qualquer outro elemento que permita conduzir a quem manipulou o corpo.

Afinal, porque é que o levariam para o contentor?

Ao que parece, alguém julgou que o corpo não devia ficar no local onde o homem morreu.

Um local onde não devem apreciar muito as visitas da Polícia.

Na verdade, sítios desses não faltam.

Ele próprio não gostaria que a Polícia lhe revistasse a casa, por exemplo, e com razão.

E tudo menos o computador. Armazenou filmes e fotos que era preferível que ninguém visse.

CAPÍTULO 32

NIKLAS SVENSSON ENCONTRA UM LUGAR LIVRE por baixo da ponte Kungsbron, em Östra Järnvägsgatan, e estaciona.

Com as paredes de betão cinzento cobertas de *tags* e a neve amarela por causa da urina, está-se ali bem longe da vastidão branca de Saltsjöbaden, que Niklas e Rudolf acabaram de deixar.

A casa dos pais de Johan Krusegård ficava no alto da Strandpromenaden e, com umas deslumbrantes janelas de sacada, tinha uma vista desobstruída da baía. Mas nenhum dos dois médicos reformados estava em casa.

– Oh, não têm qualquer hipótese de vê-los antes da chegada da primavera – disse um vizinho. – Passam todos os invernos na casa que têm na Tailândia.

No regresso, Rudolf tentara falar com o casal ao telefone, mas estava desligado, e não tardaria a cair a noite na Tailândia.

Johan Krusegård era filho único. Não tinha constituído família e também não tinha muitos amigos. O histórico do telemóvel da vítima mostra principalmente chamadas recebidas do telefone fixo dos pais e contactos de *telemarketing*.

Desde o início de dezembro que não atendia uma chamada nem respondia a um SMS. Os técnicos que examinaram o telemóvel disseram a Niklas que era como se Johan tivesse deixado de o utilizar.

O último SMS que recebeu foi de um tal Raymond Nilsson.

«Feliz Natal, Johan», escrevera na véspera de Ano Novo.

Depois, três dias mais tarde:

«Olá Johan, que vais fazer na véspera de Ano Novo? Era fixe irmos passar a noite em casa da Sigge. Apita!»

Mas Johan Krusegård nunca mais dera sinal de vida.

Aquilo deve ter acontecido pouco antes do momento da morte de Ismail.

Enquanto esperavam que Douglas Juste conseguisse um mandado de busca para o apartamento de Johan Krusegård, Niklas e Rudolf decidiram começar por Raymond Nilsson.

Atravessam a rua e entram pela porta da frente de um edifício de escritórios recém-renovado.

A Echidna Games, o local de trabalho de Raymond Nilsson, fica no sétimo andar. Uma jovem rececionista com cabelo rosa-fluorescente e braços tatuados pede-lhes que esperem enquanto vai chamar «Ray», obviamente o diminutivo de Raymond Nilsson.

Niklas percorre o *open space* atrás da receção com o olhar.

Do teto pendem globos cor de laranja sobre mesas de reuniões verde-fluorescentes. Há um jogo de hóquei em miniatura *Stiga* no meio do *open space* e, à esquerda, dois jovens de *sweatshirt* com capuz jogam num simulador de ralis, cada um à frente do seu ecrã.

Niklas não pode deixar de dar uma olhadela ao jogo.

Vai ter alguma coisa para contar a Lukas quando chegar a casa, pensa. *Sabes que o pai esteve numa empresa onde as pessoas podem jogar durante o trabalho?*

Lukas adora jogar. Sobretudo o jogo de vídeo *Lego Harry Potter*. E adora tudo o resto sobre o aluno mágico.

Nessa noite, a turma levará à cena uma peça de Harry Potter para os pais, e Lukas interpretará Ron, o melhor amigo de Harry. Um papel importante, com muitas falas. Lukas trepidava de impaciência.

– Tu vais, não é, papá? – perguntara várias vezes, e Niklas tinha-lhe prometido que ia.

Tenciona ir, aconteça o que acontecer.

Um homem sorridente de olhos azuis sai do *open space*.

– Olá – disse a Niklas e a Rudolf. – São da Polícia?

Niklas estava à espera de um homem gordo com uma *T-shirt* desbotada de *Star Wars*, mas Raymond Nilsson tem mais o ar de um tipo atlético acabado de sair de um curso de gestão de empresas. Tem cabelo curto que parte praticamente em todas as direções, nariz pontiagudo e usa uma camisa azul impecavelmente engomada e calças de ganga que sublinham a musculatura das coxas.

Apertam a mão e Niklas vê que Raymond Nilsson tem dificuldade em esconder a surpresa perante a deficiência de Rudolf. Não diz nada, mas não deixa de afastar um cesto de papéis mal-arrumado enquanto os conduz por entre uma multidão de jovens sentados à frente de ecrãs de computador.

Quantos deles não serão já multimilionários?, pensa Niklas. Toda a gente que ali trabalha é acionista, tal como é costume naquelas empresas. A Echidna Games entrou na bolsa de valores no ano anterior e, quando a empresa anunciou, alguns meses depois, a sua nova colaboração com o Facebook, o preço das ações subiu em flecha. A Echidna teve lucros superiores a cinquenta milhões e foi eleita a «Super Gazela do Ano» pelo jornal *Dagens Industri*.

Passam por uma mesa de pingue-pongue e por duas máquinas de *flippers* que cintilam, e depois entram na cafetaria da Echidna.

– O que tomam? – pergunta Raymond Nilsson, mostrando-lhes uma lousa que exhibe pelo menos vinte tipos de café.

– Pensava que o Raymond só bebia *Jolt Cola*²⁴ – brincou Niklas.

– Não, para isso era preciso ir à Dreamhack²⁵.

Todos fazem o seu pedido a um tipo de cabelo comprido que usa uma *T-shirt* com uma personagem de *Minecraft* derrotada e depois dirigem-se a uma salinha de reuniões com paredes de vidro.

– Então, a que devo esta honra? – pergunta Raymond Nilsson.

Rudolf encarrega-se de iniciar o interrogatório.

– Conhece o Johan Krusegård?

– Sim, é um bom amigo meu. Já cá trabalhou. Aconteceu-lhe alguma coisa?

– Foi encontrado morto esta manhã. Suicidou-se.

Raymond Nilsson pousa a caneca azul-clara e permanece em silêncio durante muito tempo. Parece mais estar a refletir do que pesaroso.

– Disse que trabalhou aqui – diz Niklas. – Porque se foi embora?

– Despediu-se, de uma forma tão repentina como inesperada, e começou a trabalhar noutra empresa, a OGF, Online Games Factory. Deve ter sido há uns três anos.

– Sabe porquê?

– Havia rumores de uma possível entrada em bolsa da OGF. Da minha parte, não vejo outra motivação na escolha de Johan. Então aconteceu o que aconteceu. A OGF não entrou em bolsa, no entanto, do nosso lado demos esse passo. O Johan queria voltar, claro, mas o nosso presidente não aceita reintegrar «desertores», como lhes chama. Pessoalmente, achei que foi uma pena. Se o Johan tivesse ficado, agora era multimilionário. E talvez ainda estivesse vivo.

– Tinha hábitos caros? – pergunta Rudolf.

– Durante muito tempo não me apercebi disso. O Rudolf morava num pequeno apartamento de duas assoalhadas em Orminge. Não tinha carro. Raramente viajava e comprava as roupas na H&M. Mas depois...

Raymond Nilsson hesita, ergue um pouco a caneca de café para beber um gole, mas volta a pousá-la.

– Saímos uma noite, há alguns anos, e então o Johan contou-me que jogava e que tinha contraído dívidas avultadas.

– A que jogava?

– Na *Unibet*, póquer, à noite. Esse género de coisas.

– Quando o viu pela última vez?

– Já foi há alguns meses. Convidei-o para comer uma piza no nosso antigo quartel-general, no tempo das vacas magras. Sempre nos demos bem, o Johan e eu. Mas as coisas mudaram. Antes, respondia a todos os meus SMS em menos de dez segundos, mas depois começou a não dar notícias durante vários dias. E a seguir passou a nem sequer comunicar todos os dias. Na pizaria reparei que o Johan quase não me ouviu, que estava completamente absorto nos seus pensamentos, a ponto de se esquecer de onde estava. Senti-o um pouco desesperado naquele dia. Devia ter batido mesmo no fundo por causa do jogo.

– O seu amigo usava no braço uma tatuagem feita recentemente – diz Niklas. – Sabia disso?

– Refere-se ao leão?

Niklas assente.

Raymond Nilsson desata a rir e abana a cabeça.

– Sim, que se pode dizer daquilo? Acho que nunca vi uma tatuagem que correspondesse tão mal a alguém. O Johan é, sem

dúvida, a pessoa mais distante do leão que se possa imaginar. Nem sei como foi capaz de se tatuar, com todas as dívidas que tinha. Porque é uma grande tatuagem.

– Então porque a fez?

– Disse vagamente que esperava que aquilo o ajudasse a mudar.

A mudar, pensa Niklas.

A transformar-se em leão.

Que mata crianças.

– Esta pergunta pode parecer absurda, mas como era a relação dele com as crianças?

O rosto de Raymond contraiu-se, como se tivesse acabado de descobrir que o amigo era uma pessoa muito diferente da que julgava conhecer.

– Não me diga que era pedófilo?

– Não, não estamos de modo nenhum a afirmar uma coisa dessas. Apenas nos interrogamos sobre como era o relacionamento dele com as crianças.

Raymond Nilsson descontrai-se um pouco.

– Não me parece que se interesse por crianças, se quer saber o que sinto. Não era homem para ter relações próximas com muita gente.

– Tinha inimigos? – intervém Rudolf. – Alguém que quisesse fazer-lhe mal, talvez por causa das dívidas de jogo que mencionou?

– Porque faz essa pergunta?

– O Johan foi atirado para dentro de um contentor com uma bala na têmpora.

Raymond Nilsson olha para os óculos escuros de Rudolf antes de se inclinar sobre a mesa, dizendo:

– É apenas um boato, e não sei se tem ou não fundamento, mas ouvi dizer que aqui em Estocolmo se joga roleta russa. Não nessa aplicação de que o nosso CEO, por uma razão que me escapa, é tão fã, mas a sério. E com apostas altas.

– Roleta russa – repete Rudolf. – Sim, a aposta é inegavelmente bastante alta.

– Em termos monetários, digo. Quando me contou que o Johan tinha dado um tiro na cabeça, esse foi a primeira coisa que me veio

à cabeça. Pode ter tentado saldar as dívidas dessa maneira.

– Quem lhe falou dessa roleta russa?

– Na verdade, foi o próprio Johan.

– Como é que o Johan sabia?

– Não me disse. Na altura, não pensei verdadeiramente naquilo.

Não é o meu mundo.

– Mas acreditou? – insiste Niklas.

Raymond Nilsson encolhe os ombros.

– Porque haveria de questionar as palavras dele? Vivemos num mundo de jogos e as pessoas têm uma necessidade constante de adrenalina e de dinheiro...

Rudolf assente silenciosamente.

Estão a dirigir-se ao elevador quando Douglas Juste telefona a dar luz verde para as buscas ao apartamento de Johan Krusegård.

No espelho do elevador, Niklas vê-se duplicado em milhares de clones.

– Roleta russa. Em Estocolmo – diz. – Achas mesmo que é possível?

24 Bebida energética lançada em 1985 nos EUA. (*N. do T.*)

25 Empresa sueca que se dedica a promover torneios de jogos desportivos *online* e outras convenções na Rede. Chegou a deter o recorde do Guinness por ter organizado um encontro com o maior número de pessoas *online* e a Internet mais rápida. (*N. da E.*)

CAPÍTULO 33

– BEM, ONDE ESTAMOS AGORA?

Com as duas mãos apoiadas na secretária, Douglas Juste olha um a um para os membros da sua unidade.

São apenas cinco horas. O ar condicionado está finalmente a funcionar de forma normal, mas Douglas, para variar, parece desconfortável no fato de trespasse *A. W. Bauer & Co.* O tecido de lã com reflexos azuis está-lhe um pouco apertado na barriga.

Zack sente que Douglas tem vontade de largar o fato, de arregaçar as mangas da camisa e de deixar cair aquele ar de quem vive nos melhores bairros de Estocolmo. A conferência de imprensa caótica que acabou de terminar pô-lo num estado de excitação invulgar.

– Já não é possível ver o vídeo sobre o Ismail na Net – anuncia Sirpa, como se adivinhasse o que Douglas tinha acabado de suportar. – Pelo menos não em *sites* acessíveis com um simples clique no Google.

– Acabaram por ceder à tempestade de protestos? – pergunta Niklas.

– Pelo contrário – corrige Sirpa. – Havia tanta gente por todo o mundo a querer ver o vídeo que o servidor do LiveLeak foi abaixo. Retiraram-no por motivos puramente práticos. Presumo que tenha acontecido a mesma coisa ao *site* árabe.

Zack vê o rosto morto de medo de Ismail quando o homem aparece com o disfarce de leão vestido. Continua a ouvir o grito do rapaz a ressoar-lhe na cabeça.

Vamos encontrar esse sacana. Vamos fazer-te justiça, Ismail.

– Acho que também tinhas outras novidades, não é Sirpa? – pergunta Douglas.

– Julgamos ter conseguido determinar a data exata em que o vídeo foi gravado – afirma. – Não quero ficar com todos os louros,

mas conseguimos, comparando a luz na jaula com as horas do nascer e do pôr do sol em Estocolmo, assim como com o luar que em algumas noites penetrava na jaula. E a nossa conclusão é esta: a gravação começou por volta das cinco da tarde de 5 de dezembro e terminou à mesma hora vinte e nove dias depois, a 3 de janeiro. Isso corresponde aos movimentos do sol e à cobertura de nuvens observados no céu de Estocolmo.

Os colegas aplaudem-na e Niklas folheia as notas.

– Isso corresponde ao período em que Krusegård deixou de utilizar o telemóvel – diz. – Fomos ao apartamento dele. Tem no quarto um grande cartaz com um leão a rugir e na biblioteca foram encontrados vários livros com fotos de leões.

– Foi possível estabelecer uma ligação entre os romenos e Krusegård?

– Nada, infelizmente. Verifiquei junto da unidade contra o tráfico de seres humanos, mas os serviços desconhecem o nome dele. Por outro lado, interrogaram hoje dois homens. Tipos muito pouco recomendáveis. Um admitiu já ter pago por serviços sexuais por parte de menores, mas nenhum deles parece ter quaisquer ligações ao nosso caso.

Douglas assente lentamente e vira-se para Koltberg.

– Encontrei algo interessante no corpo do Krusegård?

– Os resíduos de pólvora nos dedos e na têmpora são da mesma natureza, por isso não há qualquer dúvida de que deu um tiro em si próprio. Resta saber se a impressão dentária dele corresponde ou não às marcas deixadas no corpo de Ismail. Para isso tive de pedir ajuda aos EUA. Vou insistir para que deem prioridade ao nosso pedido.

Zack quase consegue ouvir já a voz melíflua de Koltberg a ligar para Washington DC.

– Descobrimos uma teoria interessante sobre o suicídio do Krusegård – diz Rudolf.

Expõe a conversa com Raymond Nilsson e depois pergunta aos colegas:

– Algum de vocês sabe que se joga roleta russa aqui em Estocolmo de uma forma mais ou menos organizada?

Zack tem a impressão de que Rudolf está a fitá-lo. De que o colega está a cravar nele o olhar cego.

Assim como Niklas.

Que pensam eles? Que ando a brincar com a minha vida dessa maneira?

Mas sei o que procuram os jogadores.

A viagem perfeita.

O revólver com que se joga é como uma droga, a sétima dose é letal.

Valeria a pena jogar?

Difícilmente.

Ainda assim, agora precisava mesmo de alguma coisa. De qualquer coisa.

Não, o melhor era ir treinar. Malhar com força naquele maldito saco de boxe até se soltar das correntes que o prendem ao teto. Isso é que lhe faria bem depois de uma tarde de merda.

Finalmente tinham sido autorizados pelo hospital Karolinska, em Huddinge, a interrogar o romeno que tinha levado um tiro, mas isso não dera em nada. Zero. O homem não falava nem sueco nem inglês e recusou-se a responder às perguntas dele e de Deniz, que foram traduzidas pelo intérprete que os acompanhava. Nem sequer quis revelar a identidade.

Acabarão por sabê-la, mas demorará mais tempo. As impressões digitais foram enviadas para a Roménia e a resposta levará provavelmente semanas.

– E para onde foi o rapaz?

Zack demora um instante a perceber que a questão lhes é endereçada, a Deniz e a si.

– O Ismail foi visto com um estranho na Bagatorpsringen, em Solna – responde Deniz. – Não sabemos quem é este homem e as imagens são más, mas a altura e a estrutura corporal podem corresponder ao Krusegård. Também tivemos oportunidade de ver as imagens do sistema de videovigilância da estação de Ulriksdal, mas não adiantou nada. Portanto, supomos que esse homem levou o Ismail de carro. Talvez para a gruta, talvez para outro sítio. A Bagatorpsringen não fica muito longe da antena que captou a

chamada de Ismail para o centro de acolhimento de refugiados. Isto leva a supor que o local do crime fica a noroeste da capital. Mas continua a ser uma mera hipótese.

Falam novamente sobre o suicídio de Krusegård.

Se Johan Krusegård deu um tiro em si próprio, quem atirou o cadáver para o contentor? Alguém que não quer que a Polícia interfira nas suas atividades. Se Krusegård fosse o assassino de Ismail, porque se teria agora suicidado? Será que considerava que a missão a que se tinha proposto estava terminada? Ou ficou assustado ao saber que a Polícia tinha conseguido descobrir o rapazinho?

Östman parece duvidar. Na sua opinião, os traços de personalidade de Krusegård não encaixam bem no perfil procurado.

Zack bebe o último gole de café morno. O cérebro trabalha ao retardador depois de ter visto os vídeos do sistema de videovigilância. Teria precisado de uma dose dez vezes mais forte de cafeína.

Ou que acontecesse alguma coisa radical.

Qualquer coisa.

O seu olhar vagueia lá para fora. Naquele fim de tarde já está escuro e Zack ouve distraidamente Douglas a listar as tarefas que os aguardam:

Verificar se não há outras câmaras de vigilância nas proximidades da bomba de gasolina e da Bagatorpsringen. Fazer com que a Polícia Municipal identifique as numerosas crianças refugiadas que andam pela Plattan, para conseguir por esse meio, quem sabe, alguma informação sobre Ismail. Perguntar aos tatuadores mais conhecidos se reconhecem o motivo no braço de Krusegård. Tentar por todos os meios localizar os pais da vítima. Saber informações sobre aquela roleta russa. Falar com os participantes. Abrir processos antigos de suicídios que ficaram por explicar.

– Tenho uma vaga memória de que uma vez falámos da roleta russa em relação aos ciganos – diz Douglas. – Foi há alguns anos, mas a ligação é interessante. Rudolf, podes tentar novamente a tua sorte com o Danut Grigorescu, para ver se concorda em dizer alguma coisa sobre o Krusegård e a roleta russa?

Zack volta a pensar nas crianças na cave de Södertälje. Será que Grigorescu e os comparsas também estarão relacionados com a morte de Johan Krusegård?

Vender crianças e levar adultos a enfiar uma bala na cabeça.

Inteligente, pensa Zack. *Terrivelmente inteligente*.

Voltando para as respectivas secretárias, Zack e Deniz quase chocam com Niklas, que se precipita para a porta enquanto veste o casaco.

– Aonde vais? – pergunta Zack.

– O Lukas entra numa peça de teatro que começa daqui a meia hora. Prometi estar lá.

Os olhos de Deniz ensombram-se.

– Como é que ele consegue dar prioridade ao teatro da escola do filho quando temos o homicídio de uma criança em mãos? – atira Deniz para as costas de Niklas.

Este quase para, mas depois abre a porta e desaparece.

– Não sejas tão dura com ele – diz Rudolf junto à máquina de café, a poucos metros de distância de Deniz.

– Como assim? Temos o homicídio do Ismail para resolver e ele vai ver teatrinhos na escola do filho?

– Sabes, Deniz, parece-me que o pai deste homem que estamos a tentar caçar não terá assistido a nenhum dos teatrinhos dele quando era criança – diz Rudolf, bebendo um gole de café.

CAPÍTULO 34

NIKLAS ENTRA NO PARQUE DE ESTACIONAMENTO da escola e vê Helena à sua espera em frente à entrada do auditório. Todos os pais se precipitam para o edifício de betão pintado de branco e desaparecem atrás das portas duplas de vidro.

Niklas desliga o motor, mas permanece sentado por um momento. Fecha os olhos, respira fundo e tenta ordenar as ideias.

Normalmente não lhe custa nada desligar quando sai do Comando da Polícia, mas nos últimos dias as imagens sórdidas têm-no perseguido, mesmo em casa.

Sai do carro e acena com a mão à mulher.

– Olá – diz Helena, olhando ansiosamente para Niklas. – Tens a certeza de que estás bem?

– Sim, mas não consigo abstrair-me do trabalho.

Abraça-a e sente a ponta do nariz frio de Helena contra o pescoço. O perfume familiar mal consegue sobressair naquele frio, mas ainda assim é como uma carícia.

– Anda, vamos entrar – diz Niklas. – Vamos divertir-nos.

No auditório da cave, o teto eleva-se a quinze metros de altura e vigas de pinho lacadas de branco adornam as paredes. Uma centena de pais já tomou o seu lugar nas cadeiras presas ao chão. Helena e Niklas cumprimentam várias pessoas, de longe, à medida que avançam lentamente para dois lugares vagos a meio de uma fila.

Niklas põe o telemóvel no silêncio, guarda-o no bolso de dentro do casaco e pega na mão de Helena.

No palco, atrás da cortina de veludo vermelho, as crianças curiosas observam a sala a encher. Niklas tenta saborear aquele momento, nada a não ser ele, ela e o seu Lukas, que em breve subirá ao palco. O irmão e a irmã, mais novos, ficaram em casa e naquele momento devem estar a dar com a avó em doida.

Arvid, o amigo de Lukas, interpreta Harry Potter. Quando o pano sobe, está sentado dentro de um armário. Para lá das portas fechadas, os cruéis pais adotivos dizem mal do estranho rapaz.

Os pais riem-se das deixas, mas Niklas pensa em Ismail.

Também estava fechado num espaço confinado, rodeado por adultos malvados. Mas nunca ninguém foi em seu auxílio para o levar para uma escola fantástica.

Em vez disso, Ismail foi visitado por um leão.

Dez minutos depois, chega ao palco um comboio de cartão e Lukas, que interpreta Ron Weasley, entra em ação.

A voz treme-lhe, mas tem falas engraçadas. Quando tenta fazer magia, a varinha parte-se ao meio. O público ri-se com vontade e Niklas vê que Lukas se debate para manter a seriedade.

É assim que a vida das crianças deve ser, pensa. É natural terem dores de barriga de apreensão antes de participarem num espetáculo da escola e não um nó na garganta de angústia perante a ideia de serem torturados por adultos...

Durante o intervalo, Niklas e Helena bebem café e comem biscoitos no espaço preparado pelos colegas de Lukas, e conversam com outros pais, elogiando os respetivos filhos.

De repente, Niklas põe-se à escuta ao surpreender uma conversa entre dois pais de alunos que não conhece.

– Nunca pensei que o velho abrigo antinuclear voltasse a ser utilizado – diz um dos pais, e Niklas deixa-se ficar por ali com duas chávenas cheias de café nas mãos. O homem prossegue: – Vi um tipo a entrar lá várias vezes nas últimas semanas. Um dia com uma mochila enorme, outro, com um monte de ferro-velho e um grande tripé para uma máquina fotográfica. Que será que está a construir lá dentro?

– Achas que o tipo vive lá? – pergunta o outro.

– Quem sabe? Há tantas pessoas suspeitas por aí em Orminge.

Niklas não se mexeu. Só a mão treme um pouco e entorna café quente na pele, mas nem se dá conta.

Aquelas frases não caíram em saco roto...

O vídeo com Ismail. Pode ter sido gravado num abrigo antinuclear.

E Krusegård morava em Orminge.

A frase de Östman ressoa-lhe na cabeça:

Procurem nas proximidades, é o conselho que vos dou.

Östman queria dizer nas proximidades de Stocksund. Mas e se a base do assassino fosse em Orminge e tivesse optado por levar o cadáver de Ismail para Stocksund por outras razões?

Será que foi Krusegård quem o pai do aluno viu entrar no abrigo antinuclear?

Seria esperar demasiado!

Niklas quer falar com aquele pai, fazer-lhe mais perguntas, mas muda de ideias. Aquela história já foi manchete nos vespertinos, há que manter a discrição.

Pousa a chávena de café e vai à casa de banho. Insere no Google «abrigo antinuclear» e «Orminge» e percorre os resultados.

Um abrigo antinuclear da Defesa Civil, fechado em 1986. Posto à venda há dois anos.

Terá sido onde o Ismail foi torturado até à morte?, interroga-se.

O barulho de ferro-velho que o homem ouviu podia ser o material para a jaula. E a mochila enorme... se podia levar cem litros ou mais... quem sabe se não levava lá dentro uma criança adormecida com clorofórmio?

No entanto, qualquer um poderia ter ido lá abaixo. Quantos homens diferentes não buscaram já refúgio em túneis abandonados ou em grutas?

Mas pode ser o nosso homem.

Tenho de ir, diz a si próprio.

*

No segundo ato, Lukas está quase sempre em cena. Helena ri-se várias vezes, mas Niklas já não consegue ouvir. Não para de olhar para o relógio e contorce-se na cadeira como uma criança que não consegue estar quieta.

No carro, no caminho de regresso, Lukas tagarela sem parar.

– Viste, papá, tu viste, mamã, ouviram as pessoas a rirem-se? Acham que posso ser um ator a sério? O que é preciso fazer? Temos de praticar muito?

Niklas estende o braço para o banco de trás para lhe dar a mão. Está quente e húmida, como no verão passado, quando correram para a água, na praia, em Maiorca.

– Podes vir a ser o que quiseres – diz.

Deixam o carro no acesso à garagem e Lukas corre ao encontro da avó materna.

Niklas e Helena permanecem em silêncio por um momento.

– Estamos felizes – diz Helena. – Achas que temos o direito de estar assim tão felizes?

– Claro que sim – responde o marido.

Pega-lhe na mão.

– Ainda tenho de trabalhar algumas horas hoje à noite. Há uma coisa que tenho de ir verificar, e pode ser que se consiga resolver já amanhã o caso que estamos a investigar.

Helena vê as horas. 19h53.

– É por causa do homicídio do rapaz, não é?

Niklas não falou muito sobre aquilo, mas Helena seguiu os relatos nos *media* e ficou horrorizada ao ver as fotos de Ismail numa jaula.

– Sim.

– Quem é que vai contigo?

– Ninguém. Não vale a pena. Não vou encontrar-me com ninguém. É apenas uma informação que tenho de verificar. Que pode ser decisiva.

Helena abana lentamente cabeça. Depois entram em casa.

Tim, de quatro anos, que devia estar a dormir há muito, salta para os braços de Niklas.

– Porque estás acordado tão tarde, meu amiguinho? – pergunta ele.

– Comemos gelado ao jantar.

– A meio da semana?

Tim solta-se dos braços do pai e irrompe pela sala de estar.

Niklas cumprimenta a sogra, agradece-lhe a ajuda e pega em Emma ao colo. Tem o cabelo completamente despenteado e está banhada em suor.

– O papá tem de trabalhar um pouco esta noite. Mas quando voltar e estiveres a dormir, vou dar-te um beijinho.

- Vais apanhar um ladrão?
- Não. Vou verificar se uma informação que recebi nos pode ajudar a resolver um mistério.

Niklas beija a filha, pousa-a no sofá, depois deseja boa noite a Lukas e também lhe dá um beijo. Finalmente aproxima-se de Helena para fazer o mesmo.

Mas Helena vira o rosto para Niklas e transforma o beijo na face num beijo na boca. Pressiona os lábios contra os do marido. Como que para o impedir de ir.

- Talvez ainda esteja acordada quando voltares.

CAPÍTULO 35

ZACK SEGUE NA LINHA VERMELHA DO METRO em direção a ocidente.

Passou as últimas horas do dia de trabalho na Plattan, com Deniz e uma equipa da Polícia Municipal, a mostrar em vão a foto retocada de Ismail a crianças refugiadas.

Então, Zack comeu um menu *Whopper* no Burger King, foi a casa buscar o saco de desporto e voltou a sair sem demora.

O casaco ainda cheira a comida. Mera teria desaprovado o cheiro, ela que de *fast food* conhece apenas os chamados hambúrgueres *gourmet* por duzentas coroas²⁶, degustados nos restaurantes dos bairros chiques entre homens elegantes de fato.

Zack prefere os hambúrgueres tradicionais. Uma coisa simples e eficaz, sem afetações.

Mera advertiu-o de que se continuasse a comer sem critério engordaria, mas parece não haver gordura supérflua que consiga instalar-se no seu corpo.

A voz suave no altifalante anuncia que a próxima paragem é Bredäng, e Zack fica com um nó na garganta.

Fica sempre assim quando ali vai.

Mas a sensação já não é tão forte. Não é como quando em criança era obrigado a descer ali, tendo por vezes de ir às compras antes de regressar a casa. Acartar caixas pesadas ao longo do caminho escuro. Sempre com o corpo em alerta, preparado para as largar e desatar a correr, se os rapazes maiores aparecessem.

Depois regressar ao prédio de betão de nove andares. Reencontrar a tosse que já se ouvia nas escadas. Preparar uma refeição. Obrigar o pai a engolir umas garfadas. Em seguida comer sozinho, depois de o pai ter adormecido no sofá.

O metro põe-se de novo em marcha. Zack volta a respirar mais facilmente.

Pensa em Johan Krusegård. Alguns edifícios de Orminge são quase tão horríveis como os dali. Edifícios onde o crime cresce como ervas daninhas.

Mas será que Krusegård é realmente o homem deles? Rudolf não conseguiu nada de Danut Grigorescu, o que tende a provar que não há qualquer ligação entre Krusegård e os romenos, porque não há ninguém melhor do que Rudolf para fazer com que as pessoas desembuchem.

Zack envia um SMS a Abdula.

[Sabes onde se joga roleta russa em Estocolmo?]

A resposta chega quase instantaneamente:

[Queres fazer um programa diferente com uma miúda, ou quê? Vou saber.]

Zack desce duas estações mais à frente, em Skärholmen. Atira o saco de desporto para cima do ombro, contorna os prédios de betão do centro e, numa transversal, abre a porta de um dojo que já viu melhores dias.

Há décadas que não vai ali. Não devia ter deixado passar tanto tempo.

Veste o fato, aperta o cinto negro, pega no saco e entra no dojo. Faz instintivamente a vénia antes de entrar.

Está onze minutos adiantado e o dojo está vazio. O *sensei* Hiro estará lá às oito em ponto. Zack sabe-o.

Sente o cheiro familiar a suor e senta-se sobre os calcanhares, mãos nas ancas. Adora sentir-se isolado de tudo naquele lugar. Nem máquinas cromadas nem fotos de culturistas. Nada além de paredes brancas e um tapete macio vermelho no chão.

Fecha os olhos e começa a meditar.

Adorava aquele momento quando era mais novo. As preocupações do dia desapareciam pouco a pouco e não pensava em mais nada a não ser no aqui e no agora, fazia-se silêncio e Zack tomava consciência de todo o corpo.

Abre os olhos passados apenas alguns minutos. Não chega a conseguir encontrar a calma. O corpo e o cérebro são invadidos por insetos que pululam.

Dá várias voltas ao dojo a correr em passada curta. Depois dá vinte saltos e faz cinquenta flexões.

Deve chegar.

Vai buscar dois bastões da Polícia ao saco. Gira-os nas mãos e executa uma série de golpes. Ataque, bloqueio. Ataque, bloqueio.

Os inimigos vêm da direita, da esquerda. De frente.

Zack imagina-os. Desarma-os rapidamente, um verdadeiro profissional. Um após o outro.

Enquanto executa os movimentos, vê-se ao espelho que cobre uma das paredes do dojo e acha que tem estilo.

Quer executar o *kata* que ele próprio inventou há alguns anos. Ainda lhe está inscrito na medula. Um movimento tão flexível como uma dança acrobática. Três passos para a esquerda, soco, soco, pontapé. Rotação apoiada no pé de trás, bloqueio, bloqueio e depois...

– As ancas estão mal colocadas.

Uma voz cheia de autoridade.

O *sensei* Hiro.

Está do lado de fora da porta, de braços cruzados.

Um homem atarracado de sessenta e sete anos, que deixou o Japão para ir para a Suécia nos anos Setenta e que, desde então, tem ajudado milhares de delinquentes juvenis a canalizar a frustração de uma forma construtiva.

O Mr. Miyagi²⁷ de Skärholmen.

Zack tinha apenas doze anos da primeira vez que ali foi. Aos dezoito era cinturão negro. O responsável da delegação regional viu-o como um futuro membro da equipa nacional e tentou convencê-lo a dedicar-se a fundo ao karaté. Mas Zack tinha outros planos para a sua vida. Havia perguntas que exigiam uma resposta.

– *Sensei* – diz Zack, curvando-se.

– Fazes tudo à toa, Zack. Não estás concentrado. Mexes-te como se quisesse fazer uma demonstração a um realizador de

Hollywood, em vez de canalizares a tua energia *naquilo* que fazes e no *porquê* de o estares a fazer.

Zack olha para Hiro. Não se veem há seis meses e o homem, sem sequer se dignar a cumprimentá-lo, começa logo a ralar com ele.

Ou seja, uma versão asiática do Douglas, pensa, desatando a rir.

Mas o *sensei* Hiro não se ri e Zack sabe que cometeu um erro. Não nos rimos do nosso mestre.

– Pareces estar de bom humor. Seguro de ti como um grande guerreiro. Alguém que já não precisa de receber lições de ninguém.

– *Sensei*, não foi minha intenção...

O *sensei* Hiro dá alguns passos na direção de Zack. Ou, mais precisamente, desliza até ele daquela maneira única que Zack nunca conseguiu imitar.

– Bem, mostra-me do que és capaz. És jovem, já fizeste o aquecimento. Eu sou velho, os meus músculos estão frios e duros.

– *Sensei?*

– Ataca-me, surpreende-me.

Zack lê nos olhos do mestre que este não está a brincar.

Quer pousar os bastões, mas o *sensei* Hiro detém-no.

– Deixa-os estar.

Eh, pensa Zack, estás mesmo a arriscar, sensei...

Mas não diz nada, posiciona-se à frente do mestre, a uma distância de cerca de três metros. Saúdam-se, inclinando levemente a parte de cima do tronco, e então Zack põe-se na posição de *kumite*. O *sensei* combate com as mãos nuas. Perna esquerda para a frente, mãos abertas.

O *sensei* Hiro não se mexe, os braços pendentes ao lado do corpo.

Zack começa em tom ligeiro. Um pequeno golpe no ombro direito, como um *uraken uchi*, mas com o bastão em vez do punho.

O mestre de karaté evita simplesmente os ataques. Roda, rápido como um raio, para o lado, e desvia a trajetória do bastão com o antebraço.

Em seguida, Zack tenta uma combinação. Soco, pontapé, soco. Os bastões rodopiam no ar, mas o *sensei* Hiro bloqueia-os, aparentemente sem fazer o mais pequeno esforço, e replica com um

rápido *sokuto*. O pontapé lateral atinge-o em pleno plexo solar, fá-lo tropeçar e Zack tem de ir ao chão para recuperar.

Leva vários segundos a conseguir recobrar o fôlego e, quando se levanta, o *sensei* Hiro espera-o com os braços caídos ao lado do corpo.

Ah, grande sacana!

Queres provocar-me, não é? Já vais ver.

Zack volta a pôr-se em posição de combate. Primeiro assume uma postura defensiva e depois passa a um ataque relâmpago com uma das suas combinações preferidas: um pontapé simulado com a perna direita com uma mudança de direção no último momento para efetuar um *mawashi geri* à cabeça.

O *sensei* Hiro trava o golpe com uma facilidade desconcertante.

Zack continua com um pontapé circular com o peito do pé e vai terminar com um golpe de bastão na têmpora. É a sua marca registada. A sua pequena chicotada especial.

Passou muito tempo a aprimorar aquele golpe. Treinou durante horas para ganhar rapidez e potência, a ponto de contrair uma tendinite.

Agora vai ser a vez de o *sensei* provar a sua famosa chicotada.

Mas Zack falha o alvo e por pouco não consegue impedir Hiro de o pontapear num dos lados da caixa torácica.

O *sensei* continua a atacar e Zack é forçado a confiar nos próprios reflexos. Funciona duas ou três vezes, mas depois baixa a guarda e recebe um violento golpe no nariz.

Um golpe forte, mas não *demasiado* forte. Como se Hiro quisesse fazer-lhe passar a mensagem de que tem mais para dar, se for necessário.

Zack transpira abundantemente, ao passo que a testa do mestre nem sequer húmida está.

Zack faz ataques sucessivos. Testa diferentes combinações e procura aproveitar-se do facto de ser mais alto. O *sensei* Hiro tem apenas um metro e setenta, contra um metro e noventa e dois de Zack, que, além disso, tem dois bastões.

No entanto, os golpes de Zack encontram apenas o vazio, enquanto os do *sensei* Hiro atingem sempre o alvo. Os rins, as

costelas, o nariz, as coxas.

Zack compreende o que o mestre de karaté viu mal cruzou a soleira da porta: perdera rapidez e precisão.

Só lhe resta encaixar e esperar que os golpes parem de chover, não consegue sequer bloquear metade dos ataques. Tem dificuldade em mexer-se depois dos golpes repetidos na coxa. O nariz recomeçou a sangrar e Zack arqueja repetidamente.

A dor ainda se aguenta, mas não a humilhação. E aquela velha raposa com a sua indiferença insuportável...

Zack atira-se ao *sensei*, enfurece-se com os bastões, mas a falta de concentração faz com que se exponha como um vulgar principiante. Quando o *sensei* Hiro salta e lhe dá um pontapé e o calcanhar se abate sobre o ombro direito de Zack, este ouve um estalido e urra de dor antes que o mestre volte a pôr o pé no chão.

O ombro arde-lhe e Zack contorce-se de dor no tapete, fulminado, à beira de perder os sentidos.

O *sensei* Hiro cai sobre ele. Zack tenta erguer os braços para proteger o rosto, mas a dor, que lembra uma catanada e se propaga ao ombro, fá-lo baixar o braço direito.

– Não te mexas – diz o *sensei* Hiro, e Zack deixa relutantemente cair o outro braço.

O mestre de karaté agarra-lhe o ombro direito e Zack grita.

– Berras como uma criança. Concentra-te na respiração, que eu vou ver qual é o problema.

Zack fecha os olhos e tenta abstrair-se.

O *sensei* pressiona-lhe um joelho no peito e, de repente, puxa-lhe o braço com tal força que Zack quase desmaia.

– Pronto, está resolvido.

Resolvido?

O que é que está resolvido?

Zack mexe cuidadosamente o ombro. Sim, está melhor. Consegue mexer o braço. O *sensei* Hiro fez-lhe uma manipulação «especial à Mr. Miyagi» e voltou a pôr-lhe o ombro deslocado no lugar.

Zack levanta-se lentamente. Sente-se acometido por vertigens e tem de dar um passo para o lado para manter o equilíbrio.

O mestre continua à sua frente. Ar entediado, braços caídos ao longo do corpo.

– Bem, queres continuar?

Zack nega com a cabeça.

Inclina-se.

– Tem razão, *sensei* – diz. – Não estou concentrado.

– Algo em ti se quebrou – diz Hiro. – Não posso ensinar-te nada sobre karaté se não estiveres aberto a recebê-lo.

– Compreendo.

O velho mestre olha para ele. Lê-o como um livro aberto e Zack deixa-o fazê-lo.

Então, Zack pega no saco e sai a coxear do dojo.

26 Cerca de 19 euros. (N. do T.)

27 Referência ao filme norte-americano lançado em 1984, *The Karaté Kid*, que em Portugal recebeu o título *Momento da Verdade*. (N. do T.)

CAPÍTULO 36

NIKLAS SVENSSON DESLIGA O MOTOR, mas permanece no carro.

Ainda sente o corpo de Helena contra o seu. O calor dela.

Será que devia ter ficado em casa?

Não, quero ir até ao fim.

Percorre com o olhar o parque de estacionamento, onde há apenas outros dois carros. As janelas e a carroçaria cobertas de neve parecem mumificadas sob a luz amarela dos postes de iluminação.

O estacionamento acaba junto a um penhasco quase a pique. Niklas olha para a abertura na rocha que parece uma gruta. Aquela é, sem dúvida, a entrada do antigo abrigo antinuclear.

Será que devia avisar os colegas?

Não, quer tratar daquilo sozinho. Não esqueceu o comentário de Deniz quando foi ao teatro de Lukas, nem o olhar que a colega lhe cravou na nuca.

E se calhar não foi só Deniz.

Imagina muito bem o que não devem ter dito nas suas costas depois de ter saído.

O Niklas? Foi para casa ter com os filhos, como é costume...

Ah, vão ficar cá com um melão na manhã seguinte, na reunião, quando lhes disser que encontrou o covil do Leão. Sozinho. Enquanto os colegas preguiçavam no sofá a ver televisão.

Sai do carro, põe o gorro, calça as luvas e puxa o cachecol para cima para tapar o queixo.

A estação meteorológica anunciara dezanove graus negativos e queda de neve. Mas o vento amainou.

À sua direita fica um edifício de escritórios alto e Niklas pergunta-se se foi de lá que viram o homem a entrar e a sair do abrigo.

Abre o porta-bagagens, levanta o tapete e tira de lá a chave telescópica para desaparafusar as rodas.

Puxa a pega de metal até que a ferramenta atinja meio metro de comprimento, brandindo-a várias vezes no ar. Deve servir.

Tem de servir. Aquela chave é a única arma disponível, uma vez que, como sempre, guardou a pistola no armeiro antes de sair do Comando da Polícia. Pega na lanterna e dirige-se à entrada da caverna.

*

Cada passo entre o dojo e o metro é um sofrimento. Zack sente uma dor no abdómen, um zumbido na cabeça, o ombro a latejar e o nariz inchado.

As palavras do *sensei* Hiro ressoam-lhe na cabeça.

«Algo em ti se quebrou.»

Sabes lá tu, sacana!

«Não posso ensinar-te nada sobre karaté se não estiveres aberto a recebê-lo.»

Receber o quê? Pega no teu dojo e vai para o inferno!

Zack não tem vontade de receber nada. Prefere, isso sim, anestesiar o cérebro.

Com o braço direito, que lhe dói como o caraças, saca o telemóvel e liga a Abdula.

*

Niklas não tem medo da escuridão nem da solidão, mas aquela montanha imponente faz com que se sinta minúsculo. Como um rapazinho que vai bater à porta de um *troll* do tamanho de um gigante, num quadro de John Bauer.

Niklas devia ter trazido a arma de serviço.

Devia ter reforços.

Vamos lá, já não podes recuar. Se o Krusegård for o culpado, o assassino está morto e não tens qualquer motivo para entrar em pânico. Só vais ver se o esconderijo dele é aqui, depois vais para casa e procuras o aconchego da tua mulher.

A montanha envolve-o quando passa a abertura na rocha feita à custa de explosivos. Liga a lanterna e vê a porta de ferro cerca de

dez metros à sua frente.

Entreaberta.

Varre o chão com a lanterna, à procura de pegadas. Mas o vento não transportou a neve para tão longe.

Recua, tenta abarcar uma zona maior.

Ali. Algumas pegadas, perto da abertura, que a neve fresca não cobriu.

Os últimos vestígios do assassino, talvez.

Mas nenhum que pareça recente.

Tanto melhor.

Franqueia a porta. Desliga a lanterna por um momento e apura os ouvidos.

Nada.

Em casa, Niklas adora o silêncio, a calma que invade o lar quando as crianças estão a dormir.

Ali, o silêncio é diferente. Frio, e sonoro, por assim dizer. Niklas ouve a própria respiração, que não é como costuma ser. Descobre que o tecido do blusão de penas roçaga ao mais pequeno movimento que faz.

Liga novamente a lanterna, ilumina o corredor e descobre uma porta mais ao fundo.

Aproxima-se e baixa lentamente o puxador da porta.

A porta abre-se com um rangido fraco. Está agora numa divisão muito maior. O ar é mais quente, há mais humidade. Mesmo ao fundo há outra porta e na parede há...

Que foi aquele barulho?

Desliga a lanterna.

Põe-se à escuta.

Capta um ruído abafado a um canto da divisão. Ou talvez por detrás da outra porta?

Contém a respiração. Outra vez o mesmo barulho. Como se algo estivesse a mover-se na escuridão. Mas onde? Não tem muita certeza da origem do ruído. O som parece ecoar pelas paredes.

Devia ter avisado os outros.

Não posso fazer isto sozinho.

Vira-se para retroceder por onde veio. Liga a lanterna e precipita-se para a saída.

Um homem emerge das sombras e bloqueia a entrada, fazendo-lhe saltar a lanterna das mãos. Faz um movimento rápido para a frente. Dá-lhe um golpe com uma mão.

Niklas sente algo frio e duro a afundar-se-lhe bem fundo na barriga sem que consiga emitir o mais pequeno ruído.

A faca sobe e rasga-lhe as entranhas.

Sente-o muito distintamente. O corpo foi cortado ao meio.

É estranho que não doa.

Sim, é realmente incrível.

Então, Niklas desmorona-se no chão. Sente o betão frio contra a face.

É então que a dor incomensurável o subjuga. Como se mil ratos libertados no seu abdómen lhe mordiscassem o fígado, os rins e os intestinos.

Mas é outro sofrimento que o faz ter vontade de gritar e de lutar para tentar levantar-se.

Tem de voltar para casa.

Para junto de Helena e dos filhos.

Oh, por favor, dá-me um pouco mais de tempo.

Para poder ver o Lukas, a Emma e o Tim crescerem.

Para ainda poder ter a Helena nos meus braços.

Sentir o calor dela.

Sente o gosto salgado da água do mar que os salpica quando tomam banho nas ondas espumosas. Ouve os gritos das crianças quando as forças da água as fazem perder o equilíbrio. Vê Helena a desviar o cabelo molhado do rosto bronzeado, sorrindo.

Então afunda-se lentamente sob a superfície.

Escuridão nas profundezas abissais.

Só precisa de descansar um pouco.

Está tão cansado.

Um cansaço infinito.

Lentamente, Zack recomeça a sentir-se vivo. A dor no abdómen desapareceu, assim como a dor nas coxas, na cabeça e no ombro.

Sente os azulejos frios da casa de banho contra a face e o sangue a correr-lhe velozmente nas veias.

Desta vez snifou dinamite.

Cristal meth.

Fabricada na Coreia do Norte, por incrível que pareça.

Abdula, aquele sacana, não queria vender-lhe nada, mas Zack sabe onde param os traficantes de Kungsholmen.

Só comprou uma dose, quase nada. Trinta miligramas. Conhece os riscos.

Mas que efeito!

A impressão de que milhares de pequenas mãos lhe estão a massajar todo o corpo.

Apoia o braço na tampa da sanita e levanta-se devagar. Examina a própria cara no espelho partido. Um olho negro, o nariz tumefacto. Lábios inchados como um participante de *Paradise Hotel*²⁸ cheio de botox.

Está com um aspeto horrível.

Mas isso faz com que pareça um tipo durão e há mulheres que gostam disso.

Dá-lhe vontade de rir, mas evita-o imediatamente porque os lábios ficam demasiado tensos.

Tem um desejo louco de pinar.

Está cheio de tesão.

Abre a porta da casa de banho para sair e apercebe-se de que não sabe onde está.

²⁸ *Reality show* norte-americano estreado em 2003. (N. do T.)

CAPÍTULO 37

É QUASE MEIA-NOITE E ESTER NILSSON está a dar a segunda volta ao quarteirão em Kungsholmen. Sente o frio das calças de ganga rígidas contra as coxas e apressa o passo para aquecer.

A Alströmergatan está deserta e apenas algumas janelas têm luz. Ester não se lembra de alguma vez ter estado ali sem se cruzar com ninguém.

Mas agora há alguém atrás dela. Passos suaves que percorrem a fina camada de neve.

Vira rapidamente a cabeça sem abrandar.

Estranho, ninguém.

Enterra o queixo no cachecol de malha e aumenta a passada.

Que está Ester a fazer na rua àquela hora? Ignora-o. Só sabe que não aguentava estar na cama a ouvir os roncos da mãe, atordoada pelos medicamentos.

Precisava de apanhar ar.

De uma janela entreaberta ouve-se música em altos berros e Ester tem um sobressalto quando se abre uma porta e dois homens cambaleiam para a calçada.

Corre alguns metros para se distanciar deles, vira-se mais uma vez e vê que ficaram onde estavam e que acendem um cigarro.

Tem saudades de Zack. Com ele nunca tem medo.

E se fosse bater-lhe à porta quando chegasse a casa?

Mas isso não se faz, incomodar uma pessoa àquela hora. Apesar de Zack ficar frequentemente acordado até tarde.

Ou então está fora a trabalhar.

Ou a dançar. Disse-lhe que às vezes fazia isso.

Esse pensamento fá-la sorrir. Gostava de vê-lo dançar.

Pergunta a si própria se Zack gosta dela. Às vezes julga que não. Como quando não lhe abre a porta, apesar de Ester o ouvir lá dentro.

Porque é que Zack faz aquilo?

Não tem forças para estar com ela? Como a mãe?

Julga ouvir passos atrás dela e vira-se sem abrandar. Quase de certeza que viu alguém no passeio.

Mas não há ninguém.

A menos que?

Não, tem demasiada imaginação. Como a mãe. Talvez seja hereditário.

Na esquina, vira para o prédio.

Só faltam cem metros até à entrada.

*

Zack morde a almofada. Contorce-se na cama como se o tivessem torturado com choques elétricos e fecha os olhos o mais possível para tentar fazer com que tudo desapareça.

Que está a acontecer?

Tem comichão por toda a parte, no couro cabeludo, nos braços e nas faces. Um dos antebraços fica a sangrar de tanto o coçar com as unhas, mas isso não ajuda. Teria de arrancar um grande pedaço para se livrar definitivamente de toda aquela pele. Teria de mudar de pele, como uma cobra.

Porque aquela não é a sua pele. Não é mesmo. É outra, amarela, com pelo.

Pelo de leão?

Também tem a cabeça do animal por cima da sua? Como o monstro do filme?

Esbraceja. Vê-se no ecrã com Ismail a gritar atrás dele na sua jaula.

Não fui eu quem o caçou.

Percebem, imbecis? Percebem?

Bate com o braço contra a cabeceira da cama, pontapeia a parede e fixa outro ecrã.

Ouve gemidos. Vê duas mulheres nuas com um homem num sofá.

Mas está tudo ao contrário. Porquê?

Tenta erguer a cabeça e algo não bate certo. O crânio pesa toneladas. Desiste e deixa a cabeça cair para trás, atingindo violentamente a armação da cama.

Onde está?

Vira um pouco a cabeça. Tudo parece familiar, mas por outro lado...

Tenta pôr as ideias em ordem.

Sim, está na cama, mas não na posição correta. Tem os pés para cima, encostados à parede e a cabeça e os ombros para baixo, na direção do chão.

No ecrã, as mulheres continuam a gemer. Sempre aqueles movimentos para a frente e para trás. Zack tenta ver alguma coisa e apercebe-se de que o computador portátil está aberto no chão.

CAPÍTULO 38

SEXTA-FEIRA, 23 DE JANEIRO

O TELEFONE FIXO TOCA E DOUGLAS JUSTE dá uma olhadela às horas no seu rádio vermelho *Bang & Olufsen*.

02h37.

Liga o candeeiro do teto e, às apalpadelas, lá acaba por encontrar o telefone. Aclara a voz.

– Boa noite, fala Douglas Juste.

No outro extremo da linha ouve a voz de uma mulher que desata a chorar às primeiras palavras.

– Sou a... Helena Svensson, mulher do Niklas. Ele não...

Uma longa pausa. Fungadelas, novos soluços. Uma respiração entrecortada por lágrimas.

– ...voltou para casa. E não atende o telemóvel.

Nova pausa.

Douglas vai dizer qualquer coisa, mas Helena adianta-se-lhe.

– Tenho medo. Deve ter-lhe acontecido alguma coisa.

Douglas senta-se. Os pés descalços sentem o toque ao mesmo tempo macio e duro do tapete persa. Liga o candeeiro azul *Arne Jacobsen* que ilumina as monografias de pintores.

– Aonde é que o Niklas foi? – pergunta.

– Como? Não sabe?!

A voz subiu para tons muito agudos, à beira da histeria.

– Ele disse que era muito importante – afirma Helena. – Tinha que ver com aquele rapazinho enjaulado.

Douglas fecha os olhos, tenta pensar com calma. Ter-se-ia esquecido de algo que Niklas lhe disse?

Não, não consegue lembrar-se de nada.

Então porque é que Niklas saiu a meio da noite? E para onde terá ido?

– Helena – diz do modo mais calmo possível –, e se me contasse tudo desde o princípio?

CAPÍTULO 39

O HOMEM PERMANECE NO CORREDOR estreito e fica surpreendido com a própria calma. A pulsação anda à volta de oitenta, não mais.

É tudo uma questão de escolha. Ou vemos a escuridão como algo assustador ou a consideramos uma proteção.

Como uma amiga, uma cúmplice.

Ele fez a sua escolha.

É a única coisa a fazer.

Já teve desafios muito mais difíceis. Isso permite-lhe relativizar a tarefa que o aguarda.

Compreender melhor a dificuldade. E a facilidade.

O poder da ação. Os olhos muito abertos, aterrorizados, que compreenderam que a vida acabou. As pálpebras que se fecham.

Esgueira-se pelo corredor, agradecendo ao comprido tapete por abafar o som dos seus passos.

Ouve roncões de um quarto, espreita para o interior e vê uma mulher a dormir de costas, a boca entreaberta.

A mãe da criança.

Não é ela que lhe interessa.

Retrocede por onde entrou e segue na direção contrária, mas detém-se quando as pranchas de madeira do chão rangem.

A mãe murmura alguma coisa a dormir e vira-se na cama.

*

Está calor.

Muito calor.

O ar está saturado de humidade.

Parece ouvir-se um barulho. Que perturba.

Zack tenta abrir um olho inchado e rameloso. Isso não ajuda. Continua escuro.

Outra vez o mesmo ruído. Mais forte.

Ester?

Oh não, agora não.

Que horas são?

Quer pegar no telemóvel, mas apercebe-se de que tem as cobertas sobre a cabeça.

Livra-se delas com um gesto irritado. Respira fundo.

Novos golpes na porta. Como se alguém estivesse a bater com os punhos.

Uma voz insistente ecoa no patamar:

– Vá, abre! Sei que estás em casa. Vi-te pela janela, merda.

Não é Ester.

Deniz.

Bate de novo com tanta força que as paredes estremecem e, quando Zack se senta na cama, parece que estão a bater-lhe diretamente na cabeça.

Cambaleia até ao sofá, com as coxas tão duras como cimento. Veste as calças de ganga às três pancadas.

Tem a boca seca e está com uma sede diabólica.

– Abre! Temos de ir!

– Já vai, já vai... – resmunga ao aproximar-se da porta.

De repente, Zack pensa no computador, deve ter clicado num vídeo pornográfico. Nem pensar em deixar Deniz entrar e ver aquilo.

Mas onde está, o computador?

Procura debaixo da cama. Não o vê.

Assim que se levanta fica com tonturas e cambaleia. Cada músculo protesta com os movimentos precipitados.

Mais batidas.

– Porra, Zack! Faz um esforço!

Por fim, Zack vê o computador, pousado na escrivaninha com a tampa fechada.

Como foi lá parar?

Zack abre a porta.

Ester senta-se na cama.

Um barulho acordou-a, mas não consegue perceber o que era.

Põe-se à escuta. Só ouve a mãe a ressonar e o tique-taque do relógio.

Repousa a cabeça na almofada. Pensa em Zack. Não abriu quando ela lhe foi bater à porta. No entanto estava em casa, quase poderia jurar. Devia estar com Mera. Ouviu gemidos por detrás da porta e voltou para casa, as faces em chamas.

Então ouve outro ruído.

Uma porta a abrir-se.

*

O homem roda cuidadosamente o puxador. Vê a criança na cama, o rosto virado para a parede.

Entra sorrateiramente no quarto, tira a seringa do bolso da *sweatshirt* preta com capuz e retira a tampa de plástico que cobre a agulha fina.

É preciso fazer aquilo depressa e evitar o mais pequeno gesto da vítima. Pousa um braço no ombro da criança e afunda suavemente a agulha no pescoço logo por baixo do queixo. A criança geme, mas não acorda.

– Chiu – murmura, injetando o líquido.

Olha para o relógio, espera quinze segundos, depois levanta o rapaz e põe-no ao ombro, como fazem os bombeiros, para manter um braço livre.

Regressa silenciosamente ao corredor. Detém-se. Põe-se à escuta.

A mulher continua a ressonar.

Os olhos habituaram-se à penumbra e agora vê melhor a decoração daquela vivenda em Lidingö, enquanto se move rapidamente em direção à sala de estar. O lustre feito de notas de dólar na sala de jantar, os painéis em madeira branca do corredor, o ecrã curvo da televisão de dimensões grotescas numa parede e a revista *Wired* em evidência na mesa de centro, que lembra um grande alcaçuz inglês, em branco, amarelo, preto e cor-de-rosa.

Já me apoderei do que vocês têm de mais precioso.

Posso fazer o que quiser.

Ninguém me pode impedir.

E todos irão saber.

Abre novamente a janela, transporta o rapaz com ele pela abertura, salta e depois atravessa o jardim.

Não tem medo da escuridão. Serve-se dela como proteção.

Exatamente como um predador.

*

Deniz estava a pensar dar-lhe um raspanete, mas quando viu a cabeça de Zack mudou de ideias e a raiva deu lugar à estupefação.

Pega-lhe na cabeça entre as mãos.

– Que andaste tu a fazer? Estás completamente KO.

Zack tenta desviar-se e encontrar uma desculpa credível, mas Deniz segura-lhe o rosto com firmeza e estuda-lhe os olhos.

– Ora, porra... além disso estás completamente pedrado.

Esbofeteia-o precisamente no sítio onde, algumas horas antes, o *sensei* Hiro o pontapeou com a perna direita.

A dor é tão intensa que lhe apetece gritar, mas Zack recua e diz:

– Calma, por favor. O que aconteceu? Que horas são?

– São três e um quarto da manhã e há mais de sete horas que não temos notícias do Niklas Svensson.

Zack olha para a colega e, no momento em que compreende que algo correu mal, começa a tremer como se lhe tivessem despejado um balde de água gelada na cabeça.

Tenta pôr as ideias em ordem. Houve uma intervenção a noite passada? Nesse caso, porque é que não participou nela?

Porque estiveste a snifar metanfetamina, seu idiota.

Tinha ido ao dojo com o *sensei* Hiro. Ao sair comprou metanfetamina.

Mas a quem?

Não foi ao traficante habitual da praça Fridhemsplan, mas a outra pessoa. Um afegão.

Não comprou muita. Mas arriscou. Depois esfregou as gengivas com o pó numa casa de banho nojenta.

Nos primeiros minutos, aquilo aliviou-o, mas de repente teve uma ereção doentia. Deu por si num bar sem conseguir mexer-se. Depois dormitou num táxi sem saber para onde ir. Por fim, pediu ao motorista para o levar a casa, obrigando-se a permanecer ali enquanto estivesse pedrado.

Que idiota!

– Conta-me – pede. – O que fez o Niklas?

– Isso é o que vou saber daqui a muito pouco tempo.

– Vou contigo – diz Zack, tirando uma *T-shirt* lavada do guarda-fatos.

– Mais valia ir com um bando de neonazis.

Deniz sai do apartamento com passo decidido, batendo com a porta.

Zack abre novamente a porta e grita para o patamar:

– Espera. Ao menos podes dizer-me aonde vais?

Mas Deniz já está na rua.

E se corresse para a alcançar? Não. Não na neve e no frio com umas simples calças de ganga. Se é assim tão teimosa, pior para ela.

*

Uma porta bate e Ester ouve vozes nas escadas. No andar de Zack.

A voz dele e a de uma mulher.

Mera? Não, deve ser outra pessoa. Alguém irritado.

Agora as vozes calaram-se. Devem ter-se reconciliado.

Tanto melhor.

Amanhã, talvez Zack me leve a tomar o pequeno-almoço.

*

Zack tira uma *Coca-Cola* do frigorífico, esvazia a lata em alguns goles e vai deitar-se na cama.

Tem de pôr os neurónios no lugar, mas é como se alguém lhe estivesse a atingir o cérebro com um pé de cabra e cada pensamento se desfizesse em migalhas, esfarelando-se antes de conseguir tomar forma.

É óbvio que perdeu um episódio. Que andaria Niklas a fazer a meio da noite?

Porque é que não lhe confiaram esse serviço a ele, Zack? Isso tê-lo-ia impedido de tomar aquela bosta na noite anterior.

Ainda sente o sabor da metanfetamina na boca.

Com que a terão misturado?

Afegão de merda.

Mas agora tem de agir. Telefonar a Douglas, descobrir o que aconteceu e saltar para um táxi para procurar Niklas.

Sim, é isso.

É isso que vai fazer.

Fecha os olhos.

Só precisa de descansar um pouco.

De recuperar as forças.

Só um minuto.

Ou dois. No máximo.

CAPÍTULO 40

DENIZ AFUNDA O PÉ NO ACELERADOR.

Zack falhou-lhe quando mais precisava dele. O que temia tinha acontecido.

Bebe um pouco de café do copo de cartão. O outro, no suporte para copos, era para Zack. Já tinha imaginado o sorriso agradecido com que o colega a iria brindar.

Ter-lhe-ia então contado o pouco que sabia: Niklas saíra pouco depois das oito da noite por causa de um serviço que, segundo a mulher, Helena, dizia respeito a Ismail. Helena telefonara a Douglas há meia hora, completamente desfeita porque Niklas ainda não regressara a casa.

Douglas, por sua vez, ligara a Deniz, acordando-a.

Teve dificuldade em acreditar no que estava a ouvir. Deixar a família à noite por causa de um serviço que não lhe tinha sido atribuído, sem avisar ninguém, nem sequer Rudolf, não parecia dele.

«O telemóvel de Niklas foi desligado pouco depois das 21h00», dissera Douglas, «mas a função de localização estava ativada e o último sinal veio de uma pequena zona industrial em Orminge».

«Orminge? Não era onde o Krusegård morava?», perguntara Deniz.

«Sim. Mandeí um carro ao apartamento e dei ordem a uma patrulha para procurar naquela zona. Vocês depois falam com os colegas no local.»

Vocês.

Zack e ela.

Mas não daquela vez.

Deniz revê os olhos vítreos e fixos de Zack, as pupilas dilatadas por substâncias químicas.

De novo.

Zack não está a cair.

Já bateu no fundo.

No fundo do buraco.

Deniz julga saber a causa: o imbecil do traficante amigo dele.

Abdula conseguiu sair do hospital no final do verão e agora parece ser a farmácia particular de Zack, aberta vinte e quatro horas por dia.

Teria sido melhor se tivesse morrido no hospital, pensa Deniz, lamentando de imediato aquele pensamento.

Está em dívida para com Abdula.

Um dia salvou-lhes a vida, a Zack e a ela.

Mas agora Deniz sente que Abdula está a afastar Zack dela. Fornece-lhe produtos que o fazem afundar-se a toda a velocidade. É como se estivesse passivamente a ajudá-lo a matar-se.

Dirige novamente a raiva contra Zack.

Porque é que ele precisa daquilo? Podia resistir. Ninguém o obriga a tomar aquela merda.

Segue por estradas desertas.

Passado um quarto de hora, Deniz sai da 222 e entra na Ormingeleden. Vira à esquerda para a Ormingeringen, passa por filas de construções cinzentas e tristes e desemboca numa zona industrial. Os edifícios abandonados que ficam do outro lado da estrada fazem-na sentir-se ainda mais solitária e estremece, apesar do ar quente que circula no interior do carro.

Que estaria Niklas a fazer ali?

Deve ter acontecido alguma coisa.

Alguma coisa grave.

Nem sempre apoiou o comportamento de Niklas. As escolhas assumidas do colega.

Niklas nunca criticou a opção de vida de Deniz, pelo menos abertamente. Mas faz sempre tudo... tão bem. Um pai politicamente correto, que defende a igualdade entre os sexos e a partilha igualitária das responsabilidades parentais. Além disso, é delegado sindical, jogador de *bandy* de salão e sabe-se lá que mais.

Onde vai buscar a energia para fazer tudo aquilo? Pessoalmente, Deniz nunca daria tanto de si aos outros.

Sem dúvida que Cornelia adoraria que se parecesse mais com Niklas. Falam as duas frequentemente de como imaginam o futuro.

Há muito tempo que ambas querem dar o próximo passo e começar a viver juntas. Livrar-se de um dos apartamentos.

Mas haverá alguma lei natural que diz que tem de ser assim? No fundo, morar sozinha naquele apartamento de duas assoalhadas e decidir como gerir o seu tempo convém-lhe na perfeição. Mesmo que Cornelia esteja quase sempre lá quando Deniz não está a trabalhar. Mas a ideia de convidar outros casais para jantar, de visitar os sogros e de fazer compras juntas deixa-a sempre em pânico.

Niklas é exatamente o oposto. Seria apenas metade de uma pessoa sem os filhos e a mulher.

Deniz espera que, entretanto, Rudolf tenha conseguido chegar a casa de Helena para a apoiar como só ele sabe fazer.

Trava, derrapa no gelo.

Ali, no grande parque estacionamento vazio, um carro-patrulha. E o *Peugeot* prateado de Niklas.

O estacionamento estende-se até uma parede rochosa. Um alto edifício de escritórios fica um pouco mais afastado.

Quando segue em marcha lenta em direção aos dois carros, vê um agente a alumiar com uma lanterna a abertura de uma espécie de gruta no flanco da montanha.

Para.

Sai do carro.

E apercebe-se de que o que a espera está para lá das trevas.

CAPÍTULO 41

O AGENTE AUXILIAR TEM OMBROS ESTREITOS e lábios arroxeados pelo frio. O colega no carro-patrulha parece estar a falar com alguém pelo rádio.

– Viste alguma coisa? Quer dizer, além do carro? – pergunta Deniz depois de se terem cumprimentado e apresentado.

– Não, nada. Acabámos de chegar e vimos o carro sem ninguém. Com a neve que caiu nas últimas horas, há poucas hipóteses de encontrar pegadas.

– E lá dentro? – prossegue Deniz, apontando para a abertura da caverna.

– O vosso chefe, Donald, ou lá como se chama, disse-nos para esperarmos, a menos que houvesse uma boa razão para intervir.

Deniz avança para a entrada. Julga sentir o sopro gelado da morte a subir das entranhas da Terra. Como se estivesse diante das portas do Inferno.

Que irei encontrar ali?

Saca a lanterna e alumia o portão entreaberto.

Zack, porque é que não estás comigo?

Fazes-me falta.

Grande sacana.

– Vamos entrar – declara Deniz ao agente. – Segue atrás de mim.

O portão chia quando o empurra de rompante. Alumia as paredes cinzentas e segue com o olhar os tubos de metal que desaparecem na escuridão.

Avança, tropeça em algo no chão e cai.

A lanterna rebola pelo chão.

– Ei? – grita o agente com voz assustada. – Ei? Tudo bem?

Deniz não responde.

Ajoelha-se e olha para o corpo em que tropeçou. A lanterna ilumina a parede e grandes sombras sinistras caem-lhe sobre o

rosto.

Os olhos fechados.

O casaco.

As vísceras dele...

Não, não, não!

Que lhe brotam do corpo esventrado como cobras enroladas, muito gordas.

Deniz apalpa-lhe o pescoço com os dedos, mesmo sabendo que já não tem pulsação. Mas tem de fazer alguma coisa. Tentar salvar o que já não pode ser salvo.

O agente também chega. Aponta o feixe da lanterna para o rosto de Niklas.

– Oh, porra... o que é que nós... Quer dizer... peço reforços?

– Telefona ao Douglas – sussurra-lhe Deniz sem largar os olhos de Niklas. – Diz-lhe que o encontrámos.

Os passos do agente afastam-se e Deniz permanece sentada junto do cadáver de Niklas.

Olha para o rosto pacífico do colega, os olhos fechados que nunca mais se abrirão, depois desata a gritar.

Insulta a morte que não tinha o direito de se meter com Niklas.

Enquanto se inclina para a frente para dar vazão aos soluços, apercebe-se de algo estranho no pescoço de Niklas.

Algo branco a despontar da lapela do casaco.

Deniz inclina-se para a frente. É um pedaço de papel escrito à mão, arrancado de um bloco com espiral.

Estende a mão para pegar na lanterna e lê:

*

Não tentem impedir-me.

Vai acontecer-vos o que aconteceu ao rapaz.

E a ele.

CAPÍTULO 42

SÃO SEIS DA MANHÃ DE SEXTA-FEIRA. A penumbra do abrigo antinuclear deu lugar à luz dos holofotes e os técnicos dedicam-se à recolha de objetos em sacos de plástico.

No carro de Douglas Juste, Deniz aquece as mãos numa caneca de café. Mas não bebe, parece perdida no vazio.

Se Niklas está morto, a culpa é dela.

Foi ela, com os comentários que fez, que o levou a agir sozinho.

Temos o homicídio do Ismail para resolver e ele vai ver teatrinhos na escola do filho!

Foi a última coisa que lhe disse. E dissera-o consciente e em voz suficientemente alta para que o colega a ouvisse.

Como se tivesse o direito de o julgar, a ele, um pai que queria estar presente durante um acontecimento importante na vida do filho.

Porque terá Niklas saído na noite anterior? Será que tinha uma informação que queria verificar com os próprios olhos, talvez para provar a si mesmo e aos outros que estava, também ele, a dar o máximo para solucionar aquela investigação?

Deniz sobressalta-se quando a porta do lugar do morto se abre.

– Bem – diz Douglas, sentando-se ao lado dela –, como vai isso?

Deniz encolhe os ombros.

– Não sejas tão dura contigo. Não tens nada que ver com isto.

– Tenho, a culpa de o Niklas ter vindo cá sozinho é minha.

– Não digas isso. Não sabemos porque é que o Niklas agiu assim.

Douglas enfatiza cada palavra, como se quisesse dizer-lhe que nem há discussão.

Formou-se condensação nos vidros. Deniz limpa-a com um braço e vê Koltberg a sair do abrigo antinuclear. O colega compreendeu finalmente que estamos no inverno e pôs um gorro e calçou botas

de pele, mas não parece estar mais contente por isso. Fez sinal com a mão a um técnico que obviamente transportava algo errado.

– Não foi aqui que o Ismail morreu – afirma Douglas. – As paredes não correspondem ao que vemos no vídeo. Diria antes que alguém estava a preparar-se para se apoderar deste sítio. Encontrámos lá dentro cabos elétricos que acabaram de ser comprados, assim como barras de ferro soldadas que poderiam ser utilizadas para construir uma nova jaula.

– Não há marcas de pneus ou pegadas do assassino? – pergunta Deniz.

– Ainda não. É difícil encontrar alguma coisa no gelo sob a neve fresca, mas os técnicos conseguiram recolher uma grande quantidade de pequenos objetos no interior do abrigo que poderemos analisar. Também vamos fazer uma ronda pela vizinhança, mas não mora muita gente por aqui e as empresas locais só estão abertas durante as horas de expediente.

Douglas olha para o edifício de escritórios e cala-se.

Tem uma expressão vazia e, pela primeira vez, Deniz vê-lhe rugas no rosto.

– Verificaram o telemóvel do Niklas? – pergunta.

– Sim. Ontem, apenas houve conversas com os colegas, a mulher e a família do Krusegård. Nada de especial.

– Podemos então eliminar o Krusegård como suspeito, certo?

– Mas pode haver outras pessoas envolvidas. Alguém transportou o corpo do Krusegård depois da sua morte. Um cúmplice, alguém que não identificámos – acrescenta Douglas.

Deniz bebe um gole de café morno. Então diz:

– O Niklas soube que o assassino estava aqui. Resta saber como. O que diz a Helena?

– Vou lá agora – responde Douglas. Mas não tenho a certeza de que o momento seja o mais apropriado para a questionar. A minha primeira tarefa vai ser anunciar-lhe a morte do marido.

Alguém chama Douglas, que sai do veículo. Deniz pensa no homem que matou na terça-feira passada. Emilian Petrescu. Quem sabe se também não tinha família? Nesse caso, quem informou a mulher e os filhos do que aconteceu?

Naquele momento, talvez haja uma mulher e filhos que odeiam Deniz tanto como ela odeia o homem que assassinou Niklas.

So what?

Emilian Petrescu não merecia viver.

Mas Niklas sim.

*

Helena Svensson abre a porta e deixa entrar Douglas Juste.

De olhos vermelhos, implora-lhe que traga boas notícias. Mas Douglas não pode mentir-lhe e, vendo-o a abanar a cabeça, Helena desmorona-se no chão.

Lukas aparece no corredor, de pijama, o irmãozinho estremunhado nos braços.

Reconhece Douglas e pergunta:

– Quando é que o papá vem para casa?

CAPÍTULO 43

ZACK ACORDA COM O SOL a bater-lhe em cheio no rosto e compreende que dormiu várias horas.

Olha para o despertador. 10h14.

Merda.

Não pode ser...

Deniz. Niklas. O que lhes terá acontecido?

Devia ter seguido Deniz. Devia tê-la apoiado.

Rasteja até à casa de banho e assusta-se com o próprio reflexo no espelho. O nariz continua inchado, o olho negro e o lábio inferior tumefacto e pontilhado de sangue seco.

Quanto ao braço direito, que lhe terá acontecido? Parece que lutou com as próprias mãos contra o homem-leão.

Entra no duche. De início saboreia o jato de água quente, mas vomita mal se inclina para pegar no frasco de champô.

Limpa os azulejos com o chuveiro, mas quando quer limpar o vómito amarelado no chão do duche torna a vomitar.

Liga a máquina de café e arrasta-se até à cama para olhar para o telemóvel. Cinco chamadas perdidas de Douglas. Nenhuma de Deniz.

Liga a Douglas, mas sente uma nova onda de náuseas e desliga antes que toque do outro lado da linha.

O café sabe a merda e queima-lhe os lábios rachados; não importa, obriga-se a beber alguns goles e agradece ao estômago por conseguir mantê-lo lá dentro.

Treme como uma folha enquanto se veste, mas mesmo assim decide ir trabalhar.

Talvez melhore com o frio. Ou pelo menos se sinta menos mal.

Dez minutos mais tarde, quando abre a porta do escritório, volta a sentir vontade de vomitar.

Apesar de desejar precipitar-se para a casa de banho, deixa-se ficar onde está. Vê a lâmpada fluorescente refletir-se nos olhos risonhos de Niklas na foto emoldurada. Lírios brancos num vaso e rosas vermelhas noutro. Os cartões de condolências encostados aos vasos.

Depois, os rostos fechados daqueles que ainda estão vivos, sentados em semicírculo em redor da pequena mesa onde ardem os pequenos círios: Sirpa, Deniz, Rudolf, Sam Koltberg e Tommy Östman.

Zack compreende o que vê.

Mas recusa-se a admiti-lo.

Não, isso não!

O Niklas Svensson. Morto...

É impossível.

Não é verdade, é um pesadelo, ainda não acordei.

Niklas parece tão vivo na foto. E tem filhos. E uma mulher. É o único agente a quem ninguém tem absolutamente nada a apontar. E...

...está morto.

Porquê?

O que aconteceu naquela noite?

E porque é que ninguém diz nada?

Porque é que estão todos a olhar assim para mim? Parece que nunca me viram.

Ou que não querem ver-me.

Será que a Deniz lhes disse que eu estava completamente pedrado esta madrugada?

Zack avança alguns passos, sente-se um intruso, um estranho indesejável.

O *sensei* Hiro tinha razão. É um inútil. Perdeu o que em tempos o distinguia das outras pessoas.

Senta-se numa cadeira vazia, um pouco distante dos outros. Mantém-se calado. Dá uma olhadela aos colegas enlutados, mas está demasiado perturbado para lamentar a morte de Niklas.

Na foto, este olha para Zack. Tem a cabeça ligeiramente inclinada para o lado e a boca rivaliza com os olhos para ver qual sorri mais.

Mas que aconteceu naquela noite?

Zack olha para Deniz, mas a colega está de costas para ele.

Ao lado dela, Rudolf mantém a cabeça baixa. Não se barbeou.

Será que alguma vez o viu por barbear?

Douglas sai do gabinete. Usa um fato preto e uma camisa branca com uma gravata discreta. Pela primeira vez em muito tempo, Zack acha que o que Douglas veste é apropriado. Não é demasiado chique.

– Ainda têm coragem para fazermos um último ponto de situação?

– pergunta. – Podemos fazer isso ali, se preferirem.

Os outros aceitam e giram as cadeiras na direção de Douglas. Deniz vira-se um pouco mais para Zack, mas evita olhar para o colega. Douglas, por outro lado, não o evita, mas enrug a testa quando os olhares se encontram.

Quer dizer que estão a par.

E põem-me de quarentena.

Tem vontade de se levantar e de lhes gritar:

«Okay, desculpem lá por não ter estado convosco esta noite, mas alguém pode explicar-me o que aconteceu?»

Mas mantém-se calado.

– A melhor coisa que podemos fazer para honrar a memória do Niklas é prender quem o assassinou – começa por dizer Douglas. – Espero que estejamos todos de acordo quanto a este ponto. – Os outros assentem e Douglas prossegue: – Todas as nossas teses foram varridas. Até ordem em contrário, vamos supor que o homem que matou o Niklas é também o que matou o Ismail. Mas não no mesmo sítio. E, por enquanto, continuamos sem saber o que levou o Niklas a ir a Orminge a noite passada.

Zack contém um refluxo ácido. O homem-leão matou Niklas? Com as garras que exibiu no vídeo? Mas porquê?

E que estava eu a fazer enquanto o Niklas lutava pela vida?

Estava pedrado.

Era isso que estava a fazer.

Estava pedrado e deixei a Deniz ficar mal.

Talvez a Deniz tivesse chegado a tempo, se não tivesse precisado de fazer um desvio para me apanhar.

O Niklas ainda podia estar vivo.

Mas dei mais tempo ao assassino.

– Rudolf, dá-nos por favor as últimas informações que conseguiste recolher – pede Douglas.

Rudolf endireita-se lenta e rigidamente na cadeira, como se a morte de Niklas tivesse feito com que todas as articulações do seu corpo de homem de sessenta e quatro anos ficassem doridas.

– Esta manhã consegui finalmente falar com os pais do Johan Krusegård na Tailândia. Dizem que o filho participou numa refeição em família a 3 de janeiro, em Saltsjöbaden, que durou mais ou menos das duas às dez da noite. Ou seja, na mesma noite em que o Ismail foi morto.

– Também recebi uma primeira resposta do FBI que vai nesse sentido – acrescenta Koltberg. – A impressão dentária do Krusegård não combina com as marcas dos dentes no corpo do Ismail.

– Bem, descartemos temporariamente o Krusegård – diz Douglas –, o que nos deixa sem nenhum suspeito. Sugiro que cancelem todos os vossos planos de fim de semana. Não deixaremos de trabalhar até termos resolvido o caso. Espero que todos concordem comigo.

Novo murmúrio de aprovação.

Douglas apresenta rapidamente os resultados da análise ao abrigo antinuclear.

– Os técnicos são categóricos: não foi lá que o Ismail esteve preso. Há vários pormenores significativos no vídeo que não coincidem com o abrigo de Orminge. A minha teoria é que aquele sítio era uma espécie de refúgio do assassino ou então planeava transferir as suas atividades para lá. Até agora presumimos que o local do crime se situava em Stocksund ou nos bairros do norte, mas como Orminge entra agora em linha de conta, devemos expandir a área a investigar.

O cérebro de Zack trabalha a toda a velocidade.

Quer dizer que o Niklas encontrou a gruta do assassino. Mas como? E porque é que foi lá sozinho?

Douglas dá a palavra a Koltberg, que começa a falar da arma do crime. Pela primeira vez, fá-lo com simplicidade e explica que se trata de uma arma de corte com uma lâmina comprida.

– Uma faca de esfolar ou uma faca de caça relativamente grande, diria. No entanto, não é a arma que foi usada para cortar o pescoço ao Ismail. Trouxe algumas fotos, mas talvez não sejamos obrigados a vê-las agora.

– Não, obrigado – diz Douglas.

Zack inclina-se para a frente e põe a cabeça entre as mãos.

Então é assim tão horrível? O corpo do Niklas foi tão maltratado como o do Ismail?

O chão começa a girar e Zack tem dificuldade em respirar. Endireita-se e observa os outros. Nada além de costas e olhares que se desviam.

Metó-lhes nojo.

Com razão.

Aferra-se ao encosto da cadeira para que o chão pare de girar. Sente que não tarda vai ter de vomitar outra vez.

Östman prossegue:

– É urgente encontrar o agressor, não apenas pelo Niklas. O primeiro homicídio é sempre o mais difícil. Agora, o tipo já vai no segundo. Julgo que irá recomeçar. Daqui a muito pouco tempo.

Zack põe de novo a cabeça entre as mãos. O crânio é demasiado estreito. Está demasiado cheio e começa a estalar. Em breve irá rebentar e o cérebro salpicará toda a sala.

Ouve a voz de Sirpa vinda de muito longe:

– Mas como podemos ter a certeza de que é o mesmo homem? Não há qualquer semelhança entre o homicídio do Ismail e o do Niklas.

– O homicídio do Ismail foi, como sabem, planeado até ao pormenor. Ao cronómetro – responde Östman. – O Niklas, por outro lado, morreu porque conseguiu surpreender o assassino. O nosso colega agiu de modo completamente impulsivo. Mas pode tratar-se do mesmo homem. E não podemos esquecer-nos de que deixou um pedaço de papel com uma mensagem.

A porta abre-se e uma mulher jovem, de rabo de cavalo, entra na sala. Zack reconhece-a por a ter visto várias vezes na sala de conferências, mas não sabe em que departamento trabalha.

– Lamento estar a incomodar-vos – diz –, mas desapareceu outro rapaz. Em Lidingö. As pistas parecem indicar que se trata de um rapto.

– Como deve saber, neste momento estamos cheíssimos de trabalho – afirma Koltberg.

A jovem fica preocupada e olha para o documento que tem na mão.

– Foi o agente de serviço que considerou necessário dar-vos esta informação o mais depressa possível, uma vez que estão a investigar os casos de outras crianças desaparecidas.

Koltberg bufa.

– Pode agradecer-lhe em meu nome e dizer-lhe que...

– Acho que devemos dar-lhe uma vista de olhos – interrompe Douglas.

– Eu trato disso – diz Zack, levantando-se.

Avança em direção à mulher e arranca-lhe o documento da mão.

Nada mais lhe importa, desde que possa sair da porra daquela sala.

CAPÍTULO 44

ZACK ENTRA NA PONTE DE LIDINGÖ. Lá em baixo, no gelo, um jovem atira uma bola de ténis a um cachorrinho todo excitado que corre para lha devolver. No cais de Ropsten, barcos congelados esperam por temperaturas mais amenas.

Como todos nós, pensa Zack.

Revê o rosto de Niklas. Tenta habituar-se à ideia da morte do colega.

Um sentimento confuso onde se misturam a perda, a preocupação e o carácter inexorável do acontecimento.

E a tristeza.

Quase se tinha esquecido de como era, a tristeza.

Mas repele-a. Ficarà para mais tarde, não para aquele momento.

Atravessar a ponte dá-lhe um pouco de energia. Deixa algo para trás para ir ao encontro de algo novo, diferente.

Bebe um gole do café que comprou no *Pressbyrån* de Ropsten.

As feridas nos lábios ardem.

Que se lixe.

Chegado à ilha de Lidingö, vira à esquerda na rotunda em frente a uma bomba de gasolina OKQ8.

Pensa em Albert, o rapaz de doze anos que tinha desaparecido quando os pais acordaram naquela manhã.

De acordo com o que declararam à Polícia, o adolescente teria sido levado durante a noite, pelo que a mãe não deu o alerta até descobrir que um vidro de uma janela tinha sido partido do lado de fora e ter visto grandes pegadas na neve. Pegadas que conduziam à rua.

É arrepiante.

Mas haverá realmente alguma ligação ao caso deles?

Uma criança dos bairros chiques e um refugiado órfão do Iraque. Porque é que um assassino escolheria duas crianças assim tão

diferentes? O mais provável é que, nas próximas horas, haja um telefonema a pedir um resgate substancial.

Entra em Hersby, segue ao longo dos edifícios da escola e estaciona alguns minutos mais tarde, em frente a uma grande vivenda de pedra, bem escondida atrás de uma cerca com vários metros de altura.

Bebe alguns goles de café, embora saiba que ainda vai tremer mais, mas precisa daquilo para o cérebro.

Sai do carro, controlando-se.

Não tem nenhum problema em entrar nos alojamentos fétidos dos traficantes de droga ou em antros de *gangsters*, mas aquele género de vivendas luxuosas num bairro daqueles deixa-o sempre pouco à vontade. Apesar de as coisas se terem tornado um pouco mais fáceis desde o ano anterior, sem que Zack saiba muito bem porquê, uma vez que não gosta daquele meio.

A porta de carvalho maciço da vivenda tem uma aldrava em forma de cabeça de leão com um anel na boca. Zack não tem muita vontade de lhe tocar. As fotos do pescoço retalhado de Ismail vêm-lhe à memória, assim como as representações imaginárias do corpo torturado de Niklas.

Mas como não vê nenhuma campainha, Zack é forçado a bater com o anel de metal na porta.

O martelar de uns saltos altos aproxima-se e uma mulher morena de túnica cor-de-rosa e *leggings* abre-lhe a porta.

Parece assustada ao ver o rosto de Zack e quer voltar a fechar imediatamente a porta. Mas Zack bloqueia-a com o pé e saca o distintivo da Polícia.

– Zack Herry, da Polícia de Estocolmo.

– Ah – diz a mulher, levando a mão ao peito com uma risadinha nervosa. – Não sabia... A sua cara é um pouco... Não tem ar de polícia.

É verdade, a minha cara..., pensa Zack. Pareço um condenado.

Tudo porque ontem à tarde deixei que um velho japonês me desse cabo do retrato com os punhos e os pés.

E porque sou um viciado de merda.

– Ontem tivemos um dia de trabalho difícil – replica.

O nome da mulher é Stella Bunde. Apanhou o cabelo num rabo de cavalo e as faces ainda ostentam as marcas do rímel que escorreu de tanto ter chorado. Conduz Zack a uma cozinha novinha em folha, onde há uma cafeteira e três chávenas de cores fluorescentes numa bandeja de forma assimétrica.

As portas dos armários estão lacadas em vermelho-vivo e, numa bancada comprida, há recipientes de vidro alinhados cheios de gomas de todas as cores imagináveis.

Se o deixarem comer aquilo tudo, o rapaz deve ser gordinho, pensa Zack. Stella Bunde parece ter-lhe lido os pensamentos:

– São do meu marido. Adora gomas. E cores vivas.

Parece que tem vergonha dos hábitos do marido e acrescenta:

– Preferia tê-lo recebido na sala, mas os seus colegas, que já cá vieram, não querem que se ande pelas outras divisões antes de os técnicos as examinarem.

– Ficamos muito bem aqui – confirma Zack.

Stella serve o café, mas as mãos tremem-lhe tanto que o entorna na bandeja.

– Peço imensa desculpa, eu...

– Não há problema – diz Zack. – As minhas mãos também estão a tremer.

Stella Bunde limpa a chávena com um guardanapo, depois desaparece no corredor e regressa com uma foto emoldurada do filho. É um rapaz de doze anos que olha fixamente para a objetiva, parecendo um pouco irritado. Não é nada gordo, pelo contrário. Tem cabelo castanho bastante comprido a tapar-lhe um olho, e um nariz tão fino como o da mãe.

Fá-lo pensar em alguém, mas em quem?

– Sinto-me tão culpada por não ter avisado logo a Polícia, mas o Albert já fez uma coisa assim, já foi ter com os amigos a meio da noite para jogar *online*. Sabe como é, os miúdos perdem-se com os jogos de computador. E, como faltavam uns botins de inverno, pensei que os tinha calçado quando saiu de casa à socapa. Mas, quando me ligaram da escola a comunicar que tinha faltado, fiquei preocupada. E lembrei-me de que os botins estavam guardados noutro sítio.

O lábio inferior treme-lhe e Stella tem de se conter para não desatar a chorar.

– Onde está o pai do Albert? – pergunta Zack.

– A trabalhar. Como é costume, tenho de dizê-lo. Ontem estive em Londres e quando chegou esta manhã foi diretamente para o escritório. Neste momento está numa *reunião importante* qualquer.

A voz treme quando diz aquelas últimas palavras e as lágrimas começam a fluir. Pede-lhe desculpa e assoa-se.

– Com licença, é que eu e o Peter, nós... hã, digamos que o nosso casamento está a atravessar um momento difícil.

– Onde é que o seu marido trabalha?

– Na Echidna Games, uma empresa de jogos. É presidente executivo.

Um arrepio percorre a espinha de Zack.

Echidna Games, pensa. Era lá que trabalhava o Raymond Nilsson, a última pessoa que o Niklas entrevistou antes de morrer.

Será que há alguma ligação? Estará esta empresa envolvida na morte do Niklas?

Mas Zack tinha falado com Raymond Nilsson para se informar sobre Johan Krusegård, cujo interesse para a investigação acabara de ser descartado.

Fosse como fosse, era uma estranha coincidência. A mesma empresa aparecer duas vezes, por motivos aparentemente distintos, no âmbito de uma investigação...

Em voz alta, Zack pergunta:

– A empresa vai bem?

– Sim, porque pergunta?

– Se o Albert foi raptado, é provável que o raptor exija um resgate.

Stella Bunde olha-o, incrédula.

– Como é possível alguém gostar tanto de dinheiro a ponto de raptar uma criança? – pergunta.

Zack pensa em Danut Grigorescu e nos cúmplices em Södertälje, que raptaram oito crianças para venda ou aluguer. E na procura que não cessa de aumentar.

Quantas crianças serão vendidas em todo o mundo todos os dias, a cada minuto?

Só nós, os suecos, é que não queremos ver a realidade.

– Tem alguma ideia de quem poderia ter interesse em raptá-lo?

Stella Bunde abana a cabeça.

– Há sempre pessoas com quem não nos damos bem. Mas não vejo ninguém que nos possa querer suficientemente mal a ponto de levar o nosso filho.

– Talvez alguém na empresa do seu marido com quem ele tenha algum conflito?

Stella dá uma risada curta, mas sem alegria.

– Ah, se quiser, ele poderá fazer-lhe uma longa lista.

Zack pensa em Johan Krusegård. OK, já se comprovou que não foi o assassino de Ismail, mas será que a morte dele pode estar ligada ao desaparecimento de Albert?

Krusegård vira ser-lhe recusada a readmissão na Echidna Games, tinha ficado atolado em dívidas e cometeu suicídio ou fora forçado a fazê-lo. A família pode ter culpado a empresa de ter levado o filho a suicidar-se e quem, a não ser o presidente executivo, seria o alvo ideal para se vingarem?

Terá sido por este motivo que foi tão difícil localizar os pais de Johan na Tailândia? Porque terem planeado tudo aquilo?

– Mas há uma coisa que não compreendo – prossegue Stella Bunde. – O Albert tinha um sono muito leve. Não teria acordado e pedido ajuda, se alguém quisesse levá-lo?

– Sim, mas...

Zack hesita. Como evitar inscrever imagens de horror na mente daquela mulher?

– Existem diferentes métodos para evitar isso. Por exemplo, pode ser utilizado um pano embebido em clorofórmio para pôr a criança a dormir mais profundamente e levá-la sem que acorde.

Stella Bunde fecha os olhos durante muito tempo antes de voltar a abri-los. Quando ia dizer alguma coisa, a porta abre-se e Zack ouve a voz de Sam Koltberg na entrada.

Oh não, ele não...

Alguns segundos depois, Koltberg enfia a cabeça pela porta aberta.

– Como estás, Zack? – pergunta.

Como é que estou?, pensa Zack. *Desde quando é que estás interessado no meu estado?* Mas lê sinceridade nos olhos de Koltberg.

– Como um cão – responde.

Koltberg vasculha o bolso e saca um *blister* de comprimidos que atira a Zack.

– É só paracetamol. Ajuda contra as dores que deves sentir nos lábios.

– Obrigado – diz Zack, tomando um.

Stella Bunde, que se tinha ausentado, regressa à cozinha, oferece-se para mostrar a janela partida a Koltberg e ambos se afastam.

Zack levanta-se, avança pelo corredor e dá uma vista de olhos ao quarto de Albert.

Além da cama desfeita, está tudo tão arrumado que não parece natural. Uma grande televisão e prateleiras onde alguns livros desaparecem, enfiados entre centenas de filmes em *Blu-ray* e jogos de vídeo. Na secretária, um *iPad* e ao lado uma bela pilha de jogos para PC e um monitor plano para um computador que está debaixo da secretária.

Um telefone vibra e Zack descobre um *iPhone 6* a carregar no chão ao lado da cama.

O ecrã ilumina-se e Zack vê que Albert recebeu uma mensagem: «Onde tás?»

Algumas linhas de alguém que está surpreendido com a ausência do colega de turma. Alguém que imagina que responderá nos próximos segundos.

Como, sem dúvida, é geralmente o caso.

Mas não daquela vez.

Zack continua a olhar para o telemóvel. Será que Albert alguma vez será capaz de responder àquela mensagem?

Não tem a certeza de que a própria Polícia consiga responder à pergunta.

CAPÍTULO 45

QUANDO DENIZ VÊ O VOLVO CINZENTO a dobrar a esquina e a aproximar-se da entrada situada na Polhemsgatan, sente o coração a bater com mais força. Pela primeira vez na vida, está apreensiva perante a perspectiva de se sentar num carro com Zack.

Os flocos de neve que lhe caem nas faces dissolvem-se e transformam-se em lágrimas.

Lágrimas por Niklas.

Como é que aquilo pôde acontecer?

O carro aproxima-se, passa devagar pelas fachadas do final do século e segue em direção ao cubo escuro do Comando da Polícia.

Foi Douglas quem teve a ideia de Zack ir com ela entrevistar Peter Bunde, o pai de Albert. Tinha dito que preferia ir sozinha, mas quando Douglas perguntou porquê, Deniz ficou em silêncio.

«Nesse caso», cortara Douglas, «o Zack deve chegar daqui a cinco minutos. Vou telefonar-lhe a dizer que estás à espera dele na rua, junto da entrada principal».

O Volvo sobe um pouco o passeio e estaciona a poucos metros de Deniz.

Esta abre a porta do lugar do morto e entra.

– Olá – diz Zack.

– Olá – responde Deniz.

Um vestígio de vivacidade cintila-lhe novamente ao fundo dos olhos.

Não é como na noite anterior.

– A tua cara ainda tem péssimo aspeto – afirma Deniz enquanto se afastam. – Podes contar-me o que aconteceu?

– E tu, podes dizer-me porque decidiste fazer com que todos soubessem do meu estado naquela noite?

– Não fiz nada disso.

– Ah, não? Então porque é que estavam todos a olhar para mim como se eu fosse um ET quando entrei na sala?

– Não me digas que não sabes? Chegaste atrasadíssimo e parece que foste passado a ferro por um rolo compressor!

– Quer dizer que não sabem?

– Não.

– Nem sequer o Douglas?

– Achas que o Douglas deixaria passar uma coisa dessas? Ter-te-ia excluído do grupo e com razão. Depois de teres ido a Lidingö, disse aos outros que quiseste medir forças com o teu antigo mestre de karaté e que tinhas levado uma tarefa.

– E é verdade – diz Zack.

– É a última vez que te encubro – afirma Deniz. – Nunca mais vou fazer isso. Tens de cair em ti.

Cair em mim. Será que não consegue desencantar melhor expressão?

– Tens de recompor-te – corrige Deniz.

Deixam Kungsholmen e passam pela ponte Kungsbron para chegar à cidade.

Um silêncio pesado. Como nunca antes.

No semáforo vermelho, no cruzamento da Kungsgatan com a Vasagatan, Zack ganha coragem:

– Terias chegado a tempo de salvar o Niklas, se não tivesses ido buscar-me?

Deniz lê no rosto de Zack que aquela pergunta o tortura desde que soube da morte do colega.

– De acordo com o Koltberg, o Niklas já estava morto há várias horas quando o encontrei.

Zack não diz nada. Parece refletir.

– Obrigado – diz, por fim, baixinho.

– Porquê?

– Por não teres dito nada sobre o meu estado a noite passada.

– Quase me arrependi de não o ter feito. O Niklas está morto e eu não preguei olho. Portanto, agora vais dizer-me o que fizeste ontem. Estiveste realmente a treinar? E depois?

Zack olha para Deniz. Até onde deve ir na verdade?

Zack conta-lhe a sessão de karaté com o *sensei* Hiro e termina dizendo que «tomou uma coisa» para aliviar as dores, tanto físicas como mentais.

– E o que queres dizer com isso de ter tomado *uma coisa*? Foi coca ou quê?

– Algo desse género – diz simplesmente, estacionando o carro diante da sede da Echidna Games, na Östra Järnvägsgatan.

*

Peter Bunde ajusta o casaco cor de laranja, abotoado até à barriga volumosa e inclina-se na cadeira na cafetaria da Echidna. Os funcionários que têm metade da sua idade passam por ele e Peter cumprimenta-os em voz alta pelo nome, antes de fazer *high five* com um tipo barbudo de macacão surrado.

– Acabam de ver um génio – diz Peter a Zack e a Deniz quando o homem se afasta. – É o número dois em termos de QI nesta sociedade. Preciso mesmo de dizer quem é o número um?

Zack examina o homem de quarenta e cinco anos que tem à frente. Um homem com rosto de bebé e cabelo penteado para trás para esconder uma calvície nascente, e que veste um casaco cor de laranja com umas calças verde clorofórmio e uma camisa salmão.

No fundo, parece-se com as gomas que tem na cozinha, pensa Zack.

– Esta é uma empresa de jogos – diz como se lhe tivesse lido os pensamentos. – E que voa de sucesso em sucesso. Criamos mundos muito coloridos com bastante conteúdo, e eu quero estar em sintonia com esse universo, ser uma extensão física dele, de algum modo. Uma personagem real daquilo que fazemos. Visível aos olhos de todos: funcionários, clientes e colaboradores. OLÁ, KALLE! – atira a alguém atrás deles.

Será que não lhes vai perguntar se têm alguma pista para encontrar o filho? Parece que não. Não mais do que a surpresa que demonstra perante a cara de Zack.

Deniz está prestes a abrir a boca quando Peter Bunde desabotoa o casaco e começa a falar de negócios.

– Estamos em negociações para uma colaboração que representa para nós lucros de oito dígitos, se nos mexermos bem, por isso compreenderão que me custou muito interromper a reunião – declara, esfregando as mãos nas fortes coxas. – Na Echidna queremos sempre mais – prossegue. – Estamos sempre em movimento. Constantemente. NÃO É VERDADE, JENNY? – grita, cumprimentando outra pessoa atrás deles.

– Gostávamos de falar-lhe sobre o desaparecimento do seu filho – interrompe Deniz. – Talvez pudéssemos começar por aí...

O sorriso de Peter Bunde congela-se num ricto.

– Ouça – diz Peter, inclinando-se –, o Albert é tudo para mim. Meta isso na sua cabeça. Um dia, quero que fique com isto tudo, mas para isso tem de haver alguma coisa com a qual o meu filho possa ficar.

Olha para Deniz e para Zack à vez.

– Não podemos ser todos funcionários públicos.

Zack vê Deniz a cerrar os punhos em silêncio.

– Mas ainda bem que alguns o são – diz Zack. – Para tentar encontrar o seu filho, por exemplo.

Peter Bunde abre os braços.

– *Sorry*. Não foi isso que eu quis dizer. Começámos com o pé esquerdo e a culpa foi minha. É que estou preocupado com o Albert. Podemos recomeçar?

Zack olha pelas janelas panorâmicas da cafetaria e vê o expresso amarelo que faz a ligação ao aeroporto de Arlanda. Ah, se ao menos pudesse estar a bordo de um comboio, com um bilhete só de ida na mão. Para ir para algum lugar longe dali. Qualquer lugar.

Peter Bunde tenta chamar a atenção de Zack:

– Por favor, vamos começar do zero.

Zack vira a cabeça em direção ao homem, tentando ler-lhe nos olhos alguma forma de agitação, de angústia, mas não. Nada. Como se aquilo também fosse apenas um jogo, uma realidade entre muitas outras para ele.

– Vamos diretos ao assunto – diz Zack. – Pensamos que o seu filho foi raptado. Em troca de um resgate ou de qualquer outra coisa.

Tem alguma ideia de quem possa ter querido prejudicá-lo a ponto de raptar o seu filho?

– Não chegamos aonde estou sem chatear algumas pessoas – diz Peter Bunde. – Você está em melhor posição do que ninguém para o saber. É evidente que o seu modo de trabalhar não agrada a toda a gente, dada a forma como lhe lixaram a cara. – Zack quer interromper, mas o outro prossegue: – Mas eu nunca conheci ninguém que quisesse vingar-se de mim a ponto de atacar a minha família. E se andam atrás do meu dinheiro, há pais muito mais ricos do que eu. Eu não passo de um *geek*²⁹ que tem a sorte de estar a sair-se bem.

– Mas estamos a falar do seu filho – intervém Deniz. – Por isso, pense se não terá havido razões pessoais que possam ter motivado este rapto.

Peter Bunde permanece em silêncio por um momento. Parece refletir, então abana a cabeça.

– Não, não estou a ver nenhuma.

– O nome Johan Krusegård diz-lhe alguma coisa? – pergunta Zack.

– Claro. Já trabalhou aqui. Um tipo muito talentoso. Mas saiu da empresa no momento errado. *Took a turn into the wrong dungeon*³⁰, como se costuma dizer. Porque é que está a falar-me dele?

– Sabe que o Johan Krusegård está morto?

Peter Bunde parece genuinamente surpreendido.

– Não, não sabia disso. Há mais de um ano que não o vejo. Morreu há muito tempo?

– Encontrámos o cadáver dele ontem. Com uma bala na têmpora.

– Cá para mim pensa que eu tive algo que ver com isso!

Bunde reage como se tivesse sido injustamente acusado de matar um colega de equipa num jogo de vídeo.

Nada te parece real, pensa Zack. E, por um breve momento, inveja Peter Bunde. Ah, viver uma vida onde tudo é a fingir e onde a tristeza não existe. Nem o desejo.

– Não, o Johan Krusegård suicidou-se. Mas pode haver pessoas que considerem que o Peter é indiretamente responsável, já que se

recusou a readmiti-lo na empresa.

– Está então a dizer que o rapto do meu filho foi uma espécie de vingança? Hipótese interessante.

Peter Bunde parece achar a ideia divertida. Como se tivesse acabado de encontrar sem querer a peça do *puzzle* que faltava.

– Sabe – diz, recostando-se na cadeira –, os nossos empregos não são assim tão diferentes um do outro. Como investigadores de crimes, vocês têm de entrar no cérebro do agressor e compreender o seu modo de pensar. Quanto a mim, faço o mesmo tipo de trabalho com a psicologia do jogador. Tento compreender o modo de pensar dos meus *gamers*³¹, não para os deter, mas para os entreter o melhor possível. Sempre fui viciado em jogos de vídeo, e é por isso que estou mais bem posicionado do que qualquer outra pessoa para criar jogos verdadeiramente inovadores. Jogos coloridos, cheios de surpresas, onde os jogadores se podem divertir.

Zack pensa no que lera antes sobre aquela empresa. A Echidna Games ganhou fama ao criar jogos verdadeiramente relaxantes. Jogos *online* e pequenas aplicações simples que permitem que os adultos se *desconectem*. Um artigo no *Wall Street Journal* refere o caso de várias pessoas que foram despedidas porque jogavam mesmo durante as horas de trabalho.

Peter Bunde sabe como criar jogos tão divertidos como viciantes e aparentemente também sabe ganhar dinheiro explorando as fraquezas das pessoas. E como manipulá-las. Em suma, a estratégia do traficante.

Mas como é que isto se pode relacionar com a morte do Niklas?

Agora tenho de concentrar-me nele. E em encontrar o Albert. Mas preciso de alguma coisa para me ajudar a concentrar.

Zack sente a crise de abstinência. Uma crise terrível. Que o submerge.

Está indefeso em relação àquela sensação.

Tem uma vontade irresistível de correr até casa, arrancar o canto da carpete e engolir um punhado de comprimidos. Qualquer coisa.

Lança nova olhadela pela janela, vê o reflexo do próprio rosto maltratado na vidraça.

Agora não há quaisquer muletas químicas.

Percebes?

Recompõe-te. A Deniz tem razão: cai em ti.

Pelo Niklas. Pelo Ismail e pelo Albert.

Saem da sede da Echidna Games sem saberem muito mais sobre os possíveis raptos de Albert. Enquanto estão à espera do elevador ouvem a voz de Peter Bunde:

– VAMOS LÁ A TRABALHAR, PESSOAL! *CREATE! BE ALL YOU CAN BE, ENTERTAIN!*³² – grita ele para ter a certeza de que toda a gente o ouve.

²⁹ Em inglês no original: viciado em tecnologia. (N. do T.)

³⁰ Em inglês no original: «Foi dar uma volta à masmorra errada.» (N. do T.)

³¹ Em inglês no original: jogadores habituais de jogos de vídeo. (N. do T.)

³² Em inglês no original: «Criem! Deem o vosso máximo, divirtam!» (N. do T.)

CAPÍTULO 46

OS DEDOS DE SIRPA PERCORREM O TECLADO quando introduz as coordenadas dos membros da Echidna Games na base de dados.

Depois de ter utilizado todos os lenços de papel, as lágrimas deram lugar a um ritmo de trabalho ainda mais frenético. Entrou em modo de máquina de guerra, a única maneira de conseguir afastar Niklas e a família do colega do pensamento.

Por descargo de consciência, e embora saiba que nunca se engana, Sirpa verifica os números que teclou, para o caso de ter cometido um erro de digitação.

Ao confrontar esses dados com registos de antecedentes criminais, um *bip* avisa-a de que recebeu um *e-mail*.

Por reflexo, Sirpa olha para o remetente antes de abrir a mensagem.

Le0n1@gmail.com

Ali está ele outra vez. O assassino de Niklas.

Sem perder tempo a mudar para a ligação de Internet privada, Sirpa abre o *e-mail*.

Um novo *link*. Com um código idêntico ao anterior.

Tira os olhos do ecrã e percorre o escritório com o olhar. Zack, Deniz e Rudolf estão todos fora. A única companhia são quatro agentes que foram chamados para reforçar a investigação.

Não quer partilhar a informação com aqueles homens. Pelo menos naquele momento.

Olha fixamente para o *link*.

Hesita.

Não quero abri-lo.

Começa por respirar fundo algumas vezes antes de pôr os auriculares e clicar finalmente no *link*.

A princípio, Sirpa julga tratar-se do mesmo vídeo. Tudo lhe parece familiar. A jaula, o rapazinho encolhido a um canto, o relógio em

contagem decrescente.

Mas há algo diferente.

Sirpa aproxima-se do ecrã.

Oh, não!

É um novo rapazinho.

E parece reconhecê-lo.

Não é o rapaz que foi raptado em Lidingö? Também terá sido assassinado?

Sirpa tenta aceder ao painel de controlo para fazer uma pausa enquanto procura a foto de Albert Bunde que guardou algures nos *e-mails*.

Mas não é possível fazer pausa.

Porquê?

Sirpa já sabe a resposta.

Porque não estou a ver um vídeo gravado.

Mas sim um vídeo em direto.

Os números decrescem.

02: 04: 07: 13.

Uma olhadela ao relógio. 03h15. Isso significa que o prazo se esgotará no domingo à noite, às 19h22.

Porquê tão pouco tempo daquela vez? Porque não trinta dias como Ismail? Será esta contagem decrescente uma espécie de código? Nesse caso, como posso decifrá-lo, se nem sequer sei quando começou a filmagem?

Sirpa deixa o vídeo prosseguir e clica na foto de Albert Bunde no outro ecrã.

Examina o rapaz na jaula. Sem dúvida.

É, sem dúvida, Albert Bunde.

Percorre as páginas dos jornais. Nada sobre o rapto. Os meios de comunicação ainda não devem estar ao corrente. Tanto melhor.

Telefona a Douglas e informa-o do novo vídeo.

– Estou aí em cinco minutos – diz ele.

Então, Sirpa vai ao LiveLeak e a outros motores de busca. Telefona para o departamento de imprensa para descobrir se os media já ligaram por causa de um *link* para um vídeo.

Não. Nada.

Parece que, daquela vez, o *link* não foi enviado à imprensa, mas apenas à Polícia.

Porquê?

E se, afinal de contas, não tiver sido o mesmo remetente, mas um imitador do anterior?

Não, é improvável.

Pensa nos pais de Albert. É preciso avisá-los, mas Sirpa está à espera de que Douglas veja o vídeo.

Algo está a acontecer no ecrã. O adolescente geme e refugia-se do outro lado da jaula.

Alguém entra.

O homem com o seu disfarce de leão. O mesmo que da última vez. Não é um sósia.

Sirpa prende a respiração.

O homem anda devagar pela jaula. A juba espessa cobre-lhe os ombros largos.

Albert afasta-se, tenta evitá-lo, pondo-se no meio da jaula sem deixar de fixar os olhos do homem.

Sirpa vê o lábio inferior do rapaz a tremer e ouve-o a fungar.

«Mamã», diz o rapaz com voz fraca sem se dar conta.

«Mamã.»

O leão continua a andar em torno da criança. De uma maneira aflitiva.

Sem dizer nada.

A rugir baixinho.

CAPÍTULO 47

APANHADOS NUM ENGARRAFAMENTO na Kungsgatan, Zack e Deniz ouvem a meteorologia anunciar a chegada de uma tempestade de neve vinda de leste com um alerta de nível dois para vários condados.

«Mas antes teremos outra noite com temperaturas muito baixas, que em Svealand oriental podem chegar a atingir vinte e cinco graus negativos», adverte o meteorologista em tom alegre.

Zack olha para as pessoas na rua. Muito bem vestidas, mas não como deviam, uma vez que, além dos grossos blusões de penas, usam calças de ganga e calçam sapatos demasiado leves.

Não admira que eles estejam gelados.

A fila de carros move-se devagar. Sob um alpendre, um homem agachado na neve mendiga com um copo do McDonald's. Dez metros mais à frente está outro.

– Estás gelado? – pergunta Deniz, apontando-lhe para as mãos.

Zack olha para os joelhos.

Tem as mãos a tremer.

Como é costume, parece.

Já nem liga.

Como se tivesse Parkinson aos vinte e oito anos.

Será que vou ter sequelas por causa da vida que levo?

Ouve o *bip* de um SMS no bolso interior e pega no telemóvel. É de Sirpa.

A mão deixa de tremer quando lê a primeira frase. De repente, o frio gelado das ruas de Estocolmo entranha-se-lhe até à medula.

– O assassino enviou um novo *link* – diz à colega. – E agora é o Albert Bunde quem está enjaulado.

Deniz trava tão bruscamente que o carro derrapa, apesar da velocidade de caracol a que seguiam.

– O quê? O Albert está morto? – pergunta.

– Não, a Sirpa diz aqui que desta vez é um vídeo em direto. E que só nos restam dois dias. A contagem decrescente já começou.

Zack clica no *link*.

A mesma gruta. A mesma jaula.

Mas um novo rapaz.

Não usa roupa rasgada como Ismail, mas está igualmente sozinho. E igualmente apavorado.

Não é chantagem, pensa Zack. O Albert vai morrer.

Centenas de imagens desfilam-lhe na mente. Stella Bunde em lágrimas na vivenda onde mora. O olho de Ismail bicado pelos pássaros. O rosto de Niklas que lhe sorri da foto que puseram no escritório. Os intestinos do colega espalhados pelo chão. As garras ensanguentadas do leão. Albert a correr. Albert a gritar. Albert com o corpo esfacelado. Albert...

O carro atrás deles buzina e Zack tem um sobressalto que quase o faz deixar cair o telemóvel.

– Cala-te, idiota! – grita Deniz ao condutor, erguendo o dedo médio de uma mão na sua direção.

O condutor volta a buzinar, desta vez durante mais tempo, e Deniz desaperta o cinto de segurança.

– Já vais ver como elas cantam, sacana.

Zack põe-lhe a mão no ombro.

– Deixa-te estar sentada. O tipo não tem culpa de o Albert estar enjaulado.

– Não, mas porque é que este merdas está para aqui a buzinar? Não vai avançar mais depressa se eu me colar ao carro da frente.

Deniz acelera um pouco e o carro avança alguns metros.

É isto que irrita as pessoas normais, pensa Zack. Não poderem ir mais depressa até à próxima paragem.

E, simultaneamente, há outra realidade, pensa, olhando de novo para o ecrã do telemóvel: uma criança numa jaula.

Albert levantou-se e aproximou-se da câmara. Olha fixamente para o aparelho através das grades, gritando alguma coisa.

«Ei?», ouve-se em surdina. «Ei? Está aí alguém?»

Mas parece não haver ninguém.

Ainda bem, pensa Zack.

Observa o rapazinho com mais atenção, vê o olhar assustado e de repente sabe com quem se parece.

Os cheiros voltam. O som da sua própria respiração. O sabor do sangue na sua boca.

Correra muito naquela noite. Nunca pensou poder correr tanto tempo com o outro rapaz na sua peugada.

Depois ficou deitado na relva, a sentir o cheiro do sangue.

O sangue do outro rapaz.

E ficara a saber a que cheirava a morte...

O telemóvel vibra-lhe na mão.

É Abdula. Zack não gosta de falar com o amigo quando tem colegas ao lado, mas calcula que seja importante.

– Sim, sou o Zack – responde da maneira mais formal possível.

– Bem, vou direto ao assunto porque já percebi que não estás sozinho – diz Abdula. – Estive a tentar informar-me e realmente joga-se roleta russa.

Zack retira uma esferográfica e um bloco de notas do porta-luvas e aponta uma morada.

– Não conheço essa rua – diz a Abdula. – Onde é que isso fica?

– Acho que é em Stocksund. E parece que hoje à noite haverá jogo.

Zack olha para a morada que acaba de anotar.

Stocksund foi onde encontraram Ismail. Portanto, jogam roleta russa por ali. Como Johan Krusegård, sem dúvida, jogou. Aquele a quem Peter Bunde mandou dar uma volta, o mesmo Peter Bunde cujo filho está agora preso na mesma jaula onde esteve Ismail.

De certa forma, tudo está relacionado.

Mas como?

– Tens a certeza? – insiste Zack.

– E alguma vez me enganei?

CAPÍTULO 48

ZACK OLHA PARA OS QUADROS A ÓLEO no gabinete de Douglas Juste. São mesmo dele e deve tê-los mudado há pouco tempo, porque Zack não os reconhece. Um representa cadeiras empilhadas em tons acastanhados, outro, uma mulher que esconde os olhos com as mãos.

Por baixo dos quadros, de cócoras, Douglas abre o pequeno cofre-forte.

A porta abre-se e Douglas retira de uma gaveta preta uma *Sig Sauer* e dois carregadores. Depois levanta-se e entrega a pistola e o resto a Zack.

Zack, atónito, olha para a arma.

Quando Douglas o convocou, Zack receou ver sobre a secretária fotos desfocadas de si próprio a comprar droga na Fridhemsplan e a ser consequentemente suspenso do serviço até nova ordem, ou até ser demitido.

O que o chefe está a fazer é contra as regras. Como o que aconteceu em Skärholmen.

– Toma. Vais precisar dela hoje à noite. Mas depois quero-a de volta.

Douglas entrega-lhe a *Sig Sauer* e os carregadores.

– Mas...

– Eu sei, isto pode causar problemas. Estou a arriscar bastante. E temos muito a dizer um ao outro, mas isso fica para mais tarde. Desde que conheci o Niklas que nunca me passou pelas mãos nenhum caso em que ele se tivesse envolvido tanto como neste. Portanto, vamos lá resolvê-lo, por ele. E caçar o tipo que o matou. Numa situação destas, não posso dar-me ao luxo de ter um agente inoperante na minha equipa.

Sirpa tem de se conter para não atirar o teclado ao chão.

Achou que daquela vez seria mais simples ir diretamente à fonte, uma vez que o vídeo está a ser transmitido em direto. Mas parece que o assassino está constantemente a mudar de servidor, e até de país, transmitindo sobretudo do Turquemenistão e do Uzbequistão.

Calcula que tenha pirateado os servidores ou que os tenha adquirido, escolhendo cuidadosamente países onde a Interpol não pode intervir.

O telefone fixo de Sirpa toca.

Também tem vontade de o ignorar, mas obriga-se a atender a chamada:

– Fala Sirpa Hemäläinen, inspetora da Polícia Criminal, o que deseja?

E a voz do outro lado da linha diz:

– Bom dia, chamo-me Peter Bunde. Acabo de receber um *link* que mostra o meu filho preso numa jaula.

CAPÍTULO 49

A EMPRESA DE RECAUCHUTAGEM DE PNEUS abandonada fica ao fundo de um beco sem saída. O edifício parece uma gigantesca caixa de sapatos, com paredes brancas de chapa de zinco sem janelas e um telhado plano revestido com betume. As lâmpadas dos postes de iluminação estão apagadas e os dezassete carros estacionados em frente ao edifício parecem fundir-se com a noite que cai.

Uma luz fraca filtra-se por uma porta lateral. O suficiente para adivinhar a silhueta de um segurança imponente.

Zack dá nova olhadela ao relógio. 21h56.

Faltam quatro minutos.

Agachado com Deniz atrás de um grande rochedo num bosque, a vinte e cinco metros do edifício, Zack já tem as narinas a colar-se a cada inspiração e as pontas dos dedos congeladas.

Abre e fecha rapidamente as mãos várias vezes para ativar a circulação.

Estão vinte e quatro graus abaixo de zero.

Nunca teve uma experiência daquelas.

Sobre as copas das árvores, um pouco mais adiante, fica a velha chaminé de uma fábrica. Aquela à qual Ismail esteve preso.

Zack ergue os olhos na direção da chaminé.

Ismail, Krusegård, a roleta russa, a Echidna Games e Albert Bunde. Deve haver uma ligação, mas qual?

21h57.

Zack inspeciona a *Sig Sauer* uma última vez e agradece a Douglas em silêncio.

Que a polícia dos polícias se lixe.

Verifica o auricular e examina o edifício. Um lugar ideal para atividades ilegais. Afastado, ao fundo de uma zona industrial, isolado de propriedades vizinhas por um bosque denso.

Que resistência irão encontrar? Se ali se joga roleta russa, significa que há pelo menos uma arma no local. E de certeza que o segurança à entrada também tem uma.

E pode haver outras.

Há um evidente risco de tiroteio, dissera Douglas, que avisara a unidade de intervenção.

Deniz olha para Zack.

– Tudo bem? – pergunta-lhe.

A colega faz um gesto afirmativo com a cabeça.

– E tu?

– Estou pronto.

21h58.

Uma última chamada de controlo pelo rádio. O grupo de intervenção já está a postos: quatro homens atrás de um camião na outra extremidade do edifício, outros quatro escondidos com Zack e Deniz no bosque.

Ao todo são dez. Mais os reforços nas proximidades, para o caso de ser necessário. Num raio de cem metros, há três viaturas com rádio a postos para bloquear as estradas e evitar qualquer fuga.

21h59.

Zack ajusta o colete à prova de bala por baixo do blusão.

Abdula, espero que não te tenhas enganado.

Foram raras as ocasiões em que duvidou do amigo, mas Abdula, infelizmente, já não é exatamente o mesmo.

Uma última olhadela a Deniz.

A colega, por outro lado, não mudou.

Concentrada. Sob tensão.

De confiança.

O melhor parceiro que se poderia ter.

Antes, Deniz devia pensar o mesmo dele. Mas já não é assim.

Vá lá, recompõe-te.

Prometo. Vou fazer isso.

22h00.

Zack levanta-se e precipita-se para o edifício, escolhendo um atalho para correr menor risco de ser visto pelo segurança.

Entra no estacionamento e caminha silenciosamente ao longo da construção. Para, vê Nielsen, do grupo de intervenção, a deixar o seu posto atrás do camião e a aproximar-se pela outra extremidade.

Zack continua a avançar pela lateral do edifício. Ouve a voz calma de Nielsen, com sotaque da Escânia, a dizer-lhe pelo auricular:

– Tudo calmo. Continuo a avançar.

Chegado à esquina, Zack lança uma olhadela rápida: o homem continua imóvel e olha em frente. Uma montanha de músculos. Um gorila.

Um ruído fraco faz o gorila virar a cabeça para o outro lado, onde se encontra Nielsen. O homem enfia a mão no bolso do casaco e saca a arma.

– O segurança está a avançar na tua direção – sussurra Zack ao microfone na lapela do colete.

Recebe uma resposta igualmente sussurrada:

– Prepara-te.

O gorila parece ter ouvido a voz de Nielsen e aproxima-se com a pistola em punho.

Se Nielsen se mostrar a descoberto, está perdido.

Zack ergue a arma. Aponta à coxa direita do segurança.

Espera.

O tiro vai traí-los, deitar por terra toda a operação.

Opta por tossir. Com muita força.

O gorila vira-se imediatamente para descobrir de onde vem o barulho.

Mas Zack já voltou a esconder-se à esquina do edifício e diz ao microfone:

– Tudo bem, Nielsen, ele está de costas.

Alguns segundos depois, ouve o gorila gemer e cair no chão.

Zack corre e vê Nielsen com o *taser*.

Arrastam o corpo do segurança até à parede, sentam-no, põe-lhe as mãos atrás das costas e prendem-nas a uma sarjeta.

Zack tem dificuldade em respirar. O ar frio rasga-lhe os pulmões, mas não quer saber.

Agora só quer entrar.

Mergulhar na lama.

Nielsen chama os colegas. Há dois agentes de cada lado da porta. Hesitam uma fração de segundo antes de a abrir completamente, preparados para qualquer eventualidade.

Nada acontece.

Zack arrisca uma olhadela ao interior e vê uma escada que conduz a uma porta fechada.

Assume o comando das operações. Desce até ao fundo, cola a orelha à porta e ouve vozes animadas na divisão do outro lado.

Vira-se para Deniz e para os outros agentes e faz-lhes sinal de que alcançaram o objetivo.

Todos sacam as armas.

Zack roda a pega da porta.

Fechada.

Para que ninguém se ponha a andar sem pagar?

Zack respira fundo duas vezes. O ar em seu redor parece vibrar de vida.

Neste preciso momento, não gostaria de estar em mais lugar nenhum senão aqui.

Pontapeia violentamente a porta para a abrir.

Apenas vê costas. Pessoas de pé nas cadeiras a ver algo enquanto gritam como *hooligans* antes de um confronto com os inimigos.

Pelo menos trinta pessoas na divisão. Talvez mais.

O ar está saturado de fumo de cigarros e de humidade. Ninguém lhe prestou atenção. A algazarra afogou o barulho que fez ao forçar a porta.

Deniz e outros três agentes entram na divisão e põem-se de ambos os lados de Zack.

Alguém dá uma palmada numa mesa ao fundo da sala e grita.

Que estarão todos a ver?

Zack dá um passo para o lado, tentando avistar algo por entre as costas que se comprimem.

Ali está.

Zack vê-o. Sozinho, sentado a uma pequena mesa diante de todos os espectadores excitados, um homem novo com olhos

aterrorizados e um revólver contra a têmpora. Rodeado de pessoas que berram, se agitam, batem os pés e o exortam a disparar.

Ninguém reparou ainda na presença da Polícia.

A mão do jovem treme. Tem lágrimas nos olhos e afasta o cano do revólver da têmpora, mas está lá alguém para voltar a pô-lo no mesmo lugar. Dá uma pancada na cabeça do jovem com a palma da mão e este torna a encostar a arma à cabeça. Fecha os olhos.

Soa um tiro.

Todos se calam.

O jovem revira os olhos, só se vê o branco.

Mas continua sentado na cadeira.

Vivo.

Muitos viram-se, espantados, para descobrir quem disparou.

Veem Zack de braço esticado, empunhando uma *Sig Sauer*, e a poeira de betão que cai do teto onde a bala terminou o percurso. E, atrás dele, Deniz e os agentes fardados de armas em punho.

Breve momento de pânico. Então soa outro tiro.

Uma fonte de sangue jorra da cabeça do jovem.

– NÃO! – grita Zack enquanto corre na sua direção.

Há cadeiras a virar-se, pessoas a empurrar-se, caindo e correndo em todas as direções, em pânico.

Zack abre caminho até ao jovem, o sangue a escorrer-lhe do crânio, mas agora em menor quantidade.

Pressiona a palma da mão contra o buraco na têmpora para parar a hemorragia, mas percebe que é inútil.

Olha em redor.

Dois homens de fato completo levantaram-se de um pequeno estrado do outro lado da mesa redonda. Um deles tem uma grande caixa de latão debaixo do braço. O outro uma pistola.

Zack atira-se para o lado. Ouve dois tiros seguidos e vê o homem com a arma a cair, ceifado por balas em ambas as coxas.

Vira a cabeça e vê Deniz, bem apoiada nas pernas, a arma de serviço apontada ao homem que acabou de atingir. Então, a colega é empurrada por um espectador e Zack só tem tempo de ver o homem com a caixa de latão a desaparecer por uma porta das traseiras.

Lança-se a correr atrás dele. Chega a um corredor escuro, com pilhas de jantes ferrugentas alinhadas ao longo de uma das paredes. Um cano pinga e cabos elétricos lançam faíscas. O fugitivo tropeça numa palete e cai. Tenta levantar-se, mas Zack atira-se a ele, empurrando-lhe a cabeça contra a parede.

O resto é rotina. Um joelho entre as omoplatas, os braços do homem atrás das costas e depois as algemas.

Zack pega na caixa de latão caída por terra. A tampa desprende-se e caem muitas notas.

Só notas de mil.

Quantas haverá? Algumas estão em maços atados com elásticos, outras não.

Apanha as notas, enfia-as na caixa e volta a tapá-la.

Depois ergue o homem e leva-o novamente para a divisão principal.

O Grupo de Intervenção alinhou todos os homens contra uma parede. Pressiona-lhes as cabeças contra o betão e afasta-lhes as pernas a pontapé.

Deniz está mesmo atrás da porta e conversa com alguém ao telemóvel.

Douglas, talvez.

O rosto do jovem repousa sobre a mesa. O sangue a escorrer para o chão.

Zack olha para ele. Cabelo escuro. Uma argola de ouro numa orelha.

Não deve ter mais de vinte anos.

Porque é que te mataste, imbecil?

Já não havia necessidade.

CAPÍTULO 50

SALA DE INTERROGATÓRIOS NÚMERO SETE: uma mesa retangular com tampo de contraplacado branco, paredes verdes rabiscadas, cadeiras de madeira bambas. E um cheiro a angústia, suor e vômito velho, que nenhum detergente consegue eliminar.

O homem do outro lado da mesa, de frente para Zack e para Deniz, um tal Alexander Denkert, tem dificuldade em permanecer calado mais de dez segundos seguidos.

O interrogatório ainda nem começou e já pedira para ligar ao advogado, exigira saber quanto tempo pensavam mantê-lo ali, se a família podia ficar de fora daquilo e... se podiam aumentar um pouco o ar condicionado.

Zack olha para Denkert, fascinado pelo que o nervosismo provoca em alguns seres.

Alexander Denkert não para de passar a mão pelo cabelo penteado para trás, compondo a lapela do fato *Dressman*, tocando no arranhão e no alto na testa que fez enquanto tentava fugir.

Deniz vira-se para Zack.

– Devemos ser capazes de acusá-lo de tentativa de homicídio, não é? E, dadas todas as provas, de incitamento ao suicídio. Quem sabe quantos outros morreram naquela espelunca? Na minha opinião, este tipo está na calha para a prisão perpétua, que te parece?

Zack inclina-se para Deniz e sussurra-lhe um pouco alto demais ao ouvido:

– Vamos com calma com ele. Não me parece que seja o cérebro que está por detrás de tudo isto.

– Exatamente! Exatamente! – exclama Alexander Denkert, parecendo querer levantar-se para beijar Zack. – É o que estou para aqui morto de vos repetir. Não passo de um pião. Há outros, mais

acima, que puxam os cordelinhos. Que nos manipulam como fantoches.

Deniz olha para o interrogado e atira:

– Alguém te perguntou a opinião?

– Mas ele acabou de dizer que...

– Vais falar quando te perguntarem alguma coisa. Entendido?

– Sim, mas...

Deniz bate com o punho na mesa com força.

– Entendido? Sim ou não?

Alexander Denkert acena várias vezes com a cabeça e cala-se.

Zack sorri-lhe.

– Peço desculpa pela minha colega. É que o homem que deu um tiro nele próprio lá em baixo era primo dela.

Alexander Denkert olha para Deniz, boquiaberto.

A história dos primos funciona sempre.

É tão fácil jogar com os preconceitos que as pessoas têm em relação aos imigrantes, com os laços familiares deles e os crimes de honra. As vinganças com derramamento de sangue.

Alexander Denkert parece ainda mais nervoso.

Move os lábios como um peixe a sufocar e Zack prossegue:

– Disseste que havia pessoas mais acima do que tu na hierarquia. É importante ficarmos a saber quem são essas pessoas, tanto para nós como para ti.

– Então têm de prometer-me que a informação permanecerá confidencial e que eu serei protegido.

Deniz inclina-se para Denkert, um sorriso nos lábios.

– Há uma coisa que te posso prometer: vou certificar-me de que vais apanhar o sabonete logo no teu primeiro dia na pildra.

Alexander Denkert lança um olhar hesitante a Zack, como quem diz: ela está a gozar, não está?

Zack faz o seu melhor para parecer compassivo.

– A minha colega tem bons contactos tanto em Kumla como em Hall. E tu vais parar a um desses estabelecimentos prisionais, se te recusares a colaborar. Mas não tem de ser assim, Alexander. Só que para isso precisamos de nomes.

Alexander Denkert passa a mão pelo cabelo, compõe novamente o fato e demora a refletir.

Depois, por fim, sussurra a Zack:

– Peter Bunde.

Zack sente o estômago a contrair-se como na primeira descida de uma grande montanha-russa.

Peter Bunde.

O presidente da Echidna Games. Cujo filho está enjaulado na caverna do Leão.

Tal como tinha pensado. Está tudo relacionado.

Mas como?

– O Peter é o presidente de uma grande empresa de jogos que fez grande sucesso com um jogo de roleta russa para telemóvel – acrescenta Alexander Denkert. – Mas isso já não era suficiente para ele. Queria jogar a sério. E é isso que anda a fazer agora.

– E como é que tu apareces metido nisto? – pergunta Deniz.

– Eu e o Peter conhecemo-nos desde a escola. Tenho uma empresa que compra empresas falidas e, há alguns meses, o Peter apareceu e disse-me que estava à procura de um local adequado para um novo tipo de atividade... Eu tinha acabado de comprar esta oficina de recauchutagem de pneus e foi assim que tudo aconteceu.

– E porque é que não informaste a Polícia quando soubeste em que consistia essa atividade? – insiste Deniz.

Alexander Denkert olha para baixo.

– Porque o Peter ofereceu-me dinheiro. Muito dinheiro.

– Mas tu também participas nesse jogo, vimo-lo com os nossos próprios olhos – acrescenta Zack.

Alexander Denkert olha para ele, um pouco envergonhado.

– Fazia parte do contrato. A oferta do Peter permitiu-me realizar um sonho de criança: comprar um veleiro desenhado por Gustaf Estlander. Conhecem-no? Foi o construtor de barcos mais famoso dos anos vinte e um fantástico...

– Como entra o dinheiro? – interrompe-o Deniz.

– Para ter direito a ver paga-se vinte mil coroas³³. Ficamos logo com dez mil, o resto vai para a caixa e fica para quem joga. Quanto

mais balas no tambor, mais dinheiro o jogador pode ganhar.

– E se o jogador morrer?

– Recuperamos tudo.

Zack faz um rápido cálculo de cabeça. Havia trinta pessoas na sala naquela noite, além de Denkert e do colega. O que significa que ganharam trezentas mil coroas³⁴ só em entradas. Sem falar nas apostas, que fazem crescer ainda mais o bolo.

Pensa na conversa com Peter Bunde.

Na importância que o pai de Albert dá ao entretenimento.

Aqui, o único limite para o entretenimento é a morte.

A vida dos outros é-lhe perfeitamente indiferente.

Mas que papel desempenha o homem-leão nisto tudo?

Temos de interrogar Peter Bunde. De fazê-lo confessar.

Zack olha para Alexander Denkert, que tem os cotovelos sobre a mesa e a cabeça apoiada nas mãos. Parece estar finalmente a perceber a gravidade dos atos que praticou.

– Houve outros – murmura.

– Que estás a dizer? – pergunta Zack.

Alexander Denkert olha para cima.

– Aquele que morreu esta noite não foi o primeiro. Houve outros.

– Quantos?

– Quatro. Fui obrigado a dar uma ajuda para nos livrarmos de um corpo. Atirámo-lo para dentro de um contentor em Söder. Foi horrível. Fez-me sentir um mafioso.

O Raymond Nilsson adivinhou mesmo, pensa Zack. Johan Krusegård deu um tiro em si próprio na roleta russa, tendo o cadáver sido depois atirado para dentro de um contentor na Kocksgatan por Alexander Denkert e outro tipo, provavelmente o ferido que está a ser operado naquele momento no hospital Karolinska.

– E os outros três? – insiste Zack.

– Sei onde estão os cadáveres. Eu dou-vos as localizações.

Terminado o interrogatório, Zack e Deniz têm uma breve conversa com Douglas no corredor.

– Parece cada vez mais que o homem-leão é um inimigo pessoal de Peter Bunde – diz Zack. – Talvez um parente de uma das quatro pessoas que morreram na roleta russa. Alguém que quer vingar-se, matando por sua vez uma pessoa chegada a Peter Bunde.

– Vou dar ordem para que os locais que Denkert indicou sejam examinados o mais depressa possível – afirma Douglas.

– Mas como explicar que tenha atacado o Ismail? – pergunta Deniz.

– Talvez fosse apenas um instrumento? – aventa Zack.

– Como assim?

– Quando o assassino matou o Ismail, quis fazer passar uma mensagem. E certificar-se de que toda a gente a recebia. Por outras palavras, quando o Peter e a Stella Bunde veem atualmente o filho enjaulado e a ser filmado em direto, sabem o que lhe irá acontecer. O que os faz sofrer ainda mais.

– Achas que o tipo era capaz de matar um jovem inocente só para aumentar a dor da família Bunde? – pergunta Deniz. – Porque nos terá enviado também a nós o *link* com o vídeo?

– Porque partiu do princípio de que a família Bunde ia contactar-nos, mais cedo ou mais tarde, e preferiu encarregar-se logo pessoalmente disso – responde Zack.

– Convocamos o Bunde para interrogatório e pomo-lo sob custódia? – pergunta Deniz a Douglas.

O chefe reflete por um momento antes de responder:

– Esperem até amanhã de manhã para o interrogar. É tarde. O procurador nunca nos deixará detê-lo apenas com base nas declarações do Denkert. Vamos primeiro ver como correm as buscas para encontrar os outros mortos.

– E se alguém o avisar?

– Quem faria isso? Prendemos toda a gente que lá estava. Vamos esperar. Com licença, vou dar ordem para procurarem os três cadáveres.

Douglas saca o telemóvel e afasta-se pelo corredor.

Zack pega no seu e clica no *link* do vídeo em direto.

Na sua jaula, enroscado debaixo de um cobertor, Albert parece estar a dormir.

Zack interroga-se se o rapazinho tem frio.

E se está consciente da contagem decrescente.

Resta-lhes apenas um dia e dezoito horas.

33 Aproximadamente 1900 euros. (*N. do T.*)

34 Cerca de 30000 euros. (*N. do T.*)

CAPÍTULO 51

SÁBADO, 24 DE JANEIRO

SÃO QUASE TRÊS DA MANHÃ quando a patrulha da Polícia, após uma hora de buscas no lixo, descobre, no fundo do contentor, um homem nu morto por uma bala.

A gordura transborda em inúmeras dobras e os agentes são forçados a usar uma alavanca comprida para desprender o corpo congelado.

– Como vamos tirá-lo daqui? Deve pesar mais de cento e cinquenta quilos – diz um deles.

O colega lança uma olhadela às obras na Tollare Torg, em Nacka.

– Talvez amanhã de manhã possamos pedir uma grua emprestada à NCC.

*

As pedras da gruta estão geladas e molhadas. Os dois agentes derrapam várias vezes durante o trajeto.

– Vês alguma coisa? – grita o mais novo.

O feixe das lanternas varre as paredes rochosas.

– Não, que porra. Espera, espera. Há qualquer coisa lá em baixo. Julgo que é um corpo – responde a colega.

A agente avança, rastejando durante os últimos metros.

Vestido com calças de ganga e uma *sweatshirt* de capuz azul-escuro, o homem está deitado de costas. Tem uma perna dobrada num ângulo estranho e uma costela saliente aponta para o antebraço esquerdo.

Como se o tivessem atirado para dentro da gruta.

Ela vira cuidadosamente o corpo. Examina o rosto.

Não é um homem.

É um adolescente.

Tem cabelo comprido e encaracolado. Quando lhe toca com a ponta das luvas, a agente repara no buraco fundo por cima da orelha direita.

*

Deitado na cama, Zack olha fixamente para o teto.

Ao chegar a casa, um grosso envelope A4 do conselho regional esperava-o atrás da porta.

Os registos clínicos.

A primeira coisa em que pensou foi em abrir o envelope e aproximar-se da verdade sobre a sua vida e a da mãe.

Mas mudou de ideias.

Sabe que a mãe também não era assim tão simpática. Mas de onde terá vindo toda aquela raiva acumulada?

Haverá ligação com o homicídio dela?

Vai ter de esperar. Por enquanto, Zack não quer distrair-se, tem coisas mais urgentes em que pensar. O relógio com a contagem decrescente. O adolescente para salvar.

Vira-se para o lado. Fecha os olhos com força.

Agora tenho de dormir, preciso de descansar.

E se fosse a casa de Mera? Ela tinha ido a uma noite de gala, mas àquela hora já devia ter regressado a casa. Mas será que tem mesmo vontade de lhe ligar?

O seu cérebro trabalha ao retardador. Os pensamentos andam em círculos e tudo se choca dentro da cabeça.

Permanece deitado por mais alguns minutos e depois cede à tentação. Levanta-se, vai até ao canto da sala, levanta a borda da tapete, pega na caixa e retira dois comprimidos de *Stesolid*.

Tenho de tomar alguma coisa.

Não, isso seria trair o Niklas. E o Albert. E o Ismail.

Mas é por eles que estou a fazer isto. Tenho de dormir. Senão, não serei capaz de resolver este caso.

Dirige-se à área da cozinha e enche um copo com água. Olha para os comprimidos brancos.

Em seguida vai até à casa de banho, atira-os para dentro da sanita e puxa o autoclismo.

Lamenta o gesto assim que os vê desaparecer.

Deita-se no chão ao lado da cama e faz uma série de flexões a toda a velocidade. Normalmente consegue fazer sessenta seguidas sem nenhum problema, mas não mais. Os braços tremem-lhe brutalmente ao fim de cinquenta e Zack grita quando força o corpo a continuar durante as últimas dez.

Vira-se de costas e descansa por um momento. Recarrega as baterias antes de atacar com abdominais.

O corpo pesa mais a cada inspiração, como se uma força desconhecida o prendesse ao chão.

Adormece enquanto a neve cai e envolve Estocolmo numa mortalha branca.

CAPÍTULO 52

SÃO OITO E VINTE DA MANHÃ e os sapatos afundam-se na neve macia quando a rececionista do Grand Hotel os conduz ao ginásio que faz parte do SPA mais luxuoso de Estocolmo. Ali, apenas aqueles que pertencem à autoproclamada elite têm direito a ser membros.

Zack boceja.

Acordou com as costas rígidas pouco antes das sete, tendo dormido apenas quatro horas no chão.

Sonhara com Niklas. Estavam juntos algures ao sol e riam-se até às lágrimas. Zack não conseguiu lembrar-se do motivo daquelas gargalhadas. Nunca, na realidade, tinham partilhado tal momento de cumplicidade.

Levantara-se e procurara uma vela na gaveta da cozinha. Então acendera-a e recordara o colega assassinado.

Até Deniz parece pálida. Fora forçada a servir-se da arma de serviço duas noites seguidas. É certo que ninguém morreu, o homem que baleou nem sequer ficou gravemente ferido, mas recuperar o sono leva tempo depois de uma experiência daquelas. É preciso esperar que o nível de adrenalina desça e conseguir que os pensamentos se foquem noutra coisa.

– Façam favor – diz a rececionista que, depois de os fazer atravessar a parte relaxante dos banhos turcos, com mosaicos pretos, e o *jacuzzi*, os introduz no ginásio.

Este não é grande, mas os equipamentos são novos e o piso de mogno está encerado. Numa bancada são propostos quatro tipos diferentes de água para saciar a sede e, através das janelas, pode ver-se o Palácio Real e o Strömmen, onde um barco vindo do arquipélago parece avançar penosamente ao frio.

Só estão quatro pessoas no ginásio e uma delas é Peter Bunde. Usa calças de desporto rosa-fluorescentes e uma *sweatshirt* da mesma cor num tecido especial que deve custar uma fortuna. Treina

numa passadeira, com auriculares nos ouvidos e o telemóvel numa braçadeira amarela no braço direito. A barriga estremece enquanto corre sem sair do mesmo sítio.

Vê-os pelo espelho e parece envergonhado.

Tira um dos auriculares, mas continua a correr.

– Encontraram-no? – pergunta, sem fôlego.

– Não, mas gostávamos de falar consigo – responde Deniz.

– Sobre o quê?

– Sobre a roleta russa.

– Tiveram dificuldade em descarregar a aplicação?

– Não, mas um homem de vinte e um anos teve grandes problemas quando jogou a noite passada. Quer saber o que aconteceu? – pergunta Zack.

Peter Bunde não responde. Continua a correr, ou mais propriamente... a arrastar-se. A uma velocidade de 7,2 quilómetros à hora.

– Tinha um buraco na cabeça e está morto. É chato, não é?

Peter Bunde olha rapidamente para o lado. Um homem grisalho transpira abundantemente numa elíptica ao lado dele, mas também tem auriculares nos ouvidos e parece não reagir à conversa.

– O que tenho eu que ver com isso? – pergunta Peter Bunde, olhando de novo para o próprio reflexo no espelho.

Decididamente, este homem não vive no mesmo mundo que nós, pensa Zack. Um mundo onde tudo é a fingir. Mesmo buracos reais em cabeças reais...

Zack desliga o cabo da passadeira. Peter Bunde tropeça e bate com o peito contra o painel.

O homem de cabelo grisalho desce da elíptica, pega na toalha e na garrafa de água e sai precipitadamente do ginásio. Os outros dois homens que estavam a treinar imitam-no.

– Isso não era necessário – diz Peter Bunde, que parece ter ficado mais magoado pela vergonha do que com o próprio choque.

– Porra, o que não era necessário era que um jovem se tivesse matado a noite passada só para você poder pagar a mensalidade num clube como este – retorque Deniz.

Peter Bunde olha para a agente como se esta fosse uma idiota.

– Se quisesse podia comprar este clube, por isso não se preocupe com as minhas finanças.

– Então ainda é mais desnecessário fazer negócios com a vida de outras pessoas – afirma Deniz, voltando à carga. – Já encontramos três mortos e vamos encontrar mais dois até ao final do dia.

Peter Bunde ajusta a *sweatshirt* cor-de-rosa para esconder a barriga. O tecido restolha como seda.

– Se há pessoas que jogam roleta russa, como você diz, fazem-no porque querem. Querem entregar-se às emoções finais do jogo e, os que assistem, buscam a diversão radical. O *entertainment* levado ao limite.

– Ou seja, uma simples extensão do seu jogo *online*? – afirma Deniz.

Peter Bunde pega numa toalha roxa pendurada numa das pegs da passadeira e limpa a testa.

– Estava a falar de maneira geral.

– Qual é a sensação de ganhar dinheiro com a morte dos outros?
– pergunta Zack.

Peter Bunde sorri-lhe.

– Se eu fosse culpado do que me acusa, provavelmente responderia nestes termos: há pessoas que escalam montanhas sem corda de rapel ou que fazem esqui fora de pista no meio de fendas. Pessoas que precisam de olhar a morte de frente para se sentirem vivas. Que precisam disso para se manterem equilibradas. Eu só lhes estaria a oferecer uma experiência que iriam obter de outra maneira.

Zack decide entrar no jogo de Bunde.

– Nesse caso, perguntar-lhe-ia como é possível optar por enriquecer com a morte dos outros.

– As pessoas pagam mil coroas por um grama de cocaína. Quem organiza uma roleta russa oferece uma pedrada muito mais forte. Porque é que não pagariam por este serviço?

– Mas morre gente.

– Também há gente a morrer de *overdose*. Morre gente em toda a parte e a todo o momento. Além disso, cometer suicídio não é ilegal. Alguns só conhecem a felicidade pouco antes de morrer.

– Podíamos detê-lo por outros motivos – afirma Deniz. – Posse ilegal de arma de fogo e jogo ilícito, por exemplo. Ou fornecimento de instalações para uma atividade ilegal. Se provássemos que alguns dos jogadores, com dívidas até aos cabelos, levavam o revólver à têtpora sob pressão, seriam acrescentadas acusações infinitamente mais graves às anteriores: ameaças à integridade física, chantagem. Quer que continue?

Peter Bunde senta-se num banco acolchoado e limpa outra vez a testa.

– Agora querem prender-me? Têm realmente alguma prova de que estou envolvido?

Zack não responde. Vai até ao átrio do SPA, telefona a Douglas e conta-lhe a conversa, dizendo que gostaria de intimar Bunde.

Mas Douglas não concorda.

– Não temos nada de concreto contra o Bunde. O nome dele não aparece no contrato de arrendamento do espaço e o procurador não nos deixará detê-lo.

– Não estás a falar a sério, pois não?

– Acalma-te, Zack. Pensa no que é importante para a nossa investigação. O homicídio de um colega e de uma criança. E o rapto de outra criança cuja vida corre perigo. Filho do próprio Peter Bunde. Achas mesmo que o Bunde está envolvido em tudo isso? Acabei de falar com o Östman. Ele acha que o Peter Bunde não encaixa no perfil do assassino e estou inclinado a acreditar nele. Em vez disso, pergunta ao Bunde quem é que ele acha que pode estar por detrás do rapto.

Zack desliga e bate na parede com a palma da mão. Furioso por ver o superior a esquivar-se quando se trata de pessoas com as costas quentes.

No entanto, Douglas tem razão quanto a um ponto. Devem estabelecer uma lista de potenciais agressores.

Regressa ao ginásio e anuncia a Peter Bunde:

– Não vamos engavetá-lo. Pelo menos por enquanto. Resta-nos apenas um dia e meio para encontrar o Albert vivo e tem de nos ajudar. Quem pode querer fazer mal ao seu filho? E porquê?

Peter Bunde parece refletir um pouco.

– Houve muita gente que ficou irritada connosco quando entrámos na Bolsa. Achavam que nós, os acionistas, tínhamos vendido a alma da empresa por uma questão de enriquecimento pessoal. Outros queixaram-se porque teriam gostado de ter ficado com um pedaço do bolo. Mas nem todos podem ganhar ao mesmo tempo. *Only the winners*³⁵.

– Tem algum nome em mente? – pergunta Deniz.

Peter Bunde tem de imediato quatro nomes em mente.

– Os três primeiros são funcionários da Echidna, o quarto já o foi. Também podia ter mencionado o Johan Krusegård, mas como morreu...

– Por sua causa – atira Deniz.

Peter Bunde prefere não se levantar e limita-se a dizer:

– Estão a fazer tudo o que podem, não estão, para encontrar o Albert?

Zack olha para aquele homem, em todo o seu esplendor cor-de-rosa.

E, pela primeira vez, tem a impressão de que Peter Bunde está preocupado com o filho.

³⁵ Em inglês no original: «Só os vencedores.» (N. do T.)

CAPÍTULO 53

DIANTE DOS COMPUTADORES, Sirpa mordisca alguns pedaços de maçã que estão já a ficar com a superfície acastanhada.

Vê o vídeo em direto num dos ecrãs. Albert está sentado de pernas cruzadas na jaula e come um *McDonald's*.

Tem o cabelo desgrenhado e o pijama está sujo nos joelhos. Devora o hambúrguer em algumas dentadas. Em seguida atira-se ao pacote de batatas fritas.

Será a primeira refeição desde que foi raptado?

Ou a última?

Não, é preciso fazer tudo para evitar isso.

Mas como prender o carcereiro de Albert? Deve haver uma maneira.

Pôs novos iscos na Net e enviou um *e-mail* de resposta com *links* a que o remetente deveria querer aceder. A partir daí, Sirpa poderia assumir o controlo do computador e da caixa de correio do criminoso...

Mas o tipo não mordeu o anzol. E Sirpa não viu aquele endereço a ser utilizado noutro sítio. Nem na Net nem na Deep Web³⁶.

Era evidente que o remetente tinha aberto uma conta apenas para enviar o *link* para o vídeo ao vivo e que em seguida a encerrara.

Como já tinha feito em relação ao vídeo de Ismail.

Sirpa decidiu mudar de tática. Parar de procurar o que não consegue encontrar e, em vez disso, utilizar a informação que possui de forma inteligente.

Descarregou várias imagens da transmissão em direto e até criou algumas variantes onde retocou as fotos, apagando a jaula. Com a ajuda de um *software* bastante sofisticado de reconhecimento de pormenores, Sirpa lançou em seguida uma pesquisa na Net para encontrar fotos semelhantes.

Até ao momento, aquela tática não produzira nada de concludente. Uma gruta na Califórnia, outra em Potosí, na Bolívia.

Ouve passos no vídeo em direto e coloca imediatamente os auriculares para ouvir melhor.

O som deixa de se ouvir.

Mas Sirpa ouve outra coisa.

Uma respiração.

A do Leão?

Parece estar mesmo atrás da câmara.

Está a manipulá-la. Ouve-se raspar e a imagem treme.

Algo cobre a lente.

Um pano.

Está a limpar a lente para melhorar a qualidade da imagem.

Porquê?

O que pretende fazer?

A imagem torna a estabilizar.

A respiração e os passos calam-se completamente.

Será que se foi embora?

Sirpa olha para Albert. O rapaz parece não ter ouvido nada, empenhado como está em limpar as últimas migalhas de batatas fritas no fundo do pacote. Depois tira a tampa do copo de refrigerante e vira-o por cima da boca para apanhar as últimas gotas.

Sirpa ia voltar ao outro ecrã quando descobre algo no canto direito da foto. Algo que ainda não tinha visto.

Um pequeno painel quadrado na parede atrás da jaula.

Deve ter entrado no enquadramento quando o homem mexeu na câmara.

Faz rapidamente uma captura de ecrã e abre depois o Photoshop para ampliar a imagem e melhorar a nitidez.

É uma placa de metal enferrujada. Parece estar na parede há um século.

Mas que diz?

Por mais que amplie a placa e tente melhorar a nitidez, está demasiado escuro na caverna e o painel demasiado longe.

No entanto, Sirpa adivinha algumas palavras completas e algumas letras:

**AVISO PARA
LUZ VERMELHA LIGADA
GUI RV**

Há algumas letras manchadas de ferrugem ou meio apagadas.

Sirpa faz nova pesquisa para encontrar imagens semelhantes.

Cinco resultados. Os dois primeiros não têm interesse.

Mas o terceiro...

Reconhece a brecha ao longo da placa. As manchas de ferrugem.

É a mesma placa. Fotografada com muito melhor luminosidade e uma câmara de qualidade superior.

Desta vez, Sirpa consegue ampliar a imagem e ler o texto:

**AVISO PARA ZONA DE CARGA SE A LUZ
VERMELHA ESTIVER LIGADA, O GUINCHO ESTÁ
EM SERVIÇO**

Por baixo da imagem, um breve texto descreve uma exploração numa mina abandonada, mas não há qualquer indicação da localização.

Olha para a página que publicou a foto. É uma página para exploradores urbanos, pessoas que, por prazer, percorrem e visitam túneis de metro, minas abandonadas e antigos edifícios industriais.

Sirpa sabe que muitos deles preferem não revelar a localização das descobertas. Tiram fotos intrigantes para testemunhar as suas aventuras, mas não revelam onde estiveram.

Desta vez haverá uma exceção.

O criador desta página tem um pseudónimo, mas não escondeu suficientemente bem a verdadeira identidade.

Pode estar a salvo de um utilizador comum, mas não de mim, Sirpa...

36 A parte oculta da Internet, à qual apenas é possível aceder com as ferramentas adequadas e onde certas pessoas guardam informações que querem esconder ou simplesmente manter afastadas dos mecanismos tradicionais de busca. (*N. do T.*)

CAPÍTULO 54

– PODEM DAR-ME A VOSSA ATENÇÃO POR UM MOMENTO? – pergunta Douglas, no meio do *open space*. Está acompanhado por uma loura.

Deve ter vinte e cinco anos, no máximo, pensa Deniz, olhando para a mulher: camisola cinzenta por cima das calças de ganga, cabelo espesso solto e um sorriso hesitante que faz com que as bochechas magras pareçam quase redondas.

Douglas aclara a voz e diz:

– Apresento-vos a Sandra Sjöholm. Vai substituir o Niklas temporariamente. Sei que pode parecer um pouco apressado, mas, dadas as circunstâncias, não temos alternativa.

Silêncio total.

É como se só naquele momento tomassem consciência de que Niklas nunca mais iria voltar. De que outra pessoa irá sentar-se na sua cadeira.

Como se Niklas nunca tivesse existido.

Douglas passa a palavra a Sandra Sjöholm.

Que diz que tem vinte e seis anos, que trabalhou durante dois meses na Direção Regional da Polícia Judiciária e que antes disso era investigadora de casos criminais em Uppsala.

Jovem, calcula Deniz. Muito jovem.

Na verdade, Zack também tinha essa idade quando entrou para a Polícia Criminal, mas sempre pareceu mais velho do que de facto é.

Deve ser uma menina-prodígio. Mas Sandra Sjöholm não tenta impressioná-los.

Douglas contenta-se em dizer:

– A Sandra será uma grande ajuda para o grupo. Rudolf, confio-ta. Sugiro que te acompanhe hoje no interrogatório, *okay*?

– Feito – responde Rudolf.

Então, Douglas regressa ao gabinete e deixa Sandra Sjöholm ali plantada, completamente sozinha. Parece estar à espera de que se

levantem e lhe deem as boas-vindas, mas em vez disso todos voltam aos seus afazeres.

Deniz olha fixamente para o ecrã do computador. Sabe que devia apresentar-se e ajudar Sandra a integrar-se no novo local de trabalho, mas só consegue pensar em Niklas. No corpo esventrado, no rosto que a vida abandonara.

*

– Então, como te sentes? – pergunta-lhe Rudolf Gräns durante a viagem até Vasastan, onde irão interrogar o último dos potenciais inimigos de Peter Bunde.

Os *Ray-Ban* pretos e o casaco bege fazem com que pareça um detetive num filme policial dos anos cinquenta.

– Bem – responde Sandra Sjöholm com sinceridade.

Sandra acaba de passar uma hora com Rudolf e a voz daquele homem acalma-a.

O primeiro quarto de hora foi difícil. Como iria trabalhar com ele? Estaria o chefe a gozar com ela, ou quê? Porque é que lhe fez imaginar que, durante um mês, iria colaborar com a nata da Polícia Criminal? Para isto, Douglas Juste emparelhara-a com um velho cego! Que, para começar, lhe pedira para ler um documento jurídico em voz alta.

Como se quisesse pô-la à prova. Ver como reagia.

Ao que parece reagiu bem, porque, alguns minutos mais tarde, Rudolf começou a expor a investigação e Sandra percebeu que o tinha subestimado e que não podia ter melhor parceiro.

Uma pessoa sábia, de confiança. Alguém que tem apenas uma palavra, à antiga.

E, o que não é um pormenor insignificante, um Polícia que não lhe come os seios com os olhos. Que apenas a julga pelo que diz e pelo que faz.

Saída da Escola Superior de Polícia com o posto de major, Sandra Sjöholm já tem no currículo duas investigações em Uppsala, levadas a bom porto, com três condenações. Mas, muitas vezes, os colegas

veem-na apenas como uma loura de vinte e seis anos que usa sutiãs copa D.

Nos últimos tempos, Sandra começou a explorar os seus pontos fortes. Seja durante interrogatórios ou para dar um empurrão à carreira. Um sutiã *push-up* e um corpete ligeiramente desabotoado abrem muitas portas.

Mas não com aquele colega em particular. Naquele caso, só pode contar com o intelecto.

Sandra entra na Norrtullsgatan e encontra um lugar a poucos metros da morada indicada.

– Como conduzes os teus interrogatórios? – quer saber depois de ter desligado o motor. – Devo ficar calada e limitar-me a ouvir?

– Como tive oportunidade de estudar o processo, sou eu quem vai começar, mas não hesites em intervir quando quiseres – responde Rudolf. – A única coisa que te peço é que mantenhas um tom amável em todas as circunstâncias. Normalmente, isso permite-nos ir bastante longe.

O prédio não tem elevador, por isso sobem até ao terceiro andar. *Pelo menos, o Rudolf não vê o triste estado em que estão as escadas*, as paredes onde a tinta amarela suja que cobre o estuque vai descascando e caindo em placas, pensa Sandra.

Daniel Markuson abre a porta ao terceiro toque.

O rosto parece um saco de congelação cheio de água turva e a *T-shirt* branca, com uma gola disforme, disfarça mal um corpo demasiado pesado em forma de pera. As calças de fato de treino estão apertadas nas coxas e as olheiras profundas fazem-no parecer mais velho do que os trinta e cinco anos que na realidade tem.

Não estende a mão para os cumprimentar.

O olhar é hesitante e evita cruzar-se com o de Sandra.

Terá acabado de perceber que Rudolf tem uma deficiência visual ou está-se nas tintas para isso?, questiona-se ela.

– Hum, talvez queiram café? – propõe.

Ambos agradecem e seguem-no até à cozinha.

A atmosfera no apartamento lembra-lhes o departamento de informática da Polícia: confinado e quente por causa do sistema de

ventilação dos computadores.

Na sala de estar, Sandra compreende melhor porquê: cinco ecrãs de computador ocupam uma mesa imunda. Três estão ligados, dois desligados. No chão há uma pilha de discos rígidos e dois *routers*.

Na mesa da cozinha encontra-se um portátil aberto ao lado de um pacote de *Frosties* de chocolate da *Kellogg's*. Markuson fecha-o e põe-no em cima do micro-ondas. Em seguida enche a chaleira com água e tira três canecas e um frasco de *Nescafé* dos armários.

– Bem, queriam falar sobre o Peter Bunde – diz, antes de Rudolf fazer qualquer pergunta.

– Sim, exatamente – afirma Rudolf.

– É um tipo talentoso, e quando sabemos manipular os outros podemos ganhar muito dinheiro. Faz-se de excêntrico, com aquela roupa berrante, aquelas frases sonantes, as malditas gomas e aquela pança. Mas é tudo *bluff*. O Peter gosta de controlar e de dominar. Acreditem, se tivesse sido político, em pouco tempo teria transformado a Suécia numa Alemanha à moda de Hitler.

Sandra fica surpreendida ao ver como Daniel Markuson fala sem rodeios, como se tivesse esperado muito tempo para poder dizer mal do ex-patrão.

Deita três colheres rasas de café em pó na caneca e prossegue:

– Se tivermos o Bunde ao nosso lado podemos ir muito longe, mas se nos toma de ponta estamos feitos. Somos informados de que temos um QI de débeis mentais e despede-nos num abrir e fechar de olhos. E isso é só o começo.

– Só o começo? – repete Rudolf.

– Modéstia à parte, eu era um excelente programador, mas o Bunde lançou boatos sobre mim, por isso acabei no desemprego. Não tarda vou ter de prostituir-me criando páginas *WordPress* para pequenas empresas, por exemplo, mas ainda não desci tão baixo.

A água ferve e Daniel Markuson levanta-se vagarosamente para ir buscar a chaleira, arrastando os pés. Todo o corpo trai um profundo desânimo, como aconteceu com todos os outros inimigos potenciais de Bunde que a Polícia questionou.

Daniel Markuson despeja água a ferver na caneca, senta-se e diz:

– Bem, pelo menos estamos vivos. O que não se aplica a todos.

– Como assim? – pergunta Rudolf, servindo-se de uma colherada de café.

– Já ouviram falar do Acke Johansson, não é?

– Não – responde Rudolf. – Pelo menos eu não.

Suicidou-se há quatro meses. Enforcou-se com um cabo de impressora. Tenho a certeza de que foi o Peter Bunde quem o levou a dar aquele passo.

– O que o leva a dizer isso?

– A Echidna Games lançou um jogo *online* de roleta russa onde tínhamos de encostar o telemóvel à têmpora em vez do cano de um revólver. Foi um enorme sucesso, sobretudo nos EUA, mas o Acke detestava o jogo, que achava repugnante. Não era o único a pensar assim, mas foi o único que se atreveu a dizê-lo em voz alta. Conseguiu ser despedido, claro, e de que maneira. O Peter não esteve com meias-medidas. Foi até à secretária do Acke e chamou-lhe tudo e mais alguma coisa à frente dos outros. Lembro-me perfeitamente do que disse: «Sem mim não passas de um animal enjaulado. E, quando abrimos a jaula para deixar sair esse género de animais, eles não sobrevivem por muito tempo.»

Rudolf levanta-se.

– Peço desculpa por um momento – diz –, tenho de fazer uma chamada.

A voz tornou-se mais tensa, observa Sandra.

O colega sai da cozinha e caminha pelo corredor sem bater em nada nem derrubar qualquer objeto.

Será mesmo cego?, interroga-se ela.

Ou, na realidade, vê melhor do que qualquer um de nós?

CAPÍTULO 55

NO CAFÉ HILMA SOFIA, em frente ao Comando da Polícia, Zack e Deniz comem uma sanduíche e bebem um café expresso. Acabam de regressar de Gubbängen, onde conversaram com a mãe do jovem que a Polícia encontrou na noite anterior com uma bala na cabeça, no fundo de uma gruta, no local indicado por Alexander Denkert.

A mãe tinha ficado desfeita.

O seu único filho estava morto.

Zack abraçou-a para a consolar, enquanto Deniz tentava obter as informações de que precisavam. Mas a mulher nunca tinha ouvido falar da Echidna Games nem de Peter Bunde.

Deu-lhes o nome do melhor amigo do filho, mas este estava há duas semanas no Dubai.

Outra pessoa para retirar da lista de suspeitos; Douglas informara-os de que as conversas com os parentes das outras vítimas da roleta russa não haviam dado em nada.

Zack e Deniz permanecem em silêncio.

Conscientes de que o relógio ao lado da jaula de Albert atesta a inexorável contagem decrescente.

Zack levanta-se para ir buscar mais um café quando os telemóveis de ambos começam a tocar quase em simultâneo. Zack volta a sentar-se. Atende e ouve com muita atenção. Deniz também parece estar a receber informações importantes.

– Conta tu primeiro – diz Zack depois de ter desligado.

– Era o Rudolf – explica Deniz, relatando-lhe o que um ex-funcionário da Echidna Games disse ao colega. – Já verificou o que o tipo disse e, segundo o relatório policial, o Acke Johansson enforcou-se. Portanto, o Peter Bunde está forçosamente envolvido em tudo isto. Quem mais utilizaria a imagem de um animal

enjaulado? Se o próprio filho não estivesse em cativeiro, tudo sugeriria que o Bunde é o assassino disfarçado de leão.

– E se o Albert não fosse filho dele? – arrisca Zack.

Deniz abre muito os olhos.

– Como assim?

– Estava a falar com a Stella Bunde. Acaba de me dizer que o Peter Bunde não é o pai do Albert.

– O quê?

– Teve uma aventura no ano anterior ao nascimento do Albert. E o Peter, ao que parece, só soube há algumas semanas.

– Está na altura de termos outra conversa com o Peter Bunde – declara Deniz. – Vou buscar o carro. Achas que o tipo está no escritório a um sábado?

– Em casa, pelo menos, não está.

Zack vê Deniz a atravessar a rua a correr e depois a descer para o estacionamento subterrâneo.

Os pensamentos atropelam-se na cabeça de Zack. Teria Peter Bunde orquestrado o rapto de Albert? Foi por essa razão que optou por continuar a trabalhar quando Stella Bunde avisou a Polícia do desaparecimento do filho?

Onde estava Bunde naquela noite? Talvez não em Londres, como tinha dito à mulher.

Um filho que devia ser dele, mas de quem afinal não é o pai biológico.

Será que é assim que se vinga da infidelidade da mulher?

O próprio Bunde, que não é suficientemente alto e é demasiado gordo, não poderia ser o homem-leão, mas pode ser o cérebro de toda aquela encenação. O organizador daquelas execuções.

Quem é que pode ser doente a esse ponto?

Um psicopata?

Será que o Peter Bunde é um psicopata? Isso explicaria porque é tão difícil de compreender?

– Diz-me em que estás a pensar – pede Deniz depois de apanhar Zack e quando estão a virar para a Flemingatan.

– Talvez o Peter Bunde andasse a planear há muito tempo dar mais um passo nos seus jogos mortais, organizando estes jogos

doentios do gato e do rato com crianças raptadas. Talvez tivesse continuado a utilizar crianças refugiadas que chegam sozinhas à Suécia, se não tivesse sabido a verdade sobre o Albert. Mas, a partir desse momento, pode muito bem ter decidido fazê-lo sofrer o mesmo destino a que submeteu o Ismail.

– Nesse caso, o Peter Bunde sabe quem é o homem-leão. Isso significaria que está a proteger o assassino do Niklas.

– E que foi cúmplice de um homicídio.

– Falamos primeiro com o Douglas? Mas ele pode recusar-se a deixar-nos voltar a interrogá-lo. Tenho a impressão de que prefere manter a discrição em relação ao Bunde.

– Sim, é melhor não falarmos com ele – corta Zack. – Não podemos dar-nos ao luxo de ficar de braços cruzados. Só temos vinte e quatro horas para salvar o Albert.

*

A rececionista tatuada da Echidna Games está no seu lugar e informa-os de que Peter Bunde está ocupado. Trata-se de uma reunião do Conselho de Administração e Bunde pediu para não ser incomodado.

Zack e Deniz estão-se nas tintas para isso e entram no *open space*.

Quase metade das secretárias estão ocupadas por programadores que trabalham ao fim de semana. Perguntam-lhes onde fica a sala de reuniões e encaminham-se para lá. A rececionista corre atrás deles, gritando-lhes que parem.

– Deixe-me pelo menos avisá-lo de que tem visitas!

– Nós avisamo-lo – replica Zack, abrindo a porta da sala.

Dez pessoas estão sentadas a uma mesa oval com listras de zebra de um vermelho-arroxeadado.

Ao fundo da mesa, com os olhos voltados para Zack, está sentada a presidente do Conselho de Administração, uma mulher severa de cerca de sessenta anos com um olhar glacial, casaco preto e camisa branca. Empunha um martelo de madeira.

Zack reconhece-a imediatamente: Olympia Karlsson, presidente do grupo Heraldus, um dos pesos pesados da economia sueca.

Talvez o mais pesado de todos.

Em quantos conselhos de administração estará aquela mulher?

– Bom dia, em que posso ajudar-vos? – diz com voz suave, embora repleta de ameaças contidas, como uma adaga embrulhada num pano de seda.

Olympia observa-o como se soubesse quem Zack é. É óbvio que não gosta dele, que, no mínimo, o despreza.

Será que viu logo que sou apenas um tipo suburbano sem *pedigree*? É assim tão óbvio? Ou será só por causa da minha cara escavacada?

Zack sustenta o olhar de Olympia. Detesta o joguinho de poder da mulher, aquele ar de superioridade. Mas Olympia não cede um centímetro que seja, limitando-se a pegar no martelo de maneira diferente, empunhando-o agora como se fosse uma pistola.

– Precisamos de ter uma conversa com o Peter Bunde – declara Zack.

Bunde, agora vestido com uma espécie de cafetã florido de algodão, ergue as sobancelhas.

– Outra vez? Como podem ver, estou ocupado, mas podem voltar daqui a uns três quartos de hora que já vos atendo.

– Não, agora! – diz Zack.

Percorre a sala com o olhar e de repente vê-a.

A rapariga com quem dançou na outra noite.

A rapariga que tem uma beleza sobrenatural.

A herdeira.

A filha de Olympia Karlsson.

Continua a não se lembrar do nome dela, mas o que acontece quando os olhares de ambos se cruzam assusta-o.

Está sentada quase à frente de Peter Bunde, e Zack julga ter detetado um sorriso dela, um convite, antes de baixar os olhos para os seus documentos.

Reconheceu-me.

Zack sente o coração a acelerar sob o casaco.

Quer chamar-lhe a atenção, decifrar o olhar dela, mas o estado de graça passou. Peter Bunde levanta-se e aproxima-se deles, murmurando que espera que aquilo não demore, e depois saem todos para o corredor.

– Bem, então o que me querem dizer que não pode esperar?

– Já não tem interesse em saber se encontrámos o seu filho?

– Se o tivessem encontrado, não estariam com essas caras de enterro quando interromperam a nossa reunião.

– A não ser que, no fundo, lhe seja indiferente, uma vez que não tem quaisquer laços de sangue com ele, não é? – pergunta Deniz.

Peter Bunde não reage imediatamente.

Mas depois pergunta:

– A Stella contou-vos?

– Compreendo que deva ter tido um choque quando soube – continua Deniz. – É o género de notícia que pode causar reacções bastante violentas.

– Ou seja?

– No outro dia disse-nos que está a trabalhar no duro para ter algo que deixar ao seu filho. E eis que descobre que é ilegítimo. Compreende-se que um homem traído queira vingar-se.

– Quer dizer que acham que fui eu quem organizou o rapto dele? Estão completamente loucos, ou quê? *PLEASE!*

A barriga de Peter Bunde treme sob o cafetã e o rosto cora.

– O que fez na noite em que o Albert desapareceu? – pergunta Zack.

– Estava em Londres numa reunião.

– Pode prová-lo?

– Sim. Se quiserem, posso mostrar-vos fotos.

Peter Bunde pega no telemóvel, abre o álbum de fotos e folheia-o.

– Pronto, é só ver. Nesta estou com uns colegas a beber um *gin* tónico e a ver a vista para o London Eye, ao final da tarde. E nesta...

Passa à foto seguinte. Uma *selfie* patética que mostra Peter Bunde e dois colegas num bar do aeroporto, cada um brandindo o seu *bloody mary*³⁷.

– É a nossa bebida de pequeno-almoço em Heathrow às sete da manhã. Chega-vos?

– Envie-me as fotos – diz Zack, dando-lhe rapidamente o seu número de telemóvel.

Alguns segundos mais tarde, um *bip* indica que as fotos chegaram e Zack transfere-as imediatamente para o departamento de informática para uma verificação rápida.

– Porque é que o Acke Johansson se suicidou? – pergunta Deniz.

– Como quer que eu saiba? Então agora também me acusam de ser o responsável por isso?

– E é ou não é?

– Claro que não sou. Despedi-o. Tanto quanto sei, não é ilegal. Por enquanto, pelo menos.

– Chamou-lhe «animal enjaulado» – diz Zack.

– É possível, não me lembro. Seja como for, é uma boa comparação. Era alguém que precisava de muita supervisão para ser produtivo.

– Que quis dizer quando acrescentou que os animais enjaulados não «sobrevivem por muito tempo» quando são libertados?

– Parecem estar muito bem informados sobre o que eu digo. Puseram-me sob escuta?

– Responda à pergunta – atira Deniz.

– Isso significa que uma pessoa sem espírito de iniciativa fica rapidamente à deriva se não tiver um superior que a dirija. Um *game master*. Foi o que aconteceu.

– Como assim?

– Pelo que soube, o Acke ficou desequilibrado quando perdeu o emprego.

– Certificou-se de que o Acke não arranjava um novo emprego? – pergunta Zack.

Peter Bunde sorri.

– Receio que esteja a atribuir-me poderes que não possuo. Mas claro que entre líderes trocamos informações sobre funcionários que atingem ou não os seus objetivos.

Peter Bunde vê as horas. Então abre a porta da sala de reuniões.

– Bem, têm um mandado de captura? – pergunta.

– Não – responde Zack.
– Nesse caso, se me derem licença, tenho coisas importantes a fazer. Vocês também, não é?
Peter Bunde entra no salão onde estão os programadores que trabalham ao fim de semana.
– *CREATE, ENTERTAIN!* – grita-lhes.
Depois volta a juntar-se ao Conselho de Administração.

37 *Cocktail* servido com gelo, composto por partes iguais de *vodka* e sumo de tomate, e temperado com sal, pimenta, sumo de limão e molho inglês. (*N. do T.*)

CAPÍTULO 56

PASSAM POUCOS MINUTOS DAS DEZ da noite de sábado, mas o escritório da Unidade Especial está apinhado. Aspirantes a oficiais da Polícia Criminal que vieram reforçar a equipa escrevem, leem, falam ao telefone, tomam nota das informações que recebem ou veem os vídeos das câmaras de videovigilância em redor da bomba de gasolina de Järva Krog que lhes foram enviados.

Mas até agora não têm qualquer pista nova e nenhuma das pessoas mencionadas por Peter Bunde pode ter sido culpada pelo rapto de Albert. Quanto a Sirpa, ainda não conseguiu localizar a mina abandonada.

Num quadro branco estão os nomes de todas essas antigas minas, num raio de cem quilómetros de Orminge. As que já foram verificadas estão vedadas, mas ainda faltam muitas.

Zack levanta-se para ir buscar um café e, ao passar, olha por cima do ombro de um aspirante. Vê uma sequência em movimento acelerado em que os homens, ao frio, andam aos sacões de um lado para o outro.

O telemóvel avisa-o de que recebeu uma mensagem. Departamento de Informática. As *selfies* de Bunde em Londres são autênticas, o álibi é válido.

Servem-se de café e vão ter com Sirpa.

– Como é que te estás a safar com o teu explorador urbano?

– Toma, é uma bela peça – diz, entregando-lhe uma página com uma foto a preto-e-branco, onde descobre um homem de rosto duro, o cabelo muito curto.

Alexis Hamrén, vinte e quatro anos, de Jordbro, nos arredores de Estocolmo. Sete entradas no registo criminal por causa de grafitis, vandalismo, ocupações ilegais.

– Não tem contrato com nenhuma operadora nem nenhuma conta em nome dele nas redes sociais – diz Sirpa –, mas consegui

encontrar o número de um cartão de telemóvel pré-pago que Hamrén deu há uns anos quando foi a tribunal por causa de uma queixa. Tenho ligado regularmente, mas até agora sem resultado. E o número não tem o *voicemail* ativo.

– O Hamrén tem família?

– Tenho o número de telefone fixo e o número de telemóvel dos pais, e deixei uma mensagem em ambos.

Zack devolve-lhe a folha e assiste à transmissão em direto na qual se vê Albert na jaula, num dos ecrãs de computador de Sirpa.

O relógio digital continua a implacável contagem decrescente e cada segundo parece soar-lhe como uma martelada na cabeça.

Restam vinte e uma horas. Passado o prazo, o Leão vai atacar.

O adolescente está enroscado a um canto, as pernas recolhidas contra o peito.

Que tens tu que ver com isto, Peter Bunde?

Serás doente a este ponto?

Tommy Östman é de outra opinião. Acha que Peter Bunde não tem de todo perfil de assassino nem sequer de cérebro da operação.

No entanto, se se é capaz de organizar uma roleta russa, porque não um homicídio verdadeiro?

Zack pensa nas perguntas que fez à porta da sala de reuniões. Na atitude indiferente de Peter Bunde e na frieza glacial de Olympia Karlsson. No sorriso tímido da filha.

Sente saudades. Saudades diferentes daquelas que lhe são familiares.

Porque será que se sente assim por causa de alguém que não conhece? Com quem nunca falou? E o que sente ao certo?

Algo que lhe é estranho, não é apenas o desejo de ir para a cama com ela, mas também a vontade de estar junto dela. Como se já pertencessem um ao outro, ligados por fios invisíveis tecidos com sentimentos que ainda não têm nome.

Como se houvesse algo inevitável entre eles.

Ou será que ela está apenas a brincar com ele?

A jogar?

Como Peter Bunde?

Por vezes, toda a existência de Zack se reduz a um jogo em que não passa de uma peça manipulada pelos outros.

O telemóvel vibra-lhe no bolso. Saca-o, vê que recebeu uma mensagem de Abdula.

[Estou na merda. Dá-me uma apitadela.]

Zack vai buscar o casaco e sai do escritório. Apanha o elevador e sai do Comando da Polícia.

Ao longe vê a nova colega, Sandra Sjöholm, a dirigir-se à entrada do metro da Bergsgatan.

É gira, pensa. Mas será que o Douglas não podia ter esperado um pouco antes de substituir o Niklas? Ter-nos dado mais um tempo?

Não.

Tinha de pôr lá uma novata, ainda por cima, loura.

Zack arrepende-se de ter tido aquele pensamento.

Ele próprio era como Sandra, há relativamente pouco tempo. Uma jovem estrela destinada a uma carreira fulgurante.

Não devia tratá-la como muitos colegas mais velhos o trataram na altura.

Tem de dar-lhe uma oportunidade. Sandra não tem culpa de Niklas ter sido assassinado. E talvez não fique mais do que um mês.

Zack liga a Abdula junto à margem.

– Preciso da tua ajuda – diz.

– O que aconteceu?

– Fodi-me e a culpa é minha. Comprei bastante pó a um fornecedor sem me certificar de que era de confiança.

– Quanto?

– Dez quilos. Precisava de dinheiro para um investimento.

Dez quilos.

O suficiente para passar dez anos dentro.

– Que género de investimento?

Sem querer, Zack começou a falar como um Polícia que está a conduzir um interrogatório e vê que isso não agrada a Abdula.

– Não interessa. O problema é que vendi seis quilos ao novo tipo que manda em Husby³⁸, um tal Aarash Alam. Um afegão, um tipo

agressivo, temperamental.

Aquele nome é-lhe familiar. A Polícia de Västerort responsabiliza-o pelo aumento da criminalidade na zona.

– O tipo pagou-me conforme o combinado – prossegue Abdula. – O problema é que aquela coca era uma merda. Cortada até mais não. Mais valia vender-lhe amido de milho comprado no supermercado.

Zack pensa na cocaína que snifou em Dovas, que não fez qualquer efeito. Provavelmente veio do mesmo sítio.

Mas, naquela mesma noite, Abdula tinha-lhe dado a snifar coca da boa. Talvez tenha sido isso que o enganou. Deram-lhe coca da boa como amostra para depois lhe passarem uma cena marada qualquer.

Um clássico.

No entanto, Abdula nunca teria caído num esquema tão nojento.

Pelo menos antes.

Mas não é o mesmo desde que acordou no hospital.

– Ainda tens o dinheiro? – quer saber Zack.

– Sim, e é aí que tu entras. Os tipos vão marcar uma reunião algures para cancelar o contrato, como dizem, e gostava que estivesse comigo nessa altura.

– E os teus homens?

– Vou levar dois. Mas gostava que estivesse lá, não muito longe, por uma questão de segurança.

Zack permanece em silêncio por um instante. Não pode fazer de guarda-costas num ajuste de contas entre traficantes de droga. De maneira nenhuma.

Só que Abdula é o seu melhor amigo.

O amigo que há um ano lhes salvou as vidas, a dele e a de Deniz.

– Quando é que vai ser isso?

Em qualquer altura, pensa Zack, menos agora.

– Pode muito bem ser hoje. Ou amanhã. Ou daqui a uma semana.

– Okay – diz Zack. – Tudo bem.

Mas, quando volta a pensar naquilo, pelo contrário, parece-lhe um problema gigantesco.

Aarash Alam já ganhou nome e não vai contentar-se com as desculpas esfarrapadas de Abdula. Vai querer fazer dele exemplo. Mostrar que não é daqueles que se deixam levar, mostrar que quem se meter com ele pagará caro, muito caro.

Abdula não é burro.

Mas que alternativa tinha?

Nenhuma.

E assim arrasta Zack para as suas histórias...

Sim, não passa realmente de um pião nos jogos das outras pessoas. Quem puxa os cordelinhos? Quem é que está constantemente a empurrá-lo numa direção diferente daquela em que quer seguir?

Zack chega mesmo junto da margem. A baía do Riddarfjärden está quase totalmente coberta de gelo até Södermalm. Só uma passagem estreita no meio permite que os barcos ainda circulem.

Mas em breve também ela estará coberta de gelo.

Vê as horas. 22h35.

Não vamos chegar a tempo.

O Albert vai morrer.

Invade-o uma infinita lassidão.

E se fosse para casa descansar algumas horas antes de voltar para o escritório?

Precisava de snifar uma cena.

Algumas linhas para aguçar os sentidos.

Revê o rosto sorridente de Niklas.

Ouve Albert a gritar por socorro.

Ismail.

Manter a concentração.

Nada de coca agora.

A crise de abstinência é terrível.

Zack chama um táxi.

CAPÍTULO 57

QUEM ESTOU EU A VER À MINHA FRENTE?

O rosto de quem?

Na cama, Zack pressiona o corpo de Mera debaixo do seu. Mera envolve-o com os braços e Zack balança-se para a frente e para trás.

É a sua dose de coca daquela noite.

Isto e mais nada. Deve ser suficiente.

Apoia o peso do tronco nela e fecha os olhos. Investe agora violentamente e acelera o ritmo.

Zack está longe.

Perto.

As maçãs do rosto de Mera.

As de Hebe.

A herdeira.

As pálpebras dela, a testa, a boca, os lábios, a respiração, os movimentos de Hebe.

Porque se chama Hebe? Procurou na Net.

Hebe. A mais bela de todas.

Hebe, Mera. Ambas estão ali, agora, e Zack sente a doçura do algodão sob os cotovelos, o calor húmido de Hebe e ele quer sussurrar-lhe o nome ao ouvido, mas controla-se e sussurra:

– Mera, Mera, Mera.

Porque será que não lhe basta?

Gostaria de apressar-se, mas tudo leva tempo.

Mera parece já estar noutro lugar, no outro mundo que nunca queria abandonar.

Zack tem um orgasmo custoso e breve. Não significa nada.

Então, Mera adormece nos braços dele. A respiração quente no pescoço de Zack.

Olha para o teto, as sombras projetadas pelos postes de iluminação através das janelas formam uma grelha.

Uma grelha.

É isso que Albert vê quando está deitado na sua jaula.

Será que consegue dormir? Terá medo do escuro? Saberá que o Leão planeou que aquela será a sua última noite?

A última de todas?

Zack fecha os olhos. Ouve a respiração tranquila de Mera e também gostava de se deixar levar.

Mas não pode.

E se Mera tivesse um calmante no armário de medicamentos? *Valium* ou algo mais?

Não, não podes tomar nada.

Esquece.

«Fazes tudo à toa, Zack. Não estás concentrado.»

O *sensei* Hiro tinha razão.

Perdeu o que possuía, o que fazia dele uma boa pessoa.

Agora faz parte da multidão. Já não é o mesmo. É por isso que Albert vai morrer.

Fecha os olhos ainda com mais força, na esperança de afastar aqueles pensamentos.

O *bip* de um SMS chega-lhe ao longe. Abre os olhos e procura o telemóvel na mesa de cabeceira. Não está lá. Deve estar no bolso das calças de ganga, nas costas de uma cadeira.

E se não visse de quem é?

Não, pode ter que ver com Albert.

Novo sinal sonoro.

Quantas vezes disse que ia substituir aquele duplo *bip* tão enervante?

Levanta-se da cama. Mera geme um pouco no seu sono, procura o braço dele.

Zack encontra o telemóvel e lê a mensagem.

É de Ester.

[Estás em casa? Posso ir aí?]

É quase meia-noite. Ester nunca lhe enviou nenhum SMS tão tarde.

Não tem forças para responder.

Pelo menos naquele momento.

Volta a pousar o telemóvel na mesa de cabeceira.

Aconchega-se contra Mera, que se virou de lado e o puxa para si. Enterra-lhe o nariz no cabelo.

Novo *bip*.

Só pode ser a gozar, porra.

Porque é que Ester insiste tanto?

Zack não se mexe, mas não consegue descansar enquanto não souber quem está a tentar contactá-lo.

Pode ser um dos colegas.

Ou Abdula.

Oh, não, que não seja ele!

Só de pensar em ter de se vestir e ficar de atalaia nalguma passagem subterrânea cheia de correntes de ar fica com vontade de puxar a colcha para cima da cabeça e nunca mais acordar.

Vira-se e olha para o telemóvel.

O SMS vem de um remetente desconhecido.

[Zack, vai depressa a Tegnérllunden. Isto diz respeito à tua investigação atual. Vem sozinho e guarda esta informação para ti. Em breve, receberás outro SMS.]

Outra pessoa qualquer a controlar o jogo.

A forçá-lo a ir numa direção em que Zack não tem vontade nenhuma de seguir.

Enfim, que se lixe...

De qualquer maneira, não posso ficar aqui.

*

O táxi avança por uma capital que sofre os assaltos do frio.

Zack inclina a cabeça contra a janela. Nem um gato durante todo o trajeto.

Está tudo congelado, morto.

Finalmente, é melhor assim.

– É a minha terceira corrida para Tegnérunden esta noite – diz o motorista, um homem na casa dos cinquenta com um rabo de cavalo e um forte sotaque de Söder. – Está a acontecer alguma coisa por lá?

– Não faço ideia – responde desinteressadamente Zack, para matar a conversa.

– Ah, *okay* – responde o taxista. – Pensava que talvez fosse algum evento especial, já que vêm de todos os pontos da cidade. Dos subúrbios e de Östermalm.

Zack endireita-se no banco e olha para o motorista pelo retrovisor.

– De onde vieram os outros?

– Um de Husby e os outros de Fisksatra.

Husby.

Aarash Alam.

Será que afinal aquilo sempre está relacionado com Abdula?

Zack tranquiliza-se, apalpando o coldre. Sente a mira da pistola. Não devolveu a arma de serviço, como Douglas lhe pedira, e congratula-se por isso. Mas Douglas também não voltou a pedir-lha.

O táxi ziguezagueia por ruas de sentido único e estaciona à frente de um restaurante na Tegnérgatan. Zack paga e sai, enfia o gorro, calça as luvas e percorre os últimos metros a pé.

Recebe uma mensagem no telemóvel. Outro SMS.

Com o número da porta, o código de entrada e uma franquia.

[Desce à cave. O código de entrada é o mesmo. Continua até ao abrigo antinuclear.]

Zack vê logo onde fica a porta. Há alguns anos foi para a cama com uma rapariga que morava dois números mais à frente.

Mas não vai logo para lá e faz um desvio pelo parque, sobe a uma elevação para ter uma visão geral, evitando ao máximo a iluminação da rua.

Tenta ver pegadas na neve ou outros indícios de atividade humana.

Não encontra nada.

Através de galhos nus, Zack vê a porta principal.

Não há nenhuma segurança.

Nenhum movimento.

Nada além da escuridão e do silêncio.

Um pensamento perturbador atravessa-lhe a mente.

E se Abdula o tivesse atraído ali para fazer com que levasse com a bala que lhe era destinada?

Teria feito o bando de Husby acreditar que Zack é o único responsável por aquela coca merdosa?

Sai do parque e atravessa a rua, insere o código e abre a porta principal.

Dá alguns passos.

Detém-se, põe-se à escuta.

Nada.

Desce as escadas até à cave, chega a outra porta e insere o mesmo código para a abrir.

Um corredor escuro estende-se por dez metros. Há caves alinhadas de ambos os lados com portas de madeira trancadas com cadeados.

O botão do interruptor emite um brilho vermelho no escuro. Não lhe toca. Avança em silêncio.

O que estará por detrás daquelas portas?

Pensa nas crianças aprisionadas.

Sujas. Emaciadas.

Albert?

Que será que vai descobrir daquela vez?

Roda a pesada pega e empurra a porta.

Outro corredor.

E um homem. De baixa estatura, com barriga. Vestido com uma camisa branca e calças de lã à boca de sino.

– Bem-vindo – diz o homem, como se estivesse à espera dele, e convida-o a entrar.

A poucos metros de distância, no corredor, Zack vê a luz amarela de uma divisão adjacente cuja porta está aberta.

Ouve o ruído de vozes. Um burburinho vago.

E outra coisa bem diferente.

O som nítido do tambor de um revólver a ser rodado.

CAPÍTULO 58

ESTER ESTÁ DEITADA com as mãos atrás da cabeça, olhos fixos no teto, observando as manchas de humidade e as brechas que, juntas, delineiam os contornos de um rosto.

Os lençóis são suaves e cheiram bem, a flores, por causa do detergente. Pôs lençóis lavados na cama da mãe e na sua própria antes de se ter ido deitar. Esperara que aquilo agradasse à mãe, mas ela nem se apercebeu. Enfiou-se debaixo do edredão e adormeceu de imediato.

Ah, se conseguisse dormir com aquela facilidade!

Agora demora horas. Tem a sensação de sufocar ali dentro, mesmo com a janela aberta.

Tem doze anos e sente que a vida acabou antes mesmo de ter começado.

*

As estrelas brilham para lá da pequena e suja claraboia escavada na rocha, por cima da jaula de Albert Bunde.

O cansaço faz com que as veja desfocadas, mas continua a fixá-las obstinadamente, apesar de ter os olhos a arder. Porque, quando os fecha, surgem-lhe na mente imagens horríveis. Vê-se deitado no chão enquanto o homem lhe arranha o corpo até fazer sangue. Como nos filmes de terror que viu em casa de Calle.

Detesta sofrer.

No inverno anterior chorara durante várias horas antes de lhe terem dado uma vacina obrigatória para quem ia à Tailândia. Quando chegou ao gabinete, e a enfermeira se aproximou com uma seringa, vomitou.

Não haveria mais vacinas.

Apenas garras.

E o sangue a jorrar.
Vai matar-me.
Oh, mata-me depressa.
Que me mate durante o sono, assim não vou ter de gritar.
Mas não quero morrer.
Nem sequer tenho treze anos.
Como é que a mamã e o papá me irão encontrar quando estiver morto? Nem sabem onde estou.
Nem eu sei.
Há quanto tempo estou aqui?

*

Há quanto tempo estou neste buraco?, pensa Zack.
Uma hora?
Duas?
Existe mais alguma coisa além do aqui e do agora?
No entanto, até o presente começa a dissolver-se. Zack já não sente o cheiro a fumo ou o cheiro forte a suor, já não consegue sentir os hálitos fétidos que lhe bafejam o pescoço. Apenas vê a quinta bala que é introduzida no tambor do revólver belga.
Cinco balas.
Dezasseis vírgula seis por cento de hipótese de sobrevivência.
Mas tenho de premir o gatilho.
Tenho de salvar o rapaz.
Encosta o cano à têmpora. O metal frio contra a pele quente e húmida.
Já por quatro vezes encostou o revólver à têmpora e premiu o gatilho. E de todas as quatro vezes a câmara do tambor estava vazia.
Já não sente qualquer ansiedade. Nenhuma resistência.
Quer ter o revólver onde está.
Deve estar ali.
Nada mais importa.
Lentamente, o dedo prime o gatilho, dobrando-se cada vez mais...
Não há outro caminho.

Ainda assim... deve haver um.

Se morreres agora, o Albert também morre.

E outras crianças depois dele.

Zack interrompe o movimento do dedo. A divisão recupera a intensidade, os cheiros voltam.

Olha para cima, vê o Pescoço de Abutre a olhar fixamente para ele com os olhos vidrados, a língua ligeiramente de fora. Toma consciência de todos aqueles homens excitados em torno dele que o incentivam, do ar viciado, do desejo de morte. Alguém bebe um golo de *whisky* diretamente do gargalo. Da marca *Statesman*. Uma zurrapa com quarenta graus.

Na mesa à sua frente, um cesto de plástico com um único envelope de papel kraft.

Inicialmente continha cinco. Zack pôde abrir um por cada nova bala.

Todos estavam vazios.

No quinto deve estar a pista que procura.

Aquela que lhe permitirá descobrir. Descobrir o quê? O sítio onde Albert está preso? O esconderijo do assassino de Niklas e de Ismail?

Na verdade, Zack não faz ideia do que aquele último envelope contém ou do que está ali a fazer. Vai morrer. Morrer sabendo que daí a poucas horas, um rapaz de doze anos vai ser despedaçado por garras afiadas. Morrer sabendo que traiu a memória de Niklas. E de Ismail. E que fez Peter Bunde ficar ainda mais rico.

À sua volta fazem-se freneticamente as últimas apostas.

Zack olha para o Pescoço de Abutre, o homem que controla o jogo ali em baixo e que, de cada vez, carrega mais uma bala no tambor do revólver. Sente ao longe o hálito fétido do homem.

Zack sorri.

O Pescoço de Abutre mostra os dentes acastanhados.

De repente, Zack lança-se para a frente, agarra-lhe a camisa amarelada, puxa-o para a mesa e pressiona-lhe a pistola contra a têmpora.

– Agora as regras vão mudar – anuncia Zack em inglês. – Ou dizes a todos estes idiotas para recuarem dez passos ou eu primo o

gatilho e enfio-te um balázio na cabeça.

Cai um silêncio de morte na cave. Ninguém se mexe nem se atreve a pestanejar.

Zack afunda-lhe o cano do revolver na têmpora.

– Uma hipótese em seis. Quem sabe, talvez seja o teu dia de sorte?

– Recuem todos! – grita o Pescoço de Abutre. – Recuem, já disse!

E as pessoas recuam. Lentamente, com relutância.

Zack percorre rapidamente a divisão com os olhos para ver se alguém quer ter a veleidade de intervir, mas parecem todos um pouco atordoados.

Um dos dois seguranças enfia a mão no casaco. À espera. O outro parece tão surpreendido como os restantes espectadores.

Zack levanta-se arrastando o Pescoço de Abutre. Posiciona-se atrás dele, costas contra a parede, o cano do revolver ainda colado à têmpora do homem.

Agora é Zack quem manda no jogo.

Sussurra ao ouvido do Pescoço de Abutre:

– Foste tu que me mandaste o SMS?

– Não.

– Então quem foi?

– Não faço ideia. Quando abrimos, hoje à tarde, o cesto com os envelopes já estava em cima da mesa. E ao lado havia um papel a dizer o que tínhamos de fazer quando viesse cá jogar um homem jovem e louro.

O inglês do Pescoço de Abutre é quase perfeito, mas a voz e o corpo frágil tremem de nervosismo.

– Posso ver o papel?

– Queimei-o, como dizia que devia fazer.

– Como era a caligrafia?

– Aplicada, parecia ter sido escrito por uma mulher.

Uma mulher?, pensa Zack. *Não é possível.*

Um homem também pode ter uma caligrafia aplicada.

– O Peter Bunde é o vosso chefe?

– Quem?

– O tipo que organiza a roleta russa em Stocksund.

– Não, esse está fora disto, é preciso procurar mais alto. Muito mais alto. Estamos a falar de alguém muito importante.

As pessoas na cave começam a reagir. Murmuram, cochicham.

Zack percebe que a situação pode descambar a qualquer momento.

Tem de sair dali, e depressa.

– E quem é essa pessoa assim tão importante?

– Porque é que achas que eu sei?

– Seja como for, este local agora está encerrado.

Zack olha para o cesto em cima da mesa. Com o último envelope fechado.

– Pega no envelope – diz Zack ao Pescoço de Abutre. – Vá, despacha-te!

O homem pega no envelope.

– Bem, agora vamos sair daqui, tu e eu. E vais dizer aos teus clientes para não se mexerem e para calarem a boca durante esse tempo. Diz lá.

O Pescoço de Abutre dá as ordens enquanto Zack o empurra ao seu lado em direção à porta.

– E agora vais dizer aos seguranças para se afastarem.

O homem diz-lhes algo em árabe. Abdula sempre estará envolvido naquilo?

– Conheces o Abdula? – sussurra-lhe Zack ao ouvido.

– Conheço vários Abdula. De qual estás a falar?

Os seguranças não se mexeram. Um deles ainda tem os braços cruzados com as mãos dentro do casaco.

– E Aarash Alam?

– Quem?

– Esquece. Diz aos seguranças, e desta vez em inglês, que ponham as mãos na cabeça.

Lentamente, os seguranças obedecem. Recuam alguns passos e põem as grandes mãos atrás dos grossos pescoços.

Zack sai para o corredor com o Pescoço de Abutre.

Um último obstáculo: o homem simpático atrás da porta do abrigo antinuclear que lhe deu as boas-vindas.

O homem olha para Zack quando este sai, continuando a pressionar o revólver contra a têmpora do Pescoço de Abutre.

– Por hoje acabou – diz Zack. – Abre a porta.

O homem não se faz rogado.

Zack franqueia a soleira da porta, solta o Pescoço de Abutre e arranca-lhe o envelope das mãos e empurra-o para trás. Depois bate com a porta.

E desata a correr.

Na noite gelada.

*

O frio rasga-lhe o peito.

Mas o ruído de passos aproxima-se.

Há alguém na escuridão atrás dela. Mas quem?

Ester estuga o passo.

Não devia ter saído.

Mas foi obrigada a sair.

Em casa sente que lhe está a ser sugada toda a energia. Vozes sussurram-lhe na cabeça que aquilo não vai dar resultado. Que vai ficar sempre por ali. Que nunca irá a Paris.

Ester apressa-se. Com medo de estar a ser perseguida.

Os sapatos martelam a neve no passeio cada vez mais depressa.

Quem me estará a seguir?

*

Zack tem lágrimas nos olhos por causa do frio.

Mas tem de aproveitar o avanço que conseguiu.

Vira à esquerda no cimo da Drottninggatan e depois à direita na Rådmansgatan, novamente à esquerda na Holländargatan e enfia-se por entre as árvores do Observatorielunden.

Abranda. Vira-se para ver se vem lá alguém. Devem ter-lhe perdido o rasto. Supondo que o tenham seguido.

Põe-se debaixo de um poste de iluminação e abre o envelope.

Desdobra a folha.

Vira-a.

Também não está lá nada.

Não é possível...

Mas no fundo é.

E Zack compreende que não podia ser de outra forma.

Lixaram-no à grande. Nunca houve uma pista. Apenas um jogo mortal que devia ter terminado com mais um cadáver, com um buraco na têmpora, se não se tivesse posto a andar no último momento.

Cai de joelhos, amarrota a folha e atira-a o mais longe possível.

Depois deita-se na neve.

Observa as estrelas.

Regulariza a respiração.

Quem é que está a brincar comigo?, pensa.

Quem quererá a minha morte?

*

Ester já o viu. Um homem muito alto com as mãos nos bolsos e o capuz a cobrir-lhe a cabeça. Dobrou a esquina, vinte metros atrás dela. Mesmo que Ester corra um pouco, o homem vai apanhá-la, bastando para isso estugar o passo.

Tem de regressar.

A casa.

Agora.

Mas o medo faz com que os movimentos sejam rígidos e desajeitados. Torna a virar-se e vê o desconhecido, que voltou a ganhar terreno. Não restam dúvidas: anda atrás dela.

É por isso que está ali.

Chega à esquina da rua e começa a correr pela Kungsholms strand. A porta do prédio fica a escassos vinte metros de distância, mas conseguirá alcançá-la? Que fará se o homem ficar a saber onde mora?

Uma sombra aparece junto da soleira da porta e ouvem-se passos no passeio.

São dois. Está tramada.

– Ester? – diz o homem junto à porta.

Reconhece aquela voz.

Zack.

O coração explode-lhe no peito.

Quase lhe salta para o pescoço e enterra-lhe a cara no blusão. E, quando Ester se vira, já não está lá mais ninguém.

– Que aconteceu? – pergunta Zack.

Ester aferra-se a Zack com toda a força.

– Não sei. Ele seguiu-me e eu estava com tanto medo...

– Quem?

– Havia um homem, atrás de mim.

– Vou falar com esse homem. Espera por mim lá dentro.

Quando Zack tenta soltar-se, Ester abraça-o ainda com mais força e diz:

– Não, não vás. Nunca mais me deixes.

CAPÍTULO 59

DOMINGO, 25 DE JANEIRO

NO SOFÁ DE ZACK, Ester bebe a segunda chávena de chá e Zack a segunda lata de *Carlsberg Export*.

Até àquele momento, Zack nunca tinha bebido álcool na presença de Ester, porém, naquela noite, já nada tem a mesma importância.

Zack desafiou a morte várias vezes naquela cave. Para nada.

O metal contra a ténopora. Clique.

Uma descarga de adrenalina tal que o corpo ficava à beira da implosão. Todas as outras sensações tinham praticamente desaparecido quando namorou com a morte.

Foi maravilhoso.

Mas e depois?

Um tédio indescritível.

Ester pousa a chávena na mesa e aninha-se contra o corpo de Zack.

Naquela noite falou-lhe da mãe, da vida que tem em casa. Abriu-se com Zack como nunca fizera antes, dando vazão à raiva e ao desânimo que sente.

Ficam em silêncio. São duas e meia da manhã e Ester boceja a ponto de deslocar o maxilar.

Zack bebe um gole de cerveja e pensa no homem que a seguiu.

Não correu atrás dele, mesmo pensando que se tratava do assassino de Niklas e de Ismail que estava em busca da sua nova vítima.

Mal tinha chegado a casa, Zack clicara no *link* da transmissão em direto da gruta e viu o homem vestido de leão a rondar a jaula enquanto Albert dormia.

Portanto, não tinha sido ele.

Zack tomou providências para que uma patrulha fosse procurar o homem que Ester lhe descrevera, mas não o encontraram.

Terá realmente existido ou foi apenas fruto da imaginação de uma adolescente solitária?

Pensa no SMS que Ester lhe enviou há algumas horas. Tinha precisado dele e, uma vez mais, Zack não aparecera.

Esvazia a lata, recosta-se no sofá e põe os pés em cima da mesa de café.

Ester respira mais pesadamente contra o ombro de Zack. A rapariga parece ter adormecido.

Também devia dormir um pouco, mas o cérebro continua a cogitar.

Tem vontade de sentir uma vez mais o cano do revólver contra a têmpora...

Que pedrada se pode comparar àquilo? Nunca alcançará um tal estado com produtos químicos.

Mas foi só naquela noite. E nunca mais.

Pensa na folha em branco no envelope.

Alguém o atraiu para uma armadilha. Alguém que sabia que estava desesperadamente em busca de uma nova pista.

Quem?

A suavidade do sofá contra a nuca faz com que feche os olhos.

Adormece com o corpo de uma rapariga de doze anos aninhado contra o seu.

CAPÍTULO 60

RUDOLF GRÄNS ANSEIA LOUCAMENTE POR UM CAFÉ quando entra no elevador de um prédio em Aspudden na companhia de Sandra Sjöholm. Não dormiu o suficiente naquela noite e mal chegara à sala da Unidade e já tinha de sair outra vez. Sempre sem tomar o seu café.

A culpa foi de Sandra. Ou melhor, do seu zelo.

«Conseguí contactar a Ulrika Johansson. Pode receber-nos se formos lá agora mesmo», dissera a Rudolf assim que este cruzou a porta da sala da Unidade Especial.

Por isso, tinham saído de imediato.

Ulrika Johansson é irmã de Acke Johansson, o programador que se enforcou depois de ter sido despedido da Echidna Games. Rudolf espera que lhes dê informações sobre o irmão que os ajudem a compreender melhor Peter Bunde. Ou que a mulher os ajude, de uma forma ou de outra, a progredir na investigação.

Porque, embora andem todos a trabalhar vinte e quatro horas por dia, continuam em ponto-morto. Todos os suspeitos foram descartados e todas as minas abandonadas que visitaram encontravam-se vazias. E, às sete da tarde, o prazo terá expirado.

Saem do elevador no quarto andar e Sandra bate a uma porta.

Rudolf ouve alguém a destrancar a porta e deseja do fundo do coração sentir muito em breve um bom cheiro a café a fazer-lhe cócegas nas narinas.

A porta abre-se... e Rudolf sente-se imediatamente maldisposto.

De início não compreende porquê. A mulher parece ser saudável, é bastante alegre, e Sandra entra como se não fosse nada.

Rudolf segue-as pelo corredor. Quando aperta a mão a Ulrika, compreende de onde vem o mal-estar.

É o cheiro.

O cheiro a hospital.

Cola-se à roupa da mulher. Ao cabelo dela. À pele. E para Rudolf, aquele cheiro – sentiu-o há alguns dias durante o exame de rotina, e detesta-o – está indissociavelmente ligado à escuridão.

No sentido literal.

Rudolf nunca esquecerá o momento em que acordou depois da hemorragia cerebral e pensou que era de noite ou que estava num quarto completamente às escuras. Depois soube que ainda era de dia e que, pela janela aberta, o sol de junho brilhava num céu azul.

O brilho da luz para os outros.

Não para ele.

Para ele, nunca mais.

– Peço desculpa se pareço um pouco cansada – diz Ulrika. – Acabei há pouco o meu turno da noite. Se não tivessem telefonado, teria ido dormir.

– Não vamos tomar-lhe muito tempo – garante Sandra.

Ulrika pega no sobretudo de Rudolf e pendura-o num cabide. Sente que a mulher tem o olhar pousado nele. Tendo reparado nos óculos escuros e na bengala branca, deve estar a interrogar-se para que serve um agente cego.

Mas Rudolf é capaz de forjar uma imagem bastante fiel de uma pessoa confiando apenas na audição. Pela maneira como a voz de Ulrika Johansson soa, Rudolf deduz que mede cerca de um metro e sessenta. Também percebe pela forma como se move silenciosamente no corredor que deve ser bastante magra ou mesmo franzina.

Mas a voz clara como a de uma rapariguinha pode tê-lo induzido em erro. Se não soubesse que Ulrika tinha quarenta e seis anos, ter-lhe-ia dado cerca de trinta.

A mulher leva-os até à sala de estar, onde o cheiro a hospital é ainda mais pungente. Parece que utiliza os mesmos produtos desinfetantes em casa.

– Aceitam um café? – pergunta Ulrika.

– Não, obrigado, não bebo café – responde Sandra.

– Eu também não, obrigado – diz Rudolf.

O cheiro a desinfetante despertou nele a lembrança do infame café do hospital e fez-lhe perder a vontade.

– O Acke estava envolvido em alguma atividade criminosa? – pergunta Ulrika Johansson, e Rudolf deteta preocupação na voz da mulher.

– Que seja do nosso conhecimento, não – responde. – Não é esse o motivo da nossa visita. Mas a ex-entidade empregadora de Acke, a Echidna Games, está envolvida numa atividade ilícita e queríamos saber se o seu irmão referiu esta empresa antes de morrer.

Rudolf ouve o café a ser deitado numa chávena.

Parece-lhe sentir o gosto acre na boca.

Lembra-se do pânico que o dominou na cama do hospital.

Também tinha planeado pôr fim à vida, como Acke Johansson.

Tudo menos aquela noite negra.

– De facto, depois do seu telefonema, apercebi-me de que não me lembrava de grande coisa dos últimos meses. Foi tudo muito confuso.

– Nunca conversaram sobre o Peter Bunde, o patrão do Acke?

– Claro que lhe perguntei porque é que já não trabalhava lá, mas o Acke só me disse que era impossível ter um patrão como o Peter Bunde. Pensei que não teria dificuldade em encontrar outro emprego ou em criar a própria empresa. Mas, em vez disso... o Gustaf encontrou-o morto. Enforcado no apartamento dele. Passou um cabo por um gancho no teto, fez um nó corrediço, apertou-o em volta do pescoço e depois deu um pontapé na cadeira a que tinha subido. Foi horrível. E completamente inesperado. Se soubesse que o Acke estava deprimido àquele ponto ter-me-ia certificado de que receberia ajuda. Como é que podia imaginar que ia mesmo matar-se?

– Peço desculpa, mas quem é o Gustaf? – pergunta Sandra.

– O Gustaf é o meu irmão mais novo. Tem trinta e quatro anos, é dois anos mais novo do que o Acke. A morte dele marcou-o muito. Tinha o irmão mais velho em grande conta. Quase se poderia dizer que o Acke lhe salvou a vida.

– Como foi isso?

– O Gustaf era proprietário de dois clubes de vídeo, um na Brommagatan e outro em Stocksund, mas tinha contraído muitas dívidas e, quando o mercado entrou em colapso, ficou arruinado e

fechou-se em si mesmo. Deixou de ir a casa das pessoas e passava dias inteiros à frente do computador. Era muito estranho, porque o meu irmão sempre fora muito dado ao desporto. Fazia escalada e explorava grutas. Espeleologia, como fazia questão de lhe chamar. Mas, depois de os clubes terem ido à falência, passava os dias sem fazer nada.

Ulrika Johansson esfrega as mãos como se estivesse a pôr creme.

– O Acke foi a única pessoa que conseguiu falar com ele durante todo aquele período. Às vezes conseguia arrastá-lo para fora de casa. Chegaram mesmo a ir a França, à Provença. Parece que há lá sítios muito bons para fazer escalada. Quando voltou, o Gustaf parecia ter recuperado um pouco a alegria de viver. E então encontrou o Acke enforcado no apartamento e, nesse momento, tive a impressão de que também iria perder o Gustaf.

– Como assim? – pergunta Sandra.

– O Gustaf ficou mesmo muito estranho. Passou o tempo a dizer que ia vingar-se. Até no funeral.

– Quando foi que o viu pela última vez?

– Julgo que foi no funeral.

– Quando se realizou? – pergunta Rudolf.

– No dia 15 de novembro. Liguei-lhe todos os dias desde então, mas o meu irmão quase nunca atende e quando o faz só emite uns monossílabos ao telefone. Um amigo meu, que encontrei no outro dia no supermercado, disse-me que o Gustaf ia ao ginásio com muita frequência e que fazia musculação como um louco. De certa forma fiquei contente, porque pensava que continuava agarrado ao computador.

Rudolf ouve Sandra a tomar notas.

Escalada, grutas, bons conhecimentos de informática. Um corpo forte e ágil. Um clube de vídeo em Stocksund.

Parecem demasiadas coincidências.

– Pode parecer-lhe uma pergunta surpreendente – afirma Rudolf –, mas o Gustaf tinha algum interesse particular por leões?

Ouve claramente o som da chávena de café que Ulrika pousa na mesa.

– É engraçado que esteja a fazer esta pergunta. O Gustaf adorava o jardim zoológico de Kolmården. No verão, insistia sempre em ir lá. E que fizéssemos um piquenique junto dos leões. Acabou por tornar-se uma tradição. Eu e o Acke achávamos os leões bastante maçadores, porque passavam praticamente o tempo todo deitados sem fazer nada. Mas o Gustaf não se cansava deles, era capaz de ficar a observá-los durante horas.

Ulrika cala-se.

– Porque é que me pergunta isso dos leões? – espanta-se Ulrika Johansson. – Tem algum significado para a vossa investigação?

– Não, julgo que não – responde Rudolf.

CAPÍTULO 61

ZACK E DENIZ INVESTIGAM ALGUMAS INFORMAÇÕES que acabam de lhes ser transmitidas quando Douglas chega em passo de corrida e lhes conta o que Rudolf Gräns e Sandra Sjöholm acabaram de saber sobre Gustaf Johansson.

– Mora em Kista, na Helsingörsgatan. Quatro homens do Grupo de Intervenção já estão a caminho. Vão ter com eles!

Deniz e Zack vão buscar os coletes à prova de bala e entram no elevador.

Alguns minutos mais tarde, Zack sai do estacionamento e Deniz introduz a morada no GPS do *Volvo*.

O telemóvel vibra no bolso e Zack fica tenso.

Agora não, Abdula.

Agora não!

Saca o telemóvel e lê o SMS.

[Obrigada por me teres deixado dormir em tua casa. Lavei a chávena.]

Zack respira de alívio. Envia um *emoji* a Ester e continua a conduzir para norte pela E4.

Não disse nem a Deniz nem aos outros que participou na roleta russa na noite anterior.

Mas, tendo em conta o resultado...

Além disso, não iriam compreender.

*

O elevador coberto de grafitis do prédio onde vive Gustaf Johansson cheira a mijo.

Sobem até ao quinto andar e esperam que dois agentes do Grupo de Intervenção subam as escadas para tocar à campainha.

Gustaf Johansson não abre.

Zack faz um sinal para os dois homens arrombarem a porta. Vinte segundos depois, estão no alojamento e todas as divisões foram revistadas.

É a vez de Zack e de Deniz entrarem.

O apartamento é tão impessoal como uma divisão de exposição da Ikea. Uma cama com colcha branca. Uma estante com o *Código Da Vinci* e alguns livros de John Grisham e Jan Guillou. Um sofá de canto cinzento. Uma tv de ecrã plano num móvel branco para televisão.

Nada ali parece indicar que Gustaf Johansson é o homem que procuram. Não há livros sobre cavernas nem cartazes com leões ou equipamento de escalada.

As prateleiras e a mesa estão empoeiradas, mas as marcas no pó provam que havia ali outros objetos.

Abrem gavetas e armários em busca de uma pista. Parece óbvio que Gustaf Johansson levou o estritamente necessário antes de se pôr a andar.

– Parece que tem voltado para recolher o correio – nota Zack apontando para a entrada.

– A não ser que tenha pedido para ser reencaminhado.

– Sim, mas nesse caso haveria necessariamente omissões e coisas que continuariam a ser enviadas para a morada antiga.

Zack abre o frigorífico. Um frasco de *ketchup*, uma lata de atum, algumas cenouras.

Onde é que te meteste, Gustaf Johansson?

Porque levaste tudo o que era pessoal do teu apartamento?

*

Sirpa Hemäläinen amplia a foto até esta ocupar todo o ecrã. Depois compara o rosto do jovem com uma foto tipo passe mais recente.

– Vê por ti – diz a Douglas Juste, inclinado para o ecrã. – É ele, não é?

Douglas fica em silêncio por um momento e compara as duas fotos.

– Telefona ao Zack – diz Douglas.

Sirpa carrega no botão com o número pré-gravado no telefone que tem na secretária.

– Finalmente encontrei alguma coisa – diz. – O Gustaf Johansson trabalhou como guia turístico numa antiga mina de ferro em Striberg, em 1999. A irmã, Ulrika Johansson, que o Rudolf e a Sandra interrogaram esta manhã, publicou nostalgicamente no Facebook uma foto dessa altura.

Zack fica em silêncio e Sirpa percebe que o colega tira a mesma conclusão que ela.

Encontraram-no. O covil do Leão.

– Onde fica Striberg? – pergunta Zack.

– Numa antiga zona de mineração em Bergslagen, a cerca de quarenta quilómetros a norte de Örebro. Foi lá que o Gustaf cresceu. E ouve isto: a mina foi interditada aos turistas há seis anos, depois de um deslizamento de terras. Ou seja, aqueles que conhecem as galerias desta mina agora têm-nas só para si.

– Qual é a opinião do Douglas?

– Acha que têm de ir já para lá. Saiu para ir telefonar, para pedir à Polícia de Örebro que vos dê proteção.

Sirpa envia-lhe a localização da gruta e outras informações sobre a área.

No outro ecrã vê Albert, encostado às barras da jaula a revirar a palhinha pela qual bebeu no dia anterior. Tem os olhos vidrados e os dedos movem-se mecanicamente.

O relógio digital indica **00: 07: 43: 31**.

Estamos a caminho, quer gritar ao rapaz.

Se é que estás onde pensamos.

Sim, Gustaf Johansson é o homem que procuram. Quer vingar a morte do irmão mais velho, Acke. E haverá melhor vingança contra um homem que construiu uma fortuna em jogos *online* e em jogos de morte do que atacar o filho, fazê-lo participar num jogo mortal e pôr o vídeo *online*?

Mas será que a jaula está mesmo na mina de Striberg?

Não desistiu de contactar Alexis Hamrén e os pais, e foram enviadas patrulhas para lhes ir bater às portas. Em vão.

Com as articulações rígidas, Sirpa levanta-se e dirige-se à máquina de café.

Pensa em *Zeus*, o seu *rhodesian ridgeback* de três anos. Hoje também não irá poder sair à hora do almoço. No dia anterior tinha descoberto, ao entrar em casa, uma grande poça de urina na sala de estar. Como se o animal tivesse querido vingar-se da ausência demasiado prolongada da dona.

Parece que todos se querem vingar deste inverno que nunca mais acaba.

CAPÍTULO 62

STRIBERG, UMA PEQUENA COMUNIDADE INDUSTRIAL florescente na primeira metade do século xx. Atualmente é um cu de judas cheio de lojas entaipadas, cada uma com a respetiva placa a dizer «Vende-se».

E florestas.

Florestas por todo o lado.

Grandes abetos cobertos de neve, em sentido, de ambos os lados da estrada, e Zack e Deniz têm a impressão de estarem a conduzir num túnel.

A neve começa a cair com intensidade pouco antes de Örebro e não parece querer abrandar. Pelo contrário.

Passam por algumas casas à direita. Castiçais do advento, esquecidos, ainda se encontram acesos em duas janelas.

– Pronto, isto era Striberg – afirma Deniz. – Daqui a pouco vamos sair da estrada.

Zack conduziu tão depressa quanto as estradas cheias de neve de Bergslagen lhe permitiram. A viagem demorou-lhes pouco mais de duas horas, mas Zack teria gostado de ter seguido duas vezes mais depressa. São quase três da tarde. Ou seja, pouco menos de uma hora antes que escureça naquela época do ano. E Albert tem apenas quatro horas e meia para viver...

Deniz manteve-se em estreito contacto com Douglas e com Sirpa durante a viagem, mas só teve más notícias. Nenhum vestígio de Gustaf Johansson ou de Alexis Hamrén, apesar de as casas de ambos estarem sob vigilância, e nenhuma pista por telefone, mas a família Bunde acabou por aceitar que os meios de comunicação publiquem o nome e a foto de Albert.

Zack entra numa sinuosa estrada florestal a sudoeste da localidade. Vira depois à direita e, em seguida, repara numa carrinha da Polícia estacionada no meio da estrada.

Zack estaciona atrás da carrinha, de onde saem quatro agentes que vão ao seu encontro.

– Bom dia, sou o Tommy Nordin – disse um comissário quase com dois metros de altura. – Bem-vindos a Bergslagen.

Zack e Deniz cumprimentam-nos a todos.

– Bateste contra uma parede? – pergunta um dos agentes ao ver o rosto de Zack.

– Foi quase isso – responde. – Obrigado por terem vindo.

– Hoje passámos o tempo a dar apertos de mão e a apanhar uma grande seca – prossegue Tommy Nordin. – Infelizmente, não podemos ir mais longe por causa da queda de neve, mas estamos a poucas centenas de metros. E encontrámos uma coisa interessante. Venham!

Contorna a carrinha da Polícia e agacha-se.

– Estão a ver?

Pegadas que se afundam na neve e continuam ao longo do caminho.

– Não têm mais de dois dias, de certeza, senão teriam desaparecido completamente sob a neve – nota Tommy Nordin. – A neve caiu com força na sexta de manhã, mas depois a coisa acalmou. Só há umas horas é que voltou a piorar.

Zack retira um pouco de neve para limpar uma das pegadas que se afunda dez centímetros. Em seguida põe a própria bota na pegada.

– Diria que o homem que andou por aqui calça quarenta e quatro – afirma.

Um dos agentes de Örebro retira duas cordas de segurança que põe ao ombro. Depois distribui lanternas frontais, para pôr na cabeça, a Zack e a Deniz.

Tommy Nordin dá grandes passadas na neve.

– É verdade que encontraste aqueles famosos lobos o ano passado? – pergunta a Zack.

– Sim.

– Uma história horrível...

– Parece que por aqui também tiveram que fazer. Sempre que se fala em Örebro no jornal fico com a impressão de que é por

homicídios com mutilação ou violações em série.

– Sim, era melhor nos tempos em que só éramos conhecidos porque a nossa torre de água parecia um grande cogumelo – acrescenta Tommy Nordin, rindo-se.

Avançam penosamente, rodeados por grandes rochas e por galhos que estendem os braços fantasmagóricos por cima deles, como se quisessem atraí-los para as suas armadilhas geladas.

Passado algum tempo, Tommy Nordin desloca-se um pouco para a esquerda e entra num caminho invisível e acidentado.

– É ali em baixo – anuncia, apontando para uma enorme falésia. Há uma cavidade negra na rocha, vedada por uma grade de ferro, mas três barras foram serradas para criar uma abertura.

Estugam o passo. A poucos metros da entrada, Zack vê o canto de uma antiga placa caída na neve.

Limpa-a para ler a placa.

**ENTRADA PROIBIDA
PERIGO DE MORTE
POÇOS ABERTOS
PERIGO DE DERROCADA**

Tommy Nordin lê por cima do ombro.

– Eu estava lá quando fechámos o acesso depois da grande derrocada de há uns anos. Tivemos sorte por ninguém ter morrido – diz. – Temos de ter cuidado.

– Há outra entrada?

– Que eu saiba não.

Deniz adianta-se-lhes, passa por entre as barras de ferro e entra na mina abandonada.

Zack e os outros seguem-lhe o exemplo.

O frio é imediatamente mais mordaz, a escuridão mais compacta. Estalagmites ameaçam ferir quem resvalar nas pedras escorregadias.

– Não é lá muito acolhedor – resmunga Zack antes de ligar a lanterna frontal.

Enquanto varre as paredes da gruta, Deniz ilumina filas de lâmpadas incandescentes, partidas, em pequenas gaiolas de ferro suspensas no teto.

Detém-se abruptamente. Zack também.

– Ouviste? – sussurra.

– Sim, parecia uma pedra a ser empurrada por um pé.

Zack faz sinal aos agentes de Örebro para se prepararem. Sacam as armas e continuam a progredir lentamente.

Zack pensa em Niklas. O colega também se aventurara numa antiga mina, mas deixara-se surpreender pelo Leão...

E ser cortado ao meio, esventrado.

Aperta a coronha da pistola, ilumina o chão e evita escorregar ou fazer barulho.

À luz das lanternas, as próprias sombras monstruosas perfilam-se nas paredes, casando-se com as irregularidades da rocha.

Uma galeria lateral aparece à direita, mas um enorme monte de pedras bloqueia o caminho.

Deniz dá alguns passos.

– Sim, é melhor não brincarmos às derrocadas – sussurra.

Zack continua a caminhar pela galeria principal e vê uma cerca de madeira carunchosa que rodeia um buraco quadrado no chão.

Aproxima-se do poço, inclina-se cautelosamente para a cerca e dirige o feixe da lanterna para baixo.

Uma velha escada de madeira desce para a escuridão.

Será aqui que o Albert está preso?

Os outros vão ter com ele e lançam uma olhadela prudente lá para baixo.

– Esta escada não parece muito sólida – sussurra Tommy Nordin.

– Não, mas não temos alternativa – responde Zack. – O rapaz que procuramos já não tem muito tempo de vida.

Zack pede que o segurem. Fixa uma extremidade da corda a uma das estacas que parece mais forte do que as outras e passa a outra extremidade em volta do peito. Depois transpõe a cerca e começa a descer.

A partir do terceiro degrau, a madeira podre cede sob os seus pés e caem grandes pedaços da escada.

Boa, Zack.

Agora o Leão ouviu-te e pode esperar calmamente por ti com as suas garras e o seu bisturi.

Continua a descida. Vê a luz a refletir-se em algo um pouco mais abaixo.

Gelo, brilhante como um espelho, cobre o fundo.

A gruta está cheia de água. Não podem ir mais longe.

Resta-lhe apenas explorar a galeria à sua frente.

Quer pedir a Deniz para ir ter com ele, mas não se atreve a gritar.

Tenta chamá-la pelo rádio, mas o sistema de comunicação não funciona debaixo de terra. Saca o telemóvel para ver se tem alguma rede. Sim, um tracinho Inacreditável. Por outro lado, está quase sem bateria. Esqueceu-se de carregar o telemóvel na noite anterior.

Envia-lhe um SMS. Em seguida desata a corda de rapel e avança pela galeria.

Esta desce num declive suave e o teto é tão baixo que Zack tem de se agachar.

Como é que os mineiros conseguiam trabalhar ali?

Quando é que viam a luz do dia?

O ombro derruba uma pedra saliente cuja queda se repercute pela galeria. Como se a montanha quisesse alertar alguém da sua chegada.

Deniz aparece atrás dele, seguida por Tommy Nordin e pelos outros.

– Que gruta de pesadelo – sussurra-lhe Zack.

– Oh, já vi bem pior – responde Deniz quando passa por ele.

Zack interroga-se. Será que a colega está a falar do que lhe contou um dia, da fuga pelas montanhas do Curdistão? Quando ouvira os lobos a aproximarem-se, Deniz arrastara o irmão mais novo para uma gruta por onde tinham rastejado para escapar-lhes.

Continuam a progredir, sempre a descer. O ar gelado penetra sob cada camada de roupa e fá-los estremecer.

Zack bate em algo com o pé e o ruído ressoa pelas galerias.

Sacam as armas e Zack alumia o chão para ver no que bateu.

Uma lata de *Red Bull*.

Apanha-a. Cheira-a. Reconhece o cheiro doce.

Foi aberta recentemente.

Tommy Nordin baixa-se e pega noutra coisa.

– Que é isso? – pergunta Zack.

– Uma antiga embalagem para rolos de película fotográfica. Era aqui que se punham os rolos antes da chegada das câmaras digitais.

Zack abre-a e tira de lá um papel enrolado. Inspecciona-o à luz da lanterna.

Há seis nomes em caligrafias diferentes rabiscados uns por cima dos outros. Cada nome é seguido por uma data e uma hora. A última entrada foi feita há dois dias.

– Não me parece que o vosso homem tenha vindo aqui – conclui Tommy Nordin. – Isto é gente que faz *geocaching*.

Deniz avança um pouco mais enquanto Zack fica onde estava.

Não, não pode ser... não acredito que seguimos o rasto de um idiota que usa o GPS para procurar coisas escondidas por outras pessoas!

– A gruta acaba aqui – grita Deniz na escuridão.

Zack junta-se à colega e vê o feixe da lanterna de Deniz refletida no gelo no chão.

Albert não está ali.

Desperdiçaram horas preciosas a explorar um beco sem saída no sítio mais inóspito possível.

A montanha zomba de Zack, que tem vontade de gritar, de provocar uma derrocada total que acabe com tudo de uma vez por todas.

Olha para o relógio.

Restam a Albert três horas e trinta e sete minutos de vida.

CAPÍTULO 63

O CAMINHO DE REGRESSO parece interminável. Os limpa-para-brisas estão a funcionar à velocidade máxima para afastar os grandes flocos que caem no vidro. No final do fim de semana, o trânsito intensifica-se em direção a Estocolmo.

Zack e Deniz seguem em silêncio, conscientes de que o prazo expirará em breve e que ainda não têm uma pista que possam explorar.

Todos os agentes da região leste de Svealand estão atulhados em trabalho.

Perto de Enköping cruzam-se com duas ambulâncias a caminho de um grave acidente nos arredores de Västerås.

Um quarto de hora mais tarde, Abdula telefona.

– Fui convocado para uma reunião com os afegãos às seis da tarde em ponto no Kebab Heaven, em Husby. Preciso que vás comigo.

– Não posso. A situação por aqui não podia ser mais crítica.

– Tem que ver com o filho do ricoço? Recebi uma informação.

– Sou todo ouvidos.

– Um tipo que eu conheço viu o vídeo com o primeiro puto, tu sabes, o migrante. O tipo reconheceu o sítio, disse que tinha ido lá durante uma *rave*, um verdadeiro delírio, há alguns meses. Fica em...

– Onde? Estou? Abdula! Estou? Onde fica?

Zack olha para o telemóvel. O ecrã está escuro: a bateria foi-se.

– Porra! Onde está o teu outro carregador?

– Costuma estar no porta-luvas – responde Deniz. – Quem era?

Zack vasculha o porta-luvas, entre papéis, embalagens de doces e CD.

– Não está aqui.

– Liga do meu.

– Não sei o número do Abdula de cor. Muda-o todos os meses, o grande sacana.

Zack procura entre os bancos, passa a mão pelo chão, debaixo do próprio assento e do de Deniz. Vira-se e procura nas bolsas na parte de trás das costas dos bancos.

Nada de carregador.

– Merda, isto não pode estar a acontecer! Um idiota qualquer deve ter levado o carregador. Aposto que foi o Koltberg. Então e agora, que fazemos?

– Sabes onde está o Abdula?

Zack olha para o relógio.

– Não, mas sei onde vai ter de estar daqui a cinquenta e cinco minutos.

*

Sirpa liga para o número de Alexis Hamrén pela quinquagésima vez, no mínimo.

É preciso que Alexis lhes indique a gruta onde Albert se encontra. É a última hipótese do rapaz.

– O cliente que tentou contactar não se encontra disponível. Por favor, deixe...

Sirpa desliga furiosamente.

Onde se terá metido?

Rudolf conseguiu contactar os pais de Alexis, que não fazem ideia de onde este se encontra. Além disso, parece que o relacionamento com o filho não é dos melhores.

Sirpa perscruta o ecrã.

Albert chora em silêncio.

Só faltam duas horas e oito minutos.

*

– Não gosto disto – afirma Deniz ao passarem pela Ikea de Barkarby. – Não gosto nada disto.

– Tens um plano melhor? – pergunta Zack.

Deniz não responde.

Mas acalmou-se um pouco, já é alguma coisa.

Meia hora antes, quando Zack lhe tinha explicado que Abdula precisava dele, exclamara:

– Estás louco, Zack! Sabes disso, não sabes? Como é que podes aceitar fazer de guarda-costas num ajuste de contas entre traficantes de droga? Devemos deixar esse idiota por sua conta e risco e não protegê-lo. Quer dizer que é isso que tu entendes por «recompores-te»?

– Porque tu só tens amigos respeitáveis, não é? – replica Zack. – Como aquela de Hässelby, estás a ver, a Sübeide? Ela não esteve envolvida em vários assaltos há alguns anos?

– Já acabou com isso. Agora é *personal trainer*.

– E se a Sübeide tivesse continuado com os assaltos, terias deixado de ser amiga dela? Ou terias deixado de a ajudar, se ela precisasse de ti?

Deniz calara-se. Olhara pela janela, o rosto tenso.

– O Abdula também te salvou a vida – lembrara Zack.

– Como se eu não soubesse.

– E pode ajudar-nos a salvar outra vida. Além disso, se passarmos por Husby nem sequer nos desviamos do nosso caminho. O Albert pode estar preso lá perto.

– O que te leva a acreditar nisso, assim de repente?

– O Gustaf Johansson mora em Kista, a última conversa do Ismail foi localizada perto de Järva Krog e o rapaz apareceu em imagens captadas lá e à frente de uma mercearia de Norra Solna. Lembras-te do que o Östman diz sempre: «procurem nas proximidades».

Depois de um momento de silêncio, Zack dissera-lhe:

– Prometo recompor-me. Acredita, é tudo o que quero.

Depois tinham traçado a estratégia.

Zack entrava no *kebab* e esperava por Abdula, enquanto Deniz ficava no carro. Se Aarash Alam e o bando não estivessem à vista, Zack perguntaria a Abdula onde estava Albert preso. Então comunicaria a Deniz o local para que esta pudesse enviar uma equipa de intervenção.

Enquanto isso, Zack, ficaria onde estava, para vigiar a reunião, e depois iria ter com Deniz de táxi.

Simplesmente.

Deniz sai da 275 e apanha a Danmarksgatan para Husby.

– E se houver tiroteio, como é que vais explicar a tua presença naquele sítio?

– Digo as coisas como elas são: que tinha um encontro com um contacto que podia dar-nos uma informação decisiva sobre o Albert. Não vou ser obrigado a precisar que esse contacto tinha outro encontro naquele Kebab.

Passam diante do edifício de tijolos vermelhos da piscina de Husby e estacionam junto do passeio, por baixo de um viaduto.

Zack sai do carro e olha em redor. Está agora a cair uma verdadeira tempestade de neve e não se vê um gato-pingado. Abre o porta-bagagens e veste o colete à prova de bala por baixo do blusão. Põe os auriculares, liga-os ao rádio e faz um teste com Deniz.

Então, Zack debruça-se para a janela do lugar do morto e diz:

– Estaciona perto do Kebab Heaven, mas não demasiado perto.

Okay?

Deniz põe a mão sobre a dele e olha-o nos olhos.

– Vê lá se tens cuidado. Nãourras riscos desnecessários.

Zack sorri-lhe.

– Até já.

Sobe as escadas do viaduto a correr e dirige-se em passo apressado ao centro de Husby. Vê as horas. 17h42.

Não expôs a Deniz a gravidade da situação. Dissera-lhe simplesmente que Abdula tinha uma dívida a pagar. Não especificou que a mercadoria que Aarash Alam lhe tinha comprado era de má qualidade.

Mas a colega farejara o perigo.

Vê lá se tens cuidado.

No caminho, procurou no Google a localização do Kebab com o telemóvel de Deniz. Um restaurante que abrira há pouco tempo. Que aparentemente está a ter sucesso. É possível que corra tudo bem. Não se atreverão a disparar sobre Abdula à frente de uma data de gente.

A menos que seja exatamente o que pretendem. Que haja público para assistir à sua execução...

Abdula apanhou com uma bala que lhe era destinada em Skärholmen. E, de certo modo, é por isso que hoje está na merda.

A bala não rasgara apenas os tecidos musculares e as artérias vitais. Alcançara igualmente a psique de Abdula.

Isto pode dar para o torto esta noite.

O bando de Husby quer enviar um sinal forte.

Portanto, arrisco-me a ser eu a apanhar com a bala, pensa Zack.

Uma bala que salvará Abdula.

Mas que matará Albert.

CAPÍTULO 64

LENTAMENTE, O HOMEM ENFIA AS MÃOS NAS PATAS DO LEÃO. Dobra os dedos e vê as garras negras a acompanhar o movimento.

A luz da lâmpada reflete-se no negro brilhante das garras cujas pontas parecem capazes de cortar aço temperado.

Falta uma hora e meia.

Então, as garras cumprirão a sua missão.

Que é lacerar.

Despedaçar.

Pagar na mesma moeda.

Mostrar quem é o mais forte.

Um rugido sobe-lhe à garganta. Nem precisa de se esforçar, sai-lhe naturalmente. A soberba indiferença do predador em relação à sua presa e a alegria interior de estar prestes a dar o golpe mortal.

Uma hora e vinte e nove minutos.

Como se sentirá o Peter Bunde agora? Será que se contorce de dor de cada vez que o número que indica os minutos decresce? Estará de algum modo arrependido? Terá consciência de como fica ridículo naquelas roupas apalhaçadas? Terá finalmente compreendido que a realidade é a realidade e não apenas um mero jogo?

O momento chegou.

Tratou o meu irmão como se fosse merda.

Brincou com ele.

Levou-o ao suicídio.

Bem, agora é a minha vez de brincar.

Com o filho dele.

Uma hora e vinte e oito minutos.

Aproxima-se da jaula com passos de feltro. Vê que Albert se encolhe imediatamente do outro lado.

Encosta o corpo às barras e treme como uma folha.

A sua presa. A sua adorada presa.

Ruge. Alto. Um som que emite lentamente.

Eu sou o macho zangado em Kolmården, o que sonhei ver quando os verdadeiros animais estavam deitados, indolentes, no jardim zoológico.

Sou tudo o que os leões em cativeiro não são.

Sou forte. Sou livre.

Uma poça cresce sob as calças do pijama de Albert.

Estás a ver, Peter Bunde?

Estás a ver o teu filho a sofrer?

Sentes a dor dele? Como eu senti a do meu irmão?

Mas na altura estava frágil.

Era uma vítima das circunstâncias.

Mas agora não.

Agora sou eu o game master que decide o que vai acontecer.

Eu sou o Leão.

Uma hora e vinte e sete minutos.

Anda lentamente à volta da jaula. Incansavelmente. A pele do leão, macia e quente, acaricia a própria pele quando se move. Funde-se nela e sente que está a aceder a outra dimensão. Que os deuses estão com ele.

Têm estado sempre a mostrar-lhe o caminho.

Guiaram-lhe os passos até ao sítio certo.

Tinha pensado começar por Albert, mas os deuses deram-lhe Ismail.

Uma hora e vinte e seis minutos.

Pensa naquele encontro accidental. Quando saiu do supermercado Coop com as compras e Ismail se aproximou dele a implorar uma esmola.

Primeiro tinha pensado enxotá-lo, como fazia com os outros mendigos, mas algo o fez mudar de ideias. Agachou-se, perguntou-lhe quem era e o que estava ali a fazer. Depois deu-lhe uma maçã e o rapaz contou-lhe o que lhe tinha acontecido.

Um arrepio delicioso percorreu-o quando se apercebeu de que o rapaz estava em fuga – que não tinha quaisquer parentes que fossem tentar encontrá-lo.

Ismail, o presente dos deuses para o seu leão.

Alguém com quem praticar.

A possibilidade de aperfeiçoar o método.

De ser leão pela primeira vez, até à ponta das garras. Um treino para a vingança.

Mas aquilo foi mais do que um treino. Foi muito além de tudo o que pudesse ter imaginado.

E agradeceu devidamente aos deuses. Presenteou-os com Ismail, ofereceu-o bem lá no alto, deixou que a lua e as estrelas lhe acariciassem o corpo.

Uma hora e vinte e cinco minutos.

Nem aquele polícia metedico conseguiu atenuar a euforia que sentiu depois disso. Pelo contrário, a intrusão inesperada no novo covil do leão que estava a ser instalado só fortaleceu a sua grandiosa metamorfose.

Matara o homem, rapidamente, sem contemplanções. Aproveitara-se da escuridão e transformara-se num leão sem sequer precisar de usar a pele.

A força dessa vez veio-lhe do interior.

Preencheu-lhe todo o ser.

Mas, agora, os deuses não serão os únicos a contemplar a sua legítima vítima.

Quando, no dia seguinte, Peter Bunde olhasse pela janela do seu escritório veria os seus piores pesadelos concretizados.

Só uma hora e vinte e quatro minutos.

CAPÍTULO 65

O CHEIRO A TINTA FRESCA misturado com os odores do grelhador flutua na sala do Kebab Heaven de Husby.

Zack escolheu um lugar a um canto. Teria preferido ficar sozinho a uma mesa, mas o restaurante está cheio e é obrigado a partilhá-la com um casal de jovens na casa dos vinte. Felizmente que só têm olhos um para o outro.

Pega no guardanapo de papel que envolvia o *kebab* e limpa a boca. Tinha pensado que ia estar demasiado tenso para comer, mas os cheiros despertaram-lhe o apetite. E o *kebab* estava bom, mesmo muito bom. Como se os proprietários tivessem conseguido encontrar o equilíbrio perfeito entre um *kebab* tradicional para devorar em movimento e o *kebab* francês tão chique da Kungsgatan que Mera – até ela! – aceita comer.

Está sentado de costas para a parede. Tenta fundir-se com o local, mas é evidente que destoa, com os caracóis louros e a pele particularmente pálida no inverno.

Uma empregada com grandes olhos castanhos recolhe os tabuleiros e os restos que ficaram nas mesas. Um rapaz com cabelo oleoso e uns auscultadores enormes ao pescoço dá-lhe uma palmadinha nas nádegas, quando a rapariga passa junto à mesa à qual se senta, o que faz com que os três amigos com que a partilha se riam à gargalhada.

A empregada nem sequer vira a cabeça, mas o rapaz olha-a de alto a baixo, sussurrando:

– Então, sei que gostas disto. Posso dar-te o que queres ter.

Os amigos acham aquilo hilariante.

Que imbecil, pensa Zack, vendo as horas. 17h58.

Limpa com o guardanapo um pouco de suor na testa. O colete à prova de bala e o blusão puseram-no a transpirar abundantemente.

Saca o telemóvel e finge ler enquanto vigia discretamente a sala.

Abdula continua sem aparecer. E parece que Aarash Alam também.

Ainda não viu os capangas do afegão. Nem os de Abdula. Pode ser qualquer uma daquelas pessoas. Cada um delimita o seu território. Há testosterona no ar.

Como naquela noite, pensa.

Estatisticamente falando, não deveria estar ali sentado.

Afasta aquele pensamento.

Dois homens mais velhos levantam-se da mesa, falando muito alto. Ao sair seguram a porta para deixar passar um homem de estatura impressionante envergando um blusão de penas brilhante.

Abdula. Com um saco de desporto ao ombro. Sozinho. Sem os gorilas. *Devem estar à espera lá fora*, pensa Zack, *enquanto eu o cubro aqui dentro*.

Com ar tenso, Abdula circula entre as mesas olhando para todo o lado.

O olhar de Abdula cruza-se rapidamente com o de Zack, mas este percebe o alívio do amigo quando se senta à mesa que os homens mais velhos acabaram de deixar.

Com as costas da mão afasta uma bandeja abandonada e pousa um braço na mesa. Coloca o saco entre as pernas e evita propositadamente olhar na direção de Zack.

Boa estratégia, pensa Zack, *mas agora tenho de entrar em contacto com ele. Tem de me dizer onde está o Albert*.

No momento em que se levanta, três homens irrompem na sala. Dois malabares e um tipo mais pequeno, mas igualmente musculoso. Com ar de ter comido crianças ao pequeno-almoço.

Um quarto homem entra, por sua vez.

Aarash Alam.

Usa óculos escuros, fato e, sobre os ombros, uma pele branca falsa cuja gola lhe envolve o pescoço longo como uma nuvem.

Uma paródia afegã de Snoop Dogg³⁹, pensa Zack, que muda de ideias e se deixa ficar sentado.

O burburinho baixou claramente de tom. Os clientes aplicam-se para agir como se nada tivesse acontecido. O tipo sentado à mesa

de Zack tem uma centelha de pânico nos olhos e diz para a namorada não se virar.

O que esta faz imediatamente, claro.

E está longe de ser a única.

Aarash Alam avança com passo de conquistador pela sala, como se o Kebab lhe pertencesse. E Zack compreende porque escolheu exatamente aquele sítio.

Para mostrar do que é capaz.

Para mostrar o que acontece quando se tenta dar o golpe ao tipo que manda em Husby.

A mão direita de Zack desliza sob o casaco para agarrar a coronha da pistola. O suor escorre-lhe pelas costas.

Algo vai acontecer, é certinho.

Recosta-se e finge mexer no telemóvel enquanto observa a outra mesa pelo canto do olho.

Um dos malabares foi posicionar-se junto da porta de entrada. Os outros dois sentaram-se à mesa de Abdula, deixando vazio o lugar à frente dele.

Aarash Alam senta-se e cruza as pernas. Os sapatos pretos de pele brilham como vidro vulcânico.

A empregada vai até à mesa deles para levantar os restos que os outros clientes deixaram e pede desculpa a Aarash Alam.

O afegão olha para as unhas e acena com a cabeça. Depois olha Abdula nos olhos e diz-lhe algo que Zack não consegue perceber.

Abdula responde.

O colosso à entrada varre constantemente a sala. Detém-se longamente em Zack, que tem o cuidado de não deixar de olhar para o ecrã do telemóvel por um bom bocado.

Compensa com o ouvido, mas sem entender as palavras. A conversa parece estar a correr tranquilamente, por enquanto. A voz de Abdula está controlada, mas um pouco forçada.

Zack aventura-se a erguer os olhos do ecrã. O gorila está agora com os olhos cravados em Abdula e a conversa tomou outro rumo. A tensão é palpável.

Abdula abre os braços, pega no saco e quer entregá-lo ao homem baixo, mas musculoso.

Aarash Alam solta uma gargalhada e abana a cabeça, como se Abdula tivesse acabado de dizer uma boa piada.

Então faz sinal ao capanga sentado ao lado de Abdula que lhe afunda a mão no flanco.

Zack tenta ver se o tipo empunha uma arma, mas a mão está enfiada na manga. Pistola? Faca?

Abdula olha pela janela, tenta ver alguém. Aarash Alam observa-o, divertido, depois tira do bolso um pequeno pacote embrulhado em tecido.

– Pensava que tínhamos concordado que virias sozinho – diz num tom mais forte. – Mas nós encontrámos dois dos teus amigos lá fora e era óbvio que queriam meter o nariz... ou melhor, os *dedos*, nos nossos negócios.

Alam abre o pacote que pousara na mesa e Abdula recua instintivamente.

Zack vê o que contém.

Dois dedos cortados. Cada um com um anel, para que Abdula possa reconhecê-los.

Aarash Alam ri-se ao ver Abdula a fitar, petrificado, as falanges ensanguentadas. Então levanta-se e o gigante deixa claro a Abdula que deve segui-los.

Zack tem a mão na pistola. Deve ou não intervir?

O malabar conduz Abdula à porta da cozinha.

Não é bom sinal.

Primeiro, o homem mais baixo, com o saco de Abdula na mão, depois o malabar com Abdula, depois, Aarash Alam e, para fechar a marcha, o colosso que estava de guarda junto à porta.

Zack gostava de se atirar a todos eles, mas percebe que é uma emboscada. Um dos homens de Aarash Alam está obviamente à espera atrás da porta, para saltar sobre o primeiro homem que a transponha.

Por isso, Zack aproxima-se antes da mesa com os quatro jovens e agarra pelo colarinho o desbocado com cabelo oleoso que há pouco tinha dado uma palmada nas nádegas da empregada.

– Que é que estás a fazer, porra? – grita o rapaz, mas Zack torce-lhe o braço por detrás das costas e empurra-o à sua frente.

– Tu vens comigo.

Nenhum dos outros se atreve a interferir.

Zack leva o tipo furioso à sua frente e, em seguida, abre a porta com o cotovelo e, com um empurrão, lança o rapaz, que tropeça na cozinha.

O colosso por detrás da porta atira-se a ele e tenta estrangulá-lo com o braço. Ao ouvir o estalido do bastão telescópico, o homem vira-se, mas é demasiado tarde. Perde a consciência antes de desabar no chão.

O jovem está de joelhos, ofegante. Zack empurra-o para o lado.

Três homens com trajes brancos de cozinha veem-no a correr para a porta das traseiras.

Chega a um cais de carga e tem de pôr a mão em pala para evitar que a neve lhe chicoteie os olhos. Vê um *Audi Q7* com vidros fumados que arranca a toda a velocidade e por pouco não choca com um táxi parado no estacionamento.

Apanharam Abdula.

E pretendem matá-lo.

Zack chama Deniz.

– Vai pelas traseiras! Depressa!

Deniz ouve-o a praguejar:

– Não pode ser verdade, merda!

O *Audi* não tarda a ficar fora de vista. O taxista desceu do carro e grita-lhes qualquer coisa.

– Não há um minuto a perder! – diz Zack a Deniz. – Apanharam o Abdula.

– E nós temos um furo – responde Deniz, e Zack ouve pelo rádio uma porta a abrir-se. – Os tipos enfiaram uma faca no pneu.

Zack corre para o táxi. O motorista acabou de se sentar e continua a comer o seu *kebab*.

– Pago-lhe o dobro se esquecer esse *kebab* e seguir aquele carro.

O motorista limpa um pouco do molho do bigode e diz:

– Entre.

O táxi arranca antes de Zack fechar a porta e sai do parque de estacionamento a derrapar na neve.

– Ah, sacanas! Também tentaram abalroá-lo? – pergunta, e buzina para avisar as mulheres de burca que atravessam a rua mais à frente.

– Foi mais ou menos isso.

O táxi já segue a noventa quilómetros à hora, mas o *Audi* é mais rápido.

Zack olha para o relógio. Albert tem apenas uma hora de vida.

Está tudo a dar para o torto.

CAPÍTULO 66

O AGENTE IMOBILIÁRIO PETER LARZON enfia a chave na fechadura do escritório no terceiro andar do número 15 da Vasagatan. Na manhã seguinte vai mostrá-lo a potenciais inquilinos e quer certificar-se de que está tudo em ordem. Já não põe ali os pés há dois meses, desde que a propriedade foi confiada à agência onde trabalha. Houve sempre impedimentos de última hora.

As instalações estão bem localizadas, mas o edifício vai ser remodelado daí a alguns anos e a maioria das empresas não está interessada em contratos de arrendamento a curto prazo, mas Larzon conseguiu desencantar uma empresa de *telemarketing* e cruza os dedos.

Bate os pés para soltar a neve colada aos *mocassins Bally*, abre a porta da frente e é atingido pelo ar abafado.

O espaço tem uma sala de reuniões, três gabinetes e uma cozinha comum. Alguém fechou a porta da divisão que dá para a Vasagatan e há entulho no corredor.

Peter Larzon suspira, irritado. Os melhoramentos no interior não deviam ter começado tão cedo! O proprietário fora muito claro em relação a isso: não faria nada antes do fim das obras principais.

A não ser que tenha havido alguma reparação de emergência, pensa, abrindo a porta daquele gabinete.

Mas o que é isto?

No meio da sala há uma grande estrutura de madeira.

Ao lado, numa bancada metálica dobrável, descobre ferramentas, pranchas, copos de plástico com pregos e parafusos.

Aquela construção lembra-lhe qualquer coisa.

Parece uma força gigantesca.

Um cadafalso!

Peter Larzon dá alguns passos para o interior do gabinete e nesse momento vê a corda que pende da grande viga transversal. O nó

corrediço. As rodas por baixo permitem que o patíbulo se desloque no chão.

Sente náuseas. Vira-se. Põe-se à escuta. Não, está sozinho.

Aproxima-se da janela com vista para a Vasagatan. A neve cai e as pessoas curvam-se para se protegerem do vento. Erguendo os olhos, Larzon tem vista para as instalações daquela empresa muito modernaça, a Echidna Games.

O olhar capta algo no peitoril da janela.

Um desenho. Um esboço de uma forca com um rapazinho pendurado na ponta da corda. A janela está aberta e a construção de madeira posicionada de modo a que o corpo de uma criança oscile no vazio, à vista de todos.

Peter Larzon fecha os olhos. Pensa no que os *media* escreveram sobre o adolescente raptado, o filho do presidente da Echidna Games.

Haverá alguma ligação?

Saca o telemóvel e marca o 112.

*

O *Audi* cheira a novo, o volante é banhado a ouro, os bancos e o revestimento são de cabedal, com ecrãs de televisão nas costas dos encostos de cabeça.

Preso no banco de trás entre os dois gigantes, Abdula tem dificuldade em respirar.

Aarash Alam ocupa o lugar do morto. Compõe a pele branca em torno dos ombros e vira a cabeça para Abdula:

– Lamento imenso a partida um pouco precipitada, mas agora vamos passar às atividades mais físicas, e para isso é melhor afastarmo-nos um pouco. Era uma pena sujar o chão do nosso novo restaurante, não era?

Abdula fecha os olhos, tenta manter a calma.

Ameaçar, espancar, balear as pessoas, isso é-lhe familiar. Mas nunca torturou ninguém. Nem nunca foi torturado.

Sabe o que o pai sofreu antes de conseguir fugir de avião de Marrocos com a família. As chicotadas. Os choques elétricos. Os

golpes violentos e repetidos nas solas dos pés.

Agora é a vez de o filho conhecer a tortura.

Ouviu falar dos métodos praticados pelos afegãos. Amarram as vítimas a uma cadeira com fita adesiva e inserem-lhes grandes parafusos nos joelhos.

Nos testículos.

E nos olhos.

Para repelir essas imagens de terror, Abdula tenta memorizar o caminho.

Para onde se dirigem?

Viraram para uma estrada florestal.

Isto é uma estrada transitável? Parece mais uma ciclovia.

Devem estar algures entre Sollentuna e Jakobsberg, mas é difícil saber ao certo a localização com toda a neve que rodopia em redor.

Abdula preferiria não ver nada. E ter um saco de pano enfiado na cabeça. Porque isso significaria que pretendiam deixá-lo viver.

Olha para as mãos. Pensa nos dedos no pedaço de tecido.

Que fizeram a Andre e a Malik? Ter-se-ão contentado em cortar-lhes uma falange a cada um?

Provavelmente não.

Imagina os dois filhos de Malik à sua frente.

Ainda há duas semanas se tinha divertido a lutar com eles no sofá.

Será que agora o pai está morto?

Abdula espera, pelo menos, que não tenham tido tempo de sofrer muito.

Um grande edifício parecido com um armazém emerge da floresta. O *Audi* estaciona na parte da frente e Abdula contem as náuseas. O gigante à sua esquerda desce e ordena-lhe que o siga.

Empunha agora uma arma maior. Uma *MAC-10*. A pistola-metralhadora tão apreciada pelos gangues. Uma cadência de tiro de vinte disparos por segundo praticamente sem ruído.

O afegão mais baixo destranca um grande cadeado e abre a porta.

Abdula distingue claramente por baixo as palavras *Järva Paintball* numa placa enferrujada, antes de ser empurrado para dentro e levar

com uma teia de aranha na testa.

O homem liga um projetor portátil e Abdula vê um balcão coberto de grafitis e, na parede atrás, prateleiras vazias. À esquerda, uma série de portas arrombadas e, à direita, um corredor escuro.

– Só descobrimos este sítio há umas semanas – diz Aarash Alam nas suas costas. – O que te parece? Espetacular, não é?

Avançam pelo corredor e desembocam no que parece ser um hangar abandonado.

Vazio, exceto uma cadeira de metal isolada, no centro do piso de betão.

À luz branca do projetor, as pernas cromadas formam sombras esqueléticas nas paredes.

Abdula vê poças negras ao pé da cadeira. Depois vê a caixa de ferramentas e pensa sentir o chão a afundar-se debaixo dele.

CAPÍTULO 67

SIRPA DESLIGA O TELEFONE A MEIO DE UMA FRASE do interlocutor e levanta-se para ir buscar café à cozinha do *open space*.

Que calvário!

O coronel com quem acabou de falar é supostamente um especialista em antigas instalações militares subterrâneas na área de Estocolmo. Sirpa tinha-lhe explicado o assunto do telefonema e pedira-lhe que visse o vídeo em direto com Albert. Será que o coronel reconhecia o lugar?

Sirpa bem insistira sobre o prazo, que não tardaria a expirar, mas em vão, o velho insistira em contar histórias antigas.

– Sim – dissera por fim com voz trémula –, isso lembra-me um pouco a central subterrânea de Norduppland, embora não exatamente. Ah, era uma instalação magnífica, acredite, tenho muitas recordações desse lugar. Como, por exemplo, o dia em que...

Sirpa preferira desligar.

Enquanto o café vai caindo na chávena, ouve uma mensagem de rádio sobre um grave acidente de viação devido à tempestade de neve. Toda a E4 está bloqueada na zona de Helenelund.

Sirpa está-se completamente nas tintas.

Pensa na força instalada no escritório da Vasagatan, para onde Douglas acaba de enviar uma patrulha.

Então é assim que Gustaf Johansson pensa vingar-se: deixar que Peter Bunde descubra o filho pendurado numa corda quando olhar pela janela do escritório...

É mesmo «olho por olho, dente por dente».

Tenta concentrar-se esfregando as têmporas.

Tentaram realmente tudo?

Ter-lhes-ia escapado alguma coisa?

O telefone fixo volta a tocar.

Deve ser o coronel a perguntar porque caiu a chamada.

Sirpa aproxima-se a coxear e atende.

– Fala Sirpa Hemäläinen, diga.

– Quem fala?

É a voz de um jovem mal-humorado.

Alexis Hamrén?, compreende imediatamente Sirpa.

Finalmente! Agora iam conseguir resolver aquilo.

– Ligou-me milhares de vezes. O que me quer?

– Sou da Polícia de Estocolmo e preciso da sua ajuda. Vi o seu *site* e...

– Eu não ajudo a bófia.

Clique.

– Estou? Estou?

Sirpa volta a ligar.

O cliente que tentou contactar, neste momento não tem voicemail ativo...

Abana o telefone.

– Merda, que grande merda!

Ouve atrás dela os passos de Rudolf Gräns e de Sandra Sjöholm.

– Era o nosso explorador urbano? – pergunta Rudolf.

– Sim.

– E então?

– Nada, desligou e agora está incontactável.

Ficam todos em silêncio, conscientes de que a última hipótese que tinham acaba de se esfumar diante dos olhos.

Sem saber porquê, Sirpa irrita-se com Sandra Sjöholm.

Não contribuiu com nada, aquela loura mamalhuda.

Ou será que fez um bom trabalho nos interrogatórios, em equipa com Rudolf?

Mas que importa agora?

Albert tem apenas quarenta e três minutos de vida.

Não vão encontrá-lo a tempo.

A rádio continua a fornecer informações sobre o acidente de trânsito. O engarrafamento estendeu-se agora às estradas secundárias de Norrort e de Västerort, já que aqueles que regressam dos fins de semana estão a procurar rotas alternativas.

Mais de dez carros chocaram em cadeia, incluindo um carro-patrolha que se dirigia ao local do acidente.

No ecrã do computador, Albert dá voltas na jaula como um animal stressado no jardim zoológico.

Sirpa vê que o rapaz tenta cantar para ganhar coragem, mas as palavras saem aos solavancos e soam mais a sussurros do que a música.

Quarenta e dois minutos.

Quarenta e dois curtos minutos.

Albert saberá? É por essa razão que dá voltas na jaula?

O adolescente detém-se de repente. Olha fixamente para a câmara e parece estar à escuta. Todo o corpo treme.

Sirpa põe os auscultadores e também ela ouve ruídos ao fundo. Uma espécie de arquejo. E um rugido baixo.

Como se o homem com a pele de leão estivesse atrás da câmara a preparar-se.

– Não... – sussurra Sirpa –, não!

Estava convencida de que chegariam a tempo, de que impediriam aquilo.

Tem de admitir que estava enganada.

Albert vai morrer.

A mãe vai presenciar o assassinio do rapaz. E o padrasto também.

A ideia é insuportável.

O telemóvel vibra na secretária. Número privado, mas algo lhe diz que é importante.

Alexis Hamrén teria mudado de ideias?

Desde que não seja o coronel...

– Fala Sirpa Hemäläinen, diga.

– Sou o Peter Bunde, pai do Albert.

Sirpa endireita-se na cadeira.

– Boa tarde.

– Vou dar-lhe as coordenadas do sítio onde o Albert está preso.

Sirpa fica de tal modo surpreendida que se limita a balbuciar:

– Mas como...

– Mais tarde explico – interrompe Peter Bunde –, quando tiver enviado os seus homens para lá. Tome nota das coordenadas...

CAPÍTULO 68

O TÁXI ATRAVESSA UMA TERRA DE NINGUÉM. Como se a escuridão, apesar da camada cada vez mais densa de neve, tivesse tomado a floresta como refém.

Zack tentou descrever o trajeto pelo rádio, mas o GPS do táxi não funciona bem, por isso não sabe se é de confiança. Terão virado na segunda ou na terceira saída para ali chegar? Que dizia a última placa? Tudo se funde na escuridão e na tempestade de neve. Deniz foi, de certeza, apanhada num engarrafamento algures. Àquela hora e com aquele nevão, de certeza que estão a ser batidos recordes de colisões e acidentes de todo o género.

Olha pela janela e tenta orientar-se, mas vê apenas árvores afogadas numa paisagem esborratada. A neve que chicoteia, assobia, rasga o céu com as suas garras.

Onde estamos, merda?, pensa Zack.

E onde se meteu o Audi preto?

Zack avista-o, captado pelos feixes dos faróis, estacionado numa clareira um pouco mais à frente contra uma grande parede escura.

– Fique onde está e desligue os faróis, depressa – diz.

O taxista obedece e o *Audi* deixa de se ver.

Zack tira uma nota de quinhentas coroas e entrega-lha.

– Avance com o mínimo de barulho possível, com todas as luzes apagadas, e estacione cem metros mais à frente. Dou-lhe mais quinhentas quando voltar.

Zack sai do táxi e segue os rastros do *Audi* a pé. Não vê nada no meio daquela tempestade de neve.

Se alguém o estiver a vigiar de binóculos, está feito. Mas não tem alternativa. Segue caminho ao longo da parede do edifício quando um grito o faz parar repentinamente.

O grito de Abdula.

Zack apressa o passo.

Onde está a porta, porra? Ah, cá está.

Saca a Sig Sauer e empunha-a.

Fechada.

Alumia a fechadura com a lanterna. Brilha, prova de que é novinha em folha naquela porta, toda ela enferrujada. Felizmente é um modelo bem simples.

Zack tenta abrir a fechadura mas, com os dedos entorpecidos pelo frio, demora mais do que o habitual.

Trinta segundos.

Quarenta e cinco.

A fechadura cede.

O rádio assobia-lhe aos ouvidos. Espera que seja Deniz a dizer-lhe que está mesmo atrás dele, mas é Sirpa.

Afasta-se uns metros da porta.

– Escuto – responde, sussurrando.

– Zack, o Albert está preso num antigo paiol subterrâneo. Estás apenas a três quilómetros de distância.

Tudo fica mais distinto. As batidas do coração, as silhuetas das árvores, o frio contra as faces e a nuvem branca que lhe sai da boca.

– O quê? – pergunta. – Como sabes que estou perto?

– Graças ao programa de geolocalização *Rakel*. Tu apareces num mapa no ecrã. Acabei de falar com a Deniz. Está a tentar ir até lá a pé, mas não vai conseguir chegar a tempo. Estás muito mais perto do que ela, mas só tens vinte minutos. Não, dezanove.

E o Abdula?, pensa Zack. Vai morrer se eu for agora.

E se eu ficar, quem morre é o Albert.

Quem vai viver, quem vai morrer?

Não me cabe a mim decidir.

Nem a ninguém.

– Quem mais está a caminho do local? – pergunta.

– Foram enviadas várias patrulhas, mas levarão tempo a chegar. Porque algumas estradas estão completamente bloqueadas. E é impossível usar o helicóptero com este tempo. És o único que pode conseguir chegar lá a tempo.

E também o único que pode salvar o Abdula, pensa Zack.

Qual deles vai viver, qual deles vai morrer?

Ninguém vai morrer.

Já bastaste tu, Ismail. E tu também, Niklas.

Vou salvá-los.

– Sirpa, já te ligo daqui a dois minutos. Até já.

– O quê?

Desliga o transmissor e regressa à porta, que empurra suavemente com uma das mãos, sempre encostado à parede e esperando ser atingido a qualquer momento.

Dezanove minutos.

Agora provavelmente apenas dezoito. Ou dezassete.

Nada acontece. Nenhum tiro. Zack desliza pela abertura. Vê luz ao fundo de um corredor e ouve o som abafado de várias vozes.

Um homem monta guarda, com uma pistola na mão, mas está de costas para Zack, visivelmente interessado na cena que se desenrola diante dos seus olhos.

Zack faz pontaria ao guarda, mas muda de ideias.

É a pistola de Douglas. Que acontecerá se os especialistas em balística encontrarem num cadáver afegão uma bala de uma arma pertencente ao chefe da Unidade Especial? Como justificar ter utilizado uma arma ali, quando devia estar a socorrer Albert?

Mas, acima de tudo, como é que Aarash Alam e os outros reagiriam quando ouvissem tiros?

Primeiro amarrariam Abdula para o impedir de fugir e depois iriam pôr-se a coberto, e disparariam sobre Zack de três direções diferentes.

E estaria tudo acabado.

Mas o tempo passa.

Zack enfia a pistola no cinto das calças de ganga e avança rapidamente, satisfeito por as botas terem grossas solas de borracha.

Ouve-se uma voz dizer algo alto, fazendo rir os outros. Até o gorila dá uma gargalhada e Zack aproveita para seguir em frente.

Vê Abdula numa grande sala, atado a uma cadeira com fita prateada. A cabeça está inclinada para a frente e escorre-lhe saliva misturada com sangue de um canto da boca.

O homem mais baixo ajoelha-se à frente de Abdula e tira algo da caixa de ferramentas.

Aarash Alam e um dos capangas assistem ao espetáculo. O afegão lança outra sentença em tom de desprezo que os outros parecem achar hilariante.

Então Zack ouve o som de uma chave de fendas.

Como que enfeitiçado, Abdula olha fixamente para a ferramenta e para o longo parafuso na ponta, e depois para aqueles homens que continuam a rir-se às gargalhadas.

O parafuso é encostado ao joelho de Abdula.

– Não, não! – grita, contorcendo-se todo para tentar escapar.

Zack dá uma pancadinha no ombro do guarda para que este se vire aplica-lhe um golpe na laringe, conseguindo assim tirar-lhe a *Glock*.

O primeiro tiro sai antes que o guarda tenha tocado o chão.

O homem com a chave de fendas é lançado para trás quando a bala se lhe afunda no ombro.

Zack faz pontaria ao gigante, mas este rebola suavemente para o lado e a bala termina a trajetória na parede do fundo.

O homem sacou a *MAC-10* e dispara uma rajada na direção de Zack, escudando Aarash Alam para o proteger.

Zack dispara mais uma vez sobre os dois homens que fogem e precipita-se na direção de Abdula, agarra o encosto da cadeira e arrasta-o em direção ao corredor.

Abdula é pesado e os pés de metal da cadeira raspam ruidosamente no chão enquanto Zack, de forma demasiado lenta, para mal dos seus pecados, faz essa manobra.

Força, encoraja-se, não é altura de abandonar o barco!

Dispara mais duas vezes para manter os afegãos ao largo e então a *Glock* faz clique, e o som parece ressoar por todo o edifício.

Zack procura a *Sig Sauer*, mas é projetado para trás antes de ter ouvido o tiro. A cadeira inclina-se e Abdula grita quando a cabeça bate no chão.

É então que Zack sente a dor no ombro. Como se um gigante de tempos ancestrais o tivesse atingido com uma maça.

Volta a pôr-se de pé.

Mais duas balas atingem a parede atrás dele.

Zack agarra novamente as costas da cadeira e puxa Abdula, ainda amarrado, até ao guarda inconsciente, e aí ficam finalmente protegidos.

O ombro de Zack é lava derretida quando procura nos bolsos do guarda mais balas para a *Glock*.

Encontra algumas e insere-as no carregador. Depois desata as mãos de Abdula e entrega-lhe a arma, segurando-a pelo cano.

– Estás bem? – pergunta.

– Agora estou.

Ouvem o ruído de passos no interior da divisão da qual acabam de sair.

Zack tem dificuldade em desatar a grossa fita adesiva em torno dos tornozelos do amigo.

Há quanto tempo estou aqui? Dois minutos? Três?

Ou seja, o Albert tem apenas um quarto de hora de vida.

Não vou conseguir salvá-lo.

Os passos aproximam-se cada vez mais.

– Vamos sair daqui – diz Zack.

Precipitam-se para o corredor, abrem a porta que dá para a rua e apressam-se quando a *MAC-10* recomeça a disparar.

As balas esmagam-se contra a parede, seguidas por passos rápidos no corredor.

– Rápido – diz Zack. – Para a floresta.

Apanham com a neve em cheio quando contornam o edifício e correm por entre as árvores. De agora em diante, nada poderá detê-los.

– Sei onde está o Albert – diz Abdula entre duas respirações entrecortadas.

– Eu também. Num antigo paiol não muito longe daqui.

Zack ouve as vozes dos perseguidores atrás deles e vê imediatamente o brilho de uma lanterna que trespassa a escuridão.

– Bem, de que estás à espera? – pergunta Abdula enquanto salta rapidamente para trás de um tronco coberto de neve. – Vai salvar o puto!

– Então e tu?

Abdula detém-se e começa a andar sobre as próprias pegadas.

– Que estás a fazer? – diz Zack com inquietação. – Eles estão aí não tarda nada!

– Aqueles tipos nunca desistem. Se for preciso, seguem as nossas pegadas a noite toda. Mas não tenciono servir de alvo a esses sacanas afegãos.

Abdula anda vários metros sobre as próprias pegadas, dá um grande salto para o lado e esconde-se atrás de uma árvore com galhos densos.

– Agora vai – diz. – Eu encarrego-me desses idiotas.

Zack olha para o amigo e vê novamente o velho Abdula, aquele que não tem medo de nada, que sabe o que está a fazer.

Reflete durante três segundos, depois desata a correr e atravessa a floresta em direção ao táxi.

Espero que não se tenha ido embora!

O táxi está lá.

O motorista até o virou na direção certa.

Zack entra de rompante.

– Agora arranque. Depressa!

CAPÍTULO 69

SIRPA SEGUE ZACK NO MAPA. Não tira os olhos dele por um momento que seja.

– Daqui a cerca de cem metros vão chegar a um cruzamento. Virem à esquerda numa estrada de terra batida. Restam oito minutos.

Não perdem um segundo, pelo que Sirpa vê, mas não deviam ir tão depressa a ponto de acabarem a viagem na berma.

– Zack, cuidado para não saírem da estrada.

– O taxista acabou de me dizer que cresceu em Caxemira – retorque Zack. – Um caminho como este é um passeio para ele. Ena pá!

– O que aconteceu?

– Fez uma curva como se fosse um piloto de rali, mas está tudo bem, ainda estamos na estrada. Onde estão os outros?

– Isto não está a correr bem. Ninguém vai chegar a tempo. Instalou-se o caos nas estradas.

Sirpa olha para o ecrã.

E Zack, será que vai chegar a tempo?

– A propósito, a tua teoria da vingança confirma-se – diz-lhe Sirpa.

– O assassino planeava pendurar o corpo do Albert num prédio mesmo à frente ao escritório do Peter Bunde. A patrulha enviada para o local enviou-me fotos da grande força que lá foi construída. Bem, estão quase a chegar a outro cruzamento. Continuem sempre em frente.

Sirpa ouve Zack explicar ao taxista o que acaba de lhe dizer.

Consulta novamente o mapa.

Restam seis minutos.

Sirpa pensa na estranha conversa que teve com Peter Bunde.

«Como encontrou o local?», perguntou.

«Comparei as imagens do vídeo com outras imagens na Net.»

«Foi o que também fizemos. Sem sucesso.»

«A diferença é que eu pude comparar com fotos melhores. Pirateiei bases de dados do Ministério da Defesa.»

Peter Bunde dissera-lhe que tinha trabalhado pelo menos tanto como a Polícia para encontrar Albert. Até convocara uma Assembleia-Geral extraordinária para saber o que era preciso fazer para ser apresentado aos que detinham as rédeas da sociedade.

«Porque não colaborou connosco?», perguntara Sirpa.

«Porque sabia que teria de infringir a lei», respondera Bunde. Tinha ficado em silêncio por um momento antes de prosseguir: «O Albert é meu filho. Quaisquer que sejam os resultados dos testes de ADN.»

Dito isto, haviam desligado e, alguns segundos depois, recebera a chamada de Zack.

Um zumbido no recetor e Sirpa ouve o colega a praguejar.

– Que está a acontecer?

– Estamos atascados. A estrada está completamente coberta de neve e as rodas estão a patinar. Não há alternativa, vou correr.

– *Okay*, ainda te faltam oitocentos metros.

Ouve a porta do carro a bater.

E depois os passos de Zack na neve.

Quatro minutos.

Um dia, Deniz dissera durante uma conversa que, durante os últimos testes de aptidão física, Zack tinha percorrido os cem metros em doze segundos, só que não estava de botas de inverno numa estrada florestal coberta de neve.

O ponto move-se agora muito mais devagar e Sirpa ouve a respiração de Zack.

O relógio digital parece ter acelerado. Zack está quase lá, mas ainda não chegou ao destino e tem menos de dois minutos pela frente.

– Zack, daqui a nada vais chegar a um pequeno prado. Tens de o atravessar para chegar à floresta do outro lado. Quando lá chegares, debes ver uma montanha não muito alta.

– *Okay* – diz Zack. – Já estou no prado.

– É nessa montanha que fica o antigo paiol. O Albert está lá dentro.

Sirpa amplia o mapa. Deniz ainda tem um bom quilómetro para percorrer e nenhum dos pontos azuis a indicar a localização dos outros está perto.

– Vejo a entrada – diz Zack pelo rádio. – Mais vinte e cinco metros.

– Oh, não... – diz Sirpa com um gemido.

– O que foi? – pergunta Zack, ofegante.

– A porta da jaula do Albert abriu-se.

CAPÍTULO 70

O ECO DA *SIG SAUER* RESSOA POR ENTRE AS ÁRVORES e a fechadura voa em estilhaços.

Zack puxa a porta, revivendo a dor no ombro, e caminha na escuridão enquanto saca a lanterna.

Cabos enferrujados percorrem paredes rochosas e algumas partes do chão encontram-se geladas.

Chega a uma nova porta. Abre-a sem dificuldade e sente uma onda de calor. Um candeeiro a petróleo pendurado num gancho fá-lo piscar os olhos.

Vê a jaula.

A jaula vazia.

Onde está o Albert?

Rugidos enraivecidos elevam-se algures ao fundo do paiol subterrâneo.

E o grito desesperado de uma criança.

Zack corre.

O corredor alarga-se e abre-se para uma grande sala.

Uma luz fraca. Grandes pilhas de lenha. Um gerador enferrujado que parece datar da Segunda Guerra Mundial. Uma gaveta com máscaras antigas bolorentas. Filas do que parecem ser enormes banheiras quadradas e prateleiras de madeira caídas.

Zack afasta uma rede de camuflagem – ah, sempre aquela dor no ombro – e olha em todas as direções, sem ver o adolescente.

Será que cheguei demasiado tarde?

Então ouve outro rugido que ecoa pelas paredes e o grito de Albert.

Um grito de dor lancinante.

Zack contorna uma daquelas banheiras e quase choca com uma mesa de pernas para o ar.

Sente o sangue a escorrer-lhe da ferida para o peito.

E de repente vê-o.

O Leão.

Debruçado sobre a criança deitada de bruços, o casaco de pijama dilacerado e as costas em sangue.

Albert.

– Polícia! Mãos ao ar! – grita Zack.

O Leão vira lentamente a cabeça na sua direção e, a princípio, Zack vê apenas olhos negros, redondos como berlindes, um nariz achatado e presas afiadas. Depois lembra-se de que por baixo há um rosto humano. Um rosto distorcido pelo ódio.

Albert mexe-se no chão. Geme.

Não é demasiado tarde.

– Como te atreves? – ruga o homem.

A espessa juba do leão cai-lhe como uma peruca sobre os ombros e tem o corpo totalmente coberto por aquele disfarce de pele amarelada, abotoado à frente e que lhe chega até à barriga das pernas.

O homem ergue-se e aproxima-se resolutamente de Zack com um novo rugido.

Zack faz pontaria à zona da coxa e dispara.

O Leão cai, soltando um grito rouco. Permanece no chão a recobrar o fôlego.

Zack dá um passo em direção a ele, mas detém-se ao ver o Leão a levantar-se suavemente, sem qualquer vestígio de sangue.

Zack recua quando o homem-leão volta à carga. Aponta agora para a outra perna. O Leão estremece, mas permanece de pé. Então ri-se e solta em tom de desprezo:

– Achas que as tuas balas me atingem?

Zack dá mais alguns passos atrás. Não compreende o que está a acontecer. *Porque é que o tipo não sangra?*

O Leão levanta os braços. Mostra as garras.

Das quais pingam gotas de sangue.

O sangue de Albert.

Uma das garras é mais comprida do que as outras.

Não é uma garra, percebe Zack. É um bisturi com cerca de dez centímetros de comprimento.

Zack dispara novamente, desta vez contra o peito.

O corpo do Leão oscila um pouco, por causa do embate, mas ele recupera de imediato o equilíbrio e, com um rugido, atira-se a Zack.

*

Sirpa, pregada à cadeira, olha para o ecrã.

A imagem mostra apenas a jaula vazia, mas ouve ao fundo os ruídos de uma violenta luta corpo a corpo.

Dá uma rápida olhadela ao mapa interativo no outro ecrã e vê Deniz a aproximar-se do paiol, assim como três veículos com rádio vindos de outra direção.

Mas levarão mais alguns minutos a chegar.

Tudo agora depende de Zack.

Dele e de mais ninguém.

*

Zack tem o Leão sobre ele. Esforça-se por virar a cabeça para evitar os dentes que tentam cravar-se-lhe no pescoço.

E para evitar que o bisturi o alcance.

A lâmina cintilante que brilha na escuridão pode cortar o pescoço de alguém numa fração de segundo.

Zack vê os caninos do Leão ao nível dos olhos. Tenta afastar a mão assassina o melhor que pode, mas o Leão é mais forte.

Contra o que estou eu a lutar ao certo?

Será apenas um ser humano?

O sangue jorra do ombro de Zack, porém, ele já não sente a dor. A adrenalina assumiu o controlo.

Dá uma joelhada entre as pernas do Leão e, por fim, obtém o efeito desejado. O Leão grita, um grito humano desta vez, e por um instante perde a vantagem.

O bisturi já não está tão perto.

Zack reúne todas as forças que lhe restam e consegue derrubar o Leão. Evita à justa a lâmina que, em vez da pele, lhe rasga o blusão.

Levanta-se de um pulo, saca o bastão telescópico e, sacudindo rapidamente o punho fechado em torno do cabo, estica-o completamente.

Mas o Leão também já se levantou. Ruge e ataca Zack, fendendo o ar com as suas garras e o seu bisturi.

Zack esquiva-se o melhor possível, mas o homem é surpreendentemente rápido e Zack sente a lâmina a cortar-lhe a face.

A dor no ombro regressa e começa a ver a dobrar, certamente por causa da perda de sangue.

As palavras do *sensei* Hiro voltam a ressoar-lhe na mente.

Fazes tudo à toa, Zack. Não estás concentrado.

Agora já não.

Pestaneja. Volta a ver tudo claramente.

O Leão ataca de novo, mas Zack consegue evitar melhor o golpe e atinge-o na têmpora com o bastão.

O Leão cambaleia e Zack atinge-o de novo, desta vez, na parte de trás do crânio. Depois no nariz. Nas costas. De lado. Nas rótulas.

O Leão desaba.

Sobre a pata à qual está preso o bisturi.

Fica deitado de bruços.

Arqueja.

Cospe sangue.

Será que se empalou no bisturi quando caiu?

Zack senta-se às cavalitas do Leão, torce-lhe o braço por detrás das costas e saca as algemas.

Não cabem.

A mão, ou mais exatamente a pata, é demasiado grossa.

No entanto, o Leão continua a não admitir a derrota e brande a mão que estava presa debaixo da barriga – a que tem o bisturi! – na direção do pescoço de Zack.

Zack torce a outra mão ainda mais acima, por detrás das costas do Leão, cujo rugido se transforma num gemido de dor.

– Pronto – diz Zack. – O baile de máscaras acabou.

Puxa com força a outra pata para libertar o pulso e envolvê-lo com a algaema, e consegue.

Uma mão completamente humana aparece por baixo.
Quer fazer a mesma coisa com a pata que empunha o bisturi.
Mas o Leão consegue virar-se para cima.

Merda!

Zack solta-lhe a mão para o esmurrar no rosto. Uma vez, duas vezes.

A parte de trás do crânio bate violentamente no chão de pedra e, de repente, o Leão fica imóvel. Zack consegue libertar a outra mão e algemar-lhe o outro pulso.

Depois arrasta-o até à parede, passa a corrente em torno de um cano enferrujado e fecha a outra algema em torno do primeiro pulso.

– Não tens muito calor com este chapéu? – atira Zack, puxando a juba.

O rosto que é revelado está muito vermelho e tem os cabelos emaranhados e suados.

Gustaf Johansson.

Rudolf tinha razão.

Gemidos de criança fazem Zack virar-se e depois desatar a correr na direção de Albert.

O rapaz pôs-se de joelhos e tem a mão na omoplata.

Zack agacha-se ao lado dele, com a visão algo turva por causa de todo o sangue que perdeu.

Não vai conseguir aguentar muito mais tempo.

De repente ouve uma barulheira enorme atrás dele e vê os olhos do rapaz a abrirem-se muito.

Zack levanta-se numa fração de segundo e vê Gustaf Johansson a atacá-los.

Ainda tem as mãos algemadas, mas empunha o cano enferrujado que arrancou da parede.

Zack põe-se rapidamente à frente da criança para a proteger quando Gustaf Johansson brande o cano com um último rugido.

Zack trava o ataque com um pontapé da direita que faz voar o cano, em seguida, avança e atinge de novo o assassino com violência, desta vez na laringe.

Gustaf Johansson abre e fecha a boca rapidamente, como um animal doente, e não vê o cotovelo de Zack que lhe assenta um

golpe sob o queixo.

A cabeça é projetada para trás e ouve-se o estalido de várias vértebras cervicais a partir.

O Leão morre antes de chegar ao chão.

Zack respira a custo e pestaneja várias vezes para não ver a dobrar.

O ombro doi-lhe quase insuportavelmente e o chão oscila-lhe sob os pés, como se estivesse no convés de um barco.

Cambaleia para se virar e ajoelha-se junto de Albert, que está agachado e com os olhos fechados.

– Agora já acabou – diz Zack, pondo a mão no ombro do adolescente.

Salvei-o.

Salvei a criança.

Matei o vosso assassino, Ismail e Niklas.

Consegui.

Zack olha para Albert e afasta suavemente as mãos do rapaz que estava a tapar os ouvidos.

– Posso ver como estão as tuas costas? – pergunta.

Albert diz que sim com a cabeça e Zack levanta cuidadosamente o casaco de pijama.

Três rasgões bem vermelhos listram-lhe uma omoplata. Um é profundo, mas a perda de sangue não é alarmante.

– Vou morrer? – pergunta Albert.

– Não – responde Zack. – Vais poder ir para casa ter com a tua mãe.

Dito isto, Zack desmaia.

CAPÍTULO 71

SEGUNDA-FEIRA, 26 DE JANEIRO

SENTADO NO SOFÁ, ZACK ACARICIA O CABELO DE ESTER e sente a cabeça da adolescente a pesar-lhe cada vez mais nos joelhos. Os pontos com que foi suturado repuxam-lhe o ombro e as faces, mas os analgésicos entorpecem a dor e uma doce sonolência apodera-se dele.

O ecrã da televisão está escuro e silencioso, os estores estão corridos. A respiração de Ester é pacífica, estável, quase contagiosamente calma.

Esperara alguns elogios por parte de Douglas quando, ao sair do hospital naquela manhã, foi diretamente para o Comando da Polícia. Afinal de contas, não tinha salvado a criança e matado o assassino?

Em vez disso, Douglas passou-lhe um raspanete.

«Pode saber-se o que estavas a fazer em Husby?», fora a primeira frase do chefe assim que Zack lhe entrara no gabinete.

«Estava lá a investigar uma informação importante que recebi.»

«Da parte de traficantes de droga afegãos?»

«Não, de um dos meus melhores contactos. Disse-me que circulavam rumores credíveis de que torturavam pessoas num sítio não muito distante. Pensei que o Albert podia estar lá.»

«E calculo que não faças a mais pequena ideia do motivo por que Aarash Alam, o chefe da grande rede criminosa de Husby, e três dos seus homens, foram encontrados mortos no local, há algumas horas?»

«Pois não.»

Douglas olhara-o, não muito convencido, mas contentara-se com a resposta.

E Zack reprimira um sorriso, de tão aliviado que tinha ficado.

Quatro mortos. Portanto, Abdula não fazia parte do lote.

Zack temeu o pior quando, da cama de hospital por onde passou, não conseguiu falar com o amigo ao telemóvel.

Agora sabe. Abdula pôs-se a andar.

Deve ter deitado o cartão SIM no lixo e saído do país. Com o dinheiro que tinha no saco deve ter conseguido comprar um bilhete de avião para o Brasil, o seu país preferido, e descolar.

E os homens dele? Podem ter-se safado com uns dedos a menos, ou então ainda não encontraram os cadáveres.

Ester mexe-se um pouco durante o sono e Zack puxa o cobertor que lhe escorregou dos ombros frágeis.

Pensa novamente na história do homem que a perseguia. Quem poderia ser?

Será que Ester lhe esconde algo?

A rapariga estava visivelmente assustada mesmo antes de sair.

Zack estica o braço para pegar no telemóvel e relê o SMS que Ester lhe enviou naquela noite, a perguntar se podia ir a casa dele.

Apaga-o, não quer que lhe recorde de como a ignorou.

Volta igualmente a ler a mensagem que recebera escassos minutos mais tarde e que o conduziu à roleta russa em Tegnérslunden.

[Isto diz respeito à tua investigação atual. Vem sozinho e guarda esta informação para ti.]

Quem a terá enviado?

Tinha pensado que podia ter sido Peter Bunde, ou Abdula. Mas não foi nenhum deles.

Então quem foi?

Única certeza: alguém que queria brincar com ele. Vê-lo morto.

E, nesse caso, há muitas possibilidades.

Permanece sentado, de telemóvel na mão. Vê o rosto refletido no ecrã, a grande listra vermelha entalhada na face esquerda.

Segundo Koltberg, a pele de leão do assassino estava forrada com um tecido à prova de bala muito sofisticado, tão macio quanto flexível e de qualidade muito superior ao da própria Polícia.

Como é que um desempregado como Gustaf Johansson pôde dar-se ao luxo de comprar uma coisa daquelas? E como a adquiriu? Nunca teriam a resposta.

Sim, mais um enigma...

Zack apoia os pés na mesa de café, tendo o cuidado de não acordar Ester, e toca sem querer na pasta de couro preta. A pasta com a investigação sobre a mãe.

O espesso envelope do conselho regional está pousado ao seu lado. Zack pega-lhe, retira as fotocópias do registo clínico, abre aleatoriamente e começa a ler.

Aos três anos, Zack foi levado às Urgências do Hospital de Sankt Göran com hematomas nas pernas e nos braços. Os médicos referem suspeitar de um caso de maus-tratos, mas deixam-se convencer pelo pai, que insiste no comportamento turbulento de Zack. Este teria caído enquanto trepava a alguma coisa.

Que terá realmente acontecido? O pai mentiu para proteger a mãe? Estava tão doente que não tinha forças para se opor à mulher? Para o proteger? Ou havia outro motivo?

Parece que o caso não foi encaminhado para os Serviços Sociais.

Zack continua a folhear.

Outra ocorrência, cerca de um ano depois.

Um braço partido, desta vez.

Aquilo corresponde à memória que ressurgiu na noite em que se reviu deitado no tapete da cozinha com uma dor lancinante no braço esquerdo.

Deves ter sido tu a fazer-me aquilo, mãe, pensa.

E, lendo a palavra «fratura», a memória torna-se mais clara. A mãe brande uma frigideira de ferro fundido, Zack grita e tenta proteger-se, mas não consegue; a mãe está completamente enfurecida e com a frigideira atinge-o com toda a força no braço.

Porquê? Que foi que te fez ficar em tal estado, mãe?

Zack julgava saber quem a mãe era, como se comportava. Agora já não sabe nada. As carícias e as palavras gentis que recorda misturam-se com imagens obscuras nas quais a mãe dá vazão à sua fúria.

Imagens de uma mãe a gritar.

A bater.

Zack continua a ler.

A fratura do braço explicar-se-ia por uma queda a andar de baloiço. Zack teria caído de grande altura e atingido a vedação que cerca os baloiços.

E os médicos voltaram a acreditar no pai.

Que a ilibou.

Porque é que a ilibou?

Zack volta a recostar-se no sofá.

Volta atrás, na cronologia, até às primeiras entradas do registo. Porém, na secção onde esperava encontrar informações da maternidade não há nada. Assim como também não há quaisquer referências à Comissão de Proteção de Menores antes de ter atingido um ano e meio. Como se até então não existisse.

Alguém andou a apagar partes do registo clínico.

Mas quem?

E porquê?

Quem era eu antes de ter um ano e meio?

Zack quer continuar a ler, mas as linhas dançam sobre a folha.

Põe todos os documentos ao seu lado no sofá e fecha os olhos.

Está cansado. Tão cansado.

Julga ver uns olhos à sua frente.

Olhos que lhe sorriem.

Não são de Mera. São de Hebe, a filha de Olympia Karlsson.

Hebe.

Conseguiu encontrar o número de telemóvel dela. Gostaria de enviar-lhe um SMS, avançar na vida em vez de passar o tempo a recuar, como no registo clínico.

Ela sabe quem eu sou, claro que sabe. O olhar que me lançou no escritório da Echidna Games não deixa margem para dúvidas.

Pega no telemóvel.

Insere o número, mas não escreve nenhuma mensagem.

Quer fazê-lo, contudo, hesita.

Que faria ela com um tipo como eu? E que faria eu com ela?

Os olhos de Hebe são do mesmo azul que os dele, e gostava de tê-los por perto, de aprender a conhecê-la, de aprender a amá-la

como um louco.

Flutua e afunda-se na escuridão, em direção a uma galáxia povoada de estrelas e de buracos negros que se assemelham a grutas.

Vem, Zack, sussurra uma voz vinda do fundo de um desses buracos. Vem juntar-te a nós.

Zack sabe que querem engoli-lo, aniquilá-lo.

E sabe que tem de aceitar cair em cada um daqueles buracos.

*

Como uma constelação no céu noturno, eles têm uma razão de ser: sete pontinhos brancos contra o negro da pupila.

Olympia distingue os pontinhos no espelho da parede. Sempre lá estiveram, no seu olho direito.

A Hebe não os tem. No entanto, os nossos olhos são os mesmos, têm a mesma profundidade. Uma profundidade que contém todo um universo.

Como se pudessem ver mais longe do que os olhos dos outros.

No mundo dos negócios, Olympia Karlsson é conhecida pela capacidade de prever o futuro. De tomar decisões que, a longo prazo, se mostrem vantajosas para o grupo Heraldus. De estar sempre na vanguarda, de mudar no momento certo.

Olympia Karlsson desvia os olhos do espelho e observa a foto pousada na escrivaninha de carvalho de estilo gustaviano⁴⁰, pintada de preto com incrustações de ouro de vinte e quatro quilates. A foto tirada discretamente àquela miúda degenerada, Ester Nilsson.

Amarrota-a e atira-a para o caixote do lixo. Depois olha pelas altas janelas quadriculadas daquela casa apalaçada de Lidingö. Vê os flocos de neve a depositarem-se como algodão na água retida pelo gelo.

Caem assim desde o início dos tempos.

Como que para lhe recordar que existem forças para lá do seu controlo.

Tudo acabará um dia por cair.

Dá uma palmadinha no revólver pousado na escrivaninha.

Abre uma gaveta, pega numa caixa de balas e introduz uma no tambor.

Roda o tambor.

Vê-se ao espelho.

Quem hesita será vergado.

Quem hesita é fraco.

Quem hesita morre.

A vida pertence ao corajosos.

Pressiona o revólver contra a têmpora, vê a arma ao lado da cabeça no espelho e dispara.

Clique.

De novo, e outra vez.

Clique, Clique.

Quer premir novamente o gatilho, mas detém-se a meio do caminho.

No fundo, quem é que decide?

Examina o reflexo no espelho.

Uma mulher de sessenta e três anos, com maçãs do rosto salientes e olhos desprovidos de humanidade encara-a.

Olympia aguenta o olhar.

O rosto explode em mil pedaços, e estilhaços de espelho caem sobre os ornamentos dourados da secretária, mais cortantes do que os flocos que se depositam nas vastidões geladas de Estocolmo.

⁴⁰ Movimento estético que influenciou a arquitetura, o mobiliário, a decoração de interiores e o artesanato suecos entre o final do século XVIII e o princípio do século XIX. (*N. do T.*)

TODOS OS HERÓIS NASCEM
DE TRAGÉDIAS